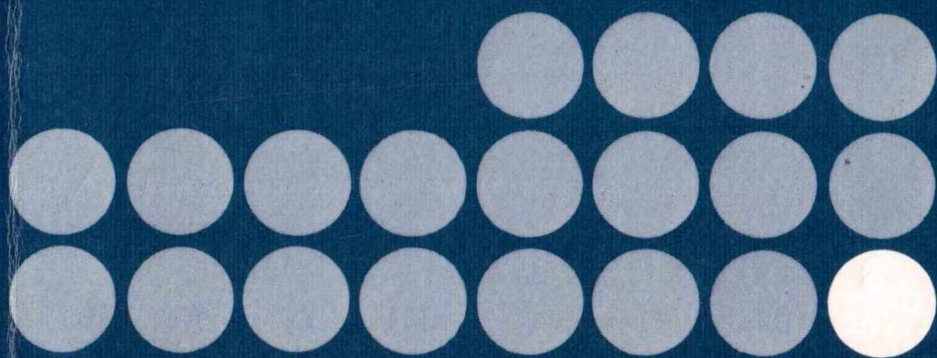


Apocalipse

introdução
e comentário

George Ladd



Mundo
Cristão



SÉRIE CULTURA BÍBLICA

DIGITALIZAÇÃO: EMANUENCE DIGITAL



**EDIÇÃO:
ADRIANO LOPES**

APOCALIPSE

introdução e Comentário

por

George Eldon Ladd

**Professor de Novo Testamento e Exegese
Seminário Teológico Fuller**

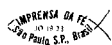
**SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO**

Título do original em inglês:
A Commentary on The Revelation of John

Copyright©1972 por
Wm. B. Eerdmans Publishing Co.
Grand Rapids, Michigan, USA

Tradução:
Hans Udo Fuchs

Primeira Edição: 1980 — 4.000 exemplares
Reimpressão: 1982 — 3.000 exemplares
Reimpressão: 1984 — 3.000 exemplares
Reimpressão: novembro de 1986



Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pelas Editoras:

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO

São Paulo, SP, Brasil

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto neotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

ARA	Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.
ARC	Almeida Revista e Corrigida, da Imprensa Bíblica Brasileira.
BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil.
IBB	Versão Atualizada da Imprensa Bíblica Brasileira.
NTV	O Novo Testamento Vivo — Editora Mundo Cristão.

ÍNDICE

Prefácio da Edição em Português	5
Abreviaturas Principais	6
Introdução	8
Autoria	8
Data	9
Situação Histórica	9
Métodos de Interpretação	10
Estrutura	14
Análise	15
Comentário	17
Bibliografia	222

INTRODUÇÃO

I. Autoria

O autor do livro dá seu nome simplesmente como “João” (1:1, 1:4, 21:2, 22:8). As igrejas da Ásia o conheciam muito bem, e ele se chama de seu irmão, que participa com elas da tribulação, do reino e da perseverança (1:9). A pergunta é: Quem era este João? Do estilo do livro podemos deduzir que ele era um cristão de origem hebraica, conhecendo de ponta a ponta o Antigo Testamento. A igreja dos primeiros tempos em geral o aceitou como sendo o apóstolo de Jesus Cristo, o autor do quarto evangelho. Já no ano 150 d.C. Justino Mártir afirmou isto, como também Irineu por volta de 200 d.C., ambos residentes na Ásia por algum tempo. A autoria apostólica era amplamente aceita pelos pais da igreja. E é completamente possível, porque a tradição histórica de que João viveu até idade avançada em Éfeso é sólida.

Temos de observar, no entanto, que João não se chama de apóstolo, e que em 21:14 ele menciona o grupo dos apóstolos sem dar qualquer indicação de que ele é um deles. Ele afirmou, isto sim, ser um profeta (22:9), e disse que seu livro era uma profecia (1:3, 22:7, 10, 18, 19). Se o autor não era o apóstolo, então ele era pelo menos um profeta bem conhecido em todas as igrejas da Ásia, mas desconhecido para nós por outras fontes.

Há, realmente, sérias dificuldades para reconhecer o Apocalipse e o quarto evangelho como sendo do mesmo autor. Apesar de haver muitas semelhanças entre os dois livros (por exemplo: só no quarto evangelho e no Apocalipse Jesus é chamado de Logos) o estilo do grego é notavelmente diferente. A linguagem do evangelho é suave, fluente e em grego simples e direto. A linguagem do Apocalipse é rude e impolida, com muitas irregularidades gramaticais e sintáticas. Nós sabemos de muitas referências que era comum o uso de amanuenses ou secretários no mundo antigo (veja Rm. 16:22); as diferenças de estilo entre o evangelho e o Apocalipse podem ser creditadas à diferença de assunto e ao uso de secretários. Possivelmente João ditou o evangelho a um discípulo, enquanto o Apocalipse está no seu próprio grego rude de hebreu.

INTRODUÇÃO

II. Data

A tradição credita o Apocalipse à última década do primeiro século, quando Domiciano era imperador de Roma (81-96 d.C.)¹. Alguns estudiosos sugeriram datas mais antigas o que é improvável.

III. Situação Histórica

Para alguns estudiosos, literatura apocalíptica é quase por definição “panfletos para tempos difíceis”, resultado de perseguição. Isto pode ser verdade para a literatura apocalíptica dos judeus. Estes enfrentavam o problema: Por que o povo de Deus era tão perseguido? Onde estava a salvação de Deus? Os profetas do Antigo Testamento viam Deus ativo tanto na história como no fim escatológico, mas os autores apocalípticos não tinham esperança na história, somente na intervenção escatológica de Deus. O mundo e o tempo eram irremediavelmente maus, estavam sob o domínio de poderes angelicais demoníacos. Deus estava longe, no céu, mas em breve ele se ergueria do seu trono, destruiria os poderes demoníacos e libertaria seu povo.

Segundo esta teoria, muitos estudiosos reconstruíram a situação histórica do Apocalipse em termos de uma perseguição mundial iminente da igreja por parte de Roma. A igreja praticamente enfrentaria seu aniquilamento; João escreveu ao povo de Deus para fortalecê-lo nas tribulações que enfrentaria: apesar do sofrimento que viria, a vinda do Senhor estava próxima, para derrubar Roma e libertar sua igreja.

O problema com esta teoria é que não há evidência de que houve uma perseguição aberta e sistemática da igreja durante a última década do primeiro século. Entre o povo cristão prevaleceu a idéia de que houve dez grandes perseguições da igreja quase universais em seu alcance²: por Nero (64 d.C.), Domiciano (95 d.C.), Trajano (112 d.C.), Marco Aurélio (117 d.C.), Sétimo Severo (fim do segundo século), Maximino (235 d.C.), Décio (250 d.C.), Valeriano (257 d.C.), Aureliano e Diocleciano (303 d.C.). É verdade que Décio, Valeriano e Diocleciano promoveram perseguições extensas, mas as perseguições anteriores eram de caráter local e relativamente suaves. Nero, sim, instigou uma forte e breve perseguição aos cristãos, mas somente em Roma e uma só vez.³ A

1. Irineu, bispo de Lion na Gália no segundo século, escreveu: “Ele (o Apocalipse) surgiu faz não muito tempo, perto do fim do reinado de Domiciano, quase na nossa geração” (*Contra Heresias*, V.xxx.iii). Vitorino (terceiro século d.C.) escreveu: “Quando João escreveu estas coisas ele estava na ilha de Patmos, condenado por César Domiciano a trabalhar nas minas” (*Comentário ao Apocalipse* 10:11).

2. Quem popularizou esta idéia foi um certo Paulo Orósio, historiador do quinto século.

3. Veja Tácito, *Anais* XV.xliv. 3.

perseguição creditada a Domiciano de modo algum alcançou todo o império, mas somente algumas famílias em Roma.⁴

Não resta dúvida de que os cristãos tiveram problemas em Éfeso, muito embora não possamos reconstruir de fontes independentes até onde foi esta oposição. O exílio de João comprova que houve perseguições em Éfeso, talvez mais devido a um decreto consular de Éfeso do que a um decreto imperial de Roma. Em Pérgamo tinha sido morto um cristão com o nome de Antipas, presume-se que pouco antes de ser escrita a carta àquela igreja (2:13). Mas não há nenhuma indicação de uma perseguição geral. A igreja de Esmirna foi advertida de que haveria algumas prisões em breve (2:10) que inclusive poderiam levar à morte de alguns, pois os cristãos são exortados a serem fiéis até à morte. Outros cristãos já tinham sido martirizados, porque João viu as almas dos mortos sob o altar clamando por vingança (6:9). Mas esta referência é de caráter geral e pode incluir tanto mártires do Antigo como do Novo Testamento.

Temos de concluir que é impossível estabelecer uma situação de perseguição mundial da igreja como descrita no Apocalipse a partir de fontes extrabíblicas. A profecia contida no Apocalipse vai muito além de qualquer situação histórica do primeiro século. Apesar de a Roma dos tempos de João ter tendências anticristãs, o quadro feito do Anticristo em Apocalipse 13 representa muito mais que a Roma histórica. Referências concretas à perseguições são todas ilustrações da hostilidade do mundo frente à igreja.

Não podemos dizer por que João foi exilado para Patmos (1:9). De qualquer modo ele diz que Deus usou seu exílio como ocasião para lhe proporcionar uma série de visões que retratariam o conflito entre o Reino de Deus e o poder de Satanás, a vitória final do Reino de Deus e a consumação do seu propósito redentor.

IV. Métodos de Interpretação

O Apocalipse é o livro do Novo Testamento mais difícil de ser interpretado, basicamente por causa do uso elaborado e extensivo de simbolismo. Como entender estes símbolos estranhos, às vezes bizarros? Surgiram diversos métodos distintos de interpretação. Muitos intérpretes acham elementos valiosos em mais de um método, de modo que há considerável superposição. Mesmo assim podemos identificar quatro métodos distintos.

4. Veja Ethelbert Stauffer, *Christ and the Caesars* (Filadélfia: Westminster, 1955), Row, 1966), pp. 65ss.

INTRODUÇÃO

O Método Preterista

O ponto de vista predominante nos meios críticos e eruditos é que o Apocalipse faz parte de um gênero distinto de escritos judaico-cristãos chamado “apocalíptico”, que são “panfletos para tempos difíceis”. O judaísmo produziu tais livros, como *Enoque*, *A Assunção de Moisés*, *O Apocalipse de Esdras* e *Baruque*, que têm diversas características literárias em comum com o Apocalipse, principalmente no uso de símbolos e num tipo semelhante de esperança escatológica. Estes escritores estavam desanimados por causa das más experiências históricas e a perseguição do povo de Deus por nações pagãs. Apesar de desesperarem da história, eles continuavam esperando em Deus e aguardando sua salvação. Acreditam que em breve Deus se ergueria do seu trono para abalar o governo das nações perversas, destruir todo o mal e estabelecer o seu Reino na terra. Isto se daria em uma catastrófica aparição cósmica que substituiria totalmente o sistema mau, caído, pelo glorioso Reino de Deus. Os autores apocalípticos viam seus dias como os piores e os últimos, já que o fim dos tempos viria imediatamente. Mas suas predições apocalípticas não foram cumpridas; e como profecias genuínas de eventos futuros os apocalipses judaicos são sem valor. Sua importância reside somente na compreensão das esperanças religiosas do povo cuja cultura os produziu.

Interpretado nesta linha, o Apocalipse expressa as esperanças dos cristãos primitivos da Ásia: que eles em breve seriam libertados dos seus sofrimentos sob o domínio dos romanos. Do ponto de vista preterista a Roma imperial era a besta do capítulo 13 e a classe sacerdotal asiática que incentivava o culto a Roma era o falso profeta. A igreja estaria ameaçada de extinção virtual, em face das perseguições que estavam às portas, e João escreveu para fortalecer a fé dos crentes pois mesmo com a perseguição iminente Deus interviria, Cristo voltaria, Roma seria destruída e o Reino de Deus seria logo estabelecido. Claro que Cristo não veio, Roma não foi derrubada e o Reino de Deus não foi estabelecido. Mas predições proféticas não fazem parte da literatura apocalíptica. O livro cumpriu seu propósito de fortalecer e encorajar a igreja do primeiro século. Para os que querem defender o Apocalipse como um livro profético este ponto de vista é inadequado.

O Método Histórico

Este método encara o Apocalipse como uma profecia simbólica de toda a história da igreja até a volta de Cristo e o fim dos tempos. Os muitos símbolos do livro identificam diversos acontecimentos e tendências da história do mundo ocidental e da igreja. Obviamente uma interpretação como esta pode levar a confusão, porque não há diretrizes claras quanto a quais eventos históricos estariam sendo abordados. Uma das linhas dominantes desta interpretação é que a besta é o papado

romano e o falso profeta a Igreja Romana. Este ponto de vista foi tão popular que durante muito tempo foi chamado de o ponto de vista protestante. Pouco há a comentar sobre este ponto de vista, porque no caso o Apocalipse teria pouco a dizer às igrejas da Ásia a que foi endereçado.

O Método Idealista

Este método evita o problema de ter de encontrar cumprimento histórico para os símbolos do Apocalipse, e vê somente um quadro simbólico do conflito cósmico espiritual entre o Reino de Deus e os poderes satânicos maus. A besta é o mal satânico em qualquer forma que ele tome para oprimir a igreja. O capítulo 12 ilustra que há alguma verdade neste método, porque retrata um pesado conflito no céu entre Satanás e os anjos. Mas o Apocalipse não deixa de pertencer ao gênero apocalíptico, e o simbolismo apocalíptico se preocupa primeiramente com os acontecimentos da história que levam ao fim dos tempos e à vinda do Reino de Deus. Por isso temos de procurar adiante.

O Método Futurista

Este método interpreta o Apocalipse em grande parte como uma profecia de acontecimentos futuros, colocada em termos simbólicos, que levam ao fim do mundo e o acompanham. O ponto de vista futurista tomou duas formas principais, que podemos chamar de moderada e extrema ou dispensacionalista. Esta última entende as sete cartas como sete épocas sucessivas da história da igreja, expressas em símbolos. O caráter das sete igrejas ilustra as principais características dos sete períodos de declínio e apostasia (Laodicéia). O arrebatamento de João simboliza o arrebatamento da igreja no fim dos tempos. Os capítulos 6-18 retratam o período da grande tribulação — o último período, curto mas terrível, da história da igreja, quando o Anticristo praticamente destruirá o povo de Deus. No ponto de vista dispensacionalista o povo de Deus é Israel, de volta a Jerusalém, protegido por um selo divino (7:1-8), com o templo reconstruído (11:1-3); que sofre a ira do Anticristo. A igreja não está mais na terra, porque foi reunida ao Senhor nos ares.

O ponto de vista futurista moderado difere do extremo em diversos pontos. Ele não vê razão, como o ponto de vista extremo, de fazer uma diferença tão definida entre Israel e a igreja. O povo de Deus que sofre a perseguição feroz é a igreja. Também não vê razão para reconhecer nas sete cartas uma predição de sete períodos da história da igreja. Não há qualquer evidência interna para tal interpretação, há apenas sete cartas para sete igrejas históricas. Mas concorda quanto a que o propósito do livro é descrever a consumação do propósito redentor de Deus no fim dos tempos.

INTRODUÇÃO

Novamente é válida a objeção de que se o livro foi escrito para tratar primeiramente de eventos do futuro distante, então sua mensagem tinha pouca importância para as igrejas do primeiro século a que foi endereçado. Não podemos levar este argumento longe demais, ou ele esvaziaria muitas profecias do Antigo Testamento de sua importância. Os profetas não falavam só de acontecimentos contemporâneos; Eles estavam sempre relacionando os eventos contemporâneos com o grande acontecimento do fim da história: o Dia do Senhor, quando Deus iria visitar o seu povo para redimi-lo e estabelecer o seu Reino.

Isto nos leva a uma característica da profecia do Antigo Testamento que também é característica do Apocalipse, e que soluciona o problema da distância e da importância. Como já disse, os profetas enfocavam duas coisas em sua perspectiva profética: os eventos do presente e do futuro imediato, e o evento escatológico final. Estes dois são mantidos em uma tensão dinâmica muitas vezes sem uma distinção cronológica, porque o objetivo principal da profecia não é fazer um programa ou mapa do futuro mas deixar cair a luz da consumação escatológica sobre o presente (II Pe 1:19). Assim, na profecia de Amós, o iminente julgamento de Israel através da Assíria foi chamado de Dia do Senhor (Am 5:18, 27), e a salvação escatológica de Israel também ocorrerá neste dia (9:11). Isaías retratou a queda da Babilônia com cores apocalípticas, como se fosse o fim do mundo (Is 13:1-22). Sofonias descreveu um acontecimento desconhecido (para nós) como Dia do Senhor, que consumiria toda a terra com seus habitantes (1:2-18), como que pelo fogo (1:18, 3:8). Joel passou imperceptivelmente das pragas de gafanhotos históricas para os julgamentos escatológicos do Dia do Senhor.

Em outras palavras, o julgamento histórico iminente é visto como tipo ou prelúdio do julgamento escatológico. Ambos estão às vezes misturados como que sem respeitar a cronologia, porque o mesmo Deus que age no julgamento histórico iminente também estará agindo no julgamento escatológico final para alcançar seu propósito redentor. Assim, Daniel viu o grande inimigo escatológico do povo de Deus no rei histórico da Grécia, Antíoco Epifânio ou o Reino Selêucida — 11:3), que ainda tomou a coloração do Anticristo escatológico (Dn 11:36-39). Da mesma maneira o discurso do Monte das Oliveiras do nosso Senhor estava impregnado tanto do julgamento histórico de Jerusalém às mãos dos exércitos romanos (Lc 21:20ss) como com o aparecimento escatológico do Anticristo (Mt 24:15ss). Roma foi um predecessor histórico do Anticristo.

De modo que, apesar de o Apocalipse estar primeiramente preocupado com assegurar às igrejas da Ásia de que viria a salvação escatológica final no fim dos tempos, com o julgamento dos poderes maus do mundo, isto tinha importância imediata para o primeiro século. Porque os poderes demoníacos que se manifestarão no fim, na grande

tribulação, já podiam ser vistos no ódio histórico de Roma pelo povo de Deus e na perseguição que lhe movia.

Por isso concluímos que o método correto de interpretar o Apocalipse é uma mescla dos métodos preterista e futurista. A besta é Roma e também o Anticristo escatológico — e, poderíamos acrescentar, qualquer poder demoníaco que a igreja tem de enfrentar em toda a sua história. A grande tribulação é primeiramente um evento escatológico, mas inclui todas as tribulações que a igreja possa experimentar no mundo, sejam causadas pela Roma do primeiro século ou por poderes malignos posteriores.

Esta interpretação é sustentada por vários fatos objetivos. Primeiro; faz parte da natureza apocalíptica de um escrito que ele se ocupe primeiramente com a consumação do propósito redentor de Deus e com o fim escatológico dos tempos. Este é o tema do Apocalipse: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá” (1:7). Segundo: faz parte da natureza apocalíptica com seu simbolismo, seja o escrito canônico ou não, referir-se a eventos históricos que indicam e estão associados à consumação escatológica. Terceiro: Como já foi dito, o livro dá a si mesmo o nome de profecia. E também já vimos que a profecia por natureza deixa cair alguma luz do futuro sobre o presente.

V. Estrutura

É fácil analisar os principais assuntos do livro. Depois de um capítulo introdutório vêm quatro séries de setes: sete cartas (2-3), sete selos (5:1-8:1), sete trombetas (8:2-11:19) e sete flagelos (15:1-16:21). Estas quatro séries estão intercaladas com diversos interlúdios que interrompem brevemente o fluxo da narrativa e não pertencem a nenhuma série de setes. O livro se encerra com o julgamento de Babilônia, a civilização apóstata, o triunfo e a consumação final do Reino de Deus, e a descida da Jerusalém celestial (capítulos 17-21).

Quanto à estrutura literária, o livro é formado de quatro visões, cada uma iniciada com o convite: “Vem e vê” o que Deus quer revelar (1:9, 4:1, 17:1, 21:9). O livro é encerrado com um epílogo.

ANÁLISE

I. PRÓLOGO (1:1-8)

1. O Título do Livro (1:1-3)
2. Saudação (1:4-5a)
3. Doxologia a Cristo (1:5b-6)
4. O Tema do Livro (1:7)
5. O Imprimatur Divino (1:8)

II. A PRIMEIRA VISÃO (1:9—3:22)

1. O Revelador: Cristo Glorificado (1:9-20)
2. As Sete Cartas (2:1—3:22)
 - (1) A Carta a Éfeso (2:1-7)
 - (2) A Carta a Esmirna (2:8-11)
 - (3) A Carta a Pérgamo (2:12-17)
 - (4) A Carta a Tiatira (2:18-28)
 - (5) A Carta a Sardes (3:1-6)
 - (6) A Carta a Filadélfia (3:7-13)
 - (7) A Carta a Laodicéia (3:14-22)

III. A SEGUNDA VISÃO (4:1—16:21)

1. O Trono Celestial (4:1-11)
2. Os Sete Selos (5:1—8:1)
 - (1) O Livro Selado (5:1-14)
 - (2) Os Seis Selos (6:1-17)
 - a. O Primeiro Selo (6:1-2)
 - b. O Segundo Selo (6:3-4)
 - c. O Terceiro Selo (6:5-6)
 - d. O Quarto Selo (6:7-8)
 - e. O Quinto Selo (6:9-11)
 - f. O Sexto Selo (6:12-17)
 - (3) Interlúdio: As Duas Multidões (7:1-17)
 - a. Os 144.000 (7:1-8)
 - b. A Multidão Incontável (7:9-17)
 - (4) O Sétimo Selo (8:1)
3. As Sete Trombetas (8:2—14:20)

- (1) As Seis Trombetas (8:2—9:21)
 - a. Preparação (8:2-6)
 - b. A Primeira Trombeta (8:7)
 - c. A Segunda Trombeta (8:8-9)
 - d. A Terceira Trombeta (8:10-11)
 - e. A Quarta Trombeta (8:12-13)
 - f. A Quinta Trombeta (9:1-12)
 - g. A Sexta Trombeta (9:13-21)
- (2) Interlúdio (10:1—11:13)
 - a. O Anjo e o Pequeno Livro (10:1-11)
 - b. Medição do Templo e as Duas Testemunhas (11:1-13)
- (3) A Sétima Trombeta (11:14-19)
- (4) Interlúdio (12:1—14:20)
 - a. O Dragão, a Mulher e seu Descendente (12:1-17)
 - b. As Duas Bestas (13:1-18)
 - c. Visões de Consolo (14:1-20)

- 4. Os Sete Flagelos (15:1—16:21)
 - (1) A Preparação (15:1-8)
 - (2) O Primeiro Flagelo (16:1-2)
 - (3) O Segundo Flagelo (16:3)
 - (4) O Terceiro Flagelo (16:4-7)
 - (5) O Quarto Flagelo (16:8-9)
 - (6) O Quinto Flagelo (16:10-11)
 - (7) O Sexto Flagelo (16:12-16)
 - (8) O Sétimo Flagelo (16:17-21)

IV. A TERCEIRA VISÃO (17:1—21:8)

- 1. O Mistério da Babilônia (17:1-18)
- 2. O Julgamento da Babilônia (18:1—19:5)
 - (1) O Anúncio Angélico da Queda de Babilônia (18:1-3)
 - (2) Advertências ao Povo de Deus (18:4-5)
 - (3) O Grito por Vingança (18:6-8)
 - (4) O Lamento dos Reis e Mercadores (18:9-19)
 - (5) Irrupção de Louvor (18:20)
 - (6) A Destruição da Babilônia (18:21-24)
 - (7) Ação de Graças pelo Julgamento da Babilônia (19:1-5)
- 3. Triunfo e Consumação Final (19:6—21:8)
 - (1) As Bodas do Cordeiro (19:6-10)
 - (2) A Vinda de Cristo (19:11-16)
 - (3) A Batalha entre Cristo e o Anticristo (19:17-21)
 - (4) A Prisão de Satanás, a Ressurreição e o Reino Milenar (20:1-6)
 - (5) A Destruição Final de Satanás e da Morte (20:7-15)
 - (6) A Nova Criação (21:1-8)

V. A QUARTA VISÃO: A JERUSALÉM CELESTIAL (21:9—22:5)

VI. EPÍLOGO (22:6-21)

APOCALIPSE

PRÓLOGO E PRIMEIRA VISÃO (1.1—3.22)

Nome do livro. *Apocalipse de João*. Este é o nome mais antigo dado ao livro. Não é parte original do livro, mas foi acrescentado já no começo da sua circulação, obviamente derivado de 1:1. O título encontrado na versão inglesa King James: “A Revelação de São João o Divino”, apesar de constar da maioria dos manuscritos gregos, não é encontrado em nenhum anterior a Eusébio, do quarto século.

I. PRÓLOGO (1:1-8)

1. O Título do Livro (1:1-3).

1. *Revelação*. A palavra grega, *apocalupsis*, tem diversos significados. O significado mais simples da palavra é descobrir algo que está encoberto (Lc 12:2); mas no Novo Testamento a palavra geralmente tem uma conotação religiosa distinta, no sentido especial de revelação sobrenatural de verdades divinas desconhecidas aos homens e impossíveis de ser descobertas por eles (Rm 16:25, Gl 1:12). Na versão grega de Daniel de Teodócio, a palavra é usada diversas vezes para designar a divina revelação, através do profeta, pela providência de Deus, de eventos ao rei que estavam destinados a acontecer no futuro. No Novo Testamento, o que está revelado é todo o evangelho, as boas notícias do plano redentor de Deus que é incorporado em Jesus Cristo, e este plano redentor será consumado em grandes acontecimentos escatológicos que também são revelados ao povo de Deus (Rm 8:18; 1 Co 1:7; 2 Ts 2:8; 1 Pe 1:13; 5:1). No presente caso a revelação foi dada a João em visões, cujo conteúdo ele escreveu no livro que está diante de nós.

Esta palavra “apocalipse” foi emprestada, pelos eruditos modernos, da revelação de João e aplicada ao gênero de literatura judaico-cristã chamado “apocalíptico”. Aqui, no entanto, a palavra não é usada como termo técnico mas para definir o conteúdo do livro: a revelação das coisas que acontecerão em breve. Muitos estudiosos insistem em que o Apocalipse está no mesmo nível de apocalipses judaicos como *Enoque*, *A Assunção de Moisés*, *IV Esdras*, *O Apocalipse de Baruque* e outros. De fato o Apocalipse pertence ao mesmo gênero literário, e do

estudo desta literatura podemos extrair diretrizes distintas que nos ajudam a interpretar o Apocalipse. Estes livros são semelhantes no sentido de que dizem ser revelações de eventos desconhecidos ao homem, de usarem visões e sonhos, no uso de símbolos às vezes bizarros e fantásticos e no seu assunto comum, que é o fim do mundo e a vinda do Reino de Deus; também em sua adesão comum a um tipo "apocalíptico", isto é, um tipo catastrófico cósmico de escatologia.

Mas o Apocalipse difere da literatura apocalíptica judaica em diversos aspectos dignos de nota. Estes são pseudônimos; isto é, são atribuídos a antigos santos de Israel, mortos há muito, para lhes dar validade. João é o único a usar o nome de um contemporâneo dos destinatários, bem conhecido deles. Os apocalipses judaicos são pseudo-proféticos, isto é, o autor se coloca no passado e então reescreve a história, à guisa de profecia, pelo uso de símbolos. João se coloca no próprio dia em que ele está, e olha para o futuro, para a consumação do propósito redentor de Deus. Os autores apocalípticos tendem a ser pessimistas, isto é, perdem a esperança na atuação de Deus na história, considerando esta sob a influência maligna de espíritos satânicos. Toda a esperança é direcionada para o futuro. João também tem o mesmo interesse pelo futuro, mas o futuro depende do que Deus fez na história contemporânea, a obra redentora da morte de Jesus de Nazaré. Isto é retratado no Leão, que é o Cordeiro morto. A história é o palco da redenção; somente o crucificado pode resolver o enigma da história. Em todas estas peculiaridades João reflete seu caráter profético e se diferencia dos autores apocalípticos judeus. Além disto é significativo que, apesar de o Apocalipse estar repleto de alusões verbais ao Antigo Testamento, não há uma só citação semelhante dos escritos apocalípticos judaicos.

De Jesus Cristo. Gramaticamente estas palavras podem ser interpretadas de duas maneiras diferentes, como genitivo objetivo ou subjetivo. Alguns poucos comentadores são pelo primeiro sentido, e a frase aparece neste sentido em outras passagens do Novo Testamento (Gl 1:12). João recebeu uma revelação de Jesus Cristo, que é o objeto e o conteúdo da revelação. Isto faz sentido, e é verdade que os acontecimentos revelados a João são devidos, unicamente, ao senhorio de Cristo no mundo. Mas no contexto em que aparece, a frase tem de ser considerada um genitivo subjetivo. O objeto da revelação são as últimas coisas que Deus deu a Cristo que, por sua vez, mostra *aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer*. Deus-Pai é a fonte de toda a revelação; Deus-Filho é o agente através do qual esta revelação é comunicada aos homens. Isto vale até para o Cristo exaltado. Que o Filho recebe o que tem do Pai é uma verdade ensinada por todo o Novo Testamento, mas principalmente pelo evangelho de João (Jo 3:35; 5:20ss, 26; 7:16 e 8:28). Lembra-mos do que disse Jesus: "Mas a respeito daquele dia ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mc 13:32).

As palavras “as coisas que em breve devem acontecer” contêm um eco de Dn 2:28. Apesar de João raras vezes citar o Antigo Testamento de maneira formal, seu livro está cheio de alusões óbvias aos escritos proféticos. Aqui temos um fato cujo significado muitos críticos modernos deixam de ver. A mente de João estava saturada com o Antigo Testamento, e ele esperava que estas alusões de passagem teriam algum significado para seus ouvintes. Não há, no entanto, nem uma única alusão comprovável a qualquer escrito apocalíptico judeu conhecido. Isto confirma a afirmação de que o Apocalipse não é, como muitos têm dito, simplesmente um escrito apocalíptico judeu “batizado” na igreja cristã. A base de João era, muito mais, os profetas do Antigo Testamento, apesar de ele usar simbolismo apocalíptico.

Na literatura apocalíptica judaica nós encontramos um fator determinista significativo, quase dando a impressão às vezes de que o curso dos acontecimentos estava predeterminado tão inflexivelmente por Deus que ele mesmo estava preso a eles. Já que os acontecimentos estavam predeterminados, seria possível para alguém com percepção calcular tempos e épocas e descobrir quando viria o fim. O Novo Testamento está totalmente livre deste espírito calculador: “A respeito daquele dia e hora ninguém sabe” (Mt 24:36). Mas Deus é soberano; ele tem um plano de redenção que *tem* de ser executado a seu tempo. Nada pode impedir a segura consumação do Reino de Deus.

Estas coisas *em breve devem acontecer* (cf. 11:18, 22:10). Estas palavras trouxeram problemas aos comentadores. A solução mais simples é tomar o ponto de vista preterista e dizer que João, como toda a primeira comunidade cristã, pensava que a vinda do Senhor estava próxima, se de fato eles estavam errados. O próprio Senhor parece estar cometendo este erro de perspectiva quando diz: “Não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mc 13:30). Outros têm interpretado esta frase como se significasse “estas coisas logo devem começar a acontecer” ou “elas começarão com certeza” ou “elas têm de acontecer em breve”, ou seja, assim que os acontecimentos comecem o fim virá rapidamente.

Mas não podemos escapar ao significado real. O problema surge com o fato de que os profetas estavam pouco interessados em cronologia, vendo o futuro sempre como iminente. Destacamos na introdução que os profetas do Antigo Testamento misturavam as perspectivas próximas e distantes, formando um todo. A profecia bíblica primeiramente não é tridimensional, mas bidimensional; ela é alta e larga, mas pouco preocupada com a profundidade, isto é, a cronologia dos acontecimentos futuros.¹ Há na profecia bíblica uma tensão entre o futuro imediato e o mais distante; o mais distante é visto como que transpare-

1. Veja p. 13.

cendo através do imediato. É verdade que a igreja dos primeiros tempos vivia na expectativa da volta do Senhor, e faz parte da natureza da profecia bíblica possibilitar a cada geração viver na expectativa do fim. Quem se acomoda e diz “onde está a promessa da sua vinda?” está começando a zombar da verdade divina. A atitude “bíblica” é: “Estai do sobreaviso, vigiai; porque não sabeis quando será o tempo” (Mc 13:33).

2. A revelação é comunicada pelo Filho através da mediação de *seu anjo*. Anjos têm um papel proeminente neste livro, mas é digno de nota que o anjo não aparece como transmissor das visões antes do capítulo 17 **17 (17:15; cf. 19:9; 22:16)**. Revelação não é especulação humana; é a *palavra de Deus* e o *testemunho de Jesus Cristo*.

No Novo Testamento a “palavra de Deus” quase sempre é a palavra falada, e não a palavra escrita. Em outras passagens do Apocalipse a “palavra de Deus” é o evangelho (**1:9; 6:9; 20:4**); aqui, ela engloba o que a revelação dada a João contém. Na Bíblia a palavra de Deus não é considerada meramente um meio para comunicar verdade, mas uma entidade ativa e dinâmica. No princípio Deus falou e tudo se fez (Sl 33:9). A palavra de Deus vai para o mundo para cumprir os seus propósitos (Is 55:11). No fim a palavra de Deus será cumprida e os propósitos redentores consumados. É significativo que a única arma do Cristo conquistador é a espada que sai da Sua boca — Sua palavra (**Ap 19:15**).

O *Testemunho de Jesus Cristo* é um genitivo subjetivo, ou seja, o testemunho dado por Jesus Cristo. A revelação é uma palavra de Deus que é testemunhada por Cristo (**cf. 22:16, 18, 20**). Este testemunho pode incluir não só o testemunho de Cristo à revelação dada a João, mas também o testemunho da sua vida na terra e sua missão redentora quando a palavra se tornou carne (Jo 1:14).

3. Bem-aventurados. Há sete bem-aventuranças no livro: **1:3; 14:13, 16:15; 19:5; 20:6; 22:7, 14**. Aqui é pronunciada uma bem-aventurança sobre as igrejas onde a revelação de João seria lida em voz alta. Que o significado é este indicam as palavras *aqueles que ouvem*. Não é uma referência à leitura e estudo particulares, mas ao culto público. A igreja dos primeiros tempos adotou a prática judaica de ler em voz alta nas reuniões (Êx 24:7; Ne 8:2; Lc 4:16; At 13:15; 15:21; 2 Co 3:15). Paulo espera que suas cartas sejam lidas na congregação (Cl 4:16; 1 Ts 5:27). O Apocalipse não foi dado somente para transmitir informações sobre o futuro, mas para ajudar o povo de Deus no presente, que, por esta razão, deve guardar *as cousas escritas nas palavras da profecia*. Temos aqui uma lembrança das palavras de Jesus em Lucas 11:28: “Bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.” O Apocalipse contém muitas exortações à fé, paciência, obediência, oração e vigilância. E por ser uma *profecia* está no mesmo pé de igualdade com os profetas do Antigo Testamento.

2. Saudação (1:4-5a).

4. *João, às sete igrejas que se encontram na Ásia.* Esta sentença faz nosso livro ser diferente da literatura apocalíptica judaica em um sentido importante: esta é a introdução usual no mundo antigo para as cartas. Isto ancora nosso livro firmemente na história. As sete igrejas eram sete congregações históricas reais, na província romana da Ásia. Por que foram escolhidas sete igrejas para receberem o Apocalipse? João deve ter conhecido outras igrejas, como por exemplo Colossos (Cl 1:2, 2:1), Hierápolis (Cl 4:13) e Trôade (At 20:5). Pouco depois desta época Inácio escreveu cartas às igrejas de Magnésia e Trales. Não há nenhuma indicação nas sete igrejas que elas representem sete períodos sucessivos da história da igreja. Mas sete era um dos números favoritos de João, e parece ter sido o símbolo de plenitude, estar completo. João escolheu estas sete igrejas que ele conhecia bem para que elas servissem de representantes da igreja toda. Sete não é um número sagrado. O Anticristo tinha sete cabeças e sete coroas (13:1). O significado aqui é diversidade dentro da unidade básica. Desta forma João indicou que apesar de endereçado a sete igrejas conhecidas dele o Apocalipse era para toda a igreja.

Graça e Paz é a saudação cristã costumeira, encontrada nas epístolas do Novo Testamento. *Da parte daquele que é* uma alusão à forma grega de Êx 3:14. A frase toda denota a eternidade de Deus que também age no palco da história humana. *Da parte dos sete Espíritos* significa da parte do Espírito Santo em sua plenitude septiforme (cf. 3:1, 4:5, 5:6). Alguns viram aqui uma referência a seres angelicos; mas como a frase precedente se refere a Deus-Pai e a seguinte a Deus-Filho, é certo que João incluiu uma referência a Deus-Espírito Santo, englobando as três pessoas da Deidade. O Novo Testamento fala em outras passagens da pluralidade de funções do Espírito Santo (cf. Hb 2:4; 1 Co 12:11; 14:32; 22:6). A origem da idéia parece ser Zc 4, onde o profeta descreve um candelabro com sete lâmpadas, que são os olhos do Senhor passando por toda a terra. O significado da visão foi: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4:6).

5a. Jesus Cristo é o que deu testemunho fiel do propósito e da obra de redenção de Deus (cf. acima em 1:2). Ele é o *primogênito dos mortos* (veja Cl 1:18). A palavra "primogênito" pode ser uma simples referência a que Jesus foi o primeiro a ressurgir dos mortos e, como tal, a primícia da ressurreição (1 Co 15:20). Mas a palavra pode ter mais a idéia de soberania que de cronologia; ele faz o papel do filho primogênito. Está escrito assim em Sl 89:27: "Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra." Por sua ressurreição Jesus foi exaltado à posição de filho primogênito. Isto é sustentado pela frase que segue: *o soberano dos reis da terra*.

Temos aqui uma das afirmações centrais do Novo Testamento, aparentemente contradita pela experiência política nua e crua, mas que

cada crente confessa. Externamente parecia que Roma governava com poder soberano, sem rivais. A história humana através dos séculos pode ser interpretada como o conflito entre as nações e o domínio do mais forte. Não foi sempre assim, nem o é agora, que o bem triunfa e o que é certo sempre vence. Mas por trás dos acontecimentos caóticos da história o crente reconhece que Jesus Cristo, que escolheu o caminho da obediência e da humilhação, de fato foi exaltado à direita de Deus onde ele está sentado como Senhor, governando os governadores da terra. Um dos pontos de vista da sua vinda deve ser entendido como manifestar ao mundo a soberania que já é dele.

Uma razão mais particular para esta referência neste ponto é sem dúvida a crescente tendência de deificar e adorar o imperador romano. Os imperadores estavam começando a usar o título de deus. Júlio César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito tinham sido declarados oficialmente como divinos pelo senado romano depois da sua morte, e os últimos três usaram o termo *DIVUS* (divino) em suas moedas. Domiciano, o imperador no tempo em que João escreveu, tinha avançado mais nesta tendência, exigindo que o chamassem de *Dominus et Deus* (Senhor e Deus). Na Ásia a adoração ao imperador era ainda mais popular, especialmente em Éfeso. Em face da situação ameaçadora João lembrou as igrejas de um fato que deve ser sempre uma pedra de toque em sua conduta: que atrás de qualquer autoridade política humana encontra-se a soberania daquele que de fato governa os reis da terra, apesar de não ser visto.

3. Doxologia a Cristo (1:5b-6).

5b. A seguir João escreveu uma doxologia a Cristo, o Redentor. Chegamos ao primeiro de diversos lugares em que a moderna crítica textual pôde corrigir defeitos do Textus Receptus, que serve de base para a versão inglesa King James; por exemplo. Esta diz assim: "Nos lavou dos nossos pecados", enquanto que as versões modernas trazem *pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados*. A diferença teológica não é muito grande neste caso, mas devemos sempre nos preocupar com a exatidão do texto. O Textus Receptus é formado somente de alguns manuscritos mais recentes. Depois disto foram descobertas grandes quantidades de manuscritos, dos quais os melhores remontam à metade do quarto século d.C. Muitas diferenças importantes entre versões baseadas no Textus Receptus, como a King James, e as mais modernas são por causa de diferenças entre um texto grego inferior e outro superior.

Os tempos dos verbos na doxologia são significativos. Ele nos *ama*. O amor de Cristo é algo que permanece. Ele *pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados*: um ato de redenção concluído. Temos aqui uma evidência sem ambigüidade do fato de que Deus é um Deus de amor, que envia seu amor aos homens, através de seu Filho. "Deus prova o seu

próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5:8). Os primeiros cristãos estavam a ponto de enfrentar perseguição e lhes parecia que o amor de Deus tinha se obscurecido e só o mal dominava; mas o amor de Deus, apesar de todas as experiências más, foi demonstrado por um acontecimento histórico — a morte de Jesus Cristo.

O idioma grego por sua vez reflete o idioma hebraico, de modo que podemos traduzir muito bem “ele nos libertou dos nossos pecados pelo preço do seu sangue”. João escreveu um pouco adiante: “Com o teu sangue compraste os homens para Deus” (5:9). Na Bíblia *sangue* é uma metáfora tirada do sacrifício do cordeiro no altar, representando a morte sacrificial, principalmente na Páscoa, quando Deus libertou Israel da escravidão no Egito. O sacrifício de Cristo na cruz foi o preço pago para libertar os homens da escravidão dos seus pecados.

6. Neste versículo fica clara a conexão com o cordeiro da Páscoa. Ele *nos constituiu* (para sermos) *reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai*. Na Páscoa Deus dera a Israel a missão de ser “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:6). A pergunta que surge é se a igreja é chamada de reino porque é um povo sujeito a seu rei, ou porque exerce funções de rei. Em 5:10 esta dúvida parece que fica esclarecida: Cristo constituiu os homens “reino e sacerdotes para o nosso Deus, e reinarão sobre a terra” (veja 20:6, 22:5). O povo de Deus é reino não somente porque é formado de pessoas sobre as quais Deus reina, mas porque deve participar no reino messiânico de Cristo. Estas são as referências mais claras do Novo Testamento que chamam a igreja de reino, e elas não provêm sustento exegético adequado para identificar a igreja com o Reino de Deus. Os crentes formam um reino porque farão o papel de reis junto com o Rei messiânico — Jesus. Jesus tinha prometido a seus discípulos que eles participariam do seu governo (Veja Mt 5:2-5; 19:28; Lc 22:30).

Os crentes também são *sacerdotes*. Isto não quer dizer que a igreja faz o papel de mediador entre Deus e o restante da humanidade; significa, isto sim, que os crentes não precisam mais de nenhum mediador, porque têm acesso imediato a Deus, onde executam as funções sacerdotais de apresentar sacrifícios de ação de graças, adoração e louvor a Deus (Rm 12:1, Hb 13:15, 1 Pe 2:5). Este versículo une a igreja e o Israel do Antigo Testamento com um elo de continuidade. A igreja é o Israel novo e verdadeiro, herdando todos os privilégios espirituais do povo de Deus do Antigo Testamento. “Vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus” (Is 61:6).

4. O tema do livro (1:7).

7. Isto reforça e repete o tema do livro: a segunda vinda de Cristo e os acontecimentos que levam ao grande fim e o acompanharão. Este versículo é uma fusão de Dn 7:13 e Zc 12:10, 12, combinação que

aparece também em Mt 24:30. É impossível determinar se há alguma interdependência entre Mateus e o Apocalipse neste ponto. O importante desta passagem é que a volta do Senhor será um acontecimento público e visível.

Todo olho o verá. Nos dias em que Cristo viveu na carne, o fato de que ele era o Messias não era autoevidente. Quando ele estava sendo acusado pelo Sinédrio, o sumo sacerdote lhe perguntou: “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” (Mc 14:61). Se isto era verdade, como um fato tão importante poderia estar em dúvida? Jesus respondeu: “Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu” (Mc 14:62). Ele na verdade está dizendo: “Hoje vocês podem desafiar o Messias, mas virá o dia em que ninguém mais terá dúvidas sobre isto”. É perda de tempo especular sobre como se dará este acontecimento e de que maneira Jesus poderá ser visível ao mundo todo ao mesmo tempo. O que a passagem quer dizer é que o seu senhorio, reconhecido no momento somente por crentes e confessado pela fé, se tornará inescapavelmente evidente para o mundo todo. É interessante observar que nenhuma outra passagem descreve este acontecimento como este versículo. A volta de Cristo é retratada no capítulo 19, onde ele vem montado em um cavalo de batalha para derrotar os inimigos de Deus.

Quantos o trapassaram. Provavelmente não precisamos interpretar isto como sendo unicamente para os que crucificaram Jesus fisicamente, mas para todos que, em todos os tempos, são da mesma forma indiferentes e hostis como aqueles. O crucificado será reconhecido rei e juiz do mundo.

A expressão *todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele* é difícil de interpretar. Normalmente ela significaria que o crucificado se tornou o objeto da sua tristeza; ou seja, elas estão tristes porque o crucificaram. Isto significaria que os homens seriam convencidos da maldade do seu terrível crime, procurando, arrependidos, o perdão de Deus. Mas em todo o Apocalipse não há nenhuma indicação de que os maus se arrependam. Pelo contrário, o julgamento de Deus serve somente para confirmar a maldade dos maus (9:20, 16:9, 11). Por isso, provavelmente, devemos entender que Cristo não é o objeto mas a causa da sua tristeza; eles se lamentam sobre ele por causa do julgamento terrível que ele fará cair sobre eles.

5. O Imprimatur divino (1:8).

8. Antes de ter a primeira visão, João recebeu uma reafirmação do senhorio soberano de Deus na história. *Alfa e Ômega* são a primeira e a última letras do alfabeto grego, incluindo assim tudo que se encontra entre elas. Deus é começo e fim absoluto, e por isso Senhor de tudo que acontece na história humana. Ao mesmo tempo ele é o eterno, o transcendente, que não é afetado pelos conflitos da história, aquele *que é, que era e que há de*

vir. Como aquele que virá ele ainda visita a raça humana para trazer a história ao seu fim decretado por Deus. O *Todo-poderoso* poderíamos traduzir melhor por “o Governador de tudo”.

II. A PRIMEIRA VISÃO (1:9—3:22)

1. O Revelador: Cristo Glorificado (1:9-20)

A seguir, João descreveu o momento da revelação e deu um relato da primeira visão, uma visão de Jesus exaltado e glorificado, condição e pano de fundo de todo o quadro “das coisas que em breve devem acontecer”.

9. João recebe a ordem de enviar as visões que teria às sete igrejas da Ásia. Elas o conheciam bem, ele era tão familiar aos cristãos da Ásia que eles o chamavam de seu *irmão*. Ele participava com eles da *tribulação e do reino*. Estes são dois assuntos de destaque no livro: as dificuldades que a igreja enfrentaria e a vinda do Reino. A tribulação é o quinhão do povo de Deus, nesta era. “No mundo passais por aflições” (Jo 16:33). “Através de muitas tribulações nos importa entrar no reino dos céus” (At 14:22). Por trás da história grandes poderes espirituais estão em conflito — o Reino de Deus e o poder de Satanás. A igreja está no meio dos dois. A igreja são as pessoas às quais o Reino veio, e que herdarão o Reino quando ele vier; mas nesta posição elas são o objeto do ódio satânico, destinadas a sofrer perseguição. Tribulação aqui significa todo o mal que acontecerá à igreja, principalmente a grande tribulação do fim, que somente será a intensificação do que a igreja tem sofrido durante os séculos. Por causa destes males antecipados precisamos de *perseverança*. “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24:13).

Nós experimentamos, no entanto, todas estas dificuldades *em Jesus*. Este é um paralelo de João à expressão freqüente de Paulo, “em Cristo”, e significa a união espiritual do crente com seu Senhor. É interessante que depois da saudação de 1:5, onde o Senhor é chamado de Jesus Cristo, em todo o restante do livro ele é chamado somente de Jesus (algumas versões trazem mais algumas vezes “Jesus Cristo”, devido a um texto de qualidade inferior). O uso simples do nome “Jesus” chama atenção para a sua vida na carne.

João estava *na ilha chamada Patmos*. A maneira de se expressar dá a idéia de que João não estava mais em Patmos quando escreveu o livro. Parece que ele teve as visões em Patmos mas compôs o livro algum tempo depois. Patmos era uma de diversas ilhas pequenas a sudeste da costa da Ásia Menor. Tinha uns 16 quilômetros por 10, uma ilha nua, vulcânica, com elevações de até 300 metros. Na literatura romana encontramos indicações de que ilhas como esta eram usadas para exilar criminosos políticos. Não há nenhuma evidência de que a prisão de João seja parte de uma perseguição maior da igreja, nem em Roma nem na Ásia. Mas qualquer governador tinha autoridade para enviar crimi-

nosos políticos para o exílio, e desde o começo a igreja tem sido acusada de subversão política (veja At 17:7). No tempo do imperador Nero os cristãos eram tidos por adeptos de uma religião nova e — do ponto de vista romano — perigosa em potencial. Antes de Nero o cristianismo era geralmente encarado como um movimento dentro do judaísmo. No caso de João, parece que ele foi acusado de subversão pelo governador da Ásia por causa *da palavra de Deus e do testemunho de Jesus*, ou seja, porque pregava o evangelho de Jesus, o Messias. Outros interpretam esta passagem no sentido de que João estava em Patmos para receber a palavra de Deus e escrever o Apocalipse; ainda outros, de que ele estava em Patmos com o intuito de pregar o evangelho.

10. João estava *em espírito, no dia do Senhor*. Alguns intérpretes vêem nesta última expressão uma referência ao Dia do Senhor escatológico, como se João fosse transportado em êxtase até o fim da história para presenciar os grandes acontecimentos daquele dia. É muito mais provável que temos aqui a maneira com que os cristãos começaram a distinguir o dia do Senhor como dia separado para o culto e a devoção. De outras referências sabemos que o primeiro dia da semana era muito importante para os cristãos. Eles se reuniam para partir o pão no primeiro dia da semana (Atos 20:7), e preparavam dádivas de amor no primeiro dia (1 Co 16:2). Estas são as primeiras evidências de que este dia era tido como especialmente consagrado ao Senhor, porque era o dia da sua ressurreição. A preferência pela observância do domingo em lugar do sábado judeu foi o resultado de um processo histórico gradual, e aqui nós temos o início deste processo.

Não devemos confundir este “em espírito” de João com a expressão de Paulo “no Espírito”, que deve ser o normal do cristão (Rm 8:9). A fase aqui implica em uma experiência em êxtase, entrar em transe (veja At 11:5; 22:17). Paulo descreveu uma experiência semelhante em 2 Co 12:2, quando ele “foi arrebatado até o terceiro céu” e “ouviu coisas que não podem ser explicadas por palavras humanas”. Os profetas do Antigo Testamento experimentavam com frequência visões como que em transe, mas estas não eram o único meio de revelação. Muitas vezes os profetas pronunciavam a palavra de Deus de uma convicção profunda que tinha tomado conta de seu interior; e no Novo Testamento a expressão “a palavra de Deus” na maioria das vezes é usada para se referir à tradição oral do evangelho, como no verso 9. No caso de João, os eventos do fim lhe foram desvendados em visões extáticas. Ele ouviu uma voz não identificável — pode ter sido a voz de Cristo, mas foi provavelmente a voz de um anjo (veja 4:1) — ordenando-lhe que escrevesse em livro o que veria e que o enviasse às sete igrejas, enumeradas a seguir. Um livro na Antiguidade era uma longa faixa de papiro enrolada, e não feito de páginas encadernadas, como hoje. Além disto, antes da invenção da imprensa, em tempos relativamente modernos, todos os livros tinham de ser escritos à mão.

12. Voltando-se para ver de onde vinha a voz, João teve sua primeira visão — o Cristo exaltado. A primeira coisa que ele viu foram *sete candelabros de ouro*. No santo lugar do templo dos judeus havia um único candelabro, com sete lâmpadas (Êx 25:36ss). Também na visão de Zacarias um candelabro com sete braços recebeu destaque, aparentemente representando Israel (Zc 4:2). Na visão de João os candelabros representavam a igreja, que agora era a luz do mundo. Mas João viu sete candelabros separados, representando as sete igrejas. No Novo Testamento a igreja não era, como o povo de Israel, um povo unido externamente. Do ponto de vista do Novo Testamento cada igreja local deve ser encarada como a igreja universal em toda sua plenitude. O verso 16 retrata que a unidade da igreja não está na organização mas no relacionamento com Cristo, mostrando Cristo segurando sete estrelas em sua mão direita. As sete estrelas representavam no céu as sete igrejas, e as sete lâmpadas eram as próprias igrejas. Sua função era dar luz ao mundo (Mat. 5:14). Se uma lâmpada deixasse de proporcionar luz ela era afastada (Ap 2:5).

13. *No meio dos candelabros* João viu *um semelhante a filho de homem*. Em sua visão da vinda do Reino de Deus, Daniel viu o próprio Deus sentado em seu trono, cercado de multidões de anjos que o serviam. “E eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias” (Dn 7:13). Mais tarde “Filho do homem” se tornou uma expressão messiânica fixa para identificar o Salvador celestial; era o título preferido de Jesus para si mesmo e sua missão. A referência deste versículo indica diretamente para Daniel, identificando assim Jesus como o Rei celestial, ao mesmo tempo destacando que apesar de ser como um homem ele não é somente homem; ele é um ser sobrenatural. Na visão Jesus estava vestido *com vestes talaras... com uma cinta de ouro*; esta era a vestimenta do sumo sacerdote (Êx 28:4; 39:29). Mas os profetas podiam se vestir de maneira semelhante (Zc 3:4), de maneira que não fica claro se a intenção é de destacar o sumo sacerdócio do nosso Senhor ou simplesmente a dignidade da sua pessoa.

14. *A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve*. Isto não está representando a santidade de Jesus ou que ele não tinha pecado, mas sim sua divindade. Cristo tem a mesma aparência que o próprio Deus-Pai (Dn 7:9), cujo traje é branco como neve e cujo cabelo é como lã pura. Em Daniel quem tem esta aparência é o “Ancião de dias”. João a usou para indicar que Jesus tinha existência eterna com o Pai. Seus olhos eram *como chama de fogo*. Esta expressão aparece mais uma vez: para a igreja de Tiatira Cristo era o que tem os olhos como chama de fogo (2:18), o que parece simbolizar sua onisciência que perscruta tudo. Em 19:12 isto é uma característica do Cristo conquistador que destrói seus inimigos. Podemos concluir que isto simboliza onisciência combinada com ira santa contra tudo que não é santo.

15. Seus pés eram semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha. Isto talvez signifique que seus pés estavam ardendo como se ainda estivessem na fornalha, ou que eles eram como bronze que tinha passado pela fornalha de purificação. Não está claro se isto quer representar alguma característica especial ou meramente aumentar a magnificência e força do quadro. Sua voz era como voz de muitas águas, ou seja, poderosa.

16. Tinha na mão direita sete estrelas. Isto mostra seu cuidado pelas igrejas (1:20; veja Jo 10:28).

Da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. A espada do Espírito é a palavra de Deus (Ef 6:17). A palavra de Deus é mais afiada que uma espada de dois gumes e é invencível quando vai executar seu propósito (Hb 4:12). A única arma de guerra usada pelo Cristo conquistador no capítulo 19 era uma espada que saía da sua boca (19:5). Se tomarmos estas palavras literalmente, elas formariam um quadro grotesco; mas interpretadas simbolicamente elas expressam uma verdade sublime. Ele falará, e será feito. Isto vai além de qualquer imaginação e especulação humana. É, no entanto, análogo ao relato da criação: Deus falou, e tudo se fez (Gn 1:3).

O seu rosto brilhava como o sol na sua força. É desta maneira que João descreve a glória do Cristo exaltado. Enquanto em carne pesavam sobre ele a fraqueza e a instabilidade humanas, passou pelas tentações e provações comuns à vida humana, finalmente sucumbindo à morte. O mesmo Jesus está agora exaltado em poder e grande glória.

17-18. A visão era tão tocante que João *caiu ao chão como morto*. Esta reação à manifestação da glória divina era comum (cf. Is 6:5; Ez 1:28; Dn 8:17; 10:9, 11). Somos lembrados da verdade bíblica básica, que esquecemos e negligenciamos com tanta facilidade, que só os puros de coração podem ver a Deus e viver. Mas João foi mantido em vida por uma mão que o tocou, dando-lhe a certeza de que nada tinha a temer. Na presença do Cristo divino, que, como o Pai, é o primeiro e o último (veja 1:8; Is 44:6; 48:12), João estava na presença daquele que participou do destino da humanidade por amor a ela e morreu, mas é agora aquele que vive.

Quando Cristo ressuscitou ele não voltou simplesmente para o reino glorioso de onde tinha vindo; ele entrou em uma vida nova, em que a morte tinha sido vencida para sempre. Ele não só voltou à vida; ele está vivo para sempre. Ele não só ressurgiu dos mortos; ele venceu a própria morte e tem as chaves da morte e do inferno. Na maneira de pensar dos judeus, chaves eram um símbolo de autoridade (Mt 16:19). O inferno é onde estão os mortos (a palavra usada no original é Hades, o equivalente do Seol do Antigo Testamento). A morte não pode mais infligir terror, porque Cristo está com as chaves, podendo abrir os túmulos e levar os mortos à vida eterna.

19. Agora a ordem que tinha sido dada a João é repetida: *Escreve as coisas que viste*, isto é, a visão do Cristo glorificado, *as que são*, ou seja, a situação em que se encontram as sete igrejas da Ásia como está registrada nos capítulos 2-3, e *as que hão de acontecer depois destas*, a consumação do propósito redentor de Deus e a vinda do Reino de Deus. Isto começa com a abertura dos sete selos no capítulo 6 e vai até o fim do livro.

20. A primeira visão termina com uma explicação do *mistério das sete estrelas ... e dos sete candeeiros*. A verdade essencial é que assim como Cristo está no meio das sete lâmpadas de ouro ele está em união firme com as igrejas na terra, por mais perseguidas que sejam. Ao mesmo tempo ele as segura na mão; isto representa seu poder que cuida e protege uma igreja em perseguição.

A expressão *os anjos das sete igrejas*, representados pelas sete estrelas na mão de Cristo, é difícil de interpretar, principalmente porque cada uma das sete cartas foi dirigida *ao anjo* da respectiva igreja. Isto fez muitos comentadores concluir que o *anjo* representa o bispo da igreja. Esta seria uma boa saída, se não fosse contra a maneira de o Novo Testamento usar o termo. A palavra *aggelos* não é usada para líderes cristãos, e nas sete cartas nem anjos nem bispos são repreendidos. Um outro significado de *aggelos* é "mensageiro", e os "anjos" poderiam ser os sete mensageiros que levaram as cartas às sete igrejas. Se este fosse o caso é difícil entender por que as cartas foram dirigidas aos mensageiros e não às próprias igrejas. O significado apropriado da palavra é *anjo*, e a idéia natural é que as igrejas na terra têm anjos que as representam no céu. Mas em toda a literatura apocalíptica não há a figura de anjos representando ou simbolizando homens. Alguns têm tido a impressão que os anjos são anjos-da-guarda das igrejas. A melhor maneira de entender isto é que este seria um símbolo incomum para representar o caráter celestial e sobrenatural da igreja.

2. As sete cartas (2:1—3:22).

Antes de escrever o que viu nas visões João escreve mensagens a sete igrejas da Ásia. Devido às muitas alusões a história, topografia e condições destas igrejas a conclusão de que João era pessoalmente e intimamente conhecido delas é inevitável. As cartas não estão estruturadas na forma epistolar rígida; são mensagens dirigidas às sete igrejas. O livro como um todo é escrito em forma de carta. Além disto a frase "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas", repetida sete vezes, dá a idéia de que a mensagem contida em cada carta é destinada a um público maior que só a igreja local.

As sete cartas têm uma estrutura básica comum. Cada uma delas começa com uma breve caracterização de Cristo, de acordo com o que foi dito no primeiro capítulo. Geralmente esta caracterização é adaptada à situação da igreja local. Depois seguem elogios pelas qualidades boas de cada igreja. A única exceção é Laodiceia, onde não havia nada a elogiar. Em terceiro lugar estão as críticas das falhas de cada igreja. Duas excessões aqui: não havia nada por que repreender as igrejas de Esmirna e Filadélfia. Cada carta é encerrada com uma promessa, especialmente aos vencedores.

(1) A carta a Éfeso (2:1-7).

1. *Éfeso* era a principal cidade da Ásia, e nela estava a igreja mais importante de toda a província. Atualmente Éfeso está situada a uns quinze quilômetros da baía de Éfeso, em uma planície pantanosa. Mas no primeiro século ela era o porto mais importante de toda a Ásia Menor. Era também um centro religioso. Há muito tempo já era a cidade da Deusa-Mãe, que para os gregos era Artemis, e para os romanos Diana (At 19:35). Um bonito templo era dedicado a esta deusa, conhecido como uma das maravilhas do mundo antigo. Este templo também era o lugar onde se adorava a deusa Roma e o imperador romano. Os asiarcas de At 19:31 eram os homens mais importantes da cidade; de entre eles a cada ano era escolhido o sacerdote principal do culto a "Roma e ao imperador". Éfeso também era o centro de todos os tipos de práticas supersticiosas, e era conhecida no mundo todo por suas artes mágicas (At 19:19).

A igreja em Éfeso aparentemente foi fundada por dois cristãos de destaque, Áqüila e Priscila. Junto com Paulo eles tinham vindo de Corinto a Éfeso (At 18:18), e permaneceram ali depois de Paulo viajar a Antioquia. Dois ou três anos depois Paulo voltou à cidade e pregou e ensinou o evangelho por dois anos. Seu trabalho em Éfeso se tornou o centro de evangelismo para toda a província da Ásia, já que não temos evidências de que Paulo tenha visitado outras cidades da Ásia (At 19:10). Mais tarde o trabalho em Éfeso foi levado avante por Timóteo, o companheiro de Paulo (1 Tm 1:3); e, de acordo com as tradições de Irineu e Eusébio, pelo apóstolo João depois da morte de Paulo. Éfeso era sem dúvida alguma uma das cidades a que Paulo escreveu sua carta circular que nós chamamos de *Éfesios*.¹ Inácio, bispo de Antioquia, escreveu nos primeiros anos do segundo século sua primeira e também mais longa carta aos efésios, que ele elogia por sua unidade e conduta cristã irrepreensível, e por viverem em amor e harmonia sob a liderança de seu bispo, Onésimo.

1. As palavras "que vivem em Éfeso" de Ef 1:1 não constam dos melhores manuscritos gregos.

Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro. A carta à igreja em Éfeso tem como prefácio uma referência a Cristo que inclui um elemento de encorajamento. O verbo grego traduzido por “conserva” é diferente do traduzido por “tinha” em 1:16. É uma palavra mais forte, que significa segurar com firmeza, indicando que Cristo segura suas igrejas firme na mão, para que ninguém as agarre (veja Jo 10:28). A palavra também implica em uma vigilância constante e na presença protetora de Cristo, não só sobre Éfeso mas sobre todas as igrejas.

2. *Obras* é um termo amplo, indicando, não somente boas ações, mas todo o comportamento e maneira de viver. Duas palavras, *labor* e *perseverança*, estão apostas a “obras”. As boas obras dos efésios consistiam na oposição firme aos falsos mestres que tinham surgido na cidade (veja At 20:29-30), e na sua recusa persistente em deixar-se levar pelos seus ensinamentos. As suas boas obras são descritas ainda pela afirmação de que eles *não podem suportar homens maus*. Isto não se refere à conduta condenável dos seus vizinhos profanos, mas aos falsos mestres na igreja.

Eles *puseram à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são*. Em sua análise cuidadosa eles *os acharam mentirosos*. Estas palavras são reflexo de uma situação dos tempos neotestamentários totalmente diferente da que predomina na igreja organizada moderna. Na igreja primitiva surgiram muitos pregadores e mestres itinerantes que diziam ser arautos do Espírito Santo, e que falavam da parte de Deus. Quando Paulo advertiu os tessalonicenses que não apagassem o Espírito (1 Ts 5:19) ele estava reconhecendo a validade do dom da profecia. Mas era necessário “provar os espíritos” (1 Jo 4:1; veja 1 Ts 5:20), para descobrir se estes mestres realmente transmitiam a palavra de Deus.

Além dos falsos profetas havia homens que diziam ser apóstolos. Não é fácil solucionar a questão da função dos apóstolos na igreja primitiva, mas parece ter havido dois tipos de apóstolos: os primeiros doze, que mantiveram uma função distinta (21:14), e um número maior, indeterminado, que eram missionários itinerantes, como Paulo, Tiago, Barnabé, Silas, Andrônico e Júnias (At 14:14; 1 Co 15:7; Gl 1:19; Rm 16:7). Entre este grupo mais amplo havia falsos apóstolos, que se aproveitavam da sua posição (autoproclamada) de apóstolos para objetivos egoístas e não para a edificação da igreja; falsos apóstolos eram alguns dos principais opositores de Paulo na igreja de Corinto (2 Co 11:5, 13; 12:11).

A igreja de Éfeso mereceu destaque porque sabia distinguir entre apóstolos falsos e verdadeiros, e porque se recusava a tolerar os que eram falsos. O fato de Inácio elogiar os efésios porque ensinamentos falsos não recebiam acolhida entre eles (Inácio, *Efésios* 19) comprova que esta característica da igreja estava firmemente enraizada.

3. A sua perseverança e as provas que eles suportavam pelo nome de Cristo indicam que o problema de falsos mestres que estes cristãos de Éfeso enfrentavam não era uma crise temporária, mas uma prova dura da sua lealdade ao evangelho. Temos aqui uma igreja que se destacava por sua pureza de doutrina.

4. Apesar de sua luta com os falsos mestres não ter afetado sua doutrina sadia, ela teve sérios efeitos sobre alguns aspectos da sua conduta cristã; tinha-os levado a *abandonar o seu primeiro amor*. Este era um fracasso que atacara sua vida cristã pelas bases. O Senhor tinha ensinado que o amor mútuo devia ser a marca que identificasse a comunhão dos cristãos (Jo 13:35). Os convertidos em Éfeso tinham experimentado este amor nos primeiros anos de sua nova existência; mas a sua luta com os falsos mestres e seu ódio por ensinos heréticos parece que trouxeram endurecimento aos sentimentos e atitudes rudes a tal ponto que levaram ao esquecimento da virtude cristã suprema que é o amor. Pureza de doutrina e lealdade não podem nunca ser substitutos para o amor.

5. A perda do amor não era um assunto sem importância; é tratado como que envolvendo uma queda da vida cristã. Os efésios são advertidos a que se *lembrem* do calor da sua primeira experiência cristã, que se *arrependam* por terem caído no pecado, e que *façam as obras* que faziam antes, isto é, obras de amor. Paulo tinha escrito aos coríntios que todas as coisas boas feitas em nome de Cristo são sem valor se não forem motivadas pelo amor (1 Co 13:1-3). Se os efésios não se arrependessem, Cristo *viria e moveria o candeeiro deles do seu lugar*. Alguns intérpretes vêem aqui uma referência ao julgamento por ocasião da segunda vinda de Cristo, mas é mais provável que estas palavras se refiram a algum tipo de acontecimento histórico que seja julgamento para a igreja, destruindo-a de modo que deixe de existir como igreja.

6. Os falsos mestres de Éfeso são definidos como *nicolaítas*. Estes eram uma seita herética dos primeiros tempos da igreja, da qual nada sabemos fora do Apocalipse. Já os antigos pais da igreja, a começar com Irineu, especularam que a seita herética fora fundada por Nicolau, prosélito de Antioquia (At 6:5), que era um dos sete. Mas não temos nenhuma confirmação para esta suposição. João se refere mais uma vez a estes falsos mestres na carta a Pérgamo, onde ele dá mais informações sobre eles.

As quais eu também odeio: A exortação para recuperar o primeiro amor não implica em relaxamento doutrinário. O ódio que os efésios tinham pela doutrina falsa em si é admirável, porque o próprio Cristo glorificado expressa seu ódio por este tipo de ensino herético. O que está sendo repreendido é a influência da luta com a heresia.

7. Cada uma das sete cartas é encerrada com esta exortação de ouvir o que o profeta escreve. Nela João não está se dirigindo só à igreja local, mas

a toda a comunidade cristã. A ênfase no ouvir e não no ler indica que o Apocalipse foi escrito para ser lido no culto público.

O *Espírito* é o Espírito de Cristo (Rm 8:9), que interpreta a voz de Cristo (2:1) para o profeta. O Novo Testamento estabelece um relacionamento íntimo entre o Cristo glorificado e o Espírito Santo — tão íntimo que Paulo pode dizer: “O Senhor é o Espírito” (2 Co 3:17). O Cristo glorificado fala com sua igreja através do Espírito, e a voz é ao mesmo tempo do Espírito e de Cristo.

A carta conclui com uma promessa ao *vencedor*, que ecoa em cada uma das sete cartas. Apesar de o Apocalipse predizer a terrível dominação do mal nos últimos dias na pessoa do Anticristo, na realidade ele é uma profecia das vitórias que Cristo e sua igreja conquistarão. Onde há vitórias, tem de haver guerras. A vida cristã é uma guerra sem tréguas contra os poderes do mal. A vitória não é física ou do mundo; é uma vitória igual à que o próprio Cristo conquistou, mesmo envolvendo sua morte na cruz. “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono” (3:21). Uma visão posterior ao surgimento da besta e à sua perseguição feroz da igreja mostra os mártires diante do trono de Deus, cantando um hino de louvor a Deus com harpas em sua mão; eles são descritos como “os vencedores da besta” (15:2). Em outras palavras, o seu próprio martírio foi sua vitória, porque tinham vencido todos os esforços satânicos para desviar sua lealdade e devoção de Cristo, e tinham permanecido fiéis. O vencedor, então, é a vítima da perseguição; sua morte na verdade não é perda, mas vitória. O amor e a lealdade a Cristo vencerão o medo do sofrimento e da morte.

O vencedor recebe a promessa de que se *alimentará da árvore da vida*. O Apocalipse fecha com uma bem-aventurança sobre os que têm “direito à árvore da vida” (22:14). Esta é a linguagem bíblica para expressar a promessa de vida eterna no Reino de Deus, quando este estiver estabelecido; não é uma bênção especial que só um grupo de cristãos recebe; todos os crentes terão seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro (20:15; 21:27). Então por que parece que João está fazendo esta promessa de vida eterna ser uma bênção só para os vencedores? A resposta é que em princípio cada discípulo de Jesus tem de ser um mártir, pronto a entregar sua vida por sua fé. O próprio Jesus ensinou mais de uma vez que os que querem segui-lo devem estar dispostos a tomar sobre si a sua cruz (Mc 8:4; Mt 10:38), e a cruz não é nada menos que um instrumento para matar. O Apocalipse retrata uma luta de vida e morte entre o Cristo e o Anticristo pelos corações dos homens; e o vencedor é aquele que permanece incondicionalmente leal ao seu Senhor, mesmo se isto lhe custar a vida.

Paraíso é a palavra que a Bíblia usa para descrever o lugar onde Deus mora. Paulo disse que foi levado em êxtase ao paraíso, onde ouviu coisas maravilhosas (2 Co 12:2). Nesta passagem o paraíso equivale à

Jerusalém celestial que descera do céu à terra quando do estabelecimento do Reino de Deus, quando o próprio Deus morará entre os homens (21:10; 22:4).

(2) A carta a Esmirna (2:8-11).

8. *Esmirna* ficava a uns cinquenta e cinco quilômetros ao norte de Éfeso, e era, como esta, um ponto marítimo próspero. Sua riqueza e prosperidade fizeram com que ela disputasse com Éfeso a honra de ser a principal cidade da Ásia. Esmirna tinha ajudado Roma muito antes desta se tornar uma potência mundial, e tão cedo como 195 a.C. já tinha erigido um templo à deusa Roma. Naturalmente isto fazia de Esmirna um lugar de adoração ao imperador, e em 26 a.C., quando diversas cidades competiam pela honra de construir um templo ao imperador Tibério, somente Esmirna obteve este privilégio. Isto aumentou sua pretensão de ser a primeira cidade da Ásia.

A carta deixa transparecer que Esmirna contava com uma colônia substancial de judeus agressivamente hostis contra os cristãos, com influência considerável junto às autoridades civis. Alguns anos mais tarde os judeus se ajuntaram aos pagãos para formar uma multidão e pedir a morte do bispo da igreja, Policarpo. Participaram ativamente do seu martírio na fogueira e impediram que os cristãos se apoderassem dos seus restos mortais (*O Martírio de Policarpo*).

Não sabemos quando e por quem a igreja foi fundada. Podemos supor que ela é fruto da atividade missionária de Paulo na Ásia, com centro em Éfeso (At 19:10). Parece que a igreja era saudável e próspera espiritualmente, porque a carta não contém nenhuma palavra de crítica ou condenação.

A descrição de Cristo repete palavras da visão inicial, em 1:17: *Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver*. Estas palavras dão a entender que algumas pessoas da igreja estavam ameaçadas de perseguição e possível martírio; diante desta perspectiva, a igreja é animada com a certeza de que o Senhor venceu a morte.

9. *Conheço a tua tribulação, a tua pobreza, mas tu és rico*. Esta afirmação está em franco contraste com a igreja de Laodicéia, que dizia ser rica, mas na verdade era pobre (3:17). Tribulação e pobreza parecem estar relacionadas, e podemos supor que a pobreza dos esmirneanos não advinha somente da sua situação econômica normal, mas do confisco de propriedades, de bandos hostis que os saqueavam e da dificuldade de ganhar a vida em um ambiente hostil. A carta aos Hebreus se refere a uma perseguição de cristãos que envolvia saque das propriedades (Hb 10:34).

A condição espiritual da igreja de Esmirna está em contraste com a sua situação econômica. Espiritualmente eles eram ricos, apesar de sofrerem pobreza econômica.

Blasfêmia é tradução incorreta da palavra grega. O significado literal da palavra grega é este, mas não se refere a blasfêmias contra Deus mas a acusações caluniosas contra homens. Não temos informações históricas para reconstruir com precisão no que implicavam estas calúnias, mas um escrito um pouco posterior, *O Martírio de Policarpo*, nos dá algumas indicações quanto a que difamações seriam estas. Depois de Policarpo se recusar a renunciar à sua fé cristã e a jurar pelo espírito de César, uma multidão de pagãos e judeus “gritou com ira incontrolável, em alta voz: Este é o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o destruidor dos nossos deuses, que ensina que ninguém deve oferecer sacrifícios e adorar” (xii. 2). Os primeiros sinais deste tipo de problema na igreja primitiva vemos quando Paulo foi acusado pelos judeus, diante das autoridades de Tessalônica, de ter “transtornado o mundo” e de “proceder contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei” (At 17:6, 7). Esta acusação criou uma situação tão perigosa que Paulo achou melhor deixar Tessalônica. Podemos concluir que os judeus em Esmirna também acharam provas para acusar os cristãos diante das autoridades romanas de terem violado supostamente a lei romana.

Os que a si mesmos declaram judeus e não são. Os judeus são claramente os opositores da igreja. Expressando-se desta forma João faz uma distinção importante entre judaísmo interior e exterior. Estes “judeus” sem dúvida são judeus por raça e por religião, que se reúnem na sinagoga para adorar o Senhor. Mas na verdade interiormente eles não são judeus, porque rejeitaram Jesus, o Messias, e confirmavam esta rejeição perseguindo a igreja. Então, quem são os judeus verdadeiros? João não nos dá uma resposta explícita, mas a implicação é clara: os verdadeiros judeus são o povo do Messias. Paulo diz a mesma coisa com muita clareza: “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não segundo a letra” (Rm 2:28-29). Que este “judaísmo de coração” não está limitado a judeus crentes mas inclui gentios crentes fica claro no que Paulo escreveu aos filipenses: “Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus” (Fp 3:3). Temos de concluir, então, que João faz uma distinção real entre o Israel literal — os judeus — e o Israel espiritual — a igreja.

Sinagoga de Satanás. Em todo o mundo helenístico os judeus se reuniam no sábado para adorar a Deus em suas sinagogas. Em suas viagens missionárias pela Ásia Menor e pela Grécia, Paulo ia sempre às sinagogas judaicas para proclamar Jesus como o Messias. Mas já que os judeus rejeitaram seu Messias eles não são mais sinagoga do Senhor mas na verdade sinagoga de Satanás. “Sinagoga” é usado uma vez no Novo Testamento para uma reunião cristã (Tg 2:2).

10. Os judeus tinham tanta influência junto às autoridades romanas que algum tipo de perseguição estava iminente. Alguns cristãos seriam

jogados na *prisão*. No mundo antigo a prisão não era um tanto lugar de castigo, mas de detenção antes do julgamento. O julgamento podia resultar favorável à defesa ou em algum tipo de castigo, inclusive morte.

Postos à prova. Prisão e morte possível eram identificadas como obra do *diabo*, e implicavam em uma prova da validade da fé cristã. Todos que diziam ser discípulos de Jesus tinham de estar dispostos a ir para a prisão e, se necessário, deixar sua vida pelo seu Senhor. O martírio seria prova indubitável da realidade desta fé. Todos os cristãos tinham de ser *fiéis até à morte*.

O número *dez dias* não tem nenhum significado simbólico especial além de indicar um período relativamente curto de perseguição. João, no caso dos esmirneanos, não prevê uma perseguição mundial, mas local e de curta duração.

Como no versículo 7, a *coroa da vida* não é uma promessa de recompensa especial para os mártires. Todos os que pertencem a Cristo receberão uma coroa da vida. Deus prometeu sua coroa a todos os que o amam (Tg 1:12). A figura da coroa não vem da monarquia, mas dos jogos atléticos. Os competidores lutavam "para alcançar uma coroa (é usada a mesma palavra grega) corruptível; nós, porém, a incorruptível" (1 Co 9:25). João introduziu a promessa da coroa da vida neste contexto para lembrar os esmirneanos de que apesar de sofrerem morte física eles tinham certeza do prêmio da vida eterna. A coroa mesma é a vida eterna.

11. A segunda morte. A primeira morte é a morte do corpo que atinge tanto a crentes como a incrédulos. A *segunda morte é a morte eterna*. A frase aparece de novo em 20:6, 14 e 21:18, onde o destino dos perdidos é descrito em termos de um lago de fogo e enxofre. Jesus já tinha ensinado: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10:28).

(3) A carta a Pérgamo (2:12-17).

12. Pérgamo comercialmente não era tão importante como Éfeso e Esmirna, mas mesmo assim era importante como centro político e religioso. Começou a se destacar depois da morte de Alexandre o Grande em 333 a.C. Átalo III, o último rei de Pérgamo, passou o reino a Roma em seu testamento, e Pérgamo se tornou a capital da província romana da Ásia. Foi também a primeira cidade da Ásia que incentivou abertamente o culto ao imperador. No ano 29 a.C. foi dedicado um templo "ao divino Augusto e à deusa Roma", e desta maneira Pérgamo se tornou o principal lugar de adoração ao imperador na Ásia. Com o passar do tempo esta adoração ficou sendo uma prova de lealdade a Roma, pois o culto ao imperador era o ponto central da política do Império, e a recusa a tomar parte no culto oficial era considerada alta traição.

Pérgamo era também o centro de culto a muitos outros deuses. Na cidade havia uma acrópole de uns 300 metros de altura com muitos templos a deuses pagãos. No topo havia um bonito templo dedicado a Zeus, tendo ao lado um templo da deusa Atenas. Pérgamo também era o centro do culto a Asclépio, o deus-serpente das curas, e seu colégio de sacerdotes-médicos era famoso. Pérgamo, assim era uma fortaleza das religiões pagãs e do culto ao imperador, um ambiente extremamente difícil para uma igreja cristã.

Cristo é representado como *aquele que tem a espada afiada de dois gumes*, uma alusão à visão de Cristo em 1:16. Neste caso a espada é a palavra de julgamento pronunciada sobre uma igreja que começou a relaxar em sua atitude diante das práticas pagãs (v. 16).

13. Há diversas explicações para a frase *onde está o trono de Satanás*. Possivelmente ela se refere ao destaque da cidade como centro religioso pagão. Pode também se referir ao culto a Escclépio, o deus-serpente das curas, pois o seu símbolo lembra Satanás aos cristãos. Pode ainda se referir ao altar de Zeus na acrópole que dominava a cidade. Mas é mais provável que João usou esta frase porque o Pérgamo era o centro do culto ao imperador, que estava se transformando no maior perigo para a igreja cristã.

Conservas o meu nome. Apesar de a igreja estar cercada de tantos deuses pagãos, os crentes de Pérgamo são elogiados por não se desviarem do seu Senhor. Devemos ter em mente que a maioria dos convertidos de Pérgamo veio do paganismo, sofrendo sem dúvida fortes pressões sociais e religiosas para abandonar a Cristo e voltar às práticas pagãs.

Não negaste a minha fé. O tempo verbal aponta para uma situação definida do passado recente que desafiou membros da igreja a negar sua fé em Cristo. Não sabemos se houve perseguição por deslealdade a Roma, mas em todos os casos houve um mártirio, e *Antipas, minha testemunha, meu fiel*, tinha sido morto por sua fidelidade ao seu Senhor. À parte deste versículo não temos nenhuma informação sobre Antipas, não sabemos se ele foi morto por um levante popular ou em decorrência de uma sentença judicial das autoridades locais. O tom da carta sugere esta última possibilidade. Se este foi o caso, Antipas foi um dos primeiros mártires morto por oficiais romanos por se recusar a cultuar o imperador. Mas fica claro que Roma ainda não tinha adotado uma política de procura dos que se negavam a cultuar o imperador, para executá-los.

A palavra grega para "testemunha" é martyrs, que mais tarde ficou com a conotação de mártir. Talvez neste contexto já tenha este significado. Em 17:6 a mesma palavra é traduzida às vezes por "os mártires de Jesus". O testemunho mais eficiente do cristão é ser fiel ao seu Senhor até à morte e ao marírio.

14. *Tenho, todavia, contra ti algumas coisas.* Os cristãos de Pérgamo tinham conservado o nome de Jesus e não renunciaram à sua fé nele sob a pressão de perseguição iminente, mas eles deixaram que a moral dos

pagãos os influenciasse. Um grupo em Pérgamo começara a sustentar a *doutrina de Balaão*. Balaque, rei de Moabe, sentindo-se ameaçados pelos israelitas, pedira ao profeta Balaão que os amaldiçoasse. Deus impediu isto, e, para desgosto de Balaque, Balaão os tinha abençoado e não amaldiçoado (Nm 22:24). Mas depois disto Israel deixou-se envolver em prostituição e no culto idólatra de Baal-Peor (Nm 25:1-3), pecado que foi atribuído ao conselho de Balaão (Nm 31:16). No nosso texto Balaão está no lugar dos que promovem a liberalidade quanto à idolatria e imoralidade, à moda dos pagãos.

A frase *comer coisas sacrificadas aos ídolos* temos de entender no seu contexto. "Comida sacrificada a ídolos" no grego é uma palavra só. Pode se referir tanto à carne comprada no mercado, que antes fora sacrificada em algum templo pagão e depois vendida ao mercado, como a festas organizadas nos templos em honra aos diversos deuses. O problema com a carne que os cristãos compravam no mercado público tinha surgido em Corinto, e Paulo se estendeu sobre o assunto, dizendo que nada é em si impuro, e, enquanto alguém não tiver problemas de consciência, não há nada de errado em comer esta carne (1 Co 8:7-13). Ao mesmo tempo Paulo diz que é impossível beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios (1 Co 10:21), referindo-se neste caso sem dúvida à participação nas festas nos templos, que implicavam na adoração do deus em questão. Parece que esta é a situação em Pérgamo. Seria difícil entender esta proibição como sendo contra a compra de carne no mercado público; refere-se, isto sim, à participação ativa nas festas em honra a deuses pagãos. Provavelmente o argumento de que o cristão sabe que estes supostos deuses na realidade não existem, não havendo assim mal em participar das festas nos templos, já fora dito antes. Pode-se participar destas festas pagãs sem deixar de ser fiel a Cristo, desde que a pessoa não reconheça a existência destes supostos deuses.

Alguns intérpretes pensam que as palavras *praticar a prostituição* são sinônimos de adorar os ídolos, no sentido de prostituição espiritual, idéia que aparece muito no Antigo Testamento (Is 1:21; Ez 23:37). Mas também é possível que elas se refiram a prostituição física. Os gregos e os romanos não consideravam a frouxidão dos padrões morais um pecado muito grave. A decisão do primeiro concílio da igreja, em Jerusalém (At 15), reunido para deliberar sobre o relacionamento entre cristãos judeus e não-judeus, ilustra isto. Uma das advertências aos cristãos não-judeus era que se abstivessem da devassidão, das relações sexuais ilícitas (At 15:20). Do ponto de vista da cultura ocidental isto parece estranho, porque nós assumimos quase automaticamente que um cristão viva por um padrão moral elevado. Mas no mundo antigo não era assim. Perto de Antioquia, onde surgiu a primeira igreja de gentios, havia um lugar muito bonito chamado Dafne, enfeitado com construções espaçosas e tendo no meio um templo dedicado a Apolo e Diana. Ao redor do templo havia um bosque exposto de ciprestes e louros, embelezado com muitas fontes. Em pouco tempo o lugar era o recanto para repouso preferido dos

ricos de Antioquia, e até governadores romanos gostavam de ir lá. Dafne era famoso por seu grupo de prostitutas sagradas, e a frase *daphnici mores* (costumes de Dafne) ficou sendo sinônimo de práticas imorais. Neste ambiente pagão é bem possível que em Pérgamo surgiu um grupo que defendia uma atitude liberal quanto aos costumes pagãos, inclusive festas nos templos e imoralidade sexual.

15. A doutrina dos nicolaítas. A maneira de expressar dá a idéia de que os nicolaítas não são uma outra seita, mas um termo mais específico para a "doutrina de Balaão". A heresia nicolaíta é que promovia liberalismo quanto às práticas pagãs.

16. Portanto, arrepende-te, da atitude liberal diante dos nicolaítas. Toda a igreja é chamada ao arrependimento de um pecado pelo qual só alguns eram culpados. O pecado dos efésios era intolerância rude; o pecado da igreja de Pérgamo era tolerância e liberalismo.

Venho a ti sem demora. Como no versículo 5 esta referência provavelmente não é à segunda vinda de Cristo, quando os verdadeiros crentes terão acesso à árvore da vida (v. 7) e receberão a coroa da vida (v. 10), mas a algum evento histórico que trará julgamento a toda a igreja.

17. Ao vencedor, aos que se opõem aos ensinados dos nicolaítas e permanecem fiéis a Cristo, é prometida uma recompensa.

Maná escondido. Os pensamentos de João foram levados ao maná talvez por causa da alusão a Balaão, porque no tempo dele Israel era alimentado com maná. De acordo com a tradição hebraica um vaso com maná foi preservado na arca (Êx 16:32-34; Hb 9:4), e quando o templo foi destruído, Jeremias (2 Mac. 2:4ss) ou um anjo (Apoc. Baruque 6:5-10) salvou a arca com o maná, e eles foram preservados milagrosamente até os tempos messiânicos, quando o maná se tornaria de novo o alimento do povo de Deus. João faz uma metáfora da idéia, para indicar a admissão à festa messiânica, chamada em outra passagem de ceia das bodas do Cordeiro (19:9). O maná está escondido talvez por ter sido posto em um vaso de ouro e "colocado diante do Senhor" (Êx 16:33); ou porque agora está guardado na presença de Deus, mas destinado a ser revelado no tempo messiânico.

Uma pedrinha branca. No mundo antigo pedras brancas tinham muitas utilidades. Uma pedra branca significava absolvição por um júri, uma pedra preta condenação. Usava-se pedras brancas como bilhetes de entrada em festivais públicos. Este é o significado que melhor cabe no contexto. A pedra branca é o símbolo da admissão à festa messiânica.

Não está claro se o *novo nome* é o nome de Cristo ou um novo nome dado a quem tem a pedra. Em qualquer dos casos ele significa a certeza de poder entrar no banquete messiânico.

(4) A carta a Tiatira (2:18-28).

18. *Tiatira* era das sete cidades da Ásia a menos importante; não era nenhum centro político ou religioso, e tinha somente alguma importância comercial. Tinha poucos templos, não era um lugar onde o imperador fosse muito cultuado, nem tampouco o Estado. Também não tinha muitos judeus em Tiatira para perturbar a igreja. A cidade merece algum destaque por causa das suas corporações de comércio, das quais sabemos muita coisa por meio de inscrições. Uma destas corporações comerciava vestimentas de púrpura, e é provável que Lídia era uma representante desta corporação em Filipos (At 16:14). Estas corporações promoviam almoços que provavelmente eram dedicados a algum deus pagão, e é deste lado que os cristãos tiveram problemas em Tiatira. Seria quase impossível alguém trabalhar em comércio ou indústria nesta cidade sem estar filiado à corporação correspondente, e é claro que surgiu a pergunta se os cristãos podem participar destes almoços. Muitos cristãos talvez tenham dito que aqueles deuses na verdade nem existiam, de modo que participar de um almoço não comprometeria seu testemunho cristão. A questão se complicava porque muitas vezes estas festas terminavam em licenciosidade desenfreada. O problema é o mesmo de outras igrejas. Éfeso tinha-se declarado contra qualquer solução de compromisso com as práticas pagãs; em Pérgamo um pequeno grupo dentro da igreja tinha defendido a participação total da vida social dos pagãos. Em Tiatira, como veremos, o problema assumiu uma forma nova e perigosa.

O Filho de Deus. Esta é a única vez que este título aparece no Apocalipse, mas Deus é chamado de Pai de Cristo em 1:6; 2:27; 3:5, 21 e 14:1. Somente em 21:7 Deus é chamado de Pai dos crentes. O título talvez anuncie o Salmo 2, que é citado no versículo 27.

Quem tem os olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao bronze polido. Esta alusão a 1:14 mostra Cristo como aquele que tem olhos faiscantes de raiva e que está pronto para pisar com os pés os inimigos da fé cristã. Este quadro severo nos prepara para as palavras igualmente severas dos versículos 26-27.

19. *Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança.* Provavelmente as quatro palavras de reconhecimento são explicativas das boas obras desta igreja. É possível que o serviço seja a manifestação do amor, a perseverança a da fé. Temos aqui uma igreja com muito a elogiar. Seu amor não esfriou como o dos efésios, e a vasta maioria dos membros da igreja deixou sua fé levá-los à perseverança diante dos problemas que a igreja enfrentava em um ambiente pagão.

As tuas últimas obras são mais numerosas que as primeiras. Esta igreja evidenciou crescimento admirável nas virtudes cristãs; seu amor e sua fé tinham aumentado com rapidez.

20. *Tu toleras essa mulher, Jezabel.* O problema desta igreja era que ela tolerava maus ensinamentos, apesar de a maioria estar crescendo no amor e

na fé. Tinha surgido uma mulher na igreja que era como Jezabel. Da mesma forma como Jezabel, a rainha de Acabe, tinha apoiado a idolatria (1 Rs 16:31) esta mulher estava desviando alguns da fé com seus ensinamentos perniciosos.

Que a si mesma se declara profetisa. Os profetas gozavam de alto conceito na igreja primitiva, e são mencionados em relacionamento estreito com os apóstolos (1 Co 12:28; Ef 4:11). Em Rm 12:6 a profecia é o primeiro da lista dos dons do Espírito. A função principal do profeta não era a de predizer acontecimentos futuros, apesar de isto fazer parte (At 11:27); ele era antes um mestre inspirado. Não nos esqueçamos que a igreja primitiva não possuía o Novo Testamento, como nós, com seu relato inspirado das palavras e dos atos de Cristo, o significado da sua morte e ressurreição. Para suprir em parte esta necessidade de ensino confiável o Espírito Santo iluminava profetas para comunicar a palavra de Deus. Paulo nos dá um relato extenso da função dos profetas em 1 Co 14. Junto com os apóstolos os profetas eram o veículo humano para a revelação da verdade divina (Ef 3:5). Esta Jezabel dizia ser profetisa, com revelações especiais da parte de Deus que a qualificavam como mestre com autoridade. É óbvio que ela era membro da igreja e que procurava seguidores entre os cristãos de Tiatira.

Tolas. O problema em Tiatira era uma tolerância que não era sã. Eles reconheciam a existência de uma profetisa falsa; reconheciam também o caráter maléfico de seu ensino, mas em sua tolerância se negavam a lidar com ela. A situação é oposta à de Éfeso. Os efésios tinham provado os que se diziam apóstolos e rejeitado os pseudo-apóstolos, mas este conflito os fez rudes e críticos. Aqui temos uma igreja com muito e crescente amor e fé, que tolera falsos profetas em seu próprio prejuízo.

Tolas que ela não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. O erro desta Jezabel é o mesmo dos nicolaítas em Pérgamo: adaptação completa aos costumes pagãos. O problema em Tiatira era tão grave porque a filiação às corporações de comércio envolvia a participação em refeições no estilo dos pagãos, que muitas vezes levavam a imoralidade.

21. Dei-lhe tempo para que se arrependesse. Não há dúvida que estas palavras se referem a algum incidente no passado desconhecido para nós, quando Deus usou alguma situação para repreender a falsa profetisa e levá-la ao arrependimento. Talvez o próprio João serviu na igreja de Tiatira e repreendeu esta mulher, sem resultados.

22. Eis que a prostro de cama. No grego diz somente "cama" mas a tradução correta deve incluir a idéia do Antigo Testamento que implica em doença (Êx 21:18). A intenção de João talvez seja de fazer um contraste entre leito de enfermidade e leito de prostituição. Deus promete punir Jezabel aflagindo-a com alguma doença física.

Em grande tribulação. Encontramos aqui paralelismo poético hebraico prometendo as mesmas dificuldades aos que aceitaram os ensinamentos da mulher e tentaram ajustar seu modo de vida de cristãos às práticas que deles se esperava como membros das corporações de comércio.

23. *Matarei os seus filhos.* O texto faz distinção entre os que praticam adultério com a profetisa e os que são chamados de seus filhos. A punição para estes é muito mais severa que para os outros: a morte. Parece que João quer que nós façamos distinção entre os que ainda estão lutando com o problema de como ser leal a Cristo adaptando-se ao mesmo tempo completamente aos costumes sociais e comerciais ao seu redor, e aqueles que se entregaram sem reservas ao ensino da falsa profetisa. Alguns comentaristas acham que, "seus filhos" significa literalmente sua descendência física, mas isto não parece provável.

Todas as igrejas conhecerão. Temos de concluir que esta Jezabel falsa era amplamente conhecida nas igrejas da Ásia; Deus promete um julgamento que será um testemunho óbvio do fato de que *eu sou aquele que sonda mente e corações*.

24. João prossegue com uma promessa de segurança à maioria da igreja, aos que *não tem esta doutrina* da falsa profetisa, apesar de tê-la tolerado. Seu ensino é chamado de *as coisas profundas de Satanás*. Alguns intérpretes acham que a falsa Jezabel alegava que seu ensino levaria seus discípulos a conhecerem os mistérios de Satanás. Parece antes que João escreveu com ironia; como profetisa ela alegava que levaria seus seguidores a conhecerem os mistérios de Deus (1 Co 2:10, Rm 11:33, Ef 3:18), mas na realidade não conseguia isto; as coisas profundas eram de Satanás, não de Deus.

As palavras *outra carga* nos deixam num beco sem saída, porque o contexto não esclarece que carga João está pondo sobre seus leitores. Muitos intérpretes vêem aqui uma alusão ao decreto do concílio de Jerusalém em Atos 15, que inclui proibições quanto a comer carne oferecida a ídolos e a imoralidade. Esta interpretação é provável, quer João tenha tido o decreto de Atos em mente ou não.

25. *Tão somente conservai o que tendes.* Em vez de acrescentar uma nova lista de exigências aos crentes de Tiartira, Cristo somente os exorta a continuar em sua fidelidade na vida cristã e a evitar as festas pagãs com sua imoralidade.

26. *Ao vencedor, e ao que guardar as minhas obras.* O cristão vitorioso que não aceita o ensino da profetisa falsa deve guardar as obras do próprio Cristo, isto é, os seus mandamentos.

Autoridade sobre as nações. A idéia que apareceu primeiro em 1:6 fica mais explícita nesta passagem: os santos governarão as nações junto

com Cristo. Os santos são um reino porque participarão do reino que tem Cristo por rei. Cristo prometeu a seus discípulos que eles herdariam a terra (Mt 5:5). Ele prometeu aos doze que no novo mundo eles estariam sentados em doze tronos julgando as doze tribos de Israel (Mt 19:28); a mesma promessa é repetida em Lc 22:30. Na afirmação de Paulo de que os santos julgarão o mundo (1 Co 6:2) encontramos a mesma idéia básica. A interpretação pré-milenista de 20:4 vê o cumprimento desta promessa no reino messiânico temporal que haverá entre a *parousia* (segunda vinda, 19:11-16) e a nova época quando o novo céu e a nova terra substituirão o velho sistema (21:1ss).

27. Com cetro de ferro as regerá. Estas palavras explicam detalhadamente o poder que o vencedor terá sobre as nações. O vencedor recebe a promessa de que participará das funções do próprio Messias: "Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro" (S1 2:9). Esta frase é repetida ainda na visão da vinda de Cristo: "Ele mesmo as regerá com cetro de ferro" (19:15; veja também 12:5). No texto grego surge um problema, porque na Septuaginta a palavra que traduz o hebraico "quebrar", "despedaçar", "reger", basicamente significa "apascentar um rebanho", e tem muitas vezes o sentido de governar com a idéia de proteção e preservação (veja Mt 2:6; Jo 21:16; Ap 7:17). Mas no presente contexto não pode haver dúvidas quanto ao significado desta palavra, porque a frase seguinte a explica: *as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro*. O estabelecimento efetivo do Reino de Deus não pode ocorrer sem a destruição de todos os poderes hostis e recalcitrantes. A nova época não pode ser apresentada sem que a velha época ceda o lugar, a época caída e pecadora com seus exércitos rebeldes. De algum modo que a Escritura não esclarece, os seguidores do Messias deverão participar do seu triunfo sobre as nações hostis.

28. Assim como também eu recebi (autoridade) de meu pai. O governo vitorioso do Messias é um presente que ele recebe de seu Pai em virtude de seus sofrimentos, morte e ressurreição (Fp 2:9-11).

Dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Esta expressão é obscura. É possível que se refira a passagens como Dn 12:3, onde é prometido aos "que a muitos conduzirem à justiça" que brilharão "como as estrelas sempre e eternamente". Se este é o caso, então esta é uma promessa da glória que será conferida ao vencedor. O fato de que a estrela é *da manhã* pode se referir ao seu destaque no céu (Jó 38:7). Olhando para o fato de que 22:16 fala que Cristo é a brilhante estrela da manhã, muitos comentadores acham que isto é uma promessa de que o próprio Cristo será dado ao vencedor; mas esta idéia é difícil.

(5) A carta a Sardes (3:1-6).

1. A glória de *Sardes* estava no seu passado. No sexto século a.C. a cidade tinha sido a capital do reino da Lídia, e mais tarde um centro de governo dos persas. Nos tempos do Novo Testamento ela estava reduzida a relativa obscuridade. Seu único destaque era que nela se encontravam diversas estradas romanas grandes, e ela era um importante centro industrial de produtos de lã e tinturaria. O culto mais importante em Sardes era o a Cibele, a deusa de uma das mais famosas religiões de mistério da Ásia. Sardes também promovia com zelo o culto ao imperador. O povo da cidade era conhecido por sua maneira de viver luxuosa e dissoluta. É significativo que a carta não diz nada sobre hostilidade dos judeus, perseguição pública ou ensino herético. O problema principal é uma profunda apatia espiritual, resultado talvez da despreocupação e do amor ao luxo que caracterizava a sociedade secular.

Os sete espíritos de Deus. Isto é uma alusão à plenitude do Espírito Santo, como em 1:4. O problema da igreja em Sardes era morte espiritual; Cristo é o que tem o Espírito Santo, o único que pode dar vida.

Como em 1:16 a frase *as sete estrelas* significa a preocupação e o cuidado que Cristo tem por suas igrejas. Mesmo estando a igreja em Sardes em uma triste acomodação espiritual, Cristo ainda cuidava dela.

Conheço as tuas obras. Observadores externos não podiam detectar a decadência espiritual da igreja em Sardes. Era uma igreja até mesmo conhecida por suas boas obras. Tinha *nome de que vive*, reputação de vida e vitalidade, mas à vista de Deus estava *morta*. Este é o quadro do cristianismo nominal, próspero externamente, ocupado com as coisas externas da atividade religiosa, mas sem vida e poder espiritual.

2. *Sê vigilante, e consolida o resto que estava para morrer.* A advertência “sê vigilante” é importante especialmente para Sardes, porque a cidade era uma acrópole inexpugnável que nunca fora conquistada em ataque direto; mas duas vezes na história da cidade ela foi tomada de surpresa por falta de vigilância da parte dos defensores. Esta advertência implica também em que a igreja não estava totalmente sem esperança. Ainda não era tarde para acordar da letargia espiritual; ainda havia um restinho de vida que podia ser avivado. Se o avivamento não viesse também este pequeno remanescente seria vítima da morte espiritual.

Não tenho achado íntegras as tuas obras na presença de meu Deus. Esta igreja era conhecida por suas boas obras aos olhos dos homens, mas condenáveis diante de Deus por serem imperfeitas. Eram incompletas, inadequadas. A igreja não sofria perseguição, não era perturbada por heresias, não era importunada por oposição de judeus, era conhecida como congregação cristã ativa e vigorosa, caracterizada por boas obras e atividade caritativa. Mas aos olhos de Deus todas estas atividades religiosas eram um fracasso porque eram somente formais e externas e não inspiradas pelo Espírito Santo que dá a vida. Temos aqui um exemplo

perfeito de cristianismo puramente nominal, que se destaca em todos os aspectos externos e formais, mas aos olhos de Deus é um fracasso completo.

3. Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido, guarda-o, e arrepende-te. João lembra à igreja suas primeiras experiências de amor e devoção a Cristo. Ele reconheceu o remanescente fiel que havia na igreja, e apelou à igreja toda que se lembrasse dos dias em que recebeu o evangelho, que conservasse sua devoção inicial e que se arrependesse da sua indiferença em que tinha caído.

Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerá de modo algum em que hora virei contra ti. Esta maneira de se expressar geralmente é usada para a segunda vinda de Cristo (16:15, Mt 24:43, Lc 12:39, 1 Ts 5:2; 2 Pe 3:10), e enfatiza não que o Senhor vem de repente mas que ele vem quando ninguém o espera. Paulo indica que esta será a experiência dos incrédulos, contrastada pela expectativa dos crentes: "Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que este dia como ladrão vos apanhe de surpresa" (1 Ts 5:4). Mas neste contexto a advertência se encaixa melhor em algum acontecimento histórico, quando o Senhor trouxe uma experiência inesperada sobre uma igreja letárgica, à guisa de julgamento divino. O fato de que o julgamento está condicionado ao arrependimento apóia esta interpretação, porque esta condição não está relacionada com a vinda do Senhor, necessariamente.

4. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas. O torpor espiritual em Sardes não tinha atingido a todos; ainda havia algumas pessoas que permaneciam leais a Cristo.

Pessoas que não contaminaram as suas vestiduras. Isto indica que a letargia espiritual dos cristãos de Sardes provinha da influência maléfica do ambiente pagão. A indiferença espiritual era causada pelo fato de que os cristãos desejavam adaptar-se à luxúria e aos prazeres do seu ambiente pagão, apesar de estarem efetuando boas obras e continuando com suas atividades cristãs.

Andarão de branco junto comigo. Alguns comentadores vêm nestas palavras uma referência à ressurreição corporal; mas parece mais que elas são uma promessa de vitória e pureza no Reino messiânico, quando os que permanecerem fiéis em uma sociedade pagã e corrupta experimentarão a comunhão completa com o Senhor (veja Sl 104:2; 7:9, 13).

5. De modo algum apagarei o seu nome do livro da vida. A metáfora do livro que está diante de Deus com os nomes dos santos aparece muitas vezes (Êx 32:32; Sl 69:28; Lc 10:20; Fp 4:3; Hb 12:23; 13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27). O livro da vida de Deus contém o nome dos santos assim como um registro civil contém o nome dos cidadãos vivos. A forma da promessa na nossa passagem dá certeza de salvação no Reino de Deus, quando este for estabelecido.

Confessarei o seu nome diante do meu Pai e diante dos seus anjos. Isto é um eco à promessa de Jesus aos seus discípulos: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também o confessarei diante de meu Pai que está nos céus.” (Mt 10:32; veja Lc 12:8).

(6) A carta a Filadélfia (3:7-13).

7. Filadélfia era a mais jovem das sete igrejas da Ásia. O culto pagão principal era o a Dionísio, mas o maior problema da igreja eram os judeus, e não tanto os pagãos. Parece que a igreja era saudável, porque a carta não tem nenhuma palavra de censura ou crítica. A igreja era fraca, com pouco poder (v.8), mas continuava sempre fiel a seu Senhor.

Estas coisas diz o santo. Em outras passagens do Apocalipse “o santo” é um título de Deus (4:8; 6:10), mas o Messias de Deus é chamado assim diversas vezes (Mc 1:24; Lc 4:34; Jo 6:69; 1 Jo 2:20), dando ênfase não tanto ao fato de que ele não tinha pecado, mas que ele era completamente dedicado a Deus.

O verdadeiro. A palavra “verdadeiro” ou “genuíno” tem dois significados diferentes. No contexto grego a palavra significa o que é real, que corresponde à realidade. Mas no contexto hebraico ela significa o que é fiel e confiável. No Antigo Testamento Deus é o “que mantém para sempre a sua fidelidade” (Sl 146:6), isto é, podemos confiar sempre que ele cumprirá suas promessas. Quando o Antigo Testamento fala do Deus verdadeiro isto acontece sempre no sentido de que ele é fiel (Êx 34:6) à sua promessa do pacto. Isaías fala do Deus em que podemos confiar porque ele cumpre a sua promessa, pelo qual, por isso, os homens podem jurar de cumprir a deles (Is 65:16). No contexto de Filadélfia “o verdadeiro” lembra o pacto que Deus fez com Israel nos tempos do Antigo Testamento e que ele agora cumpriu fielmente na igreja, em Jesus Cristo.

A chave de Davi podemos entender somente olhando para o Antigo Testamento. Em Isaías 22:22. Eliaquim recebeu a chave como novo administrador das coisas do rei e, já que assim ele era representante do rei, ele estava autorizado a exercer autoridade plena em nome do rei. A chave de Davi é a chave da casa de Davi — o Reino messiânico. O pano de fundo para esta frase era a afirmação dos judeus de Filadélfia de que eles eram o verdadeiro povo de Deus que tinha em seu poder a chave do Reino de Deus. João contradiz isto quando diz que a chave do reino, que havia pertencido a Israel, na verdade pertence a Jesus, o Messias davídico (5:5; 22:16), porque Israel perdera o direito sobre ela rejeitando seu Messias. Somente Cristo pode abrir a porta do Reino messiânico aos homens; Israel não mais.

Que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre. Esta frase é um comentário à chave de Davi. Cristo recebeu poder absoluto e exclusivo para permitir acesso e excluir do Reino de Deus. Só que Cristo repartiu este privilégio com sua igreja (Mt 16:16).

8. Conheço as tuas obras. Não há maiores detalhes destas boas obras. A igreja de Filadélfia era tão rica em boas obras que ela agradava ao Senhor. Mesmo tendo pouco poder, pouca influência e sendo pequena, ela só mereceu elogios e nenhuma crítica do Senhor.

Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta. Esta frase pode ser interpretada de duas maneiras. Partindo do contexto de que Cristo tem autoridade absoluta para abrir a porta do Reino de Deus, isto pode ser uma promessa de que a igreja tem entrada garantida no Reino de Deus escatológico, apesar do conflito óbvio travado com os judeus. *A qual ninguém pode fechar*, impedindo a igreja de assumir seu lugar no Reino de Deus. No Novo Testamento, no entanto, a idéia de porta aberta aparece diversas vezes para indicar uma porta de oportunidade, principalmente para a pregação do evangelho (1 Co 16:9; 2 Co 2:12; Cl 4:3; At 14:27). Não está longe a idéia de que Cristo pôs diante da igreja uma grande oportunidade de difundir o evangelho, apesar de ela ser pequena e fraca. Do ponto de vista do contexto, a primeira interpretação é preferível. Os judeus de Filadélfia eram agressivos em sua hostilidade em relação à igreja, e diziam que somente eles — Israel — tinham acesso à porta do Reino de Deus. Cristo assegura à sua igreja que os judeus não terão sucesso em seu propósito de fechar a porta do Reino de Deus para a igreja.

Sei que tens pouca força é a melhor tradução. A ênfase não está na pouca força que a igreja tem, mas no fato de que ela tem somente uma pequena força. Aparentemente esta igreja era pequena, fraca e sem influência.

Guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome. A igreja pouco tempo antes tinha passado por tempos de grandes dificuldades, provavelmente perseguida pelos judeus, durante os quais tinha permanecido fiel ao seu Senhor.

9. A sinagoga judaica, que se dizia sinagoga do Senhor, novamente é chamada de *sinagoga de Satanás*, como em 2:9.

Os que a si mesmo se declaram judeus, e não são, mas mentem. Mais uma vez João deixa claro que verdadeiros judeus não são os que vão à sinagoga para adorar a Deus, mesmo sendo judeus externamente, por raça e religião. A implicação clara é que verdadeiros judeus são os que o são por dentro, e não por fora (cf. Rm 2:28-29). A rejeição do seu Messias fez com que o povo judeu negasse o verdadeiro judaísmo espiritual.

Eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés. À primeira vista parece que estas palavras se referem a alguma humilhação de fato dos judeus de Filadélfia diante da igreja. Mas não há nenhum indício de estes judeus serem piores do que os que perturbavam as igrejas de outras cidades. E já que os versículos 10 e 11 contêm referências escatológicas, é provável que a frase se refira a uma salvação escatológica dos judeus.

No Antigo Testamento encontramos uma base ampla para esta idéia, com a diferença de que lá ela é retratada em termos de triunfo de

Israel sobre seus inimigos e de salvação dos gentios pela fé no verdadeiro Deus de Israel. “Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram, prostrar-se-ão até às plantas dos teus pés todos os que te desdenharam, e chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel” (Is 60:14). “Eles te farão as suas súplicas, dizendo: Só contigo está Deus, e não há outro que seja Deus” (Is 45:14). “Diante de ti se inclinarão com o rosto em terra e lambeirão o pó dos teus pés; saberás que eu sou o Senhor, e que os que esperam em mim não serão envergonhados” (Is 49:23). “As nações saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles” (Ez 37:28). “As nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante eles” (Ez 36:23). Estas, junto com muitas outras passagens, antevêem um dia em que Israel triunfará sobre as nações, às vezes expresso em termos de humilhação dos gentios diante de Israel, outras vezes em termos de conversão dos gentios à fé de Israel.

João reverte o quadro. Os judeus abdicaram do seu papel como povo de Deus, rejeitando o seu Messias. A igreja, em sua maioria composta de gentios, tomou o seu lugar como o judaísmo verdadeiro, e é agora o novo povo de Deus. Os judeus odeiam a igreja e muitas vezes a perseguiram. João antevê um dia em que a situação será invertida — quando os judeus reconhecerão que a igreja é de fato o verdadeiro povo de Deus, e *conhecerão que eu te amei*.

Esta idéia não é nova no Novo Testamento. Em Romanos 9-11 Paulo tratou do problema de Israel e da igreja. Os ramos de oliveira são o povo de Deus; os ramos naturais (os judeus) foram quebrados por causa da sua incredulidade, e ramos de oliveira brava (os gentios) foram enxertados na oliveira, o que é contrário à natureza (Rm 11:17-20). Mas se os ramos quebrados (os judeus) não permanecerem na incredulidade, “serão enxertados; pois Deus é poderoso para os enxertar de novo” (Rm 11:23). E depois Paulo faz uma afirmação que nos confunde: “E assim todo o Israel será salvo” (Rm 11:26). À luz do contexto é difícil entender “Israel” a não ser como o povo judeu que será salvo e reenxertado na oliveira ao lado da igreja; quando e como será este grande acontecimento de redenção veremos no capítulo 11.

10. Porque guardaste a palavra da minha perseverança. Paulo falou da “constância de Cristo” (2 Ts 3:5), e a idéia aqui é que os seguidores de Jesus tenham e evidenciem esta firmeza quando enfrentarem pressões.

Eu te guardarei da hora da prova que há de vir sobre o mundo inteiro. Temos aqui uma referência escatológica distinta aos “ais messiânicos” que precederão a volta do Senhor. João via as dificuldades pelas quais a igreja passaria no futuro próximo à luz da dominação do mal e da grande tribulação dos últimos tempos. Outras passagens bíblicas fazem referência a este período: Dn 12:2, Mc 13:14 e passagens paralelas, 2 Ts 2:1-12. Este tempo de grande tribulação (Mt 24:21) envolverá dois aspectos: o Anticristo perseguindo a igreja (13:7-8), e os julgamentos divinos

que são derramados sobre uma civilização rebelde e apóstata. A igreja não deve temer o perigo do martírio. Jesus disse que quando seus discípulos fossem odiados e mortos, “não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça” (Lc 21:18). A morte física, até mesmo como mártir, não tem importância eterna; na realidade, no tempo do Anticristo o martírio dos santos será prova de sua salvação. Sofrendo o martírio eles estarão vencendo a besta (15:2).

Por outro lado, Deus derramará sua ira sobre os seguidores da besta, tentando levá-los ao arrependimento antes que seja tarde demais (9:20; 16:9, 11). A expressão *os que habitam sobre a terra* aparece diversas vezes no Apocalipse, e sempre significa o mundo pagão (6:10; 8:13; 11:10; 13:8, 14; 17:8).. A ira de Deus sendo derramada é retratada simbolicamente pelas sete trombetas (8:1-9:19) e os sete selos (16:1-20). Antes destas sentenças terríveis o povo de Deus receberá uma marca sobre a testa para que estas pragas não o atinjam. Estas temíveis sentenças divinas são dirigidas contra os que seguem a besta (16:2); os que estiverem selados por Deus serão protegidos (9:4). Mesmo estando na terra nestes dias finais terríveis e sofrendo perseguição feroz e martírio às mãos da besta, a igreja será preservada quando vier a hora de provação sobre o mundo pagão. A ira de Deus não atingirá o seu povo quando for derramada sobre o reino do Anticristo.

11. Venho sem demora é a idéia predominante de todo o livro: a vinda do Senhor, em poder e glória, para completar sua grande obra de redenção e para estabelecer seu Reino na terra.

Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. A igreja enfrentará perseguição, em meio à qual ela deve ficar firme em suas boas obras de fé e amor. Lembramo-nos do desafio à igreja de Esmirna: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (2:10).

12. Fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus é a linguagem simbólica que dá certeza de admissão no Reino de Deus, quando este for consumado. O Novo Testamento não diz muito sobre o templo celestial; a única referência é quanto ao homem da iniquidade, que quer subir ao templo de Deus e até tomar o lugar de Deus (2 Ts 2:4). Paulo fala da Jerusalém celestial (Gl 4:26), mas é óbvio que ele está usando uma metáfora. O Apocalipse fala constantemente de um templo celestial onde Deus mora (7:15; 11:19; 14:15; 15:5; 16:1). Mas quando o Reino de Deus for estabelecido não haverá templo, porque o próprio Deus será o templo (21:22). A frase acima é, então, uma promessa do lugar que o vencedor terá no Reino de Deus eterno, em linguagem figurada.

Gravarei sobre ele o nome do meu Deus é um símbolo de posse. O nome do seu Deus era colocado sobre o povo de Israel (Nm 6:27). Os seguidores da besta trarão o seu nome (13:17). Os seguidores de Cristo recebem sua marca sobre a testa para mostrar que pertencem a ele e não à

besta, e para protegê-los da ira de Deus (7:3). Esta marca é o próprio nome de Cristo (14:1). Os que trazem em si o nome de Deus pertencem a Deus (22:4).

O nome da cidade do meu Deus é outra maneira simbólica para expressar a cidadania na nova Jerusalém. A idéia de uma Jerusalém celestial aparece em Gl 4:26 e Hb 12:22; Paulo nos escreve que a nossa pátria está no céu (Fp 3:20); ele poderia ter dito que está na Jerusalém celestial. No dia final a Jerusalém celestial descenderá à terra (21:2) e Deus passará a morar com os homens. Os que apresentarem o nome da cidade gravado em si terão acesso à nova vida dos redimidos.

E o meu novo nome. Quando Cristo vier como o poderoso conquistador, ele terá um nome escrito que ninguém sabe, a não ser ele mesmo (19:12). Isto é uma maneira simbólica de dar uma idéia da glória e da majestade de Cristo quando ele se revelar, da qual participarão os seus seguidores.

(7) A carta a Laodicéia (3:14-22).

14. *Laodicéia* ficava no entroncamento de três estradas importantes. Esta localização contribuiu para que a cidade se tornasse um centro bancário e industrial de destaque. A cidade era tão rica que quando um terremoto a danificou consideravelmente em 60-61 d.C., juntamente com outras cidades da Ásia, ela foi capaz de financiar a reconstrução com recursos próprios, sem recorrer a subsídios substanciais do tesouro imperial, como as outras cidades. A cidade era famosa pelo belo tecido negro, de lã, que era usado para fazer roupas e tapetes. Contava também com uma escola de medicina particularmente conhecida por sua pomada para tratamento dos ouvidos e pelo “pó frígio”, usado para fabricar colírio.

Paulo não chegou a visitar esta cidade antes da sua primeira prisão (Cl 2:1); é provável que a igreja foi fundada por Epafras, de Colossos (Cl 1:7, 4:12s.). Paulo conhecia a igreja, porque de Roma escreveu uma carta aos Laodicenses (Cl 4:16), que infelizmente se perdeu.

Não há dúvida que a Igreja de Laodicéia era bastante próspera e externamente em excelente situação. A carta não menciona perseguições por funcionários romanos, dificuldades com os judeus ou qualquer tipo de falsos mestres dentro da igreja. *Laodicéia* era muito parecida com Sardes: um exemplo de cristianismo nominal e acomodado. A maior diferença é que em Sardes ainda havia um núcleo que tinha preservado a fé viva (3:4), enquanto que toda a igreja de Laodicéia estava tomada pela indiferença. Provavelmente muitos dos membros da igreja participavam ativamente da alta sociedade, e esta riqueza econômica exerceu uma influência mortal sobre a vida espiritual da igreja.

Esta coisas diz o Amém. Amém é a palavra hebraica que expressa a idéia de veracidade. Is 65:16 fala do “Deus que diz amém”, o que a Septuaginta traduz como “o Deus verdadeiro”. A idéia expressa por esta frase não é de que Deus é o Deus verdadeiro em contraste com deuses fal-

sos, mas que Deus é fiel, que podemos confiar nele, que ele cumprirá o acordo que fez com seu povo. Aplicando a Cristo estas palavras temos a garantia de que suas palavras são confiáveis. A frase seguinte, *a testemunha fiel e verdadeira*, reforça isto. Ele é verdadeiro não em contraste com o que é falso, mas é verdadeiro porque podemos confiar que ele está dizendo a verdade.

O princípio da criação de Deus. Podemos traduzir esta frase de duas maneiras: o “começo” da criação, ou a “origem” da criação. Quase com certeza esta última possibilidade é a mais certa, porque para João não há dúvida de que Cristo é eterno. Ele é o primeiro e o último, o Alfa e o Ômega (1:17s; 2:8; 21:6; 22:13); ele transcende toda a criação. Na carta de Paulo aos Colossenses a mesma idéia aparece também: Cristo é o primogênito de toda a criação (Cl 1:15).

A ênfase no fato de que *a criação é de Deus* é um tema que se repete no Novo Testamento. Deus é a fonte primeira da criação; Cristo é o agente imediato. “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele” (Jo 1:3), não por ele. “Há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também por ele” (1 Co 8:6).

15. Conheço as suas obras. A carta aos Laodicenses não contém nenhum elogio, nem críticas por ensinamentos falsos ou imoralidade. O problema dos laodicenses era que eles não eram *nem frio nem quente*. Eles não tinham a frieza da hostilidade ao evangelho ou da rejeição da fé; mas também não tinham zelo e fervor (At 18:25; Rm 11:11). Eles eram simplesmente indiferentes, cristãos de nome, acomodados. *Quem dera fosses frio, ou quente!* Não há nada pior que algo morno a ponto de provocar náuseas.

16. Estou a ponto de vomitar-te da minha boca. Água morna é repulsiva, serve somente para ser cuspidada fora. Estas palavras soam como uma rejeição final e irrevogável da igreja, da parte de Cristo. Mas já que os versículos 18-20 são uma chamada ao arrependimento, temos de concluir que a igreja de Laodiceia não está totalmente sem esperanças de recuperação. As palavras fortes são para sacudir a igreja da sua indiferença espiritual.

17. Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma. A igreja se orgulhava de ser saudável e próspera. Literalmente o texto diz: “Estou rico, e adquiri riquezas”. Além de se orgulhar do seu suposto bem-estar espiritual, a igreja se orgulhava de ter conseguido sua riqueza com esforço próprio. Acomodação espiritual estava acompanhada de orgulho espiritual. Sem dúvida, parte do problema da igreja era sua incapacidade de distinguir entre prosperidade material e espiritual. Uma igreja que está prosperando materialmente, externamente, facilmente pode cair no engano de que a prosperidade exterior é a medida de sua prosperidade espiritual.

Nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. Esta é a condição espiritual real da igreja. Na realidade ela é um mendigo cego, sem recursos, vestido de trapos. A palavra traduzida por “nu” pode significar insuficientemente trajado.

18. *Compra de mim ouro refinado pelo fogo* não quer dizer, é claro, que podemos comprar bênçãos espirituais com dinheiro; a linguagem é metafórica. O profeta chamou os famintos e sedentos para comprar vinho e leite sem dinheiro e sem preço (Is 55:1). Jesus retratou o Reino do Céu como um tesouro enterrado em um campo que um homem comprou, e como uma pérola de grande valor que um comerciante comprou com dinheiro (Mt 13:44-45). Isto são comparações que descrevem o valor inestimável das bênçãos do Reino do Céu. Neste versículo Cristo está exortando a igreja que procure as verdadeiras riquezas — ouro refinado pelo fogo, que não perde o brilho.

Vestiduras brancas para te vestires. A igreja é exortada a cobrir sua nudez com vestimentas de pureza e sinceridade.

Colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas. Este apelo é muito importante por Laodicéia ser centro médico e fabricar o “pó frígio”, usado para fazer colírio. Os médicos frígios talvez ajudassem as pessoas em sua cegueira física; mas somente Cristo pode curar os olhos dos que são cegos espiritualmente.

O equilíbrio da construção dos versículos **17** e **18** é óbvio: Cristo exorta a igreja a adquirir ouro para sua pobreza, vestimentas brancas para sua nudez e colírio para sua cegueira.

19. *Eu repreendo e disciplino a quantos amo.* As palavras ásperas com que Cristo descreveu a triste condição dos laodicenses não significam que ele os ama menos do que a outros. Sua atitude em relação à igreja não era punitiva, mas disciplinadora e corretiva. “Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6).

Sê, pois, zeloso, e arrepende-te. Apesar de a ameaça de cuspir os cristãos mornos a ponto de dar náuseas (v. 16) soar como um julgamento final, este apelo mostra que ainda há esperança. Se os laodicenses tratarem seus olhos com o colírio que Cristo oferece, sendo então capazes de reconhecerem seu estado de pobreza e cegueira, então não será tarde demais para substituir a indiferença por zelo, arrependendo-se.

20. *Eis que estou à porta, e bato.* O significado destas palavras já foi muito discutido. Muitos comentadores acham que o sentido é escatológico, indicando para a promessa da iminente volta do Senhor. É verdade que a metáfora do Cristo que está à porta é um conceito escatológico familiar (Mc 13:29; Mt 24:33; Lc 12:36; Tg 5:9). Também é verdade que a idéia do banquete messiânico muitas vezes é usada como símbolo da comunhão no Reino de Deus (Lc 14:15; 22:29ss.; Mt 8:11; 22:1-4; 26:29; Ap 19:9). O presente contexto, no entanto, é diferente. Nas passagens

citadas Cristo está reunindo seu povo ao redor das bênçãos do Reino messiânico; aqui o contexto é de chamada ao arrependimento. Por esta razão devemos preferir a interpretação que vê Cristo chamando os membros de uma igreja sem vida e complacente quanto à vida espiritual. Mesmo estando a igreja em um estado triste e deplorável, Cristo ainda está à porta do coração de cada indivíduo procurando entrada. O arrependimento do versículo 19 é completado pelo deixar Cristo entrar na vida.

Se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta. Mesmo se chamando de cristãos e constituindo formalmente uma congregação cristã, na verdade os laodicenses eram espiritualmente nus, pobres, e cegos, e, como qualquer outro novo convertido, precisavam responder ao chamado de Cristo e abrir sua vida para que ele pudesse entrar.

Entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo. Cristo tinha feito esta promessa: “Se alguém me ama... viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14:23). Uma refeição em conjunto tinha muito mais significado no antigo mundo judaico do que tem hoje em dia. Era um símbolo de afeição, confiança, intimidade. Os fariseus criticavam Jesus não só por se reunir com publicanos e pecadores, mas por comer com eles (Lc 15:2). Os cristãos de Jerusalém criticaram Pedro não por pregar o evangelho aos gentios, mas por comer com eles (At 11:3). De modo que o versículo que temos à frente contém uma promessa de comunhão a mais íntima possível.

21. Jesus promete ao vencedor que *ele sentará comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono.* Está claro que isto é uma metáfora que descreve a vitória final dos santos. Na primeira visão que João teve, Cristo estava parado em meio aos candelários (1:13). Na visão da sala do trono celestial, ele é retratado como um cordeiro que está diante do trono de Deus (5:6). Aqui a vitória de Cristo é descrita em termos de entronização, com seu Pai, no trono do Pai. Geralmente o Novo Testamento diz que Cristo está entronizado à direita do Pai (At 2:34; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1; Hb 1:3; 7:1; 10:12; 12:2; 1 Pe 3:22). O lado direito é a posição de maior honra possível. Não há maior significado na diferença entre ser entronizado à direita de Deus e estar com ele no mesmo trono, como neste versículo; ambos têm a mesma idéia teológica. O que importa de fato é que Cristo já está entronizado. Seu reino messiânico não é algo que começa com sua segunda vinda, mas já começou, apesar de ser visível somente aos olhos da fé. Isto é o que Pedro disse quando anunciou a ascensão de Cristo que seguiu à ressurreição: “A este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2:36). Senhor e Cristo (Messias) são termos sinônimos com o mesmo conteúdo teológico. Deus lhe deu o nome que está acima de todo nome — Senhor — por ter ele sido obediente até em sofrimento e morte (Fp 2:9-11). Na verdade o mundo não reconhece seu senhorio e seu reino celestial, e os poderes demoníacos ainda têm permissão para atuar através das autoridades pagãs para afligir e perseguir ferozmente o povo de Deus.

3:21-4:1

Aqui há uma mensagem para toda igreja que sofre perseguição: sua situação aflitiva é somente temporária; muito embora pareça que a experiência humana o contradiz, Cristo já está entronizado como Senhor e Rei; seu governo real em breve porá todos os seus inimigos sob seus pés (1 Co 15:25).

Ao vencedor é dada a certeza de que ele participará deste reino quando este for estabelecido integralmente. Não está bem claro como isto acontecerá, provavelmente durante o milênio (veja nota a 2:26). A promessa, no entanto, não está limitada ao milênio, porque no novo sistema da época que se aproxima “eles reinarão pelos séculos dos séculos” (22:5).

Não há necessidade de limitar esta promessa aos mártires, como fazem alguns comentadores. Em cada uma das sete cartas a promessa ao vencedor está dirigida a todos os discípulos de Cristo, na expectativa de que todos os discípulos fiéis hão de vencer.

III. A SEGUNDA VISÃO (4:1—16:21).

1. O trono celestial (4:1-11).

Depois da primeira visão do Cristo exaltado que cuida de suas igrejas e as protege, começa a revelação “do que acontecerá depois disto”, ou seja, a vinda do Reino de Deus. Esta revelação inclui a destruição dos poderes do mal, de Satanás e da morte; mas antes de serem destruídas, estas forças más se empenharão num esforço final desesperado de frustrar os planos de Deus, tentando destruir o povo de Deus. Porém, o conflito terrível que se desenvolve na terra entre a igreja de um lado e os poderes demoníacos do outro, encarnados em uma civilização apóstata — Roma, no primeiro século, e o Anticristo, no fim dos tempos — na realidade é expressão em forma histórica de um conflito terrível, no mundo espiritual, entre o Reino de Deus e o reino de Satanás. Por isso o Apocalipse propriamente dito começa com o fato definitivo e eterno de que Deus está entronizado e governando seu universo. Não importa quão temíveis ou incontroláveis as forças do mal pareçam ser na terra, elas não podem anular ou esconder o fato de que, por trás do palco, Deus está governando o universo, no seu trono.

1. João viu no céu uma *porta aberta*. Não que ele fosse capaz de olhar para dentro do céu, mas ele entrou em êxtase e neste sentido pôde ver as maravilhas do céu. O livro já mencionou outras portas, que não devem ser confundidas com esta porta: uma foi a porta do Reino (3:8), outra a porta do coração (3:20). Esta agora é a porta da revelação. Como João já teve uma visão do céu, quando viu o Cristo exaltado e glorificado ca-

minhando em meio aos candeeiros de ouro, sem menção alguma a portas celestiais, podemos concluir que a porta que João viu depois, em êxtase, é uma metáfora. Esta conclusão é sustentada pela grande facilidade com que as cenas no Apocalipse mudam do céu para a terra. João em sua visão é levado ao céu em **4:1** e permanece lá até o fim do capítulo 9. No capítulo dez ele está novamente na terra, porque vê o anjo “descendo do céu” (**10:1**), onde permanece até **11:13**; em **11:15-19** a cena da visão novamente se desenrola no céu. Parece que no capítulo 12 o vidente está de novo na terra, mas **14:18-20** presume sua presença no céu. Nem sempre é possível seguir os movimentos do vidente, mas a mudança freqüente de cenário torna evidente que isto não é importante, somente circunstancial à substância das visões que João tem, porque em estado de transe a pessoa pode se locomover sem dificuldade entre o céu e a terra.

2. João ouviu a voz que tinha falado com ele (1:10), chamando-o: *Sobe para aqui*, para receber mais revelações de acontecimentos futuros. Imediatamente ele se encontrou *em espírito*, isto é, entrou em transe. Isto nos traz alguma dificuldade, porque João já tinha entrado em transe (1:10), para receber a visão do Cristo glorificado, e não temos nenhuma indicação de que ele tivesse voltado ao estado normal. Ou concluímos que isto aconteceu, mesmo não sendo dada nenhuma indicação neste sentido; ou estas palavras sugerem um estado ainda mais exaltado que o primeiro. Existe a possibilidade de que João não teve todas as visões de uma só vez, e que o livro é o relato de uma série de visões que ele teve em Patmos em ocasiões diferentes.

Uma linha de interpretação vê neste versículo o arrebatamento da igreja. João representaria todos os cristãos, a voz como de trombeta seria aquela que soar quando Jesus vier (Ts 4:16), e o arrebatamento de João representa o arrebatamento de todos os cristãos no fim dos tempos. De acordo com este ponto de vista, a grande tribulação, quando o Anticristo perseguir o povo de Deus, não tem nada a ver com a igreja, mas é a “angústia de Jacó” (Jr 30:7), ou seja, do povo judeu, com o qual Deus voltará a agir nos últimos dias. O fato de que a palavra “igreja” aparece vinte vezes nos três primeiros capítulos e depois só de novo em **22:17** apoiaria este ponto de vista. Apoio adicional vê-se na tentativa de identificar os vinte e quatro anciãos (**4:4**) com a igreja arrebatada e recompensada. A literatura dispensacionalista mais antiga falava quase dogmaticamente que o arrebatamento da igreja estava descrito neste versículo. Um dos comentários mais recentes admite que o texto não ensina isto explicitamente, mas insiste em que mesm. assim devemos tê-lo por certo.¹ Toda a questão do assim chamado arrebatamento antes da tribulação, no entanto, é uma suposição que não conta com o apoio de uma exegese explícita do Novo Testamento.²

1. John F. Waldoord, *The Revelation of Jesus Christ*. (Chicago, Moody, 1966), p. 103.

2. Veja George E. Ladd, *The Blessed Hope*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1956).

Em 4:1 não há nenhuma referência ao arrebatamento da igreja; as palavras são dirigidas exclusivamente a João, e se referem somente ao momento em que ele recebe as revelações contidas no livro.

3. João recebeu uma visão de Deus sentado em seu *trono*. Às vezes a Escritura fala que Deus faz do próprio céu seu trono. (Is 66:1; Mt 5:34; 23:22); outras vezes, como aqui, seu trono está no céu. Salomão compreende que na realidade o céu não pode conter Deus (1 Rs 8:27).

Não há descrição do trono nem da pessoa que está sentada nele. O que João viu quando olhou para o trono só pode ser descrito em termos de brilho de pedras preciosas. Qualquer traço de antropomorfismo é deixado de lado. Daniel descreveu Deus como um ancião de dia com vestes brancas como a neve e com cabelos como pura lã (Dn 7:9). João viu um brilho como de *jaspe*, provavelmente uma pedra transparente, parecida com cristal, e de *sardônio*, uma pedra vermelha, faiscante. Ao redor do trono brilhante havia um *arco-íris*, verde como *esmeralda*, ao invés de apresentar as cores do prisma. A palavra traduzida “arco-íris” pode significar tanto um arco parcial como um círculo completo, como uma auréola solar. Não há nenhuma indicação quanto ao relacionamento entre arco-íris e trono, se o circundava verticalmente ou horizontalmente.

É duvidoso se alguma destas três pedras tem um significado simbólico especial. Na literatura clássica as três às vezes andam juntas. No peitoral do sumo sacerdote elas estavam em posições diferentes (Êx 28:17ss.); das doze pedras fundamentais da cidade santa elas são a terceira, a sexta e a quarta (Ap 21:19). Alguns acham que o jaspe, transparente como cristal, representa a santidade de Deus; o sardônio, vermelho e faiscante, o fogo consumidor do seu julgamento; e a verde esmeralda a sua misericórdia. Isto é uma aplicação possível, mas não temos nenhum indício de que João tivesse algo assim em mente. Lembramo-nos, isto sim, de que na Bíblia muitas vezes diferentes manifestações de luz são usadas para representar a presença e a glória de Deus. Israel era guiado por uma coluna de fogo, à noite; a presença de Deus no Santo dos Santos era representada por sua glória shekinah. Só podemos concluir que o que João viu era tão majestoso, grandioso e inexprimível que ele teve de expressá-lo por meio de símbolos. É possível que o arco-íris esteja aludindo ao arco mostrado a Noé como promessa de misericórdia, de que Deus nunca mais deixaria sua ira cair sobre toda a raça humana. Neste sentido podemos tomá-lo como sinal de paciência do Senhor do mundo para com os homens pecaminosos, até que o julgamento final os alcance. Isto é uma inferência possível, mas não podemos dizer com nenhuma margem de certeza que é isso que o autor está querendo dizer.

4. *Ao redor do trono há também vinte e quatro tronos e assentados neles vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro.* Sua função era prostrar-se diante do trono e adorar aquele que está sentado nele, colocar suas coroas diante do trono e adorar o

Criador (4:10). Diversas interpretações já foram tentadas quanto a quem seriam estes vinte e quatro anciãos. Uma das mais antigas é que eles representam a igreja ideal no céu, antecipando como deverá ser no fim. O número vinte e quatro representaria os doze patriarcas e os doze apóstolos — a igreja do Antigo e do Novo Testamentos. Este quadro é ideal, compreendido potencialmente na ressurreição e ascensão de Cristo (Ef 2:6). O mundo real continua esperando a volta do Senhor e o dia da ressurreição.

Outro ponto de vista é que eles são um grupo arrebatado junto com João quando este atendeu ao chamado de 4:1, "Sobe para aqui", representando a igreja. A igreja então aparece nas vestes brancas da justiça de Cristo, trazendo as coroas dos vencedores (2 Tm 4:8), e recompensada por suas obras (1 Co 3:14) com a permissão de sentar em tronos. Mas no contexto não há nada que sustente a idéia de que os anciãos representam a igreja, ideal ou arrebatada, e alguns detalhes se opõem a esta identificação. Eles estão muito próximos dos quatro seres viventes; estes estão até mais próximos do trono do que os anciãos. Em 5:8 eles adoram em conjunto o Cordeiro, oferecendo taças de incenso, que são as orações dos santos. Alguém explicitamente identificado como anjo executa a mesma função em 8:3. Em outras palavras, eles têm algum tipo de função mediadora, enviando as orações dos santos até o trono de Deus. Um dos anciãos executa outra função própria dos anjos em 7:13-14, inadequada para um redimido, e João se dirige a ele muito respeitosamente como "senhor", título não apropriado para um irmão na fé.

Apocalipse 5:9, como está em algumas traduções inglesas antigas dá apoio para a identificação dos anciãos com a igreja arrebatada. Os anciãos cantam um novo cântico ao Cordeiro que "nos compraste para Deus, com teu sangue, de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus nos constituíste reino e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra". Traduzindo desta maneira o hino, os anciãos parecem ser a igreja, pois são identificados com os que o Cordeiro redimiu com seu sangue e que participarão do seu reino milenar.

Se esta tradução fosse correta, a conclusão também o seria; mas este é um dos muitos exemplos no Apocalipse em que o texto grego que serviu de base para estas traduções, como a King James em inglês, é falho. Hoje em dia praticamente todas as traduções já corrigiram esta falha, adaptando-se ao texto grego correto: "Porque ... com teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra." Ao contrário de dar apoio à identificação dos anciãos com a igreja, este cântico dos anciãos os diferencia claramente dos redimidos. Os anciãos não são os redimidos, mas cantam deles. Em 14:3 os anciãos são novamente diferenciados dos que foram comprados da terra, que cantam um novo cântico que os anciãos não conseguem aprender.

Não há nenhuma dificuldade em entender os vinte e quatro anciãos como um grupo de anjos que ajudam a executar o domínio divino no

universo. Vestimentas brancas são o traje típico dos anjos (Jo 20:12; Mt 28:3; At 1:10; Mc 16:5). Paulo se refere a certas divisões hierárquicas dos anjos em termos de tronos, principados e potestades (Cl 1:16; Rm 8:38; Ef 3:10). No Antigo Testamento Deus às vezes é retratado cercado de um conselho de seres celestiais. “Deus é sobremodo tremendo na assembléia dos santos, e temível sobre os que o rodeiam” (Sl 89:7). Deus reinará do monte Sião, e “perante os seus anciãos haverá glória” (Is 24:23). Micaías viu “o SENHOR assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda” (1 Rs 22:19). De maneira que podemos concluir que os vinte e quatro anciãos são um grupo de anjos que servem de um tipo de correspondente celestiais aos anciãos de Israel (Êx 24:11), representados como ajudantes na execução do governo divino.³ Eles adoram a Deus porque ele vai levar a história ao seu final, julgar os mortos e recompensar “os teus servos, os profetas, e os santos” (11:18). É possível que o número vinte e quatro se derive das vinte e quatro ordens sacerdotais do Antigo Testamento. Os anciãos, no entanto, parece que não exercem nenhuma função sacerdotal. Em seu cântico eles louvam a Deus pela criação (4:11) e pela redenção dos homens (5:9). O número vinte e quatro não aparece em nenhuma outra relação no Apocalipse.

A visão em 7:9-11 apóia esta interpretação. Primeiro temos uma multidão de salvos que ninguém podia enumerar, depois os diversos tipos de seres celestiais ao redor do trono: primeiro os anjos, depois os anciãos e por fim os quatro seres viventes. Veja também em 19:1-4 uma seqüência semelhante dos seres celestiais. Os anciãos estão agrupados com outros seres angelicais, distintos dos redimidos.

5. A majestade e a glória da presença divina são realçadas por *relâmpagos, vozes e trovões*. No Antigo Testamento estas manifestações são comuns quando Deus está presente. (Êx 19:16, Ez 1:13), simbolizando o poder e a glória de Deus (Sl 18:13-15; Jó 37:2-5).

Sete tochas de fogo que ardem diante do trono representam o Espírito Santo. Já vimos em 1:4 como o sete simboliza a plenitude do Espírito de Deus. Aqui a menção ao Espírito Santo provavelmente não se deve tanto à sua atuação regeneradora e santificadora, mas mais à sua atuação na criação e na preservação do mundo natural (Gn 1:2; 2:7; Sl 104:29s.).

6a. *Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal*. A figura de linguagem aqui é uma comparação, um símile: o mar diante do trono não era de vidro, mas de algo parecido com vidro. A base para esta idéia encontramos já no Antigo Testamento. Na visão que os an-

3. Este problema é abordado com mais vagar no livro de N. B. Stonehouse, *Paul Before the Areopagus* (Grand Rapids, Eerdmans, 1957), cap. IV.

ciãos de Israel tiveram de Deus, “havia sob seus pés uma como pavimentação de pedra de safira que se parecia com o céu na sua claridade” (Êx 24:10). Na visão de Ezequiel “havia sobre as cabeças dos seres vivos algo semelhante ao firmamento, como cristal brilhante que metia medo, estendido por sobre as suas cabeças... E por cima do firmamento que estava sobre as suas cabeças havia algo semelhante a um trono” (Ez 1:22, 26). Diante do templo de Salomão havia um mar de fundição (1 Rs 7:23).

Este mar de vidro é mencionado somente mais uma vez no Apocalipse. João viu algo como que um mar de vidro mesclado com fogo, e os mártires vitoriosos em pé ao lado do mar de vidro com suas harpas de vitória, cantando o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (15:2-3).

Há diversas interpretações do significado deste mar de vidro; nosso livro não dá nenhuma indicação clara sobre o seu significado simbólico. Alguns o interpretam como um símbolo da distância que separa Deus em sua santidade do mundo mau e caído — a tranquilidade majestosa e a pureza eterna do mundo divino. Alguns enfatizam mais sua transparência e vêem nela um símbolo da visão onisciente de Deus, que vê tudo que acontece no mundo; nada pode impedir que o olhar de Deus penetre nas profundezas. Um comentador mais recente o entende de maneira bem diferente. Já que não haverá mais mar no novo céu e na nova terra dos redimidos (21:1), o mar faz parte do velho sistema caído e representa a barreira pela qual os redimidos têm de passar no novo êxodo da experiência terrena para o mundo redimido de Deus, como o povo de Israel ao passar o Mar Vermelho. O mar de vidro está diante do trono como lembrança silenciosa de que toda a criação está infeccionada pelo mal.⁴

A interpretação mais fácil é a que vê o mar de vidro como um elemento pitoresco para incrementar a majestade da presença divina.

6b-8. *No meio do trono e à volta do trono há quatro seres vivos cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro... é semelhante a leão, o segundo... a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto... é semelhante a águia quando está voando.* Cada ser vivo tinha seis asas e era cheio de olhos por dentro e por fora. Sem dúvida estes quatro seres vivos são análogos aos serafins de Is 6:1-3 e aos querubins de Ez 10:14. Na forma eles são mais parecidos com os querubins de Ezequiel, dos quais cada um tinha quatro rostos — de homem, de leão, de novilho e de águia — e quatro asas, enquanto que os seres vivos que João viu têm somente um rosto e seis asas. Os serafins em Isaías tinham cada um seis asas. Todos estes olhos significavam vigilância incessante e inteligência ilimitada, e as asas dão a idéia de rapidez de locomoção. É bem provável que as quatro cabeças diferentes querem representar aspectos diferentes da natureza: os

4. Veja G. B. Caird, *The Revelation of St. John The Divine*. (Nova Iorque, Harper and Row, 1966), pp.

animais selvagens, os domesticados, os homens e os animais voadores. Isto por sua vez podemos interpretar de duas maneiras: ou os querubins representam o louvor e a adoração que toda a criação tributa ao Criador; ou eles representam seres angelicais que o Criador usa para executar seu governo e sua vontade divina em todas as espécies da criação. Eles são espíritos criados tidos por mediadores da energia e do poder de Deus em todo o mundo. O fato deles cantarem um cântico de adoração,

*Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso,
aquele que era, que é e que há de vir!*

sugere que ambas as interpretações podem estar corretas.

Desde os primeiros séculos estes quatro seres vivente foram tidos como representando os quatro evangelhos. Irineu (no segundo século) achava que o leão representava João, o novilho Lucas, o homem Mateus, e a águia Marcos. Vitorino (no terceiro século), seguido pelo grande Jerônimo (quarto século) mudou a ordem. O leão era Mateus, o homem Marcos, o novilho Lucas e a águia João. Estas interpretações são interessantes mas não têm nenhum fundamento ou amparo no texto.

Não está bem claro que relação os seres viventes têm com o trono. Literalmente o texto diz “no meio do trono e à volta do trono”, o que é comumente traduzido “em volta do trono, em cada um dos seus lados”. Não está claro se os quatro seres viventes estavam debaixo do trono, segurando-o, como os querubins em Ezequiel (Ez 1:22), ou se eles estavam no meio de cada um dos quatro lados.

Eles participam do louvor da santidade de Deus, como os serafins em Isaías (Is 6:3). O fato de que eles adoram a Deus não somente como o que existe, que era e é, mas também como o que há de vir, transmite o anelo da criação por libertação das cadeias da decadência, para poder participar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus (Rm 8:21; cf. 21:1).

9-11. Os quatro querubins e os vinte e quatro anciãos juntos adoram e cultuam o Criador, mas há uma pequena diferença nos cânticos. Os querubins louvam a Deus por sua natureza eterna — “que era, que é e que há de vir” — e os vinte e quatro anciãos o louvam pela glória do que ele criou:

porque todas as coisas tu criaste,

sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas. Esta última frase traz alguma dificuldade, porque dá a idéia de que todas as coisas existiram antes de serem criadas. Pode estar se referindo a duas coisas diferentes, independente de seqüência: a existência de todas as coisas opostas à inexistência, ou seja, primeiro a simples constatação da sua existência e depois o fato de que elas foram criadas. Outra maneira de resolver o problema é interpretar “vieram a existir” como “elas existiam na mente e na vontade de Deus, e por isso foram por fim criadas”. Ainda outra solução é interpretar o conectivo como o que chamamos de aposto, ou seja, um conectivo de dois predicativos. “Por causa da tua vontade vieram a existir, sim, foram criadas”. Em qualquer caso, o cân-

tico afirma que por trás de toda a criação está a vontade ativa e soberana do Criador.

2. Os sete selos (5:1—8:1).

(1) O Livro Selado (5:1-14).

1. *Vi na mão direita daquele que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos.* Algumas traduções traduzem a palavra “biblion” por “rolo”, e de fato os estudiosos não são unânimes quanto à forma do livro. Os livros antigos geralmente eram rolos, tanto os de papiro como os de pergaminho (couro). Pedacos do frágil papiro, em média com vinte e cinco centímetros, eram colados até formarem uma faixa comprida. Geralmente só se escrevia na parte interna. Somente no segundo século o livro com páginas passou a ser mais usado. Alguns poucos comentadores acham que este livro tinha páginas, agrupadas pelos sete selos. A cada selo rompido uma parte do livro podia ser lida. A maior dificuldade deste ponto de vista é que se este for o caso, todo o conteúdo do livro estaria lido depois de abertos os sete selos, enquanto que parece que a abertura dos selos é somente um ato introdutório à abertura do livro.

A maneira mais natural é entender o livro como sendo um rolo, selado em sua borda exterior com sete selos de cera. Isto é importante, para uma interpretação correta da natureza do livro. Significativo é que a abertura dos selos é acompanhada de pragas, na história, de caráter geral: guerra, fome, peste e martírio (o primeiro selo não torna muito claro seu significado), e o sexto selo é uma introdução do próprio fim. Como o sexto selo, o sétimo também não tem um conteúdo específico; na verdade temos de concluir que as sete trombetas são o conteúdo do sétimo selo. Isto nos leva à conjectura de que a abertura dos sete selos e os acontecimentos que a isto seguem não são o conteúdo do livro, mas preliminares e preparatórios para a revelação deste. Isto de acordo com o ponto de vista de que o rolo está selado por fora, em sua borda, com os sete selos, que o rolo em si ainda está lacrado e que seu conteúdo só será revelado depois de rompidos os sete selos ou lacres.

Do rolo em si há várias interpretações. Muitos apelam para o fato de que no mundo romano era costume aplicar sete selos em um testamento para lhe dar validade. Sete pessoas testemunhavam a última vontade de alguém, aplicando cada um seu selo em um dos fios que amarravam o testamento. A execução desta última vontade ocorria só depois da morte de quem tinha feito o testamento; já que Deus não morre, os primeiros cristãos fazia muito caso da herança que os crentes já usufruíam, baseada na morte do Filho de Deus (Hb 9:15ss.). Deste ponto de vista, o rolo é símbolo da promessa do Reino de Deus que o povo de Deus herdará. Esta disposição Deus tomou há muito tempo, foi documentada e

selada, mas ainda não executada (1 Pe 1:4). Os profetas, Jesus e depois o Espírito Santo, na igreja primitiva, falaram do conteúdo desta herança, que por isso é até certo ponto conhecido. A concretização total desta herança, todavia, está no futuro, quando Cristo, ao retornar, abrir e executar o testamento.

Este ponto de vista é atraente, mas enfrenta uma dificuldade considerável: os selos e também as trombetas nada têm a ver com a herança dos cristãos, mas com as pragas do julgamento, que Deus derramará sobre uma civilização rebelde. Uma interpretação adequada do rolo deve incluir tanto a execução do juízo de Deus quanto os aspectos positivos da herança conferida aos santos.

Um outro ponto de vista identifica o rolo com o livro da vida do Cordeiro, que aparece diversas vezes no Apocalipse (3:5; 13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27). O livro está escrito em todos os espaços livres porque contém uma multidão de nomes (7:9). No momento em que os selos são abertos os nomes dos redimidos são revelados. Este ponto de vista encontra dificuldade em se manter, porque não corresponde aos acontecimentos que acompanham a abertura dos selos, e no texto não parece haver motivo para introduzir o livro da vida a esta altura.

Um terceiro ponto de vista, que remonta a tempos antigos, é que o rolo é o Antigo Testamento, cumprido no Novo. Jesus, na sinagoga de Nazaré, depois de ler do rolo de Isaías, proclamou: “Hoje se cumpriu a escritura que acabais de ouvir” (Lc 4:21). Jesus, assim, é o único capaz de levar toda a esperança profética do Antigo Testamento ao seu cumprimento assim como Deus o planejou.

A chave do significado do livro encontra-se na experiência que Ezequiel teve quando estava se preparando para seu ministério profético a Israel. Ele recebeu um rolo escrito dos dois lados, como o de João. O rolo de Ezequiel continha “lamentações, suspiros e ais” (Ez 2:10). Então ele recebeu a ordem de tomar o rolo e comê-lo; desta forma ele estaria em condições de profetizar a Israel (Ez 2:1-10).

A identificação mais fácil do rolo de João é que ele contém a profecia dos acontecimentos finais, incluindo a salvação do povo de Deus e o julgamento dos maus. Ela é o plano redentor de Deus para o desfecho da história humana, a derrota do mal e a reunião do povo redimido para gozar da bênção do reino divino. Apesar de João surpreendentemente não descrever a abertura do livro em si, o rompimento do sexto selo nos leva ao fim do mundo — o último dia; e considerando que a abertura do sétimo selo não está acompanhada de eventos específicos como a dos primeiros seis, podemos concluir que o conteúdo do rolo consiste no que está escrito em 7:1-22:21. Os acontecimentos que acompanham a abertura dos selos não são o fim, mas levam a ele, e o conteúdo do rolo é o complexo de acontecimentos, de redenção e de julgamento, que acompanhará o fim deste mundo e dará começo ao mundo futuro.

Os detalhes mencionados em relação ao livro são de máxima importância. O rolo, como o de Ezequiel, estava “escrito por dentro e por

fora". Isto não era comum no mundo antigo, mas ocorria às vezes; nestes casos o rolo é chamado de opistógrafo. Isto representa a plenitude do pré-conhecimento e dos conselhos de Deus. A história não chegará ao fim enquanto os propósitos de Deus não tiverem sido totalmente alcançados; quando os propósitos de Deus estiverem completos, então virá o fim.

2-3.— O fato de que o livro foi selado com sete selos não é destituído de significado. Para João sete sempre é o número completo. O rolo está completamente selado, seu conteúdo está oculto de qualquer olho humano. *Nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele* (dentro dele, outra tradução melhor). Temos aqui uma verdade bíblica simples mas profunda, que nunca pode ser suficientemente enfatizada: sem a pessoa de Jesus Cristo e sua obra de redenção a história é um enigma. Desde Agostinho e seu livro "Cidade de Deus", durante séculos uma visão cristã da história influenciou o pensamento ocidental, vendo nela um objetivo divino inseparável da palavra redentora de Cristo. A partir do iluminismo muitos filósofos rejeitaram a cosmovisão cristã, e a história se tornou para eles um problema. A visão evolucionista do progresso inevitável é pouco popular hoje em dia. Alguns dos maiores cérebros dos nossos dias se tornaram profetas do juízo, que só vêem trevas à frente. O problema do significado, do propósito e do fim da história é uma das questões mais perturbadoras e difíceis dos nossos tempos. Até no pensamento de teólogos cristãos penetra uma atitude pessimista e secularista, e um deles escreveu: "Não podemos dizer que sabemos o fim e o objetivo da história. Por isso a questão do significado da história se tornou destituída do sentido."¹

Considerando este dilema moderno, tem um significado muito grande o fato de o rolo estar tão bem fechado que nenhum olho humano pode ler seu conteúdo. Cristo, somente Cristo tem a chave do significado da história humana. Por esta razão não é de surpreender que os pensadores modernos estejam pessimistas; sem a volta vitoriosa de Cristo a história não vai para lugar nenhum.

Também é significativo que o rolo está "na mão direita daquele que estava sentado no trono" (v. 1). Toda a história da humanidade está na mão de Deus. Pode-se achar um quadro mais simples e sublime da soberania total de Deus sobre a história do que este rolo em sua mão? Não importa a força do mal, não importa a ferocidade com que os poderes satânicos perseguem o povo de Deus na terra, a história ainda está na mão de Deus.

4-5. A tristeza de João por não haver ninguém digno de abrir o livro foi diminuída pelas palavras de um dos anciãos: *Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.* Estas duas expressões que caracterizam o Cristo vencedor resumem toda a

1. Rudolf Bultmann, *History and Eschatology* (Edimburgo, University Press, 1957), p. 120.

esperança messiânica do Antigo Testamento. “O Leão da tribo de Judá” faz alusão a uma das primeiras profecias messiânicas, em Gênesis 49:9-10: “Judá é leãozinho, da presa subsiste, filho meu. O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló (aquele a quem pertence, outra tradução); e a ele obedecerão os povos.”

Sabemos da literatura judaica contemporânea ao Apocalipse que a figura do leão era usada para o Messias conquistador (IV Esdras 11:37; 12:31), apesar de esta metáfora não se encontrar em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. É óbvio que a referência em Gênesis não é a um Messias humilde e sofredor, mas a um que brande o cetro como um rei que governa.

“A Raiz de Davi” é uma alusão a Isaías 11:1: “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo.” A família real de Davi, filho de Jessé, é como uma árvore que caiu; mas das suas raízes brota uma nova árvore que restaurará o governo real. Os versículos seguintes (Is 11:2-9) são uma das profecias mais vívidas do triunfante Rei messiânico que havia sido prometido. “Mas julgará com justiça os pobres, e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o perverso” (v.4). Este versículo é um resumo vívido da promessa veterotestamentária de um Rei messiânico divinamente dotado, tão poderoso que destruirá todo o mal, libertará o povo de Deus das aflições que os poderes maus, espirituais e políticos, lhe proporcionam, e estabelecerá na terra uma nova ordem em que reinarão a paz, a justiça e a felicidade. É importante enfatizar que a esperança bíblica não é somente de salvação espiritual, salvação do indivíduo da sua culpa e do seu pecado. A salvação individual está incluída mas a ênfase principal está na salvação do povo de Deus como comunidade terrena, e sua libertação de todos os males — espirituais, sociais, políticos e físicos. “Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo nome (Jerusalém), porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos; a glória lhe será por morada” (Is 11:9-10).

João é assegurado de que seu poderoso Messias já conquistou uma grande vitória. A palavra “venceu” diz literalmente “ganhou uma vitória”. Estamos, aqui, diante de um grande mistério. De certa forma ultrapassando longamente a nossa compreensão, a morte de Cristo na cruz foi uma vitória sobre os inimigos do povo de Deus. O Novo Testamento dá mais ênfase nos inimigos de Deus de natureza espiritual que o Antigo Testamento, mas a diferença é de ênfase, não de espécie. Os grandes inimigos do povo de Deus são Satanás, o pecado e a morte. Satanás será derrotado definitivamente só quando for lançado no lago de fogo depois da volta de Cristo, mas Cristo já derrotou os poderes de Satanás em sua encarnação, morte e ressurreição. Ele participou da natureza humana “para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a

saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2:14-15). O Novo Testamento se refere muitas vezes a esta vitória sobre Satanás obtida pela encarnação, mesmo os evangelhos (Mt 12:29; Lc 10:18; Jo 12:31; 16:11). A vitória foi sobre Satanás e sobre todo o exército de poderes espirituais maus. "Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2:15).

Da mesma maneira, a vitória de Cristo conquistou o poder da morte. Ele já "destruiu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2 Tm 1:10). O Novo Testamento ensina que Cristo, por causa da sua encarnação, morte, ressurreição e ascensão, obteve uma vitória em virtude da qual ele já está reinando à direita de Deus como Rei messiânico. "Depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas" (Hb 1:3). Pedro interpretou a ascensão de Jesus com as palavras de Davi: "Disse o Senhor (Deus) ao meu Senhor (o Messias): Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés" (At 2:34-35). A vitória final, futura, do Messias, é somente uma ampliação do governo que ele já está exercendo em virtude da vitória que já obteve. No fim ele destruirá "todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte" (1 Co 15:24-26). O livro do Apocalipse não enfatiza tanto o reino messiânico de Cristo no presente, como outros livros do Novo Testamento, mas os elementos básicos desta teologia estão resumidos numa única palavra: venceu. Isto também está implícito na descrição de Cristo como o que morreu mas está vivo para sempre, e que tem a chave da morte e do inferno (1:18). Também é possível que a vitória que Cristo já conquistou sobre Satanás esteja retratada na dramática batalha no céu e na derrota do grande dragão (12:7-11).

6. Quando João se voltou para ver o Leão, ele não viu um Leão, mas, *de pé, um Cordeiro, como tinha sido morto*. A vitória final de Cristo como Leão de Judá — O Messias conquistador — só é possível porque antes ele sofreu como Cordeiro.

Aqui nos deparamos como um grande mistério, algo que o Novo Testamento afirma mas não explica, porque envolve realidades inexprimíveis em palavras no ponto em que o mundo espiritual de Deus corta o mundo histórico do homem. A dignidade e capacidade de Cristo de abrir os selos do rolo da história e destino da humanidade dependem da vitória que ele obteve em sua vida encarnada. Se ele não tivesse vindo em humildade, como Salvador sofredor, não poderia vir como Messias conquistador.

O significado do cordeiro é muito comum no Antigo Testamento. Na Páscoa, quando Deus libertou Israel do Egito, cada família matou um cordeiro ao anoitecer, aspergindo o sangue do cordeiro nas vergas e nas ombreiras de cada casa, para depois comer a carne assada. Naquela noite

o Senhor passou pela terra do Egito para ferir o primeiro filho de cada casa, exceto das que tinham sido aspergidas com sangue. “O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito” (Êx 12:13). O sacrifício anual do cordeiro pascal e a festa que se seguia tornaram-se a festividade mais importante de Israel, lembrando a ocasião em que Deus libertou o seu povo da escravidão e fez dele uma nação.

A metáfora do Cordeiro é o ponto central da grande profecia do servo sofredor de Is 53. Isaías viu um homem humilde e desprezado, injuriado e maltratado, que haveria de livrar seu povo através do sofrimento, levando sobre si as transgressões e as maldades deles. “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca” (Is 53:7). Ele foi cortado da terra dos vivos, enterrado como perverso, ele fez de si mesmo uma oferta pelo pecado, derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores, levando sobre si os pecados de muitos e intercedendo pelos transgressores.

Os judeus não sabiam o que fazer com esta profecia do servo de Deus que teve o destino de um cordeiro morto. Não podia ser uma profecia do Messias, porque, por definição, o Messias deveria ser um rei vitorioso e conquistador, que derrotaria os poderes do mal, e não que fosse derrotado por eles. Não temos evidências claras de que este servo sofredor como um cordeiro foi alguma vez identificado como o Messias pelo judaísmo antes do nascimento de Jesus, porque o Rei conquistador e o servo sofredor, manso e rejeitado, pareciam se excluir mutuamente. É importante observar em relação a isto que o próprio Isaías não atribui estes sofrimentos ao Messias, mas ao Servo do Senhor (Is 52:13; 50:10; 49:3,5,6).

A missão e o ministério de Jesus revelaram algo que antes não tinha sido entendido, que era o papel duplo que o Messias haveria de cumprir. Ele primeiro teria de vir em humildade e mansidão para sofrer e morrer, para no fim dos tempos retornar em poder e glória para colocar todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O Antigo Testamento não tinha esclarecido que o Rei teria de ser primeiro um Salvador crucificado. As profecias do Rei em Is 11, do filho do homem em Dn 7 e do servo sofredor em Is 53 aparecem todas no Antigo Testamento, mas em seu contexto veterotestamentário eles não estão relacionados entre si, parecendo ser três profecias independentes. Além de os judeus não terem previsto o fato de que o Messias teria de ser crucificado, isto continuava sendo para eles uma pedra de tropeço (1 Co 1:23). Isto era, todavia, o ponto central da fé cristã. O evangelho de João afirma que ele é tanto o Messias, Rei de Israel (Jo 1:49), como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29). O próprio Jesus afirmou isto depois da sua ressurreição. “Porventura não convinha que o Cristo (Messias) padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc

24:26). Felipe interpretou a profecia do servo sofredor como referente a Jesus (At 8:32-35), e Pedro falou da salvação proporcionada pelo precioso sangue de Cristo, como de cordeiro sem defeito e sem mácula (1 Pe 1:19).

A visão que João teve do Leão, que é um Cordeiro morto, retrata de forma muito bela esta verdade central da teologia do Novo Testamento. Não há explicação *por que* pela providência e propósito de Deus o Leão da tribo de Judá pode conseguir a vitória final sobre os seus inimigos somente como Cordeiro morto. Nós em nossos raciocínio cristão normal estamos ocupados principalmente com a cruz, como o lugar onde Jesus expiou nossos pecados e conquistou a redenção para os pecadores. A ênfase de João é que somente em virtude do sacrifício de Jesus como Cordeiro de Deus ele pode fazer o papel de Rei messiânico e levar a história da humanidade ao seu fim no Reino de Deus.

O Cordeiro estava como que morto; isto é, estava com a garganta cortada, como no matadouro. Com isto João aponta para a morte sacrificial de Cristo, não em primeiro lugar para sua fraqueza e sua humildade. Ele, todavia, está de pé; ele foi morto, mas ainda vive (cf. 1:18).

Os *sete chifres* representam a plenitude de poder que o Cordeiro possui. No Antigo Testamento o chifre é um símbolo comum de força, aparecendo pela primeira vez em Dt 33:17, e freqüentemente nos Salmos (Sl 18:2; 112:9). Jesus, depois de ressuscitar, afirmou: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mat 28:18).

O Cordeiro tem também *sete olhos*; isto indica sua onisciência, que ele pode ver tudo. Pano de fundo para isto é Zc 4:10, onde as sete lâmpadas na visão do profeta “são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra”. Os sete olhos do Senhor são os sete olhos do Cordeiro; eles são identificados também como *os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra*. Os olhos do Cristo exaltado são como uma chama de fogo (1:14) e os sete espíritos ardem como tochas de fogo diante do trono de Deus (4:5). Assim João retrata de maneira simbólica o relacionamento entre Cristo e o Espírito Santo. Na primeira visão o símbolo do Espírito — sete tochas de fogo (4:5) — estão diante do trono, simbolizando o relacionamento do Espírito Santo com Deus-Pai. Nesta visão os sete espíritos são enviados para toda a terra, para uma missão mundial. Não é explicado no que consiste esta missão, mas nós somos lembrados de expressões semelhantes no Novo Testamento, especialmente no evangelho de João. O Espírito do Filho, que o Pai enviou para morar no coração dos homens (Gl 4:6). O Pai enviará o Ajudador em nome de Jesus para ensinar-lhes todas as coisas (Jo 14:26). O próprio Jesus, exaltado, também envia o Espírito da presença do Pai para dar testemunho dele (Jo 15:26). Jesus tinha dito até que seus discípulos estariam em melhor situação tendo consigo o Espírito do que quando podiam contar com sua presença em carne (Jo 16:7). Em João 14:18 vemos o relacionamento inseparável que há entre o Filho e o Espírito, onde Jesus descreve a vinda do Espírito como se ele mesmo estivesse com os discípulos: “Voltarei para vós outros.”

É um pouco difícil determinar a posição do Cordeiro. Ele estava *de pé, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos*. Literalmente seria: “No meio do trono e dos quatro seres viventes e no meio dos anciãos.” Não está claro se o Cordeiro, então, está entre o trono e os seres angelicais que o circundam, ou se o Cordeiro é o centro de tudo, o ponto central de toda a cena. Em outra passagem o Cordeiro está “no meio do trono” (7:17), e na carta a Laodicéia o Cristo glorificado está sentado com o Pai no seu trono (3:21).

7. Veio, pois e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono. Desta maneira João está retratando o que ele afirmou no começo do livro: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (1:1). O Pai comunicou a revelação das últimas coisas ao Filho, que por sua vez as executará.

8. Quando o Cordeiro tomou o rolo selado, todo o céu irrompeu em um cântico de louvor ao Cordeiro. Talvez a ordem em que os diferentes grupos de anjos se encontram tenha importância aqui para identificar os vinte e quatro anciãos. Eles estão perto dos quatro seres viventes, e estão cercados de exércitos de anjos. Isto apóia o ponto de vista de que os anciãos são seres angelicais. Além disto não é feita distinção entre os seres viventes e os anciãos; ele *prostraram-se diante do Cordeiro* e aparentemente entoaram em conjunto o cântico de louvor ao Cordeiro.

Tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso. Não está claro se estas palavras se aplicam aos anciãos e aos seres viventes ou somente aos anciãos. A maioria dos comentadores limitam-nas somente aos anciãos, mas a forma de expressão dá a impressão de que os dois grupos estão incluídos. Harpas ou liras eram tradicionalmente usadas para o culto e o canto dos Salmos (Sl 33:2; 98:5; 147:7). Em duas outras ocasiões João se refere à harpa como o instrumento que acompanha a música celestial (14:2; 15:2). As taças (ou pires) de ouro cheias de incenso simbolizam as orações dos santos (Sl 141:2; Lc 1:10). O incenso era usado no Antigo Testamento, e no culto no templo. Diante do véu interior havia um altar de incenso, e diariamente nele se oferecia incenso a Deus. Nos primeiros três séculos não há evidências se os cristãos usavam incenso em seus cultos. De alguma maneira vê-se os seres angelicais como que ajudando as orações dos santos a subir até Deus. Em 8:3 a mesma figura aparece novamente, quando um anjo se aproxima do altar de ouro sobre o qual estão as orações dos santos. *As orações dos santos* aqui parecem ser as que pediam a vinda do Reino. “Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu” é uma oração que acompanhou a igreja por todos estes séculos, e finalmente deverá ser atendida.

“Santos” é o termo que João mais usa para designar o povo de Deus (8:3, 4; 11:18; 13:7, 10; 14:12; 16:6; 17:6; 18:20, 24; 19:8; 20:9), e é tam-

bém um dos termos preferidos de Paulo para os cristãos. De acordo com os dispensacionalistas os santos que são perseguidos pela besta (13:7, 10), martirizados na grande tribulação (17:6) e finalmente libertados por Deus (18:20) não são a igreja, mas Israel convertido. Este ponto de vista entende que a igreja foi arrebatada no início da tribulação. Limitar a palavra “santos” aos judeus convertidos, no entanto, não corresponde ao uso natural da palavra. Neste versículo, “santos” parece indicar todo o povo de Deus na terra que orou pela vinda do Reino de Deus; e os primeiros destes santos devem ser os crentes que constituem a igreja. Também em 11:18 o significado natural da palavra “santos” é todo o grupo de crentes, quando “chegou o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes”. A colocação dos termos “profetas e santos” (11:18; 16:6; 18:24) e especialmente dos termos “santos, apóstolos e profetas” somente tem significado quando aplicados à igreja, porque o judaísmo não teve apóstolos. A Noiva, adornada com linho finíssimo para a festa das bodas, linho que “são os atos de justiça dos santos” (19:8), sem dúvida é a igreja.

9. *E eles entoavam um novo cântico.* Isto é um eco ao culto do Antigo Testamento, em que Israel freqüentemente é incentivado a cantar um novo cântico ao Senhor (Sl 33:3; 98:1; 144:9; 149:1). Inicialmente esta frase denotava um hino de louvor renovado, não necessariamente diferente dos cantados antes. Mas a frase também pode designar um hino especial composto para uma ocasião especial. Em Is 42:10 é cantado um novo cântico “porque as primeiras predições já se cumpriram e novas coisas eu vos anuncio” (Is 42:9), ou seja, começará um novo sistema com novo ciclo de bênçãos. No presente caso o novo cântico é cantado porque o novo sistema redimido do Reino de Deus está para ser iniciado. O Apocalipse se caracteriza pelas coisas novas: um novo nome para os redimidos (2:17; 3:12), a nova Jerusalém (3:12; 21:2), novos céus e nova terra (21:1), tudo se fez novo (21:5).

O cântico é novo em contraste com os cânticos que João já mencionou, entoados para cultuar e adorar Deus, o Criador (5:8, 11). O novo cântico é entoado ao Cordeiro, o redentor, que é digno de desatar os selos e abrir o livro, em outras palavras, estabelecer o Reino de Deus, por causa da sua morte redentora. Ele é digno não tanto por ser Deus, por ser Filho de Deus, por se ter tornado homem ou por sua vida humana perfeita, mas por sua morte sacrificial.

A palavra grega traduzida *morto* aparece somente no Apocalipse para a morte de Cristo (5:6, 9, 12; 13:8), mas é um eco de Is 53:7, onde encontramos a mesma raiz: ele “foi levado ao matadouro”. A mesma palavra é usada também quando do martírio dos crentes na Ásia (6:9; 18:24).

A salvação aqui é *compra*, ou resgate. Esta palavra é paulina (1 Co 6:20; 7:23; Gl 3:13; 4:5), e tem sua origem na possibilidade de um es-

cravo comprar a sua liberdade por uma certa quantia de dinheiro. A transação era realizada em um templo, onde o dinheiro era colocado aos pés da divindade como se este deus estivesse comprando o escravo do seu senhor humano. Este recebia o seu dinheiro no templo, e o escravo a liberdade, apesar de formalmente passar a pertencer a este deus. Cristo comprou os homens *para Deus* “da terra” (14:3), de maneira que eles se tornam propriedade de Deus, livres da escravidão do pecado e da morte, do mal e do sofrimento que importunou a sua existência terrena. O preço de compra é o sangue de Cristo. A expressão idiomática grega pode bem ser traduzida “às custas do teu sangue” (cf. 1:5).

Foram comprados homens e mulheres *de toda tribo, língua, povo e nação*. A visão de João está ultrapassando o seu horizonte imediato e incluindo o mundo todo — povos aos quais o evangelho ainda não tinha chegado. João vê que a missão da igreja é uma unidade mundial, indo muito além das costas do Mediterrâneo e do domínio dos céares. A igreja nunca deve esquecer sua verdadeira natureza ecumênica.

10. O resultado da compra de Cristo é um povo que foi feito *reino e sacerdotes, que reinarão sobre a terra*. Esta ênfase é repetida diversas vezes no Apocalipse. É um dos pontos-chave no início do livro: Cristo “nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai” (1:6). No fim, quando Cristo volta para ressuscitar os mortos, ouvimos a frase de novo: “Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos” (20:6). A idéia do sacerdócio implica em acesso total e imediato à presença de Deus, para louvar e cultivar, e a idéia de reino significa que os redimidos não serão meramente o povo sobre o qual Deus reina; eles na verdade gozarão do privilégio de participar do seu reinado. Jesus prometeu que os mansos herdarão a terra (Mt 5:5), e a mensagem de Paulo incluía a promessa de que os santos reinariam um dia (1 Co 4:8).

Na palavra grega traduzida “reinarão” há um problema textual, porque nos manuscritos o verbo aparece ora no presente ora no futuro. Muitos críticos textuais preferem o tempo presente. Se este for o caso, a palavra pode se referir ao fato de que a igreja já é um reino no sentido de que crentes foram ressuscitados para se assentarem nos lugares celestiais com Cristo (Ef 2:6). A ascensão espiritual dos crentes junto com Cristo, todavia, enfatiza no Novo Testamento mais a sua vitória presente sobre o pecado e a morte que a idéia de participação do senhorio e do reino celestial de Cristo. À luz da referência clara que 20:6 faz, o correto parece ser escolher o tempo futuro, encarando o reinado dos santos mais como fazendo parte do fim. Isto inclui o reino milenar (20:4) e o novo sistema redimido, no novo céu e na nova terra (22:5).

Há um outro importante problema textual neste versículo. Algumas traduções trazem: “Tu nos redimiste para Deus... e nos constituíste reino e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra.” Determinar se aqui se trata de primeira ou terceira pessoa é muito importante para identificar os anciãos. Se a primeira pessoa for a certa, então os anciãos fazem par-

te do redimidos; se a terceira pessoa for a certa, os anciãos são claramente distintos dos redimidos. Até onde conhecemos a história textual dificilmente pode haver dúvidas quanto à versão certa, porque este é um dos exemplos em que as versões mais antigas divergem por se basearem em um texto grego muito antigo e falho. Mesmo assim ainda hoje em dia alguns comentaristas se baseiam neste texto falho, defendendo a primeira pessoa. Os anciãos estão entoando louvores ao Cordeiro pela redenção da igreja, não por sua própria redenção.

O cântico tem um significado especial neste ponto: Cristo, derramando o seu sangue na cruz, fez surgir uma humanidade nova e redimida; por esta razão sua obra de redenção deve incluir o desatar dos selos e a abertura do rolo, ou seja, o estabelecimento do Reino de Deus, para que os redimidos possam herdar o Reino que lhes foi prometido. A vinda do Reino escatológico é parte essencial da redenção que Cristo operou; o que ele fez na cruz permanece inacabado enquanto os comprados não adentrarem no reino com Cristo, e enquanto a esperança não se tornar realidade, quando Deus vem para morar no meio do seu povo (21:3).

11. Depois João viu multidões incontáveis de anjos acrescentando seu cântico de louvor ao dos quatro seres viventes e dos anciãos.

12. Eles exaltam a dignidade do Cordeiro de receber *poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor*. Estes sete atributos não deixam nada a desejar em termos de louvor; tudo que pertence a Deus-Pai também pertence ao Cordeiro, por causa da sua obra de redenção.

13. Agora toda a criação acompanha os anjos no louvor e na adoração: *Toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há*. Esta linguagem poética descreve a universalidade da redenção obtida por Cristo; não devemos pensar que isto significa que todos os homens e todos os seres espirituais, incluindo as hostes demoníacas, participarão das bênçãos da salvação de Cristo. Estamos diante de uma expressão do senhorio universal de Cristo, para que “ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2:10-11). Através de Cristo Deus “reconciliou consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1:20). O culto e a adoração prestados por toda a criação não é um cântico da própria redenção, como também não é o cântico dos quatro seres viventes e dos anciãos. Representa a certeza de que através de Cristo Deus restaurará a ordem e a paz neste universo caído.

O cântico da criação é entoado para Deus-Pai e para o Cordeiro: *Aquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro*. Lembramo-nos que o Cristo exaltado se sentou com seu Pai em seu trono (3:21). Temos aqui os

rudimentos de uma teologia da Trindade. João, sendo judeu, era monoteísta inflexível; só há e só pode haver um único Deus. Mas o Pai é Deus, e o Filho igualmente participa das prerrogativas divinas, recebendo culto e adoração que só cabem a Deus. Esta cristologia pura, junto com um monoteísmo inabalável, fez com que a igreja formulasse mais tarde sua teologia trinitariana: um só Deus, subsistindo em três pessoas. João não faz maiores reflexões sobre isto, nem tenta qualquer explicação para isto. Ele relata simplesmente o que ele experimentou juntamente com a igreja primitiva.

(2) Os seis selos (6:1-17).

O capítulo cinco concentrou-se no livro do destino que está na mão de Deus, selado, e destacou a verdade central do Apocalipse que somente o Cordeiro pode desatar os selos e abrir o livro, em virtude da sua morte sacrificial. A seguir João relata o que ele viu: o rompimento dos selos e — podemos presumir — a abertura do livro. Já indicamos que o rompimento dos selos não representa etapas da abertura do livro, mas é somente preliminar a esta. O livro em si contém duas coisas que se complementam: o estabelecimento do Reino de Deus e o agrupamento dos santos em seu Reino; e o julgamento por Deus dos poderes demoníacos que oprimiram o seu povo. O livro do destino explica o ódio terrível e a violenta hostilidade das forças do mal em relação ao povo de Deus, e que o sofrimento deste durará até o dia final. Mas Deus julgará estes poderes maus e no fim os destruirá. Antes do julgamento final Deus derramará uma série de maldições sobre os que se deixaram seduzir por estes poderes maus. Estes julgamentos, além de manifestar a ira de Deus contra tudo que é mau e rebelde, terão também o propósito misericordioso de levar os perversos aos joelhos em arrependimento, antes que venha o julgamento final e seja tarde demais.

Antes de o livro ser aberto os sete selos são desatados; depois seguem os acontecimentos do fim. O desatar dos selos retrata as forças que atuarão durante a história, pelas quais os propósitos de Deus relativos à redenção e ao julgamento serão transmitidos. Estes acontecimentos não fazem parte da grande tribulação, mas são preliminares e preparatórios a ela. O fato de que o sexto selo nos traz ao limiar do fim reforça esta conclusão; os outros cinco selos são precedentes.

a. O primeiro selo (6:1-2).

1. João (na visão) viu o Cordeiro romper o primeiro selo, e ouviu um dos quatro seres vivos dizer, com uma voz como um trovão: *Vem*. Muitos copistas dos manuscritos gregos entenderam que isto era um con-

vite para que João viesse e olhasse o momento da abertura do selo, de maneira que acrescentaram: “e veja”. Algumas traduções ainda contêm esta falha; o texto grego em seus manuscritos melhor preservados, no entanto, contém somente a ordem: “Vem”. O mesmo vale para os versículos 3, 5 e 7.

Uma interpretação diferente acha que o convite “vem” é paralelo ao de 22:17, “O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem.” Interpretado assim o convite seria a Cristo, para que venha em poder e vitória. Este ponto de vista se baseia na suposição de que os quatro seres vivos representam os poderes da natureza, que anseia pela redenção final que será obtida quando o Senhor voltar (Rm 8:22), de maneira que é a natureza que está pedindo que Cristo venha. Um convite como este, todavia, neste contexto de abertura do primeiro selo, é difícil. A interpretação mais natural do chamado repetido quatro vezes, “*ven*”, é que os quatro seres vivos estão chamando os quatro cavaleiros.

À medida que o Cordeiro vai rompendo os primeiros quatro selos, quatro cavalos surgem na terra como instrumentos dos propósitos divinos: o primeiro é branco, o segundo vermelho, o terceiro preto e o quarto amarelo. Em Zc. 6:1ss encontramos o pano de fundo para este simbolismo, onde o profeta tem uma visão de quatro carros puxados por cavalos de cores diferentes: vermelho, preto, branco, e os últimos baios. Estes quatro carros saem para os quatro ventos para percorrer a terra como instrumentos da ira de Deus contra os inimigos do seu povo.

2. Não há dúvidas quanto ao significado do segundo, terceiro e quarto cavaleiro. O segundo é guerra, o terceiro é escassez e o quarto é morte em forma de pestilência e violência. Sobre a identidade do primeiro cavalo e seu cavaleiro há muitas opiniões. João viu *um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer*. Muitos intérpretes insistem em que o primeiro cavaleiro deve ser entendido como sendo do mesmo tipo que os outros três; já que os outros três são poderes maus, de destruição e morte, pelos quais Deus executa seu julgamento, o cavalo branco não pode destoar do conjunto. Geralmente este cavalo branco é tido como conquistas em geral, enquanto que o cavalo vermelho é guerras em particular. Alguns têm a impressão que a chave da interpretação é o arco — um instrumento de guerra no mundo antigo pelo qual os partos eram especialmente conhecidos. Os partos eram um povo guerreiro que vivia na Ásia a sudeste do Mar Cáspio, na região do atual Irã. Seus cavaleiros eram conhecidos na guerra por sua rapidez de locomoção e sua habilidade no manejo do arco e flecha. Eles tinham sido subjugados pelos persas e mais tarde pelos reis gregos da Síria (os selêucidas); mas por volta de 250 a.C. eles se revoltaram contra os selêucidas, e durante os tempos do Novo Testamento eles eram o grande perigo para os romanos, ameaçadoramente estacionados na fronteira do Império Romano. A coroa do cavaleiro é tida

como um símbolo de conquista; o cavaleiro avança triunfante como conquistador que quer fazer cada vez mais conquistas.

Uma das maiores dificuldades desta interpretação é que ela não faz justiça à vestimenta *branca* do cavaleiro e à cor *branca* do cavalo; e na identificação dos outros três cavaleiros a cor é de grande importância. Nas entradas triunfais dos generais romanos eles não costumavam cavalgar um cavalo branco, mas geralmente andavam num carro puxado por quatro cavalos, uma quadriga.

Outros intérpretes apontam para a semelhança óbvia deste cavaleiro com o Cristo conquistador em 19:1-11. Naquela passagem Cristo está cavalcando um cavalo branco, tendo em sua cabeça muitos diademas. Uma representação do Cristo vitorioso neste contexto, no entanto, está fora de lugar, e além disto é difícil conceber Cristo voltando em resposta ao chamado de um dos seres viventes.

A cor branca, todavia, pode ser a chave para identificar o primeiro cavaleiro, porque no Apocalipse o branco sempre é um símbolo de Cristo ou de algo relacionado com ele, ou de vitória esperitual. O Cristo exaltado tem cabelos brancos como lã (1:14); os fiéis receberão uma pedra branca com um novo nome inscrito (2:17); eles vestirão roupas brancas (3:4, 5, 18); os vinte e quatro anciãos estão vestidos de branco (4:4); os mártires receberão roupas brancas (6:11), bem como a multidão inumerável (7:9, 13); o filho do homem é visto sobre uma nuvem branca (14:14); ele volta montado em um cavalo branco, acompanhado dos exércitos do céu que estão vestidos de branco e montam cavalos brancos (19:11, 14); no julgamento final Deus está sentado em um trono branco (20:11). Considerando esta evidência ampla, podemos procurar uma interpretação do cavalo branco que o relacione com algo associado a Cristo e à vida esperitual. O primeiro selo não traz nenhuma maldição consigo, como os três seguintes, o que apóia esta conclusão.

Fora do Apocalipse podemos encontrar outra chave para o significado dos selos. Muitos comentadores já apontaram para a semelhança que há entre a estrutura dos sete selos e o discurso do Monte das Oliveiras, em Marcos 13 e Mateus 24. Marcos 13:5-13 descreve o que é chamado de “o princípio dos sofrimentos” ou, melhor, o “princípio das dores”. O Reino de Deus não será estabelecido em um único momento, mas o futuro será um período de guerras e rumores de guerras, de conflitos, terremotos e perseguição até à morte. Mateus acrescenta que também haverá fomes (Mt 24:7). Estes males preliminares, que caracterizam o “princípio das dores”, serão seguidos de um período curto de grande tribulação (Mc 13:19) tal como o mundo nunca viu, quando o “abominável da desolação”, o “grande terror” (BLH) — o Anticristo — perseguir sem trégua o povo de Deus. Depois disto Cristo virá e reunirá os santos no Reino de Deus.

No discurso do Monte das Oliveiras aparece a mesma estrutura de pensamento do Apocalipse: uma época de dificuldades preliminares, marcada por males na sociedade humana e na natureza (os sete selos), se-

guida de um tempo curto mas terrível de grande tribulação (as sete trombetas e os sete flagelos, e a besta). No período mau preliminar há, todavia, uma nota positiva, relatada com algumas diferenças por Marcos e Mateus: “Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações” (Mc 13:10); “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mt 24:14). Esta época não será de sofrimento sem nenhum alívio, quando o povo de Deus estiver impotente e passivo à mercê dos poderes hostis. O Reino de Deus somente será estabelecido quando o Filho do Homem voltar, e por isto este período será de grande tensão: tensão entre os males característicos da história, que afligem principalmente os seguidores de Jesus, e a pregação ativa e agressiva do evangelho do reino por estes mesmos discípulos.

Na visão que João teve do cavalo branco esta verdade é apresentada muito bem. O cavaleiro não é o próprio Cristo, mas simboliza a pregação do evangelho de Cristo em todo o mundo. Os detalhes do cavaleiro não enfraquecem esta conclusão. Na Escritura muitas vezes o arco é um símbolo das vitórias divinas. “Tiras a descoberto o teu arco, e farta está a tua aljava de flechas. ... Na tua indignação marchas pelas terras, na tua ira calcas aos pés as nações. Tu saís para salvamento do teu povo, para salvar o teu ungido” (Hc 3:9,12,13; veja também Is 41:2; 49:2-3; Zc 9:13, Sl 45:4-5). A coroa é um símbolo cujo significado é esclarecido pelas palavras “saiu vencendo e para vencer”. Isto não implica necessariamente em conquista completa e absoluta, mas em que a pregação do evangelho obterá vitórias. Ele será pregado efetivamente em todo o mundo; e apesar do ambiente mau e hostil caracterizado pelo ódio, lutas e oposição humanos, o evangelho alcançará vitoriosamente todo o mundo.

Estamos aqui diante de uma palavra de confiança, combinada com um tom realista, para a igreja do primeiro século e de qualquer época posterior. Como um povo pode se dedicar a algo em que acha que só sofrerá derrotas? A primeira geração de crentes sofreu, e alguns dos imperadores posteriores se esforçaram com determinação para exterminá-los completamente. Mas apesar de todos os tipos de oposição a igreja difundiu com efetividade e vitórias o evangelho em todo o mundo romano, até que o Império suspendeu sua violenta oposição. Nós não esperamos a vinda do Reino de Deus e o julgamento do mundo mau antes que Cristo retorne; mas nós, como portadores atuais do evangelho do reino, esperamos ver vitórias conquistadas pelo poder deste evangelho.

b) O segundo selo (6:3-4).

3-4. Depois que o segundo selo foi aberto, um dos seres vivos chamou um cavalo *vermelho*, e ao seu cavaleiro *foi-lhe dado tirar a paz da terra*; e também *lhe foi dada uma grande espada*. Obviamente isto é um símbolo de guerra e derramamento de sangue. O tempo de João, fim

do primeiro século, não estava tanto caracterizado por guerras. Os exércitos romanos tinham, isto sim, esmagado com seu poder qualquer resistência, de maneira que havia paz da Armênia à Espanha. A grande Pax Romana proporcionou ao mundo do Mediterrâneo alguns séculos de paz que o mundo ocidental nunca mais experimentou depois disto. Era, todavia, uma paz baseada na força, o poder de Roma estava representado em todos os lugares pelas suas legiões. Em princípio a guerra e a conquista eram a política básica, e continuarão sendo até que o Senhor volte.

c. O terceiro selo (6:5-6).

5. *O cavalo preto* e o seu cavaleiro trazendo uma *balança* de dois pratos significam escassez. A balança era usada para pesar trigo.

6. João ouviu uma voz, e o que ela disse reflete condições de escassez, se bem que não exatamente de fome: *uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário*. O denário era uma moeda de prata que correspondia ao salário médio de um dia de um assalariado. Trigo era o alimento principal no mundo antigo, e cevada era o alimento dos pobres, porque era mais barato. Uma medida de trigo era o consumo diário médio de um homem. Isto demonstra a situação de escassez, porque um homem gastava tudo que podia ganhar — um denário — por dia para comprar alimento barato para uma família pequena. Em tempos normais um denário poderia comprar doze a quinze vezes mais alimento.

A voz acrescentou: *não danifiquem o azeite e o vinho*. Muitos comentadores entendem que isto significa que artigos de luxo, como azeite e vinho, não escasseariam; os pobres sofreriam, mas os ricos não passariam necessidade. É mais provável, no entanto, que estas palavras põem um limite ao grau de escassez; pode ser que vinho fino fosse um artigo de luxo para os ricos, mas azeite e vinho barato faziam parte das necessidades básicas dos pobres. “Cereal, azeite e vinho” é uma frase comum na Bíblia, representando as necessidades básicas da vida (Dt 7:13; 11:14; 28:51; 2 Cr 32:28; Ne 5:11; Os 2:8,22; Jl 2:19; Ag 1:11). Estes eram os principais produtos dos países da região, eram essenciais à vida normal destes países e não um luxo. Por isto o cavalo preto representa uma situação de necessidade, mas não de fome catastrófica. Também isto não pertence à grande tribulação, mas ao princípio das dores.

d. O quarto selo (6:7-8).

7-8. *O cavalo amarelo* representa *morte* pela *fome*, pela *peste* e por *feras*. A palavra grega *chloros* muitas vezes significa verde, um adjetivo que acompanha grama, folhas e árvores. A própria palavra significa vegetação. Um cavalo verde, no entanto, não cabe no contexto. A palavra também pode significar um ciza pálido, a cor cinzenta do medo; aqui

parece significar a palidez amarelada da morte. Não representa morte em geral, mas morte causada pelas coisas mencionadas.

O *inferno estava seguindo* o cavalo amarelo da morte. Não está claro como João viu isto, se o inferno estava montado em outro cavalo ou andando a pé atrás da morte, ou no mesmo cavalo com esta. Em qualquer dos casos, a idéia fica clara. O inferno, Hades em grego, na verdade significa o mundo dos mortos; o Hades acompanha a morte para recolher todos os que são vitimados por fome, mortandade (doenças, BLH) e feras. Morte à espada é diferente da praga do segundo cavaleiro, guerra, no sentido de que pode incluir todos os tipos de morte violenta, tal como assassinato, além da guerra. A inclusão da fome como uma das causas da morte mostra que esta praga é semelhante à do cavalo preto — escassez — com a diferença que a praga é mais intensa. Ela, todavia, ainda é de alcance limitado, porque seu cavaleiro recebe poder somente *sobre a quarta parte da terra*.

e. O quinto selo (6:9-11).

Os quatro primeiro selos retrataram em vívidos termos simbólicos as forças pelas quais Deus executará seus propósitos de redenção e julgamento no decorrer dos séculos. Em outras palavras, eles representaram o caráter da época e seu relacionamento com o Reino de Deus. A pregação do reino será executada com eficiência, mas em um ambiente hostil que apesar da presença do evangelho do reino, será caracterizado por guerra, sofrimento causado por necessidades materiais e econômicas, e morte. Isto deixa claro que o Reino de Deus não será estabelecido em sua plenitude na nossa época — um ensino com paralelos evidentes no discurso que nosso Senhor fez no Monte das Oliveiras, em Mateus 24 e Marcos 13.

9. Outra realidade que a igreja tem de enfrentar ao cumprir sua missão de proclamar o evangelho do reino é perseguição e martírio. Isto é demonstrado em um quadro muito nítido. João viu *debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam*. A menção do altar cria uma questão difícil. É este o altar dos sacrifícios, que estava diante do templo, no pátio dos sacerdotes? Ou é o altar de incenso, que estava dentro do templo, diante da cortina que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos? Esta é a primeira menção do altar; o capítulo 4, onde é descrito o céu como sala do trono do rei celestial, cheio de anjos em adoração, não o menciona. Onde estava o altar, em relação ao trono? Como o céu pode ser descrito ao mesmo tempo como uma sala do trono e um templo?

É precisamente a fluidez do pensamento apocalíptico que possibilita isto. As visões apocalípticas não pretendem ser fotografias de fatos objetivos; geralmente elas são representações simbólicas de realidades espirituais quase inimagináveis. Na verdade Deus não está sentado sobre um trono; ele é um Espírito eterno, que nem está de pé, nem senta nem se

deita. O quadro de Deus sentado no trono é uma maneira simbólica de deixar claro a realeza e soberania da Divindade.

Alguns intérpretes insistem em que o altar tem de ser o altar do incenso, porque desde o sacrifício de Cristo na cruz não há mais lugar para sacrifícios. Este raciocínio não leva adequadamente em conta a natureza simbólica da linguagem apocalíptica. O céu é ao mesmo tempo a sala do trono de Deus e seu templo: o altar é o do sacrifício, apesar de a morte de Cristo acabar com os sacrifícios. Isaías viu “o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo” (Is 6:1). E o altar também está dentro do templo (Is 6:6). Sl 11:4 diz: “O Senhor está no seu santo templo; nos céus tem o Senhor o seu trono.” Não há problema em misturar os símbolos e imaginar o céu tanto como o templo de Deus como onde está seu trono, mesmo não havendo equivalente terrestre para a mistura dos quadros. (O céu é considerado templo de Deus em passagens como Sl 18:6; 29:9; Hc 2:20; Mq 1:2, entre outras.) Por esta razão não precisamos forçar a questão da posição do altar ou em que relação ele está com o trono.

O altar é mencionado em 8:3, 5; 9:13; 11:1; 14:18 e 16:7. Em 8:3, 5, o altar está diante do trono e parece ser o altar do incenso, representando as orações dos santos. Em 11:1, o altar parece ser o do sacrifício, que ficava no pátio dos sacerdotes. No nosso texto o altar é claramente o do sacrifício, onde sangue sacrificial é derramado. João viu as almas dos mártires *debaixo do altar*, mas isto nada tem a ver com o estado intermediário dos mortos e sua situação naquele momento; é só uma maneira vívida de mostrar que eles foram martirizados pelo nome do seu Deus. No Antigo Testamento o sangue ritual das vítimas do sacrifício era derramado à base do altar (Lv 4:7). João vê as almas dos mártires sob o altar, apesar de eles terem sido sacrificados sobre o altar e seu sangue derramado diante deste. O pensamento cristão emprega muitas vezes a linguagem da morte sacrificial. O apóstolo Paulo, enquanto aguardava sua execução, disse: “Estou sendo já oferecido por libação (sacrifício)” (2 Tm 4:6). Alguns anos antes disto, também encarando a possibilidade de ser morto, ele tinha dito: “Mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício da vossa fé, alegro-me” (Fp 2:17). Os mártires do cristianismo, então, são vistos como sacrifícios oferecidos a Deus. Eles foram mortos na terra e seu sangue tingiu o solo; pela fé cristã, no entanto, na verdade o sacrifício ocorreu no céu, onde suas almas foram oferecidas no altar celestial.

É duvidoso se João tem em mente algum martírio ou grupo de mártires histórico particular. Já vimos anteriormente que, ao tempo em que João escreveu, a igreja ainda não tinha experimentado martírio generalizado ou em grande escala. Nero empreendeu uma breve perseguição local dos cristãos em Roma, e no tempo de João, Domiciano perseguiu algumas famílias em Roma, aparentemente por serem cristãs. João profetiza que no fim dos tempos a besta ou o Anticristo perseguirá a igreja com ferocidade, a ponto de quase destruí-la. Na presente passagem João

parece estar pensando em todos os mártires cristãos de todas as épocas, talvez particularmente os do fim dos tempos. Todo o Novo Testamento enfatiza repetidamente que a igreja é por natureza um povo mártir. Quando Jesus ensinou que quem quer ser seu discípulo deve negar-se a si mesmo e tomar sobre si a sua cruz (Mt 10:38; 16:24), ele não estava falando de carregar cargas pesadas, mas de estar disposto a ser martirizado. A cruz nada mais é do que um instrumento de morte. Cada discípulo de Jesus é em sua essência um mártir; João aqui está abrangendo todos os crentes que sofreram até este ponto.

Estes mártires “tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam” (cf. 1:9; 12:11, 17; 19:10; 20:4). A “palavra de Deus” é o evangelho que Deus deu aos homens e pelo qual eles são salvos, e que inclui as grandiosas realidades da ressurreição e do senhorio de Cristo. Nenhum cristão podia confessar que Cristo é o Senhor e, ao mesmo tempo, se curvar ao senhorio de um soberano humano como o imperador. Na história do *Martírio de Policarpo* (9) este recebeu a promessa de liberdade se negasse a Cristo e jurasse por César. A tendência de perseguir os cristãos estava se alastrando pelo mundo romano, embora se tornasse um princípio generalizado só bastante tempo depois.

“O testemunho que sustentavam”, gramaticalmente, pode significar o testemunho que eles deram de Cristo; mas de um estudo desta frase que se repete (veja acima) concluímos que é mais provável que quem deu o testemunho é Jesus; eles creram neste testemunho, e por causa disto foram mortos.

10. Estas almas debaixo do altar clamam a Deus. *ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, até quando não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?* A expressão “Soberano Senhor” é tradução de uma única palavra grega. Não se trata da palavra geralmente traduzida por Senhor no Novo Testamento — *kyrios* — mas de um título muito usado para Deus no Antigo Testamento grego, *despotes*, que significa o governo soberano de Deus sobre todas as coisas. Deus é chamado de *santo*, isto é, acima de tudo que é mau e que por isto não pode tolerar para sempre o mal que foi feito aos mártires. Ele também é o *verdadeiro*, ou seja, aquele que é fiel às suas promessas da aliança, que por fim vai salvar seu povo, mesmo se este foi martirizado, e levá-lo à redenção completa no Reino de Deus. Estas almas de mártires que se encontram sob o altar clamam por justiça. A frase *dos que habitam sobre a terra* é mais vezes repetida no Apocalipse, e significa a humanidade em sua rebelião e hostilidade contra Deus (cf. 3:10; 11:10; 13:8, 12, 14; 14:6; 17:8).

A oração destas almas pode ser interpretada tanto como um pedido de vingança como por justiça. De fato, há exemplos da história dos primeiros mártires cristãos em que estes não demonstravam o mesmo espírito que Jesus e Estêvão, orando por perdão para os que os perseguiam. Pelo contrário, às vezes os mártires ameaçavam seus torturadores com o

julgamento da ira vindoura. A Escritura adverte contra este espírito de vingança, proibindo a vingança pessoal, e estimulando os cristãos perseguidos a dar comida a inimigos com fome e bebida aos que estão com sede. Devem demonstrar amor aos que os atormentam, e deixar a vingança para Deus, que julgará com justiça (Rm 12:19). À luz deste raciocínio muitos intérpretes entenderam a oração dos mártires como uma oração judaica por vingança, e não uma verdadeira oração cristã.

Por outro lado há, através da Escritura, um tom ocasional de clamor por justiça. Deus disse a Caim, depois deste ter matado Abel: "A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim" (Gn 4:10). Nosso Senhor contou uma parábola sobre pessoas justas que sofrem à mercê dos perversos, e cuja única justiça é Deus: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça" (Lc 18:7-8). Como o clamor vem de baixo do altar, para onde corre o sangue derramado, a impressão é de que o sangue dos mártires é que está pedindo justiça, e não os mártires exigindo vingança pessoal. Eles oram que a justiça divina caia rápido sobre os perversos que mataram os justos; ela vem com certeza, porque Deus é santo e verdadeiro.

11. A *vestidura branca* que os mártires receberam não é um corpo momentâneo ou o corpo ressurreto. Se fosse este o significado das roupas brancas, os mártires as teriam recebido na hora da morte. As vestes brancas são um símbolo de felicidade e repouso, apesar de a felicidade final e perfeita vir só com o retorno de Cristo e a ressurreição do corpo. As almas dos mártires ainda estão repousando junto ao altar; eles ainda não estão se alegrando da presença total de Deus. As almas dos mártires têm de *repousar ainda por pouco tempo* antes de alcançar a felicidade total; enquanto isto elas estão repousando.

Eles tem de esperar com paciência *até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos*. Não há dúvida de que não devemos tomar esta afirmação por uma equação matemática, como se Deus tivesse decretado o número de mártires que deve ser atingido, e só quando a quantidade estabelecida estiver morta é que virá o fim. Indica, isto sim, que João sabe que o fim não virá logo, e que a igreja experimentará mais épocas de martírio.

f. O sexto selo (6:12-17).

12-14. Quando o sexto selo foi quebrado João viu uma série de fenômenos que em linguagem profética e apocalíptica geralmente indicam o fim do mundo. Considerando que muitos intérpretes pensam que estas palavras significam simbolicamente revoluções sociais, econômicas e políticas, temos de enfatizar o pano de fundo profético do Antigo Testamento. No dia do Senhor, quando Deus afinal visitar a terra com julgamento e redenção, todo o sistema do universo será abalado. Joel pro-

fetiza: "O sol se converterá em treva, e a lua em sangue, antes que venha o grande terrível dia do Senhor" (Jl 2:31). E mais adiante: "O dia do Senhor está perto... O sol e a lua escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor" (Jl 3:14, 15). Ageu escreveu: "Ainda uma vez dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca" (Ag 2:6). Para Isaías o dia do Senhor é um tempo em que "as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; e o sol logo ao nascer se escurecerá, e a luz não fará resplandecer a sua luz" (Is 13:10). Em outra passagem Isaías escreveu: "Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira" (Is 34:4). Jeremias descreveu o mesmo acontecimento: "Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todos os outeiros estremeciam... Pois assim diz o Senhor: Toda a terra será assolada; porém não a consumirei de todo. Por isso a terra pranteará e os céus acima se enegrecerão" (Jr 4:23-28).

No discurso que nosso Senhor fez no Monte das Oliveiras encontramos a mesma linguagem de catástrofe cósmica. Imediatamente após o curto período da grande tribulação "o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados" (Mt 24:29). E após esta perturbação cósmica o Filho do Homem aparecerá entre as nuvens para reunir seus eleitos no Reino de Deus. A linguagem que João emprega é tão semelhante à profecia de Mateus 24 que é difícil crer que João não a conhecesse.

Uma profunda teologia serve de base para esta linguagem de catástrofe cósmica no fim dos tempos. Ela ilustra a transcendência de Deus e como a criação depende de seu criador. O Antigo Testamento retrata constantemente as visitas de Deus em termos de teofania, isto é, majestade, poder e glória tão grandiosos que o mundo físico é abalado. A ilustração mais notável disto é quando Deus aparece no Monte Sinai. Isto, todavia, não é tudo. O Antigo Testamento mostra que o mundo físico participa de alguma maneira do destino do homem, caído sob o peso de violência, decadência e morte, e por esta razão sujeito ao julgamento divino e precisando de salvação. Falando da catástrofe cósmica no fim dos tempos, quando Deus visitar sua criação no dia do Senhor, a Bíblia está descrevendo de maneira pitoresca o julgamento divino que desaba sobre o mundo. A forma de se expressar é "semi-poética", isto é, a linguagem é simbólica e dificilmente pode ser tomada muito ao pé da letra.¹ Por exemplo: Como, à luz do nosso moderno conhecimento da astronomia, podemos conceber estrelas caindo sobre a terra? Se sabemos que a abóbada celeste azul na realidade é uma ilusão ótica, como podemos imaginar o céu sendo enrolado como um pergaminho?

1. Este autor fez um estudo detalhado deste problema em seu livro *Jesus and the Kingdom* (Waco, Texas, Word Books, 1964), cap. 2.

A linguagem, no entanto, não é somente poética ou simbólica de realidades espirituais, mas descreve uma catástrofe cósmica real de caráter inconcebível para nós. Das ruínas do julgamento emergirá um sistema novo, redimido, que João chama de novo céu e nova terra (21:1).

15-17. Os que experimentaram esta catástrofe reconheceram-na como o fim do mundo. Todo tipo de pessoas, pequenos e grandes, de alta ou inferior posição, *se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes*, procurando cobrir-se *da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?* Por trás disto transparece uma das primeiras passagens "apocalípticas" do Antigo Testamento, Is 2:19, em que o dia do Senhor é descrito como um tempo em que "os homens se meterão nas cavernas das rochas, e nos buracos da terra, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra".

A expressão "dia do Senhor" pode incluir todo o período que dará fim a esta era e dará início à era futura. Será o dia do julgamento dos perversos — dia da ira — e um dia de redenção para os justos. No Novo Testamento ele é chamado de dia do Senhor (2 Ts 2:2), o dia de Cristo (Fp 1:10), o dia do Senhor Jesus Cristo (2 Co 1:8) ou o dia do Senhor Jesus (2 Co 1:14). Também é o dia da ira (Rm 2:5) e o dia da redenção (Ef 4:30). Não podemos fazer distinção entre estes diferentes termos, como se fossem dias diferentes que podemos distinguir um do outro. No nosso exemplo, a catástrofe cósmica convence os homens de que o dia chegou e o Senhor está para aparecer.

João, no entanto, não continua descrevendo o fim e a vinda do Senhor, como poderíamos esperar. Ao invés disto ele continua com relatos de certos acontecimentos que precedem imediatamente o fim. E, de fato, quando o sétimo selo é rompido (8:1) nenhuma maldição lhe segue; em vez disto João relata o soar das sete trombetas e as maldições que as acompanham, e depois o derramar das sete taças de ira de Deus e os flagelos que elas proporcionam. Isto concorda com a maneira de nós entendermos os sete selos. Interpretamos os selos como forças que estarão atuando durante as épocas, sendo somente preliminares à abertura do livro. O rompimento de cada selo não está revelando parte do livro, como se fosse capítulo por capítulo; todos eles tem de ser desatados antes que o livro possa ser aberto. O sexto selo nos leva ao limiar da abertura do livro e dos acontecimentos do fim. Com o rompimento do sétimo selo o livro pode ser aberto, revelando seu conteúdo. O livro contém as profecias do fim do mundo; o fim não consiste em um só evento, mas em uma série de acontecimentos. Deles fazem parte a ira de Deus que é derramada sobre uma civilização rebelde, o julgamento do Anticristo e a destuição dos seus exércitos, bem como a ressurreição dos mortos e o estabelecimento do Reino de Deus. De maneira que podemos concluir que o sexto selo nos traz ao limiar do fim; e então João recua, de alguma forma, para contar a história do fim com mais detalhes. O sétimo selo ao ser quebrado abre o

livro e inicia a história dos acontecimentos do tempo final; este é o conteúdo do Apocalipse daqui em diante.

Os primeiros seis selos, que representam os acontecimentos que antecedem o fim, o “princípio das dores” (Mt 24:8) agora já estão abertos, e chegou a hora de quebrar o último selo, abrir o livro e ver o que vai acontecer no fim. O fim é uma série de eventos que incluem o ponto máximo da luta entre o povo de Deus — a igreja — e a besta inspirada por Satanás, o Anticristo. Então a ira de Deus será derramada sobre o Anticristo e a civilização que o apoiou, e por fim o povo de Deus será libertado, salvo para o Reino de Deus.

Antes de João começar a história do fim de fato, ele faz uma pausa empregando uma técnica à qual ele recorre mais algumas vezes para interromper o fluxo da sua narrativa. Ele insere um interlúdio, um quadro que é essencial para podermos acompanhar adiante a narrativa. No caso, a igreja, que está no limiar da sua grande tribulação ou grande sofrimento, tem mais uma vez enfatizada a certeza de que Deus a guiará a salvo através da sua grande provação. Quando ao sexto selo se seguiram os sinais do fim, as pessoas gritaram de terror: “Chegou o grande dia da ira ... e quem é que pode sustê-lo?” (6:17). Agora eles recebem a resposta a esta pergunta. Os que Deus selou serão preservados com segurança quando for derramada a ira divina, mesmo sofrendo martírio.

(3) Interlúdio: As duas multidões (7:1-17).

Neste interlúdio João tem a visão de duas multidões. A primeira consiste num grupo de doze mil de cada uma das doze tribos de Israel. A segunda é um grupo inumerável de todas as tribos, povos e línguas, isto é, não judeus, que sofrem o martírio na grande tribulação.

a. Os 144.000 (7:1-8).

1. João agora vê a terra como uma grande superfície quadrada, com um anjo em cada um dos *quatro cantos*. Eles estão *conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma*. Estes anjos têm poder para prejudicar terra, mar e árvores, provavelmente deixando soltos os quatro ventos.

2-3. Mas João viu *outro anjo que subia do nascente do sol*, ou seja, do oriente em direção à Palestina, que tinha o *selo do Deus vivo*; e ele gritou aos quatro anjos que não danificassem a terra *até selarmos em suas frentes os servos do nosso Deus*.

Esta é a maneira pitoresca de João se referir às pragas que logo cairão sobre a humanidade, e à proteção do povo de Deus durante estas pragas. Deparamo-nos novamente com a fluidez da linguagem apocalíptica. Nós esperaríamos que depois de os servos de Deus serem selados, os anjos nos quatro cantos da terra receberiam autorização para soltar os ventos e deixar que eles tragam seus tormentos. Mas não se fala mais nenhuma vez nos quatro anjos. Em seu lugar encontramos sete anjos, cada um com uma trombeta, ao som das quais fragorosas pragas desabam sobre a terra. Nunca podemos nos cansar de enfatizar que a linguagem apocalíptica não exprime sua mensagem em um estilo fotográfico preciso, mas mais no estilo da moderna arte surrealista, com grande fluidez e imaginação. A mensagem destes versículos é unicamente esta: que o julgamento das primeiras pragas será retido até que o povo de Deus esteja selado.

4-8. João ouviu quantos eram os selados: doze mil de cada uma das doze tribos de Israel. Uma referência posterior esclarece o porquê deste selo. Ao soar da quinta trombeta uma praga de gafanhotos assola a terra, mas esta praga não atinge a todos. Atinge somente “os homens que não têm o selo de Deus sobre as suas fontes” (9:4). Deus vai derramar sobre a terra a sua ira, castigando uma sociedade apóstata e rebelde com pragas terríveis, antes que venha o julgamento final. No meio desta sociedade rebelde está o povo de Deus, mas a ira de Deus não o atinge; eles estão selados, e desta forma protegidos da ira.

A visão de João lembra a história de Israel no Egito. Deus castigou os egípcios com dez pragas tentando dobrar o Faraó teimoso diante da vontade de Deus. Israel estava no meio do Egito, mas Deus o protegeu das pragas que atingiram os egípcios. A décima praga matou todos os primogênitos do Egito, mas os israelitas receberam instruções para matar um cordeiro e aspergir o sangue nas ombreiras das portas, e quando o anjo da morte passou pela terra ele não entrou nas casas marcadas com sangue.

A afirmação de **16:2**, no início dos flagelos, confirma esta interpretação do significado do selo dos 144.000. As taças não são derramadas sobre todos, mas somente sobre os que trazem a marca da besta e adoraram a imagem. Durante a grande tribulação Deus vai proteger seu povo da sua ira, apesar de ele ter de sofrer perseguição do Anticristo.

Com certeza este selo é algo espiritual, e não um fenômeno visível. Este selo dos servos de Deus tem outro significado do que os selos do livro, que estudamos em **5:1-5**. O livro foi selado para ocultar seu conteúdo dos homens; os 144.000 são selados para estarem protegidos do mal que vai acontecer. Uma idéia análoga é o selo espiritual que o Espírito Santo coloca em cada cristão; “Fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade” (Ef 1:13, 14; veja também 2 Co 1:22 e Ef 4:30). Este selo que os crentes recebem é a certeza de segurança espiritual, com base no

fato de que somos propriedade de Deus. O selo é uma realidade espiritual que não pode ser vista com os olhos físicos. Da mesma forma o povo de Deus durante a tribulação estará selado e protegido da ira.

Quem são estes 144.000 não é um problema fácil de resolver. A maneira mais fácil de resolver a questão é vê-los como o povo judeu e ver neste simbolismo a salvação de Israel. A descrença do povo judeu, à luz das promessas de Deus, era um problema crítico na igreja primitiva, e Paulo dedicou três capítulos da sua carta aos Romanos (9-11) a este problema. Alguns críticos vêem nestes três capítulos a parte central da epístola. Paulo insiste em que as promessas de Deus não perderam sua validade, porque há um remanescente judeu crente que herdou as promessas. A maior parte de Israel, todavia, se tornou culpada de descrença e por causa disto foi quebrada do povo de Deus, para os quais Paulo usa a figura de uma oliveira. Gentios foram enxertados pela fé na oliveira, tomando o seu lugar. Mesmo assim Deus não deixou Israel de lado; ele ainda é um “povo santo” (Rm 11:16); e o objetivo de Deus é no fim provocar ciúmes em Israel e trazê-lo à fé. No momento, Israel está endurecido em sua descrença, “até que haja entrado a plenitude dos gentios” (Rm 11:25). A salvação dos gentios provocará ciúmes em Israel (Rm 11:11, 14), e desta maneira “todo o Israel será salvo” (Rm 11:26). Paulo está falando aqui do ponto de vista da história da redenção. É óbvio que ele não está dizendo que todos os judeus que uma vez viveram serão salvos. Ele está dizendo que um dia toda a família de judeus vivos — “todo o Israel” — será salva.

Muitos intérpretes entendem esta passagem espiritualmente e aplicam as palavras “todo o Israel” à igreja gentia. Deste ponto de vista, Paulo está afirmando simplesmente que todo o povo de Deus será salvo — o Israel espiritual estará completo. Esta interpretação não cabe no contexto. Em todo o trecho de Romanos 9-11 há um movimento do Israel literal à igreja gentílica e, neste contexto, “todo o Israel” tem de se referir a toda uma geração de judeus vivos. Deus não rejeitou seu povo para sempre; quando os gentios estiverem salvos, Deus se voltará novamente para Israel, que experimentará uma salvação nacional.

Muitos intérpretes acham que os 144.000 representam Israel convertido. Os 12.000 de cada tribo são a maneira pitoresca de João dizer a mesma coisa que Paulo: “Todo o Israel será salvo”.

Não há dúvida que esta é uma interpretação possível, mas ela enfrenta uma dificuldade crítica: os 144.000 não são selados para salvação mas para proteção, das pragas. Além disto no versículo 3 eles são chamados de “servos de Deus”. Eles não se convertem nesta ocasião, mas já estão convertidos. E ainda: se eles são judeus convertidos é difícil compreender por que razão eles são preservados dos sofrimentos da tribulação enquanto grandes multidões de gentios sofrem martírio.

Outro ponto de vista, próximo a este último, é que os 144.000 são um remanescente judeu que serão testemunhas do “evangelho do reino”,

isto é, da vinda do Reino de Deus, durante a grande tribulação, depois de a igreja ter sido arrebatada. Neste caso a segunda multidão é composta de milhares de gentios supostamente salvos em consequência da pregação do remanescente judeu, por sua vez martirizados pelo Anticristo. Este ponto de vista, todavia, depende da teoria de que a igreja já foi arrebatada — teoria para a qual não encontramos nenhuma evidência. Além disto esta opinião tem dificuldade com algumas contradições. Este ponto de vista dispensacionalista ensina que a igreja será arrebatada no início da grande tribulação, e que o principal objeto da ira da besta ou do Anticristo será a nação judaica, restaurada na Palestina. Esta interpretação crê que o Anticristo fará um tratado com Israel por sete anos, quebrando-o na metade da “semana de anos”, voltando-se com violência contra seus antigos aliados para destruí-los (cf. Dn 9:27). Este ponto de vista dispensacionalista tem de encarar a dificuldade de que não são os judeus que são martirizados, vítimas do ódio do Anticristo, mas um grupo muito grande de gentios (cap. 13).

Há boas razões para crermos que pelos 144.000 João quer identificar o Israel espiritual — a igreja. Certas irregularidades na lista das doze tribos de Israel levam a esta idéia. Certo é que a lista de João não coincide com nenhuma outra lista conhecida das doze tribos de Israel. Muitos intérpretes insistem em que estas doze tribos têm de ser tomadas ao pé da letra e por isso representam o Israel literal. Só que se as interpretarmos literalmente, estas doze tribos não representam o Israel físico. Uma pequena pesquisa em diversas listas do Antigo Testamento esclarecerá isto.

Apocalipse 7

Judá
Rúben
Gade
Aser
Naftali
Manassés
Simeão
Levi
Issacar
Zebulom
José
Benjamim

Gênesis 49

Rúben
Simeão
Levi
Judá
Zebulom
Issacar
Dã
Gade
Aser
Naftali
José
Benjamim

Ezequiel 48

Dã
Aser
Naftali
Manassés
Efraim
Rúben
Judá
Benjamim
Simeão
Issacar
Zebulom
Gade

A profecia de Ezequiel 48 fala da salvação final de Israel e da divisão escatológica da Terra da Palestina. Se João quisesse relatar a salvação escatológica de Israel, provavelmente ele seguiria esta lista de Ezequiel; mas ele não o faz. Estas são as irregularidades da lista de João: A tribo de Dã está totalmente omitida; a tribo de Efraim também está omitida, mas está incluída indiretamente, porque José era pai de Efraim e Manassés.

Isto significa que, na realidade, a tribo de Manassés está incluída duas vezes.

Até hoje não foi apresentada nenhuma explicação satisfatória para esta lista de nomes irregular, a não ser esta: que João queria dizer que as doze tribos de Israel não são o Israel literal, mas o Israel verdadeiro, espiritual — a igreja. Alguns intérpretes tentaram esquivar-se da maior dificuldade — a omissão de Dã (que é a primeira tribo mencionada no povo escatológico de Ezequiel 48) — sugerindo que o Anticristo sairia da tribo de Dã. Por isto esta tribo é considerada apóstata e excluída do povo de Deus e da herança da terra. Esta opinião já remonta a Irineu, no segundo século.¹ Ela naufraga, todavia, no fato de Dã estar incluída na salvação do povo escatológico em Ezequiel 48.

O Novo Testamento claramente considera a igreja o verdadeiro Israel espiritual. Na verdade a palavra “Israel” nunca é usada para a igreja, a não ser em Gl 6:16; mas há divergências sobre a exegese deste texto. Não há discussão, todavia, sobre o fato que “se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:29). Em Rm 4:11 Abraão é o “pai de todos os que crêem”, circuncidados ou não. “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é apenas na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não segundo a letra” (Rm 2:28-29). “Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus” (Fp 3:3). Se os crentes são os verdadeiros filhos de Abraão e a verdadeira circuncisão, então temos de concluir que a igreja é o verdadeiro Israel espiritual, mesmo se a palavra em si não é usada para a igreja. Cremos que a expressão “o Israel de Deus” (Gl 6:16) confirma isto.

Duas referências anteriores deixam claro que João também fazia esta distinção entre o Israel exterior, da letra, e o Israel interior, espiritual. Em Esmirna havia “os que a si mesmos se declaram judeus, e não são, sendo antes sinagoga de Satanás” (2:9; veja também 3:9). Em outras palavras, existem pessoas que são judeus de fato, exteriormente — literalmente Israel — mas na realidade elas não são judeus verdadeiros — Israel espiritual — e seguem os caminhos de Satanás e não os de Deus.

Se João faz distinção entre Israel literal e espiritual, é possível que ele fale das doze tribos de Israel referindo-se aos verdadeiros judeus — a igreja. Ele indica esta intenção alistando as doze tribos de uma forma não igual à do Israel físico.

Esta interpretação é a que melhor faz jus ao sentido do texto e mostra o relacionamento que há entre as duas multidões. Elas são constituídas das mesmas pessoas — a igreja — vista em dois estágios da sua história nos últimos tempos: primeiro no limiar da grande tribulação e

1. *Contra Heresias*, V. 30.2.

depois de ter passado por ela, martirizadas mas vitoriosas. Lembramos das palavras do nosso Senhor quando ele descreve o destino dos seus discípulos: “Sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. ... Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça” (Lc 21:16, 18).

As duas multidões representam a igreja vista à luz de dois aspectos da grande tribulação: a ira de Deus, e a perseguição da besta. A igreja é selada para estar protegida das pragas que expressam a ira de Deus com o Anticristo e seus seguidores; mas na grande tribulação a igreja sofrerá perseguição e morte, como já tem sido por toda a sua história.

Não é difícil entender o número 12 x 12.000. Como é costume no Apocalipse, o número é simbólico e afirma que todo o povo de Deus será guiado com segurança através da tribulação; nem um só se perderá.

b. A grande multidão (7:9-17).

A igreja é enfocada pela segunda vez de uma perspectiva totalmente diferente. A primeira multidão está no limiar da tribulação; a segunda está salva no Reino de Deus, depois da tribulação. A pergunta mais difícil de responder é se eles foram martirizados ou não. Eles saíram da grande tribulação (v. 14) e lavaram e branquejaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Não há nenhuma indicação positiva na passagem de que eles são mártires. Eles, todavia, estão parados diante do trono; em outras palavras, eles foram mortos e agora estão na presença de Deus e do Cordeiro. Se eles morreram na grande tribulação presume-se que eles foram martirizados, porque a grande tribulação será um tempo de intenso martírio.

Esta idéia aparece diversas vezes no Novo Testamento e remonta a Dn 12:1. “E haverá tempo de angústia (tribulação, em grego), qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”. Nosso Senhor repetiu as palavras de Daniel: “Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados” (Mt 24:21-22). Paulo descreveu a personagem maligna que agirá contra o povo de Deus como “o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou objeto de culto” (2 Ts 2:3-4). João dedica um capítulo inteiro a este Anticristo, chamando-o de a besta que exigirá adoração universal, com o apoio do falso profeta. Foi-lhe permitido que “pelejassem contra os santos e os vencesse” (13:7). Ele recebeu autoridade sobre todos os povos da terra. O falso profeta exige que todos os homens adorem a besta; os que não se adaptam são mortos (13:15).

A teologia que está por trás da grande tribulação é o conflito secular entre Deus e Satanás. Um dos temas centrais do ministério do nosso Senhor foi seu conflito com Satanás e os poderes demoníacos. Com sua

encarnação e sua missão terrena nosso Senhor infligiu uma derrota decisiva ao diabo (Mt 12:28-29; Lc 10:18; Hb 2:14), para que os homens pudessem ser libertados das trevas e ter acesso ao Reino de Cristo (Cl 1:13). Apesar de livre do poder espiritual de Satanás, a igreja não é poupada de tribulação e perseguição, pelas quais Satanás expressa seu ódio feroz contra o povo de Deus. De fato, tribulação — perseguição — é o que a igreja deve esperar como normal no mundo (Jo 16:33; At 14:22; Rom 8:35). A grande tribulação nada mais será que uma forte intensificação da mesma hostilidade satânica que a igreja experimentou durante toda a sua existência; Satanás, em um último esforço desesperado, tenta desviar o coração do povo de Deus do seu Senhor.

No capítulo 14 encontramos um paralelo à visão da grande multidão. Logo depois da grande tribulação João tem uma visão antecipada dos 144.000 no Monte Sião (Jerusalém celestial), no Reino de Deus. Do ponto de vista da poderosa luta espiritual que se desenrola entre Deus e Satanás, não é de grande importância se alguém está vivo ou morto. O que realmente importa é se a pessoa adorou a Cristo ou ao Anticristo. Assim, apesar de Satanás, através do Anticristo, ter permissão para atribular terrivelmente os santos, Deus os trará com segurança e vitória para o Reino de Deus.

9. Não fica bem claro onde se localiza a visão, mas a forma de expressão dos versículos 15-17 indica que é no Reino de Deus já estabelecido, depois que o *trono* de Deus desceu do céu para Deus morar com os homens (22:3). Esta é a primeira visão proléptica do Apocalipse, quando João vê uma situação que de fato só acontecerá mais tarde. *Vestiduras brancas e palmas* são símbolos de vitória.

10. Os salvos louvam a Deus não tanto de gratidão por sua libertação, mas pela grandeza da salvação que Deus providenciou.

11-12. Os *anjos* louvam a Deus junto com os redimidos. Devemos observar que aqui os vinte e quatro *anciãos* estão junto com os anjos e querubins, diferente dos redimidos. Isto apóia a opinião de que eles são seres angelicais.

13. A grande multidão é identificada em uma pergunta dramática que um dos anciãos faz a João.

14. A palavra *senhor* que João emprega em sua resposta é apropriada se os anciãos são anjos, mas não é se eles representam os redimidos. Este cumprimento é usado em outras passagens para pessoas sobre-humanas: veja Dn 10:16; Zc 4:5, 13.

Se este grande grupo *vem da grande tribulação*, podemos presumir que eles sofreram martírio. Eles, no entanto, não negaram sua fé em Cristo, nem permitiram que fossem manchados por descrença ou

adoração de deuses falsos; eles *lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro*; permaneceram firmes em sua fé em Cristo.

15. *Razão por que se acham diante do trono de Deus:* passaram a alegrar-se de comunhão perfeita com Deus. Eles *o servem de dia e de noite no seu santuário*: eles têm acesso imediato à presença de Deus.

16-17. No presente contexto estas palavras poderiam se referir às bênçãos do estado intermediário, estando o trono de Deus e seu templo no céu. Mas as bênçãos que eles estão usufruindo — *jamais terão fome e sede, não cairá sobre eles o sol, o pastoreio do Cordeiro, as fontes da água da vida, e Deus lhes enxugando dos olhos toda lágrima*, especialmente a afirmação “aquele... estenderá sobre eles o seu tabernáculo” (v. 15) — soam mais parecidas com as bênçãos do Reino eterno (22:1-5), quando o trono de Deus desce à terra e Deus passa a morar com os homens. Há uma dificuldade, no sentido de que 21:22 diz que neste novo sistema não haverá templo. Isto, todavia, somente reflete a fluidez da linguagem apocalíptica. Em 7:15 o templo é o lugar onde Deus mora, e ele representa a presença de Deus. Em 21:22 o templo leva à presença de Deus, e isto não será mais necessário no novo sistema, ninguém mais precisará de mediador, porque “contemplarão a sua face” (22:4).

(4) O sétimo selo (8:1).

O capítulo sete foi um interlúdio que interrompeu a seqüência dos sete selos. Os primeiros seis selos, abertos no capítulo seis, representam as características da nossa época e o desenvolvimento do evangelho no mundo, até o fim dos tempos. O fim foi anunciado pelo sexto selo. Então, antes de dar maiores detalhes sobre os acontecimentos do fim, principalmente a grande tribulação, o capítulo sete nos proporcionou um vislumbre do que será o destino da igreja neste período terrível. Os capítulos oito e nove relatam a abertura do sétimo selo e o soar das sete trombetas.

Antes de estudar isto mais detalhadamente temos de destacar um paralelismo significativo que existe entre os sete selos e as sete trombetas. É digno de nota que tanto os selos como as trombetas nos levam ao fim dos tempos. O sexto selo, como já vimos, falou de catástrofes cósmicas que identificarão a vinda do dia do Senhor (6:17). De maneira semelhante a sétima trombeta anuncia a vinda do fim. Quando o sétimo anjo a tocou, foram ouvidas vozes celestiais, dizendo: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (11:15). Isto exige que nós reconheçamos que aqui há alguma recapitulação, quando a narrativa volta atrás e aborda alguns assuntos mais uma vez. A pergunta que surge é esta: Os sete selos e as sete trom-

betas cobrem o mesmo período, ou seja, eles coincidem no todo ou só em parte?

Podemos achar uma chave para o problema no fato de o sétimo selo não conter nenhuma praga ou julgamento, como os outros seis. Pelo contrário, quando o sétimo selo foi quebrado os sete anjos se prepararam para tocar suas trombetas. Isto dá a impressão que as sete trombetas na verdade constituem o sétimo selo; a recapitulação é só parcial. Os seis selos relatam as forças que trazem o fim, enquanto que as trombetas relatam o início dos acontecimentos do fim em si, em particular o tempo de grande tribulação que antecederá o fim.

Outra semelhança de estrutura é que os selos e as trombetas são interrompidas por um interlúdio. Entre o sexto e o sétimo selos foi inserida a visão das duas multidões, que retrataram o destino da igreja durante a tribulação. Entre a sexta e a sétima trombeta foi inserida a visão do anjo com o pequeno livro e a medição do templo (caps. 10-11).

Outro paralelismo é que nem o sétimo selo nem a sétima trombeta representam uma praga ou maldição, como os outros selos e trombetas. O sétimo selo não tem conteúdo; como já vimos, é provável que as sete trombetas sejam o conteúdo do sétimo selo. De maneira semelhante a sétima trombeta não traz nenhuma praga ou maldição como as outras seis, somente anunciando o fim, sendo então seguida dos sete flagelos. Isto levanta a possibilidade de que na verdade o conteúdo da sétima trombeta são os sete flagelos. Se este for o caso, então vemos nas sete trombetas e nos sete flagelos uma intensificação das maldições derramadas sobre a humanidade antes de o julgamento final sobrevir e ser muito tarde.

1. *Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.* É possível que este silêncio seja o conteúdo do sétimo selo, significando o início do descanso eterno dos santos. Isto, no entanto, é improvável, porque destoa totalmente do caráter dos outros seis selos. Outros deram a sugestão de que houve silêncio para que as orações dos santos pudessem ser ouvidas (v. 3). A melhor sugestão é que o silêncio representa uma atitude de suspense e tremor por parte dos exércitos celestiais, vendo os julgamentos de Deus que desabarão sobre o mundo. É o silêncio da terrível expectativa dos acontecimentos que estão por vir, agora que o tempo do fim chegou.

3. As sete trombetas (8:2—14:20).

Agora que os sete selos foram quebrados, esperamos ouvir da abertura do rolo e da revelação do seu conteúdo. Mas nada disto acontece; o rolo simplesmente desaparece do cenário. Devemos isto provavelmente à fluidez do simbolismo apocalíptico e do caráter altamente imaginativo da sua linguagem. Podemos presumir, no entanto, que o que segue à abertura do sétimo selo na verdade é o conteúdo do rolo.

(1) As seis trombetas (8:2—9:21).

O sexto selo nos trouxe ao tempo do fim, e as sete trombetas e os sete flagelos (caps. 15-16) constituem um dos aspectos mais importantes do tempo do fim, curto mas terrível. Com cada trombeta e cada taça da ira é derramada uma praga sobre a terra. Estas pragas são expressões da ira do Deus santo contra uma civilização que decidiu ser leal ao Anticristo em vez de ao Messias de Deus, o leão que é como cordeiro. Na introdução aos sete flagelos isto fica bem claro: eles são “os sete últimos flagelos, pois com eles se consumou a cólera de Deus” (15:1). Esta cólera não se volta contra a humanidade em geral, mas contra “os homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem” (16:2). Fica bem explícito que estas pragas atingem somente “os que não têm selo de Deus sobre as suas fronteiras” (9:4). Os que adoram o Cordeiro foram selados para estarem a salvo da ira de Deus.

Em outras palavras, João está vendo um dia em que as forças da justiça e as do mal serão tão abertamente visíveis, que todo ser humano terá de se declarar a favor ou de Cristo ou do Anticristo. A luta que é implícita na missão do evangelho no mundo, pelas almas dos homens, se tornará tão clara que não haverá mais meio-termo. Os poderes da descrença e da hostilidade contra Deus se manifestarão publicamente na pessoa do Anticristo, e a lealdade de cada se tornará manifesta.

Em sua ira, Deus não pensa só em julgamento; seu propósito é também misericordioso. Sua ira quer levar as pessoas a cair de joelhos enquanto há tempo para decidir e não é tarde demais, e isto através de experiências cruéis. Diversas passagens dão indicações neste sentido. Depois da sexta trombeta lemos: “Os outros homens, aqueles que não foram mortos por estes flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos” (9:20). Está implícito que quando os homens são confrontados no julgamento com a cólera de Deus que é evidente, deveriam humilhar-se e arrepender-se da sua maldade, adorando o Deus do céu. O mesmo tom acompanha as taças da ira. Depois da quinta taça, lemos que os homens “blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras” (16:11). Se fosse possível levar as pessoas ao arrependimento, as pragas das trombetas e das taças da ira o fariam.

a. Preparo (8:2-6).

2. No começo do interlúdio do capítulo sete lemos que os anjos que se encontravam nos quatro cantos do mundo receberam ordens para não danificar a terra até que os servos de Deus estivessem selados. Agora seria ocasião destes anjos aparecerem novamente: em vez disto lemos de *sete anjos que se acham em pé diante de Deus* que receberam *sete trombetas*. Isto é característico da fluidez da linguagem e das visões apocalípticas; ela é mais surrealista que racional e lógica.

A maneira de falar dá a entender que se trata de sete anjos conhecidos. Na literatura bíblica não há sete anjos diante de Deus; mas *Enoque* 20:7 dá os nomes de sete anjos santos, e *Tobias* 12:15 fala de Rafael, "um dos sete anjos santos que apresentam as orações dos santos". Lc 1.19 fala de Gabriel, que está na presença de Deus.

3. Antes de as sete trombetas soarem, João teve uma visão de um episódio breve, com um significado claro mas com detalhes difíceis. A visão do anjo que oferece incenso no altar concorda com a verdade simples, já expressa na oração das almas dos mártires sob o altar (6:9-11), que o julgamento de Deus cairá sobre o mundo em resposta a oração dos santos.

João viu *outro anjo*. Muitos comentadores têm a impressão de que este anjo deve ser o próprio Cristo, porque a Bíblia não ensina nada sobre o papel mediador dos anjos nas orações do povo de Deus. Em Dn 9:20ss. e 10:10ss., no entanto, o anjo Gabriel é mediador, trazendo a Daniel a resposta à sua oração. Hb 1:14 nos fala que os anjos, estão à disposição dos santos para algum serviço. Não é bem mediação, porque os santos são sacerdotes diante de Deus (1:6; 5:10), ou seja, eles têm acesso direto a Deus. Mas de alguma maneira que nós não conhecemos pode ser que os anjos estejam ajudando nas orações dos santos.

O anjo ficou de pé junto ao altar, como um sacerdote que vai oferecer o incenso (Êx 40:5; Lv 4:7; Hb 9:4). É possível que esta passagem esteja se referindo a dois altares; o quadro não está bem claro. É possível que a visão represente o anjo indo primeiro até o altar do sacrifício para buscar brasas (v. 3a), depois para o altar do incenso, chamado de *o altar de ouro que se acha diante do trono*, onde deixou as brasas tiradas do altar do sacrifício (v. 3b), e por fim voltando para o altar do sacrifício para tirar de lá o fogo que iria jogar à terra (v. 5). Todo o assunto da identidade do altar e do seu relacionamento com o trono, todavia, não está bem claro, e isto pode ser intencional, devido à natureza do pensamento apocalíptico.

O anjo recebeu *muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos*. É difícil de entender esta idéia. A impressão é de que as orações dos santos estavam sobre o altar, e o anjo veio com o incenso para incensar as coisas sagradas. Notável é que a visão se refere às orações de *todos os santos*, não somente às dos mártires. Isto é mais uma evidência de que o Apocalipse está se preocupando com o destino de toda a igreja na terra.

4. A visão não diz que *o fumo do incenso* fez com que as orações dos santos subissem a Deus; isto contradiria o fato de que os crentes são sacerdotes de Deus. O fumo do incenso subiu junto com as orações dos santos, dando-lhes aroma. Podemos presumir que as orações dos santos são pela vinda do Reino de Deus e pela manifestação do julgamento de Deus contra

os poderes demoníacos que oprimiram os que confessaram com fidelidade o nome de Jesus (veja 6:10).

5. Este versículo mostra dramaticamente que os julgamentos de Deus atingem a terra em resposta às orações dos santos. Mostra que com certeza as orações dos santos foram ouvidas e serão atendidas. Quando a sétima trombeta toca (11:19) e a sétima taça é derramada (16:17) a fidelidade de Deus é outra vez reafirmada. Pano de fundo para a visão é Ez 10:2, onde brasas em fogo, que estavam entre os querubins, são jogadas sobre Jerusalém, como símbolo do julgamento de Deus.

Os trovões, vozes, relâmpagos e o terremoto, que surgem quando as brasas são jogadas sobre a terra, são sinais de advertência do julgamento de Deus que se aproxima.

6. Em resposta às orações dos santos, *os sete anjos que tinham as sete trombetas preparam-se para tocar*. Podemos dividir as pragas das trombetas em dois grupos: as primeiras quatro são catástrofes naturais; as últimas três caem diretamente sobre os homens. Em Mt 24:4-8 e 24:13-22 encontramos uma divisão semelhante. As primeiras quatro pragas têm efeito somente parcial, afetando somente a terça parte da natureza. O propósito destes juízos preliminares é levar os homens ao arrependimento (9:20). Eles têm muito em comum com as pragas do Egito.

b. A primeira trombeta (8:7).

7. A primeira praga destrói um terço da terra, das árvores e de toda a vegetação. Só um terço da terra é atingido. Não há razões de seguirmos os intérpretes que vêem nesta praga um quadro da desordem civil e da anarquia que resultam do fato de que os homens terem rejeitado a Deus. Árvores não significam homens de alta posição e grama não significa homens comuns. A catástrofe recai sobre o mundo físico. Talvez o fogo seja um espetáculo elétrico em uma tempestade vilenta.

c. A segunda trombeta (8:8-9).

8. Ao soar da segunda trombeta uma massa ardente caiu do céu, no mar. É inútil tentar limitar isto a uma erupção vulcânica. Vulcões lançam pedras e lava a grande distância, mas eles mesmos não são lançados no mar. Não sabemos como imaginar este acontecimento.

9. A *terça parte do mar se tornou em sangue*, e isto nos lembra de Êx 7:20, quando o Nilo foi transformado em sangue. A morte de um terço dos peixes também nos lembra da praga semelhante de Êx 7:21. A terça parte das embarcações foi destruída, aparentemente pelo calor da montanha em fogo. Esta praga já é terrível, mas ainda de efeito parcial.

d. A terceira trombeta (8:10-11).

10. Quando a terceira trombeta soou um grande meteoro em chamas caiu do céu, envenenando um terço dos rios e fontes de água. Lembramo-nos da primeira praga do Egito, que atingiu o Nilo.

11. A palavra traduzida "Absinto" é muito rara, e não aparece em nenhum outro lugar da Bíblia grega, só algumas vezes na tradução de Âquila. Absinto misturado com água não era um veneno mortal; neste caso, no entanto, *a terça parte das águas se tornou em absinto* (amargas), e *muitos dos homens morreram* ao beberem da água amarga. Em Jeremias 9:15, absinto é um símbolo do julgamento divino: "Portanto assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que alimentarei este povo com absinto e lhe darei a beber água venenosa." Em Jeremias 23:15 o mesmo julgamento cairá sobre os profetas por sua impiedade.

e. A quarta trombeta (8:12-13).

12. A quarta praga afeta os corpos celestes — o sol, a lua e as estrelas. Ela é semelhante à nona praga do Egito, quando a terra se cobriu de escuridão (Êx 10:21). Não ficamos sabendo o que aconteceu aos corpos celestes, somente que eles escureceram. A escuridão não é total, porque só um terço deles é atingido.

A natureza desta praga mostra a independência da pitoresca maneira apocalíptica de pensar, porque logicamente ela é impossível. Se uma terça do sol, da lua e das estrelas fosse escurecido sua luz seria diminuída proporcionalmente em todo o seu período luminoso. Também é difícil de imaginar a lua em sua fase crescente, quase sem luz, e ainda mais escura. Mas tais considerações não perturbam o pensamento apocalíptico. Uma terça parte dos corpos celestiais foi escurecida, e o resultado é que um terço do dia e um terço da noite estarão sem luz.

13. Está encerrada a primeira série de trombetas e das pragas que as acompanham. As forças da natureza sofreram o julgamento de Deus, como advertência para os homens pecadores; Agora segue uma advertência de que virão coisas piores. A quinta e a sexta trombetas são pragas que afetam as pessoas diretamente.

Uma *águia* anuncia as maldições seguintes. A águia foi escolhida por causa da força das suas asas (12:14), o que lhe dá um campo de visão muito grande. A águia voa até o meio ou zênite do céu, onde o sol passa ao meio dia, para que todos possam vê-la. Os três *ais* anunciam as últimas três trombetas e suas pragas. *Os que moram na terra* é uma expressão que se repete no Apocalipse, significando o mundo pagão hostil a Deus (3:10; 6:10; 11:10; 13:8; 17:2). Mais uma vez fica implícito que as pragas da ira divina caem sobre a sociedade má e rebelde, e que a igreja, protegida pelo selo de Deus, de alguma forma não sofre estas pragas.

Depois que o quinto anjo toca sua trombeta, em 9:4, isto é afirmado claramente.

f. A quinta trombeta (9:1-12).

A quinta praga são gafanhotos diabólicos que atacam o corpo das pessoas, mas não as matam. Pano de funto para isto é Joel 2:4-10, onde uma praga de gafanhotos precederá o dia do Senhor. Em Joel os gafanhotos se pareciam com cavalos, fazendo um estrondo como carros, avançando como um exército poderoso, escurecendo o céu. A diferença é que Joel vê gafanhotos de fato, enquanto que no Apocalipse eles simbolizam as hostes demoníacas.

1. Quando o quinto anjo tocou sua trombeta, João viu *uma estrela caída do céu na terra*. É questionável que há alguma ênfase na palavra “caída”. Alguns comentadores citam Isaías 14:12: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva!” e vêem nestas palavras a queda de Satanás da sua alta posição no céu. Nosso Senhor também fala da queda de Satanás: “Vi Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Lc 10:18). Não há nenhuma razão, todavia, para identificar a estrela no Apocalipse com Satanás ou algum poder maligno. Esta estrela representa algum ser angelical incumbido por Deus de uma missão. “Caído” é o verbo usado porque é desta forma que as estrelas alcançam a terra, e não significa nada além de que um ser angelical veio do céu à terra.

A linguagem da passagem logo muda da estrela para aquele que é simbolizado pela estrela. *Foi-lhe dada a chave do poço do abismo*. Não encontramos uma cosmologia definida na literatura bíblica, mas é verdade que muitas vezes encontramos a idéia de três níveis de existência: a terra, em cima o céu, e embaixo o mundo dos mortos. Pela descrição minuciosa que João faz do céu já descobrimos que ele não quer que tomemos sua linguagem literalmente; ele descreve o céu simbolicamente. De maneira idêntica ele agora se refere ao mundo dos mortos, como se fosse uma caverna muito grande debaixo da terra, ligada com esta por um túnel.

A palavra grega usada para abismo é *abyssos*. É óbvio que não pode existir algo como um precipício sem fundo; é só fazermos a pergunta: Que profundidade tem este abismo? No Antigo Testamento grego a palavra é usada para águas muito profundas (Gn 1:2; 7:11; Sl 107:26). Também é usada para a profundidade da terra (Sl 71:20), e por fim veio a ser usada quase só para o mundo dos mortos. Paulo pergunta: “Quem descenderá ao abismo? (isto é, para levantar a Cristo dentre os mortos)” (Rm 10:7). É o lugar onde a besta ou Anticristo estava antes de aparecer na terra (11:7), e será a prisão temporária de Satanás durante o reino milenar de Cristo (20:3). As

vezes também é representado como o lugar ou a prisão dos demônios (Lc 8:31).

No nosso caso, o abismo é o lugar de onde saem multidões de demônios, que voam por toda a terra e perseguem os homens como escorpiões. O fato de que Paulo tem uma idéia diferente sobre isto nos mostra que não devemos tomar a figura literalmente, porque para ele Satanás é “o príncipe da potestade do ar” (Ef 2:2), e os demônios são “forças espirituais do mal nas regiões celestes” (Ef 6:12). Além disto nem sempre o Apocalipse diz que Satanás mora no abismo. No capítulo 12 Satanás é apresentado como sendo um dragão vermelho que se envolve com o arcanjo Miguel num conflito feroz. Em consequência disto Satanás foi jogado do céu na terra, junto com seus anjos. Isto reflete a mesma idéia de Ef 2:2, que Satanás é o príncipe do poder do ar. Sem dúvida isto é linguagem simbólica e pitoresca para descrever fatos do mundo espiritual.

O túnel que serve de entrada e saída para o abismo é trancado e destrancado somente com a autorização de Deus. Satanás será trancado no abismo por mil ano (20:3). No nosso exemplo o mensageiro angelical que vem do céu recebeu a chave.

2. *Ele abriu o poço do abismo* (com a chave que lhe fora dada), *e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e com a fumaceira saída do poço escureceu-se o sol e o ar.* Muitos intérpretes pensam que esta fumaça provém do fogo do inferno, mas no texto não há nada que indique isto, e no Antigo Testamento o Sheol — Hades, mundo dos mortos — é um lugar escuro e triste. A idéia de mundo dos mortos com fogo e tormento se reflete na parábola do rico e de Lázaro, que nos transmite pelo menos as idéias dos judeus daquele tempo, que nosso Senhor usou para comunicar sua mensagem às pessoas do seu tempo (Lc 16:23,24). O local definitivo do castigo — Gehenna, ou inferno — é comparado com um lago de fogo (20:10,14-15), mas ele não se encontra sob a terra; a Bíblia não especifica sua localização.

3. *Da fumaça saíram gafanhotos para a terra.* É grande a tentação de encarar a própria nuvem de fumaça como sendo a nuvem de gafanhotos, que na Palestina pode ser tão expressa que escurece o sol (Jl 2:10). O texto, no entanto, parece ser claro na distinção entre os gafanhotos e a nuvem de fumaça; os gafanhotos saíram da nuvem. Esta é a maneira dinâmica de João descrever o surgimento dos poderes demoníacos. No Antigo Testamento os gafanhotos são um símbolo da ira de Deus (Êx 10:13; Jl 1:4). No nosso caso eles não são gafanhotos verdadeiros, mas criaturas que simbolizam poderes demoníacos.

Foi-lhe dado poder como o que têm os escorpiões da terra. Os escorpiões eram, como as cobras, criaturas hostis ao homem, tornando-se desta forma um símbolo das forças espirituais malignas (Lc 10:19; *Siraque* 39:29). Sua picada venenosa era proverbial (Ez 2:6; veja também Lc 11:12).

4. *Foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma.* Estes gafanhotos do abismo são encarregados de uma missão incomum. Normalmente eles comem tudo o que é verde (Êx 10:15), mas isto lhes é explicitamente proibido.

Os escorpiões atacam homens, mas *tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre as suas fronteiras*. Isto nos leva de volta ao capítulo sete, onde João vê o povo de Deus sendo selado antes do terrível período de tribulação; este versículo dá a razão do selo. Na tribulação a cólera de Deus começará a cair sobre uma sociedade rebelde, será uma época em que a besta perseguirá ferozmente a igreja e, como mostra esta trombeta, uma época de atividade demoníaca. A ira de Deus alcançará somente os adoradores da besta (16:2), o povo de Deus será protegido divinamente da atividade demoníaca. A igreja será, isto sim, vítima de perseguição e martírio durante a tribulação, como tem sido por toda a história.

5. *Foi-lhes também dado... que os atormentassem durante cinco meses.* O significado deste período de cinco meses de tortura não está claro. Pode simplesmente significar um período curto de duração da praga, como pode se referir aos gafanhotos verdadeiros, que atacam árvores e campos em qualquer momento durante os cinco meses da estação quente e seca da Palestina. Gafanhotos só atacam de vez em quando, durante estes cinco meses; aqui os homens são atacados continuamente durante todo o período.

Não que os matassem. A picada do escorpião raras vezes é fatal, mas provoca dores angustiantes. Esta praga é trazida por monstros indescritíveis que voam como gafanhotos e picam como escorpiões.

6. Os sofrimentos serão tão insuportáveis que os homens *buscarão a morte* para encontrar alívio da sua agonia; mas a picada dos escorpiões não será fatal.

7. *O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para peleja.* Esta figura é emprestada diretamente de Jl 2:4, que descreve uma invasão de gafanhotos. Eles se assemelhavam a cavalos de guerra. De fato, a cabeça do gafanhoto é semelhante à do cavalo; um antigo provérbio árabe muito citado diz que o gafanhoto tem cabeça de cavalo, peito de leão, pés de camelo, corpo como de cobra e antenas como o cabelo de uma moça.

João não diz que os gafanhotos-escorpiões traziam coroas sobre a cabeça; *nas suas cabeças havia como que coroas parecendo de ouro*. Nenhum gafanhoto tem naturalmente na cabeça alguma formação semelhante a coroa. Este elemento é puramente simbólico talvez falando do sucesso que estes seres têm no cumprimento da sua missão.

Seus rostos eram como rostos de homens. Novamente, para gafanhotos verdadeiros isto não vale. Talvez isto simbolize a inteligência des-

tes monstros demoníacos, ou talvez contribua somente para fazer estes gafanhotos infernais parecerem mais horríveis ainda.

8. *Tinham também cabelos, como cabelos de mulheres.* Intérpretes antigos freqüentemente pensaram que isto representa o abuso das relações sexuais. Outros, mais modernos, vêem nisto uma referência aos guerreiros partos, junto à fronteira oriental do Império Romano, que eram uma ameaça constante à paz romana. Os partos eram famosos por seu cabelo comprido. A interpretação mais provável, considerando o provérbio árabe citado, é que isto é uma alusão às longas antenas dos gafanhotos.

Seus dentes, como dentes de leões. Esta figura é emprestada de Joel 1:6, onde uma nação hostil é comparada à ameaça de uma praga de gafanhotos, descritos como dentes de leão e queixadas de leoa. A intenção do escritor é intensificar a ferocidade desta praga demoníaca, descrevendo a voracidade com que os gafanhotos devoram a vegetação.

9. *Tinham couraças, como couraças de ferro.* O corpo escamoso dos gafanhotos pode ser comparado a uma couraça. O ferro dá a impressão de que os homens não conseguem destruir seus adversários demoníacos.

O barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja. Novamente a referência é à profecia de Joel, que descreve os gafanhotos como "cavalos; e como cavaleiros assim correm. Estrondeando como carros, vêm saltando pelos cumes dos montes" (Joel 2:4-5). Uma verdadeira invasão de gafanhotos, com milhões de asas se movimentando, pode provocar um ruído ensurdecedor; para o vidente este som é como o de carros que entram na batalha.

10. *Tinham ainda caudas como escorpiões, e ferrões.* O versículo 5 mostrou que estes gafanhotos demoníacos tinham poder para torturar os homens por cinco meses, com picadas como de escorpiões. Este versículo continua a idéia. Os monstros são parte gafanhotos, parte escorpiões, e torturam os homens com seu ferrão de escorpião. Sem dúvida isto é uma representação simbólica dos poderes demoníacos.

11. *Eles tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo.* Já que os gafanhotos-escorpiões vêm do abismo, poderíamos pensar que Satanás é o seu rei. Já é surpreendente que eles têm um rei, à vista de Pv 30:27: "Os gafanhotos não têm rei, contudo marcham todos em bandos." O seu rei é o *anjo do abismo*, uma figura que não aparece em nenhuma outra passagem da literatura bíblica ou judaica. Talvez ele seja o mesmo do v. 1, a figura angélica representada como estrela caída, que tem a chave do poço do abismo.

Cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom. Abadom é uma palavra hebraica que significa "destruição", sempre traduzida no

Antigo Testamento grego pela palavra *apoleia*, “destruição”, a não ser em Jó 31:12. A palavra é usada para o lugar da destruição, sinônimo de Sheol ou mundo dos mortos em Jó 26:6; 28:22; Pv 15:11, 27:20, e é usado para o próprio mundo dos mortos em Jó 31:12; Sl 88:11 e outras passagens. João traduz a palavra para o grego não para o termo equivalente, *apoleia*, “destruição”, mas por uma participio, *apollyon*, que significa “o destruidor”. Alguns comentadores vêem aqui uma referência ao deus grego Apolo, que tinha o gafanhoto como um de seus símbolos, e alguns pensam que ele assolava os homens com pragas e destruição. Não há, todavia, nenhuma razão convincente para esta interpretação. João dá simplesmente um nome simbólico para o anjo do abismo, “o destruidor”, tanto em hebraico como em grego.

12. O primeiro ai passou. Eis que depois destas coisas vêm ainda dois ais. As últimas três trombetas são três ais por causa do seu terrível poder destrutivo. Antes que a quinta trombeta soasse, um anjo tinha anunciado estes três ais (8:13). O segundo ai é a praga da sexta trombeta (9:13-21), o terceiro é a sétima trombeta (11:14). Não devemos encarar o primeiro ai da perspectiva histórica de João, mas da perspectiva escatológica, futura.

g. A sexta trombeta (9:13-21).

A praga da sexta trombeta é semelhante à da quinta, no sentido de que ambos são julgamentos sobre o mundo pagão através de demônios. A diferença principal é que a praga da quinta trombeta somente torturava, enquanto a praga da sexta trombeta traz a morte.

Nesta praga cavalos demoníacos, com cabeças como de leão e caudas como de serpente, capazes de matar, vêm do Oriente — das margens do Império Romano. Fato histórico é que no primeiro século os exércitos partos de além do Eufrates eram uma ameaça constante à paz romana, e os apocalipses judaicos previam uma invasão escatológica por estas forças pagãs (*Enoque* 56:6-8). Estes partos eram famosos cavaleiros e temidos por sua habilidade com arco e flecha. Alguns comentadores vêem na visão de João uma previsão de uma invasão dos partos; mas isto é bastante improvável. Na visão os cavaleiros praticamente não fazem nada; os cavalos, representando poderes demoníacos, é que infligem os flagelos.

No Antigo Testamento achamos alguns indícios da idéia de uma invasão escatológica de cavalos. Ezequiel viu uma invasão de cavalos vinda do Norte (Ez 38:14ss.), e outros profetas também a mencionam (Is 5:26-30; Jr 6:22-26), geralmente vinda do Norte. João transformou esta expectativa militar em uma invasão de hordas de demônios.

Uma ênfase nova e importante distingue a visão de João das previsões semelhantes dos profetas e autores apocalípticos. Estes sempre vêem a invasão como um ataque de exércitos pagãos contra o povo de Deus, enquanto que João vê nela um julgamento divino da civilização corrupta.

13. Depois que a sexta trombeta soou, João ouviu *uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus*. Este altar já apareceu no Apocalipse, na visão da abertura do sétimo selo, que nos trouxe ao limiar do fim (8:3). É o altar do incenso, que simboliza as orações dos santos, clamando a Deus por libertação, por sua justiça e pelo estabelecimento do governo divino na terra. Isto mostra simbolicamente que o julgamento divino do mal virá em resposta às orações do povo de Deus. Nesta visão é o próprio altar que fala, através dos seus quatro ângulos; mas isto é somente um símbolo que expressa a mesma idéia da visão em 6:9-10, onde as vozes dos mártires vêm de debaixo do altar.

14. A voz que vinha do altar disse para o anjo que tinha tocado a sexta trombeta: *Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates*. O artigo definido indica que se trata de um grupo certo de anjos. Não podem ser os mesmos de 7:1, porque estes estavam nos quatro cantos da terra. Estes aqui estão atados junto ao rio Eufrates; eles não aparecem em nenhum outro lugar na literatura profética ou apocalíptica, e também não sabemos por que são quatro. Mas pelo fato de estarem atados podemos concluir que são anjos maus, impedidos de concretizar suas intenções enquanto atados. Como sua missão é a mesma dos cavalos demoníacos, “matar a terça parte dos homens” (v. 15), podemos concluir que eles são os líderes sobrenaturais dos exércitos de demônios.

O Eufrates era o limite ideal da terra prometida, no Oriente (Gn 15:18; no Antigo Testamento ele é chamado de o grande rio (Gn 15:18; Dt 1:7; Js 1:4). Além do Eufrates ficavam os reinos pagãos com seus exércitos, particularmente a Assíria, e desta forma o rio se tornou símbolo dos inimigos de Israel e de Deus (Is 7:20; 8:7; Jr 46:10). Uma invasão por essas forças era descrita como se o rio transbordasse (Is 8:7). Os anjos estarão atados às margens do Eufrates até o dia do julgamento. Então eles serão soltos, e uma enchente de poderes demoníacos vai transbordar sobre o mundo civilizado. Sem dúvida, os cristãos do primeiro século, lendo esta passagem, devem ter pensado nos partos, mas não parece ser este o pensamento principal de João.

15. *Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens*. Esta praga, de maneira incomum, está fixada em uma hora exata. A idéia subentendida é que estes anjos maus são controlados por Deus; enquanto Deus não permitir, eles não poderão agir. Eles são nada mais que instrumentos do julgamento divino, executando-o como parte do plano divino para com o mundo rebelde.

Muitas vezes escritos apocalípticos refletem um certo determinismo, isto é, uma predeterminação dos acontecimentos do fim dos tempos. Às vezes a ênfase sobre o desenrolar dos fatos é tão grande que o próprio Deus parece sujeito ao que determinou. “Porque ele pesou o tempo na

balança, mediu os tempos com vara e contou os tempos com números; e ele não os moverá nem despertará enquanto a medida não estiver “cheia” (IV Esdras 4:36-37. Veja também *Enoque* 81:2). No Apocalipse não encontramos um determinismo tão rígido. O tempo está sob o controle de Deus; o tempo do fim e todos os acontecimentos finais se desenrolam de acordo com seu propósito divino.

Quando os anjos foram soltos, eles saíram para matar um terço dos homens. Não há indicação de como eles fizeram isto; podemos presumir que eles o fizeram como líderes dos cavalos demoníacos. Um terço é muita gente, mas não é a maioria; sua missão não era destruir a raça, mas advertir os homens do terrível julgamento que espera os que rejeitam o amor e a misericórdia de Deus. Novamente é importante observar que este julgamento atinge a civilização rebelde, não o povo de Deus (9:4, 20). A quinta trombeta trouxe sofrimento; esta traz morte.

16. Não é possível imaginar o tamanho deste exército demoníaco; 200.000.000. Era impossível contá-los; João *ouviu o seu número*, tiveram de dizer-lhe quantos eram. Este grande número remonta a Sl 68:17: “Os carros de Deus são vinte mil, sim milhares de milhares. No meio deles está o Senhor: o Sinai tornou-se em santuário.” Neste caso não se trata de carros, mas de cavalos — cavalaria. Os quatro anjos destruidores desaparecem de cena, e as forças demoníacas tomaram seu lugar. É difícil entender que se trata de um número literal; eles são simplesmente incontáveis.

17. Agora João passa a descrever os cavalos demoníacos e seus cavaleiros. Com as palavras *Nesta visão contemplei* ele nos lembra de que não se trata de cavalos e cavaleiros naturais, mas de criaturas demoníacas que ele vê em êxtase. Só há uma coisa dita em relação aos cavaleiros: eles tinham couraças vermelhas como fogo, azuis como fumaça e amarelas como enxofre. A gramática desta passagem permite a interpretação de que tanto os cavaleiros como os cavalos traziam estas armaduras coloridas, mas é mais fácil encará-las somente como pertencendo aos cavaleiros, que corresponde à cor do fogo, da fumaça e do enxofre que sai da boca dos cavalos. Não está claro se todas as couraças eram coloridas, ou se cada cavaleiro usava uma cor. Interessante é que não há descrição de armas ofensivas, só a couraça protetora. O centro da atenção são os cavalos demoníacos.

Os cavalos não se assemelhavam a nada na terra — suas *cabeças ... eram como cabeças de leões e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre*. Certamente a ênfase aqui não é sobre seu porte régio, mas sobre sua ferocidade e destrutividade. Sua aparência inspira terror, o que é enfatizado pela fumaça sulfurosa que saía da boca destas bestas. Fogo e enxofre indicam sua natureza infernal (14:10; 19:20; 21:8).

18. O fogo, o enxofre e a fumaça que sai das suas bocas são três pragas diferentes, que trazem a morte para uma parte substancial da humani-

dade: *por meio destes três flagelos*. A repetição das palavras *que saíam das suas bocas* nos lembra a natureza demoníaca destas pragas.

19. *Pois a força dos cavalos estava nas suas bocas*. A morte atinge grande parte da humanidade pelas três pragas, fogo, fumaça e enxofre que saíam das suas bocas. Como isto acontece não é explicado.

Estes cavalos demoníacos têm outra arma com que *causavam dano* aos homens: *as suas caudas se pareciam com serpentes*, com as quais eles picavam os homens, fazendo-os sofrer. Esta figura identifica esta praga com a dos gafanhotos demoníacos, da quinta trombeta, que se pareciam com cavalos e tinham caudas como de escorpião, e ferrões (9:10). A quinta praga trazia somente sofrimento; a sexta praga, além de torturar, também mata. Os homens são torturados pelas caudas como de serpente dos cavalos, e mortos pela *força ... que estava nas suas bocas*.

20. *Os outros homens, aqueles que não foram mortos por estes flagelos, não se arrependeram*. As pragas demoníacas, sofrimento e morte, terríveis como possam parecer, têm um propósito de misericórdia: levar os homens ao arrependimento antes que seja tarde demais. Por todo o curso da história os homens puderam viver em pecado e desafiar a Deus em impunidade e aparente segurança. À medida que o fim se aproxima e o julgamento está mais próximo, Deus proporciona aos homens uma amostra do seu julgamento e da sua cólera; não por ele ter prazer nisto, mas para advertir os homens que o pecado e a rebelião contra Deus somente podem levar ao desastre.

Poderíamos pensar que o restante da humanidade, que não foi morto por estas pragas, aprenderia a lição da terça parte que morreu, caindo diante de Deus cheio de temor e tremor. Mas não é isto que acontece: eles continuaram adorando demônios e ídolos, desafiando a Deus. Podemos encarar um ídolo de duas perspectivas diferentes. O ídolo em si, "representa alguma coisa que realmente não existe" (1 Co 8:4, BLH). João reflete este ponto de vista descrevendo os ídolos como *de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar*. Esta idéia de que ídolos são madeira, pedra ou metal sem vida aparece no Antigo Testamento (Sl 115:4-8; 135:15-18; Dan 5:23) e também com freqüência na literatura apologética judaica (veja *Bel e o Dragão*). De outra perspectiva, por trás dos ídolos há demônios; e mesmo se a carne oferecida aos ídolos não se torna impura, já que um ídolo na realidade não existe, "as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam, e não a Deus" (1 Co 10:20). Por esta razão sacrificar a ídolos implica em associar-se a demônios. Na presente passagem temos a mesma tensão entre os dois pontos de vista; por um lado eles são madeira e pedra sem vida, por outro lado simbolizam demônios.

21. A rebeldia do restante da humanidade se evidencia em sua idolatria, e também em sua imoralidade. Eles não *se arrependem dos seus as-*

sassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos. Encontramos aqui a mesma teologia que Paulo expôs em Rm 1:18ss.: impiedade resulta em todos os tipos de injustiça e perversão. A palavra traduzida “feitiçarias” pode significar “veneno”, mas ela aqui traduz o uso de poções mágicas e fetiches em encamentos e práticas religiosas baixas. A palavra “prostituição” aplica-se a pecados sexuais em geral.

João terminou seu relato das primeiras seis trombetas com as pragas que as acompanharam. Poderíamos pensar agora que ele fosse falar da sétima trombeta; ao invés disto João insere o relato de uma visão de um anjo forte que desce do céu com um pequeno livro em sua mão, que João deve comer (10:1-11). Depois ele acrescenta ainda o relato da medição do templo e do ministério, da morte e da ascensão das duas testemunhas. Encerrando este interlúdio João continua a narrativa que interrompera, relatando o que acontece quando a sétima trombeta é tocada, em 11:14-19.

Isto faz parte do estilo de João, e é um fator essencial à estrutura artística do livro. Entre o sexto e o sétimo selos João inseriu o interlúdio das duas multidões (7:1-17). Entre as sete trombetas e os sete flagelos João insere o interlúdio do dragão e da mulher (12:1-17), a visão das duas bestas (13:1-18) e a visão do Cordeiro sobre o monte Sião (14:1-20).

No presente exemplo o interlúdio prepara para a continuação da visão das trombetas, porque um dos propósitos do interlúdio é anunciar que “nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas” (10:7). Em seguida João, o profeta, recebe novamente a ordem de profetizar, preparando-o para sua missão de comunicar aos homens a consumação do plano divino de redenção.

(2) Interlúdio (10:1—11:13).

a. O anjo e o pequeno livro (10:1-11).

1. *Vi outro anjo forte.* Os anjos exercem um papel importante na literatura apocalíptica; este aqui é “outro”, possivelmente para distingui-lo do anjo de 8:3, ou, o que é mais provável, dos anjos que tocam as sete trombetas. Por ser um anjo forte, pode ser o mesmo de 5:2. Veja, todavia, 18:21 para uma expressão semelhante.

Descendo do céu. Em 4:1, João foi levado ao céu em êxtase, tendo no céu a visão de 4:9. De repente, sem dar explicações, João fala como se estivesse na terra, pois vê o anjo descendo do céu e ficando em pé sobre a terra e o mar. João vai até ele para receber o pequeno livro (10:9). Isto

mostra como a linguagem apocalíptica é fluente; o vidente pode mudar em visão do céu para a terra sem dar explicações.

Envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça, o rosto como o sol, e as pernas como colunas de fogo. Os pormenores desta descrição assemelham esta figura à do Cristo glorificado, sendo que muitos intérpretes acham que se trata, de fato, de Cristo. No Apocalipse, todavia, anjos sempre são anjos; Cristo nunca é chamado de anjo. Este anjo “jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos” (10:6), e isto é significativo quando vem de um anjo, mas muito mais difícil de aplicar a Cristo. Além disto este anjo é somente um mensageiro; não é dado a ele um papel de divindade, e ele também não é adorado.

“Nuvens” são os veículos com os quais seres celestiais sobem ou descem (Sl 104:3, Dn 7:13, At 1:9); no nosso caso, no entanto, a nuvem é a roupa do anjo. Como os outros detalhes, este parece querer proporcionar mais glória à aparência do anjo. O arco-íris por cima de sua cabeça (ou *em cima* de sua cabeça) pode ser um tipo de diadema de glória. Alguns acham que ele provém do brilho do seu rosto nas nuvens. “O rosto como o sol” lembra o Cristo glorificado (1:16; mas veja Dn 12:3; Mt 13:43), como também “as pernas como colunas de fogo” (1:15), mas isto não é prova suficiente para dizer que o anjo é Cristo. Evidencia somente a glória celestial deste anjo forte.

2. Tendo na mão um livrinho aberto. A palavra grega usada para livro é diferente daquela traduzida por rolo em 5:1. “Livrinho” não dá a idéia de rolo. A palavra não aparece na literatura grega antes desta época, e parece ser inventada por João. O livrinho estava aberto, no sentido de que seu conteúdo não era segredo para os destinatários. O anjo mais tarde ergue sua direita para o céu (10:5), de maneira que o livro deve ter estado em sua mão esquerda.

O texto não diz nada sobre o livro, podemos somente tirar algumas conclusões do contexto. Alguns enfatizaram muito o fato de o livro ser *pequeno*, contrastando-o com o rolo maior de 5:1. Como este contém a revelação do propósito de redenção e justiça que Deus executa na história humana, o livro pequeno deve conter uma parte deste propósito divino. Muitos identificaram o livro maior com Ap 1-11, e o menor com 12-22; se este fosse o caso, todavia, eles seriam do mesmo tamanho. Outros ainda pensam que o livrinho é a palavra de Deus, que tem de ser pregada no mundo antes que venha o fim.

Temos, no entanto, uma analogia bíblica em uma experiência de Ezequiel. João recebeu a ordem de tomar o livro e comê-lo (10:9), para depois continuar seu ministério profético; a experiência de Ezequiel foi semelhante. Ele viu um rolo, escrito dos dois lados com lamentações, suspiros e risos. Teve de comer o livro, que foi doce como mel em sua boca (Ez 2:9; 3:3; veja também Jr 15:16-17). É óbvio que isto é uma representação simbólica da missão de Ezequiel, quando ele recebeu a palavra de Deus e a incumbência de pregar a palavra de Deus — julgamento e castigo — a

um povo rebelde. Esta interpretação cabe no contexto do Apocalipse. Os julgamentos de Deus estão para chegar a seu clímax e o chamado profético de João é renovado e reforçado, diante do fim.

Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra. O anjo renova a missão profética de João e faz também mais revelações de julgamentos divinos. Englobando o mundo todo com seus pés o anjo deixa claro que sua mensagem é para todo o mundo, além de mostrar seu tamanho gigantesco.

3. E bradou em grande voz, como ruge um leão. O verbo usado geralmente traduz mugidos de gado, mas também pode ser usado para rugidos de um leão. A passagem dá ênfase no grande volume da voz dos anjos, não em qualidade animais. Não há razão para concluirmos que os anjos emitiam somente sons inarticulados, como um leão. Em Amós 3:8 e Os 11:10 a voz de Deus também é semelhante ao rugido de um leão.

Quando ele bradou, os sete trovões desferiram as suas próprias vozes. Esta frase traz alguma dificuldade, porque geralmente o artigo definido ("os sete trovões"), no grego, indica algo conhecido ou familiar. Poderíamos supor que João já tenha se referido aos sete trovões, mas este não é o caso. Podemos presumir que João fala de algo familiar aos seus leitores, mas isto é somente suposição; não sabemos. Em Sl 29:3 a voz do Senhor é como um trovão.

4. João entendeu o que os sete trovões disseram, e queria escrever o que ouvira. Mas uma voz lhe ordenou: *Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas.* A voz deve ser ou a de Cristo, ou a de Deus. A ordem quer enfatizar que João não deve escrever o que os trovões disseram. A ordem no original é "sela", o que tecnicamente é impossível, porque não podemos selar um livro que ainda não foi escrito. Em escritos apocalípticos selar um livro implica em guardar segredo sobre o seu conteúdo (Dn 12:4, 5:1).

A única insinuação que temos sobre a mensagem dos sete trovões encontramos no fato de que em todas as outras passagens do Apocalipse em que aparecem trovões eles são um aviso de iminentes manifestações da ira de Deus (8:5; 11:19; 16:18). O contexto desta passagem permite esta interpretação, porque o anjo está anunciando que o julgamento divino está para acontecer. João, no entanto, não recebe permissão para incluir em seu relato a revelação dos sete trovões. Não há no texto causas para esta proibição. Paulo experimentara um êxtase em que ouviu vozes que não conseguira descrever (2 Co 12:4); João ouve palavras de julgamento que ele não pode comunicar às igrejas.

5. O anjo forte que tinha o pequeno livro em sua mão esquerda levantou a mão direita para o céu no gesto familiar de juramento (Dt 32:40; Dn 12:7).

6. O juramento pronunciado pelo anjo é muito solene, no nome daquele que vive pelos séculos dos séculos, que criou o céu, a terra e o mar e tudo quanto neles existe. Isto não são meras palavras. O anjo anuncia o fim iminente no nome do Deus eterno, que também é criador e Senhor de toda a criação. Em outras palavras, o fim está iminente porque Deus é eterno e soberano, que está por trás de tudo e governa tudo em seu universo.

O juramento é este: *Já não haverá demora*. Uma versão inglesa traz “não haverá mais tempo”, o que pode levar a uma interpretação errada. Existe um hino que começa assim:

Quando ecoar a trombeta do Senhor,
e o tempo se esgotar...

Esta tradução dá a idéia de que o anjo anuncia o fim dos tempos e o início da eternidade, como se esta fosse algo tão diferente em qualidade do tempo como o conhecemos. Oscar Cullmann expressou em termos bem claros que um contraste como este, entre o tempo e um tipo de eternidade sem tempo, é um conceito filosófico com pouco apoio na teologia bíblica.¹ É verdade que o apocalipse judaico “*Os Segregos de Enoque*” descreve a eternidade assim: “Não haverá cálculos, nem fim; nem anos nem meses, nem dias, nem horas” (33:2; veja também 65:7). Mas é provável que este livro seja mais recente, e não expresse uma idéia tipicamente judaica. Cullmann mostra que tanto no Novo Testamento como no judaísmo o presente é chamado de “este mundo” e o futuro de “mundo por vir” (Mc 10:30; Lc 20:34,35; Ef 1:21), sendo que o mundo por vir é um tempo sem fim. O anjo está anunciando que não haverá mais tempo antes que o fim venha. O fim não será mais adiado; está na hora de responder as orações dos santos. Isto contrasta frontalmente com a exortação feita às almas sob o altar que clamam por justiça, para que “repousem um pouco mais”, até que o propósito divino seja alcançado.

7. A afirmação do anjo forte é ampliada por este versículo. *Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas*. A primeira palavra é uma forte adversativa, *mas*. O fim está às portas, não será mais adiado. Isto, não ocorrerá quando o sétimo anjo tocar a trombeta, mas “nos dias” da sétima trombeta. Uma tradução muito improvável poderia ser “quando ele começar a tocar”. De fato o grego dá margem a duas interpretações. A palavra grega que João usou significa “estar para fazer algo” ou “estar para acontecer” (3:2; 8:13; 10:4), e muitos comentadores aceitam esta tradução. Mas ela traz em si uma dificuldade. Se este fosse o caso, o versículo afirmaria que o fim viria exatamente *antes* do soar da sétima trombeta; isto é impossível. A palavra grega, no entanto, também pode expressar um futuro simples (3:16), sen-

1. Oscar Cullmann, *Christ and Time* Filadélfia, Westminster Press, 1962.

do o sentido que melhor cabe no presente contexto: “Quando o sétimo anjo tocar a trombeta.”

O versículo não diz “no momento em que soar a trombeta”, mas “nos dias da voz do sétimo anjo”. A idéia é clara: a sétima trombeta não será tocada só por um instante, mas simboliza um período de tempo. Veremos adiante que o período da sétima trombeta inclui os sete flagelos (16:1-20), que levam diretamente ao julgamento final de Babilônia, a civilização rebelde, e o próprio fim.

“Mistério” é uma palavra bíblica importante, cujo significado original não é algo secreto ou misterioso, mas um propósito divino revelado aos homens. Este é o seu sentido na tradução grega de Dn 2:29-30, onde indica o propósito escatológico de Deus, revelado primeiro ao rei e depois a Daniel. Na literatura de Qumran lemos que “Deus revelou todos os mistérios das palavras dos seus servos, os profetas” (*Comentário a Habacuque* 7:4-5) ao Mestre da Justiça, o líder da seita. Isto é, Deus revelou ao Mestre seu propósito divino oculto nos escritos proféticos. No Novo Testamento a passagem clássica é Rm 16:25-26, onde “mistério” se refere claramente ao plano de redenção divino, a princípio oculto na mente de Deus, posteriormente revelado e comunicado a todos os que ouvem a palavra profética. Este é o seu sentido na passagem em questão. O “mistério de Deus” é todo o seu plano de redenção, que inclui o julgamento do mal e a salvação escatológica de seu povo.

O verbo traduzido “anunciou” é a palavra geralmente usada para pregação do evangelho. Poderia ser traduzido com mais precisão (apesar de mais desajeitadamente) “segundo ele anunciou as boas novas aos ... profetas”. *Profetas*, tanto no Antigo como no Novo Testamento, eram as pessoas através das quais Deus falava com seu povo, transmitindo-lhes o significado divinamente autorizado da sua obra de redenção (veja Ef 3:4-5). Mesmo se os profetas, particularmente os do Antigo Testamento e João, do Novo, falam quase só de julgamento em sua mensagem dada por Deus, julgamento sobre o povo de Deus e sobre o mundo rebelde, isto também são boas novas. O povo de Deus nunca poderá usufruir totalmente das bênçãos da salvação e da comunhão com Deus enquanto tudo que perturba esta união, com tribulações, opressão, sofrimentos e morte, não for extirpado deste universo.

8. A voz que proibira João de anotar as palavras dos sete trovões agora lhe pede que vá ao anjo forte e tome o pequeno livro da sua mão esquerda. A impressão que temos, como já disse, é que João em sua visão não está mais no céu, mas na terra. Como o anjo é descrito pela terceira vez como aquele que está de pé sobre o mar e sobre a terra (vv. 2,5), este detalhe deve ser importante. A mensagem do anjo está dirigida em primeiro lugar ao profeta João, mas tenciona ser para todo o mundo.

9. *Fui, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele então me fala: Toma-o, e devora-o; certamente ele será amargo ao teu estômago, mas na*

tua boca, doce como mel. Como já dissemos acima (veja sobre v. 2), esta experiência de João é semelhante à do profeta Ezequiel (Ez 2:9; 3:3), e representa a reafirmação da sua missão profética à vista do fim iminente, particularmente à vista da ira de Deus que está para cair sobre a raça humana. Comer o rolo é um símbolo natural que indica a assimilação total da mensagem profética. O profeta não é um mero autômato nas mãos de Deus — um anunciador insensível de acontecimentos que não o atingem. A palavra de Deus — mensagem de salvação e julgamento — tem de ser digerida e assimilada pessoalmente pelo profeta, como por todo servo de Deus que proclama sua palavra. Do mesmo modo Ezequiel teve de comer o rolo com a palavra de Deus e encher com ele seu estômago (Ez 3:3); Jeremias comeu as palavras de Deus, e elas lhe foram gozo e alegria para o coração (Jr 15:16). É importante compreender isto, pois apesar de a mensagem de Jeremias ser em grande parte de julgamento, a ponto de ele ser chamado popularmente de o profeta que chora, a palavra de Deus era a sua alegria.

O gosto doce ou amargo não se refere a partes diferentes do rolo, ou a aspectos diferentes da mensagem do profeta, que é para a igreja em parte uma mensagem de salvação e em parte uma mensagem de perseguição, sofrimento e martírio. O gosto reflete a reação dupla por parte do profeta ao digerir a mensagem e compreendê-la. É doce estar perto de Deus e receber sua palavra. Isto é verdadeiro em relação a todos os crentes. A palavra de Deus é “mais doce do que o mel e o destilar dos favos” (Sl 19:10). Cada crente pode dizer: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! mais que o mel à minha boca” (Sl 119:103). Isto é verdade particularmente a respeito da comissão profética. O rolo que Ezequiel comeu era doce como mel em sua boca (Ez 3:3), apesar de ele ter de pregar sua mensagem, dada por Deus, a um povo insensível, teimoso e rebelde (Ez 3:7-9); e a palavra de Deus foi uma alegria ao coração de Jeremias, apesar de ser uma mensagem de castigo (Jr 15:16). Da mesma maneira João sentiu a palavra de Deus doce como mel em sua boca. Mas depois de digerir a mensagem, refletindo sobre as suas implicações, ela ficou amarga em seu estômago. Isto é algo novo, em que o Apocalipse vai além dos relatos de Ezequiel e Jeremias. Lembramo-nos das lágrimas amargas que Jesus chorou sobre Jerusalém, porque o povo tinha rejeitado a ele e à sua mensagem, trazendo sobre si mesmo a ira e o julgamento de Deus (Lc 19:41; veja Mt 23:37-38).

Temos aqui uma verdade importante para todos os que pregam a palavra de Deus. O plano de Deus como um todo contém tanto juízo como misericórdia, e o mensageiro do evangelho deve ser fiel aos dois aspectos. Só que o homem que conhece o amor de Deus e a compaixão de Cristo nunca pode se alegrar pregando sobre a cólera de Deus, ou ficar satisfeito em seu espírito proclamando os julgamentos divinos. Ele sempre tem de fazer isto com o coração chorando, com espírito amargo, seguindo

o exemplo do seu Senhor que chorou por aqueles que seriam atingidos pelo julgamento de Deus.

11. Então me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis. Este versículo determina o significado do pequeno rolo: ele é uma reafirmação do ministério de João. O fim ainda não veio, mas está às portas. A época final — os dias da sétima trombeta — estão para começar. Neste período a cólera de Deus será manifestada em proporções nunca vistas, e à vista disto a missão de João é mais uma vez confirmada.

Este versículo contém uma pequena palavra cujo significado é muito difícil de determinar; a preposição grega *epi*, que tem uma infinidade de traduções e significados. As três possibilidades mais importantes no presente contexto são “diante de” (Mt 28:14; At 25:12), “contra” (Lc 12:52; At 11:19) e “a respeito de” (Jo 12:16; Hb 11:4). A tradução “Importa que profetizes outra vez a (diante de) muitos povos, e nações...” (ARC) faz sentido, mas para ser traduzida assim a preposição requer o caso genitivo, e o objeto, no texto, está no caso dativo. Com esta possibilidade eliminada, temos de escolher entre profetizar contra ou profetizar a respeito de muitos povos. A escolha tem de ser determinada pelo fato de esta expressão idiomática frequentemente traduzir na Bíblia grega uma expressão hebraica que significa “profetizar com referência a”. Assim, concluímos que a versão da ARA, “profetizar a respeito de muitos povos”, provavelmente está correta (compare 22:16, onde o uso é semelhante). A mensagem profética de João não é a respeito de um povo ou nação, mas muitos, ou seja, todo o mundo civilizado. Em primeiro plano estão os povos do Império Romano de boa vontade submissos a Roma; mas a visão toda inclui a civilização apóstata obediente ao Anticristo por vontade própria.

João recebe a ordem de profetizar *ainda*. João já profetizou sobre os sete selos e seis das sete trombetas. Agora que vem o período da última trombeta ele tem de continuar profetizando, e esta profecia incluirá o próprio fim e a vinda do Reino de Deus.

A medição do Templo e as Duas Testemunhas (11:1—13).

O capítulo 11 contém o interlúdio entre a sexta e a sétima trombeta, que trata em sua maior parte da medição do templo e da missão das duas testemunhas. 11:14 resume as seis trombetas que já soaram, e a sétima trombeta é tocada. Temos de nos lembrar que as divisões em capítulos e versículos são uma invenção relativamente moderna, nem sempre representando unidades de pensamento no texto.

Vai ajudar se fizermos primeiro um resumo do capítulo. João recebe ordens de medir o templo de Deus e os que nele adoram, exceto o pátio ex-

terno, que as nações pisarão por quarenta e dois meses. Deus envia duas testemunhas a Jerusalém, para que falem contra as nações, mas a besta as mata, e todo o povo se alegra com este martírio. Depois de três dias e meio elas são ressuscitadas e levadas para o céu. Em seguida um grande terremoto destrói um décimo da cidade, matando sete mil pessoas, mas o restante dá glória ao Deus do céu.

Há quatro interpretações plausíveis para este capítulo. Muitos comentadores acham que ele é um trecho de um livro apocalíptico judaico anterior, escrito antes de 70 a.C., quando o templo ainda estava de pé; por isso deve ser encarado como de intenção literal e histórica. De acordo com este ponto de vista o templo é aquele que existia em Jerusalém, e a passagem prediz que quando os exércitos romanos sitiarem o templo o prédio interno seria preservado durante a destruição. É claro que esta suposta profecia não foi cumprida. E é muito improvável que João tivesse incluído em seu livro uma profecia que para ele e para seus leitores seria sem significado.

Os dispensacionalistas interpretam os principais detalhes da passagem muito literalmente, reconhecendo nela uma profecia de restauração do templo judeu em Jerusalém no fim dos tempos e da luta entre os judeus restaurados e o Anticristo (a besta). A dificuldade enfrentada por este ponto de vista é que há no texto elementos que exigem uma interpretação simbólica, o que até os dispensacionalistas admitem. O intérprete dispensacionalista mais recente reconheceu que isto é um quadro simbólico;¹ uma vez admitido isto, não há razão lógica ou obrigatória para não tomar a Cidade Santa e o templo por simbólicos, ou da igreja ou do povo judeu.

Uma terceira interpretação vê na passagem uma profecia do destino da igreja em um mundo hostil. Enquanto a igreja sofrer perseguição e martírio externamente, Deus preservará seu povo e garantirá seu triunfo no fim.²

Uma quarta interpretação é a que vê aqui uma profecia da preservação e salvação, no fim, do povo judeu. Quando João escreveu seu livro Jerusalém já tinha sido destruída há muito tempo, e o templo estava abandonado. Pouco antes da guerra de 66-70 a.C. a comunidade judaico-cristã tinha fugido de Jerusalém para a cidade de Pela, na Transjordânia. Isto tinha aumentado a hostilidade dos judeus contra a comunidade judaico-cristã, e apressado o rompimento completo entre a sinagoga e a igreja. A pergunta que ardia nos judeus cristãos era "Será que Deus rejeitou seu povo?" (Rm 11:1). Paulo dedicou três capítulos a este problema e concluiu que no fim os ramos originais (os judeus), que ti-

1. John Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ*. Chicago, Moody Press, 1966, p. 176.

2. Veja os comentários de Henry Alford, H.B. Swete, G.B. Caird, Leon Morris.

nham sido quebrados da oliveira (o povo de Deus), seriam reenxertados na árvore; “E assim todo o Israel será salvo” (Rm 11:26). É difícil interpretar estes três capítulos como falando simbolicamente da igreja — o Israel espiritual. Eles ensinam que o Israel físico ainda será incluído no Israel espiritual.

O próprio Senhor Jesus falou disto. Depois de lamentar sobre Jerusalém, ele afirmou: “Declaro-vos, pois, que desde agora já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23:39). Em outra afirmação sua está implícita a salvação de Israel: “Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (Lc 21:24). Junto com estudiosos como I. T. Beckwith, W. H. Simcox e Theodor Zahn cremos que a profecia de Apocalipse 11 é a maneira de João de predizer a preservação do povo judeu e a sua salvação no fim.³

b. A medição do templo e as duas testemunhas (11:1-13).

1. Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te, e mede o santuário de Deus, o seu altar, e os que nele adoram. A palavra grega traduzida “templo” significa o edifício do templo em si, em distinção aos pátios externos. Isto é importante para a compreensão desta passagem. A área do templo era um complexo que tinha no centro de um edifício ou santuário onde estavam o Santo Lugar e o Santo dos Santos. Ao redor deste edifício havia três pátios: o pátio dos sacerdotes, com o altar das ofertas queimadas, onde só sacerdotes podiam entrar, ladeado, de dois outros pátios: o pátio de Israel e o pátio das mulheres. A palavra sugere que nestes pátios os judeus se reuniam para adorar. Os pátios imediatamente ao redor do edifício eram rodeados por um pátio externo bem grande — o pátio dos gentios, no qual qualquer interessado podia entrar.

Na visão que João tem ele mede o santuário, os pátios dos sacerdotes, de Israel e das mulheres, junto com os que estão adorando neles, separando-os do pátio exterior dos gentios. A figura de medir uma cidade nada tem a ver com determinar suas dimensões. Ela é um símbolo para separar uma cidade ou para preservá-la ou para destruí-la. Zacarias viu um homem medindo Jerusalém, o que simbolizava a proteção divina (Zc 2:1-5). Ezequiel teve uma visão muito longa da medição de Jerusalém — simbolizando o fato de que Jerusalém ainda viria a ser a verdadeira cidade de Deus (Ez 40-43). Em outras passagens a medição é antes um ato que simboliza destruição que preservação (2 Rs 21:13, Is 34:11; Lm 2:8). Na visão de João a medição do santuário, dos seus pátios internos e dos que estão adorando neles é um símbolo de proteção e preservação.

É interessante, apesar de não especialmente importante, observar que João está agindo em sua visão. Ele recebeu uma vara e a ordem de

3. Para um estudo mais detalhado de Israel e a igreja veja as notas sobre 7:4-8.

“levantar-se e medir o santuário de Deus”. Depois de terminar a tarefa ele novamente se tornou observador.

2. *Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário, e não meças, porque foi ele dado aos gentios; eles por quarenta e dois meses calçarão aos pés a cidade santa.* O santuário e os pátios interiores são separados do pátio exterior — o átrio dos gentios — que não é protegido, mas será pisado pelas nações, juntamente com a cidade santa, Jerusalém inteira.

É verdade que a palavra grega usada para “santuário”, *naos*, é usada no Novo Testamento para a igreja, a verdadeira morada de Deus, em contraste com o templo judaico, que se tornou obsoleto (1 Co 3:16; 2 Co 6:16; Ef 2:21). Não há, em princípio, nenhuma razão para não dizer que a medição do templo representa simbolicamente a preservação da igreja. Aqui, porém, o templo, não está representado em primeiro plano como a morada de Deus, mas como o templo dos judeus em Jerusalém. Além disto parece haver uma intenção específica no contraste entre a preservação do templo em si e dos seus pátios, e do pátio externo e o restante da cidade, que não são preservados. Reconhecer aqui, como alguns fazem, um contraste entre preservação espiritual em meio a perseguição física e martírio, traz consigo algumas dificuldades.

A chave para interpretarmos a passagem é o que o pátio exterior e toda a cidade de Jerusalém são pisados pelos gentios. O significado mais natural de Jerusalém é que ela esteja em lugar do povo judeu. Quando Jesus disse que os gentios pisariam a cidade (Lv 21:24), ele estava falando de todo o povo. Contrastando a cidade toda com o santuário e seus adoradores, que são preservados, o contraste parece ser entre todo o povo judeu e um remanescente que adora a Deus em verdade. Historicamente todos os judeus tinham acesso ao pátio interno para participar do culto a Deus. É óbvio, porém, que no nosso caso o santuário e os que nele adoram não podem representar todo o Israel, pois estão em contraste com o pátio exterior e a cidade, que representam a nação. Isto sugere um contraste entre um remanescente fiel de israelitas crentes, que adoram verdadeiramente a Deus, e a cidade como um todo (a cidade santa). Israel como um todo será pisado pelas nações; será julgado por Deus porque se tornou espiritualmente apóstata. O versículo 8, onde Jerusalém é figuradamente chamada de “Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado”, sustenta este ponto de vista. Também em outras passagens da Escritura Jerusalém representa toda a nação (Sl 137:5-6, Is 40:1-2; Mt 23:37).

O número “quarenta e dois meses” tem sua origem na profecia de Daniel 9,⁴ onde o tempo que falta para o cumprimento da aliança é de

4. Para interpretação desta passagem veja E. J. Young, *The Prophecy of Daniel*. Grand Rapids, Eerdmans, 1949, pp. 201-221.

11:2-3

“setenta semanas de anos” (Dn 9:24). Ninguém com seus cálculos pode tomar isto como um espaço de tempo exato.

Três anos e meio é o espaço de tempo que o mal dominará antes do fim. O pequeno chifre que sai dos dez chifres da quarta besta em Daniel 7 oprimirá os santos do Altíssimo “por um tempo, dois tempos, e metade de um tempo” (Dn 7:25, veja também 12:7). No Apocalipse este número é o tempo em que a cidade santa será oprimida (11:2), em que as duas testemunhas executarão sua missão (11:3), a mulher celestial (a igreja) será preservada no deserto (12:6, 14) e em que a besta tem permissão para exercer autoridade (13:5). Lembremo-nos que João escreveu seu livro uns sessenta anos depois do ministério do nosso Senhor, o que deixa óbvio que ele não está pensando em nenhum tipo de continuidade direta das sete semanas de Daniel. Temos de concluir que os quarenta e dois meses (1.260 dias) representam o período em que Satanás exerce seu poder no mundo, com referência especial aos últimos dias do Anticristo. Tudo que o povo de Deus sofre da parte de Satanás durante os séculos nada mais é que uma amostra da opressão convulsiva do fim pelo Anticristo. Neste sentido todo o desenrolar da história pode ser encarado como o tempo do fim.⁵

3. Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias. Deus não abandonará seu povo, mesmo permitindo que a cidade seja pisada pelas nações por quarenta e dois meses. Ele lhe enviará duas testemunhas, para que estas profetizem a palavra de Deus ao povo em apuros. É difícil decidir se para João estas duas testemunhas eram pessoas históricas ou somente representavam a igreja testemunhando a Israel. A favor desta última conclusão está o fato de que os dois versículos precedentes são claramente simbólicos, falando da medição do templo e dos seus pátios internos, e do pátio externo que será pisado pelas nações. A descrição das duas testemunhas e do seu ministério, porém, é relatada com tantos detalhes que parece mais que João tinha estas duas testemunhas como pessoas reais que viriam de fato a Israel para promover sua conversão. É possível que o simbólico e o real estejam misturados. Assim como os três anos e meio parecem representar todo o período em que o mal dominará, com referência especial aos últimos dias desta era, assim também os dois profetas podem representar o testemunho da igreja a Israel através dos tempos, que será completado com o surgimento de dois profetas no tempo do fim. A flexibilidade do simbolismo apocalíptico deve ter lugar para possibilidades como esta.

5. A expressão escatológica “os últimos dias” é usada no Novo Testamento para a época do evangelho de Cristo (Hb 1:2), a época do Espírito Santo (At 2:17), e também para os últimos dias maus (2 Tm 3:1).

Pano de saco é a vestimenta normal dos profetas (2 Rs 1:8, Is 20:2, Zc 13:4).

4. *São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra.* Isto é uma referência clara a uma visão de Zacarias, que viu um candeeiro de ouro, com sete lâmpadas, ladeado de dois ramos de oliveira (Zc 4:12). Em Zacarias estes ramos representam os dois ungidos, “que assistem junto ao Senhor de toda a terra” (Zc 4:14); as duas testemunhas do Senhor, o sacerdote Josué (Zc 3:1) e o governador Zorobabel (Zc 4:6-7). João usa este simbolismo de Zacarias para afirmar que as duas testemunhas têm autorização de Deus para falar, de onde provém suas palavras proféticas. A frase “onde também o seu Senhor foi crucificado” (v. 8) nos leva a concluir que se trata de profetas cristãos. O grande pecado de Israel foi ter rejeitado Jesus como seu Messias e Senhor. Os dois profetas dão testemunho da lei e dos profetas ao senhorio de Jesus como Messias, e por isto também do pecado de Israel em rejeitá-lo.

5. Ninguém pode fazer mal às duas testemunhas enquanto não tiverem cumprido sua missão. Se alguém tentar, *sai fogo das suas bocas e devora os inimigos*. Qualquer tentativa de destruir os profetas é auto-destruição. Temos aqui uma alusão à história de Elias, cujo chamado profético foi confirmado por fogo do céu (2 Rs 1:11-12), mas mais ainda a Jeremias, na boca de quem as palavras eram um fogo que devorava os rebeldes (Jr 5:14). Os dois profetas destroem seus inimigos pelas palavras que pronunciam.

6. Este versículo diz alguma coisa sobre a identidade das duas testemunhas. Foi Elias quem teve *autoridade para fechar o céu, para que não chova*, e foi Moisés que teve *poder sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda a sorte de flagelos*. Moisés e Elias apareceram no monte da Transfiguração falando com Jesus (Mc 8:4). Mas não precisamos pensar que são eles os dois profetas, retornando à terra; dois profetas escatológicos personificarão estes dois grandes profetas, assim como João Batista personificou Elias (Mt 11:14; 17:10-13).

7. *Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas e as vencerá e matará.* Enquanto não tiverem cumprido sua missão as duas testemunhas são intocáveis; cumprida a sua tarefa, elas se tornam vítimas da cólera da besta.

Esta é a primeira menção à besta, como por acaso, como se ela fosse uma personagem familiar. Alguns comentadores acham que isto é uma referência antecipada à besta do capítulo 13, e é claro que em parte isto é verdade. A besta, ou Anticristo, no entanto, era um conceito familiar ao

pensamento judaico-cristão, e não exigia uma descrição detalhada. A idéia remonta a Daniel 7, onde quatro bestas ferozes simbolizam uma série de grandes impérios mundiais. A quarta besta tinha 10 chifres, dos quais surgiu mais um chifre que era mais forte que os outros (Dn 7:20) e que “fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles” (Dn 7:21). Este “pequeno chifre” (Dn 7:8) “proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo, ... que lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 7:25). Este pequeno chifre teve seu cumprimento primordial em Antíoco Epifânio, o rei selêucida que tentou desviar toda a nação judia do culto ao seu Deus (veja o relato em *1 Macabeus*), mas no fundo ele se refere ao Anticristo escatológico.

Em seu discurso no monte das Oliveiras, Jesus profetizou a vinda de uma personagem escatológica que ele chamou de “abominável da desolação” (Mc 13:14, Mt 24:15), que trará sobre o povo de Deus o pior tempo de tribulação e perseguição jamais visto. Será tão devastador que “não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria” (Mc 13:20). O terrível acontecimento de 66-70 d.C., quando os exércitos romanos cercaram Jerusalém e destruíram o templo sob as ordens de Tito foi uma amostra disto (Lc 21:20). Temos aqui uma chave importante para compreender a profecia bíblica: os acontecimentos escatológicos têm um cumprimento parcial antecipado nos acontecimentos históricos.

Paulo também estava familiarizado com esta personagem, que ele chamava de homem da iniquidade (ilegalidade, no grego), porque ele desafiava as leis de Deus e dos homens, exigindo soberania completa para si (2 Ts 2:3-4). Ele se oporá e exaltará contra qualquer assim chamado deus ou objeto de culto, e tentará até destronar a Deus, para ser o soberano absoluto. Paulo acrescentou um traço que reaparece no Apocalipse: esta personagem escatológica será inspirada por Satanás, e terá como objetivo principal desviar os homens de Cristo, para que todos pereçam (2 Ts 2:9-10).⁶

A besta (ou Anticristo) é figura central no Apocalipse. Ele é em primeiro plano uma personagem escatológica, em quem se concentrará a hostilidade de séculos contra Deus, manifestada na história das nações pagãs; esta hostilidade, porém, em segundo plano já é antecipada por Roma e seu imperador, como já o fora por Antíoco Epifânio. Na passagem em questão a besta representa tanto todos os poderes maus e hostis que oprimem e perseguem o povo de Deus quanto, e principalmente, a personagem escatológica do fim dos tempos.

6. Encontramos a previsão da vinda do Anticristo na literatura apocalíptica judaica em passagens como *Salmos de Salomão* 2:29, 17:3; *Apocalipse de Baruque* 40:1-3; *Ascensão de Isaías* 4:2-8; *Oráculos Sibilinos* 3:63-74.

O abismo, ou “poço sem fundo”, do qual sai a besta, era o lugar de onde provinham as pragas demoníacas da quinta e sexta trombeta. A besta também é de origem satânica, e tem seu poder do reino demoníaco.

Depois de as duas testemunhas terem cumprido sua missão que Deus lhe dera, a besta recebe permissão para fazer guerra contra elas e matá-las. Não devemos querer tirar demais da metáfora da guerra; no capítulo 12 há guerra entre Miguel e seus anjos e o dragão (Satanás) (12:7-8), onde é óbvio que “guerra” é um conflito espiritual. Na presente passagem guerra simplesmente significa conquista por qualquer meio, não necessariamente militar.

8. Os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. Deixar corpos expostos e insepultos era a maior indignidade no mundo antigo (1 Rs 21:24; Jr 8:1-2; 14:16). Está claro que a cidade em foco é Jerusalém. No v. 2 encontramos razões para crer que a “cidade Santa” foi usada como sinônimo para o pátio externo do templo, em contraste com o santuário e os pátios internos, exigindo uma interpretação simbólica, referindo-se a todo o povo judeu. Nesta passagem a interpretação simbólica encontra dificuldades. Sendo a cidade a mesma em que o Senhor foi crucificado, ela deve ser a cidade literal. No capítulo 13 a esfera do poder da besta é Roma, histórica e escatológica. Aqui temos de concluir que João tinha em vista o poder da besta, estendendo-se até Jerusalém. Para os dias de João esta profecia era destituída de importância; na Guerra Judaica de 66-70 d.C. a cidade tinha sido cruelmente arrasada, o templo fora destruído e Jerusalém deixara de ser um centro judeu. Podemos somente concordar com Hanns Lilje: “De forma que aqui Jerusalém não é mencionada meramente como uma figura teórica, vazia. De um ou outro modo a Jerusalém terrena, geográfica e histórica terá seu lugar na história dos últimos dias”⁷ A besta estabeleceu sua soberania na capital do império, estendendo-a até Jerusalém, que aqui é apresentada reconstruída e habitada por Judeus.

“Sodoma e Egito” são símbolos da hostilidade contra Deus e seu povo; Sodoma pela maneira com que seus habitantes tentaram tratar os anjos que visitaram Ló (Gn 19:1-11), e Egito por ter escravizado o povo de Deus. “Sodoma” se tornou símbolo de perversão, Judá é comparada a ela durante a sua apostasia (Dt 32:32; Is 1:9; Ez. 16:46, 49, 55; Jr 23:14). O “Egito” nunca foi comparado ao povo de Deus no Antigo Testamento. A natureza específica do pecado de Jerusalém consistia no fato de que a cidade era “onde o seu Senhor foi crucificado”. É também a cidade que

7. Hanns Lilje, *The Last Book of the Bible*. (Filadélfia, Muhlenberg Press, 1955), p. 161.

até aquele momento rejeitava o testemunho dos dois profetas enviados por Deus para fazer Israel voltar ao seu Messias.

9. Além de os habitantes de Jerusalém tratarem os cadáveres dos profetas com grande indignidade, *muitos dentre os povos, as tribos, as línguas e as nações*, isto é, não-judeus, *contemplam os cadáveres das duas testemunhas... e não permitem que estes cadáveres sejam sepultados*. Esta afirmação nos faz supor que os judeus de Jerusalém fizeram uma aliança com as nações ao seu redor, simpatizando com elas, judeus e não-judeus unindo-se pelo desprezo aos dois profetas.

Por três dias e meio é um número simbólico do tempo de calamidade ou maldade. Esta expressão reforça nossa conclusão de que o número três anos e meio (veja v. 2) não quer ser tomado estritamente ao pé da letra, mas é só o símbolo do tempo de sofrimento.

10. *Os que habitam sobre a terra* é uma expressão freqüente no Apocalipse, significando o mundo pagão (3:10; 6:10; 8:13; 13:8, 14; 17:8). A mensagem dos dois profetas era dirigida principalmente aos judeus, mas ela repreendia também o mundo pagão e denunciava os seus caminhos perversos. Por esta razão os não-judeus se alegraram com a morte dos dois pregadores, enviando presentes uns aos outros para expressar sua alegria.

11. *Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou e eles se ergueram sobre seus pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo*. É difícil ver nestas palavras de João algo mais que uma simples afirmação literal. A conversão de Israel será acompanhada por um milagre de ressurreição. Os “três dias e meio” não se referem aos três dias que Jesus passou na sepultura, mas simplesmente ao período em que seus corpos estavam insepultos nas ruas da cidade (v. 9). “Espírito de vida” é uma frase do Antigo Testamento (Gn 2:7; 6:17; 7:15, 22). A ressurreição dos dois profetas nos lembra a profecia do reavivamento de Israel em Ez 37:10. Alguns comentadores entendem que João está falando simbolicamente da preservação da igreja no período de perseguição e martírio, da sua vingança triunfal diante dos seus inimigos, ou mesmo do arrebatamento da igreja (1 Ts 4:17), mas isto parece duvidoso. A ressurreição dos mártires é um acontecimento público que deverá infligir “grande medo... àqueles que os viram”.

12. Depois de ressurretos os mártires ascendem ao céu. Os que viram sua ressurreição *ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu na nuvem, e os seus inimigos as contemplaram*. As palavras são quase as mesmas que João ouviu em 4:1, mas o significado é outro. João foi levado ao céu em espírito, em transe, enquanto que as duas testemunhas foram transportadas ao céu fisicamente, à vista dos que há pouco tinham se alegrado com sua morte. Elas são levadas abertamente ao

céu como sinal para aqueles que tinham ouvido seu testemunho de que elas eram verdadeiros profetas, revestidos do poder de Deus.

13. *Naquela hora houve grande terremoto e ruiu a décima parte da cidade, e morreram nesse terremoto sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas.* Um terremoto é um acontecimento que geralmente pressagia o fim (veja 6:12 e Ez 38:19, 20). Uma grande catástrofe na natureza acompanha a morte e ascensão das duas testemunhas, matando sete mil habitantes de Jerusalém. Isto é mais ou menos um décimo da população da cidade. Supõe-se que a população da cidade não passe de 100.000 pessoas. Isto indica que a catástrofe é limitada.

A consequência da ressurreição e ascensão dos dois mártires e do terremoto subsequente é a conversão final do povo judeu como um todo. "As outras" devem ser o restante dos habitantes de Jerusalém; não há razão para aplicar este termo aos não-judeus, que o Apocalipse representa constantemente como dedicados adoradores da besta, que não se arrependem (9:21; 16:9).

A afirmação de que eles *deram glória ao Deus do céu* dá idéia de arrependimento, não somente remorso. Alguns intérpretes entendem que a frase significa que eles glorificaram a Deus de medo e terror, sem se *arrepender verdadeiramente*. Porém quando esta frase é usada em outras passagens ela significa arrependimento (Js 7:19; Is 42:12, Jr 13:16; 1 Pe 2:12; 14:7; 15:4; 16:9; 19:7; 21:24). Por causa destes poderosos feitos de Deus no fim dos tempos o povo judeu se arrependerá dos seus pecados e dará glória ao verdadeiro Deus. Antes eles não tinham glorificado a Deus; tinham crucificado seu Messias e rejeitado seus profetas. Agora eles se arrependem da sua desobediência e dão glória a Deus.

(3) A sétima trombeta (11:14-19).

Com isto João conclui seu interlúdio sobre o anjo com o pequeno livro e a medição do templo, e dá continuidade à série das trombetas que tinha interrompido. O tempo da sétima trombeta será o tempo do fim (10:6), mas antes do fim a comissão profética é confirmada ao profeta, e ele é certificado de que a igreja será preservada durante este período terrível (7:1-17) e que Israel, o povo da aliança de Deus, será salvo. Lembremo-nos que não é dito que a sétima trombeta, ao soar, inicia o fim, mas que ela inicia o período do fim (9:7). Como veremos este período é mais extenso e inclui os sete flagelos.

14. *Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.* João começa a falar da sétima trombeta como se não tivesse havido interrupção. As pragas das últimas três trombetas são estes três ais (9:12). Os dois primeiros ais, que eram as pragas da quinta e da sexta trombeta, já passaram; o terceiro ai — a sétima trombeta — está por vir.

15. Quando o sétimo anjo tocou sua trombeta, o terceiro ai não sobreveio imediatamente. Este terceiro ai na verdade são os sete flagelos de 16:1-21. Novamente temos de nos lembrar do paralelismo literário na estrutura do Apocalipse. Cada um dos seis selos (6:1-17) tem um conteúdo específico; depois deles vem um interlúdio que mostra a segurança do povo de Deus nos últimos dias. O sétimo selo (8:1) não tem conteúdo em si; em seu lugar João passa a descrever as sete trombetas (8:1-9:20). Fomos forçados a concluir que as sete trombetas constituem o sétimo selo. Da mesma maneira a sétima trombeta, que é o terceiro ai, não contém praga ou maldição; temos de concluir que os sete flagelos constituem o ai da sétima trombeta.

Em vez de uma praga, fortes vozes no céu anunciam a vinda do vim. *O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.* Estas vozes celestiais anunciam que o tempo do fim chegou, sem descrever o fim em si. A ARC traz "reinos", mas a forma correta é o singular. A idéia é que por trás dos muitos reinos que governaram a humanidade com o passar da história há uma só autoridade. Isto será manifesto de forma concentrada no Anticristo, nos últimos dias. Temos aqui teologia muito profunda: O mal, os poderes demoníacos que a igreja terá de enfrentar no fim escatológico em princípio não são diferentes do poder autocrático que ela teve de enfrentar nos estados seculares durante sua história.

O verbo está no passado — "O reino do mundo *se tornou* de nosso Senhor e do seu Cristo" — mas o tempo passado pode ser usado para antecipar um certo acontecimento do futuro próximo. Jesus, referindo-se ao iminente conflito com os poderes do mal relacionado com sua morte, disse: "*Chegou* o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe *será expulso*" (João 12:31).

Este é o tema central do Apocalipse: o estabelecimento do Reino de Deus na terra. Isto envolve arrancar toda autoridade das mãos dos poderes hostis, inclusive das nações pagãs do mundo, a qual deverá agora ser exercida pelo *Senhor e seu Cristo*. No Novo Testamento *Senhor* geralmente é usado para o Cristo exaltado; aqui o termo aplica-se ao Senhor Deus. *Cristo* é a palavra grega para Messias, o rei nomeado por Deus.

A perspectiva empregada aqui para o estabelecimento do Reino de Deus não faz distinção entre o reino milenar de Cristo e o reinado de Deus no mundo por vir. Paulo parece prever dois períodos para o estabelecimento do Reino de Deus: o reino messiânico do Senhor exaltado entre sua ressurreição-ascensão e o fim (*telos*), e a consumação, quando ele passa o Reino a Deus-Pai (1 Cor. 15:24-28).⁸ Mas mesmo se o agente imediato é o Messias, o Reino ainda é governado por Deus. O sujeito da frase "ele reinará pelos séculos dos séculos" é Deus.

8. Veja Oscar Cullmann, *The Early Church*; A.J.B. Higgins, ed. (Filadélfia: Westminster, 1956); pp. 111-112.

O mesmo anúncio proléptico do estabelecimento do reino de Deus ocorre novamente em 12:10; 19:6, 16.

16-17. Quando estas vozes ressoam *os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados nos seus tronos, diante de Deus, prostraram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar.* Os vinte e quatro anciãos repetem o anúncio antecipado em outras palavras. Toda a autoridade e poder pertence a Deus, mas ele, em sua sabedoria soberana, permitiu que os poderes satânicos exerçam grande autoridade no mundo, e deixou que nações pagãs desafiassem a soberania divina em aparente impunidade. Agora, ao chegar ao fim do seu propósito de redenção, Deus, o eterno, arrancou esta autoridade tanto dos demônios como dos homens, e está para assumir triunfalmente o seu reinado. A referência necessariamente é ao fim escatológico. É verdade que Jesus exaltado estava entronizado à direita de Deus como Senhor e Messias desde sua ressurreição-ascensão (At 2:34-36; Hb 1:3; **3:21**). Não é este reinado imediato que está sendo celebrado; este está oculto ao mundo e visível somente ao olho da fé. Os vinte e quatro anciãos estão celebrando aqui a instituição visível do reinado de Deus sobre todos os poderes hostis; isto, por sua vez, somente é possível por causa do reinado celestial atual de Cristo.

A expressão “passaste a reinar” é traduzida no tempo passado pela ARC: “reinaste”. O verbo, no grego, está de fato no passado, mas o grego tem o que nós chamamos de um uso ingressivo do tempo aoristo (passado), que coloca a ênfase sobre o início da ação, quase sem dar atenção ao tempo da ação. Isto explica a tradução de ARA.

18. *As nações se enfureceram.* João não previa nenhuma salvação universal. Algo que tem caracterizado todo o curso da história humana — a raiva das nações que se rebelam contra Deus (Sl 2:1) — chegará ao seu ápice em uma expressão final de furor.

Chegou a tua ira. O Reino de Deus jamais poderá ser estabelecido enquanto nações hostis puderem resistir ao seu governo e oprimir seu povo. A visitação da ira de Deus é absolutamente essencial ao estabelecimento do seu reinado de graça neste mundo.

E o tempo determinado para serem julgados os mortos. A vinda do Reino de Deus não atingirá somente aos que estiverem vivos nos últimos dias; toda a família humana estará presente, quando os mortos ressurgirem e for realizado o julgamento para determinar quem pode entrar no Reino eterno de Deus e quem será excluído.

O dia do julgamento incluirá um *galardão* (recompensa) para aqueles que serviram a Deus, particularmente *os profetas e os santos*. “Santos” é o termo para o povo de Deus em geral, em qualquer época.

E aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes provavelmente é uma cláusula “epixegética”, um aposto, ampliando o

termo “profetas e santos”. A palavra grega traduzida por “e” pode significar também “isto é”, “a saber”.

E para destruíres os que destroem a terra. O julgamento de Deus não será arbitrário, mas de acordo com a conduta dos que são atingidos por sua ira.

19. *Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu.* Novamente nos deparamos com linguagem simbólica, dando a idéia da vinda do Reino de Deus. Quando Nosso Senhor morreu, a cortina que separava os homens da presença de Deus foi rasgada em duas (Mt 27:51), com o sentido de que agora, com os ritos sacrificiais do Antigo Testamento cumpridos em Jesus, a presença de Deus não mais estava limitada a Israel, mas aberta a todos os homens (veja Hb 9:8, 10:20). Isto, porém, era somente uma realidade espiritual, ainda não visível. Todos têm acesso a Deus em espírito, através de Cristo. Todos permanecem na terra em seus corpos mortais, ao passo que o templo de Deus está no céu. Deus se revelou à raça humana através de Jesus de Nazaré, mas sua moradia continua sendo no céu (3:12; 7:15; 15:5); ele ainda não está morando com as pessoas. A mensagem central deste versículo é uma representação simbólica de como no fim escatológico a presença de Deus estará aberta a todos. O templo de Deus no céu é aberto para que doravante os homens possam desfrutar da união imediata com Deus. Esta é uma maneira simbólica de proclamar o que é cumprido em 21:3: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens.”

Vemos que isto é uma visão proléptica porque João vê o templo ainda no céu (14:15, 17; 15:5, 16:7). A visão da abertura do templo antecipa o fim, simboliza-o, porque ele só virá mesmo nos capítulos 21 e 22. Quando ele chegar o próprio Deus morará entre seu povo, e não haverá mais necessidade do templo.

Foi vista a arca da aliança no seu santuário. Isto para lembrar que Deus é o Deus da aliança e das promessas (Ef 2:12); no fim tudo o que ele prometeu, desde a aliança com Abraão até a aliança com Cristo, será cumprido. No Antigo Testamento a arca da aliança estava no Santo dos Santos, onde só sacerdotes podiam entrar. Ela simbolizava a presença de Deus. Não sabemos o que aconteceu à verdadeira arca da aliança; se Sisaque, rei do Egito, não a levou consigo quando “tomou os tesouros da casa do Senhor” (1 Rs 14:26), deve ter sido destruída com o templo quando os babilônios conquistaram a cidade em 586 a.C. (Jr 3:16). Uma lenda judaica posterior diz que Jeremias salvou a arca e a escondeu em uma caverna do monte Sinai, onde ela seria preservada até a restauração final de Israel (2 Macabeus 2:4-8). Em qualquer caso a tradição judaica cria que na era messiânica a arca da aliança seria restaurada. Aqui temos um quadro simbólico de que a aliança está agora confirmada, porque o Reino de Deus veio.

Os relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada são maneiras convencionais para expressar majestade e poder que acompanham as manifestações da presença divina.

Um dos temas centrais do Apocalipse é a guerra entre o Reino de Deus e o reino de Satanás. O Novo Testamento reconhece frequentemente que será normal para a igreja experimentar na terra sofrimentos e perseguição. “No mundo passais por aflições” (Jo 16:33). “Através de muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (At 14:22). A igreja está destinada a passar pela perseguição mais intensa de toda a sua história no fim dos tempos — “porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais” (Mt 24:21). Esta perseguição será encetada por um governante inspirado por Satanás, chamado a besta (11:7), conhecido mais como o Anticristo, que tentará anular o governo de Deus na terra governando o mundo todo, exigindo que as pessoas o adorem e martirizando todos que permanecerem fiéis a Cristo.

Durante este tempo de tribulação Deus firmará sua soberania e dará amostras da sua vitória final no julgamento, derramando sua ira em etapas sobre os que adoram a besta. A primeira destas etapas foi retratada na série de sete trombetas (8:2-9:21), com as pragas que as acompanharam. A sétima trombeta, ao soar (11:15-19), anuncia o fim, o estabelecimento do Reino de Deus e a destruição dos “destruidores da terra” (11:18).

Antes que o fim venha João tem de descrever com mais detalhes a aparência do Anticristo e seus esforços para destruir a igreja (cap. 13). Antes de começar a descrever o tempo da grande tribulação, ele rompe a cortina que separa a terra do céu para ver uma grande batalha no mundo espiritual. A experiência da igreja, sofrendo tribulação na terra, é a manifestação de uma batalha espiritual na história. Por detrás da besta está o dragão — o diabo, Satanás — que quer impedir o governo de Deus através do seu Messias, e destruir o povo de Deus. O capítulo 12 descreve com palavras mitológicas esta guerra celestial. Ele explica para o povo de Deus na terra por que ele tem de enfrentar tanta maldade satânica e perseguição; mas também lhe afirma que na realidade Satanás já foi vencido, razão pela qual os que pertencem ao povo de Deus são capazes de vencê-lo pelo sangue do Cordeiro (12:11).

(4) Interlúdio (12:1—14:20).

a. O Dragão, a mulher e seu descendente (12:1-17).

A primeira visão do interlúdio se apresenta com cores mitológicas, como uma guerra entre um grande dragão vermelho e uma mulher celes-

tial. O dragão representa Satanás; a mulher representa o povo de Deus ideal — a igreja. A visão descreve em termos mitológicos o esforço do dragão em destruir tanto a mulher quanto o Messias, a preservação dos dois da ira do dragão, a derrota do dragão, e seu esforço em destruir a igreja na terra. Isto não é uma visão de um acontecimento que virá no fim; a visão, com muita imaginação, vê o conflito celestial entre Deus e Satanás, que tem sua contrapartida na história no conflito entre a igreja e o mal demoníaco. Neste sentido a visão vai totalmente além dos limites normais de tempo e espaço. Ela não está predizendo história, mas representando a luta do mundo espiritual que está por trás da história.

Nos primeiros versículos João aparece como observador das coisas que ocorrem no céu (vv. 1-12), mas súbita e inexplicavelmente ele se acha na terra (vv. 13-17). O nascimento do Messias é representado (vv. 2, 5), mas no relato não há espaço para sua vida e ministério; ele é de repente levado ao céu (v. 5); Satanás é jogado para baixo, e em sua ira se volta contra a igreja na terra. Este é o pano de fundo para a perseguição final escatológica da igreja pelo Anticristo, que em outras passagens é chamada de a grande tribulação (veja sobre 7:14). Em outras palavras, este capítulo apresenta um quadro surrealista do mundo que descreve a luta espiritual que se desenvolve por trás dos eventos históricos.

1. *Viu-se um grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça.* O traço principal desta mulher é que ela é a mãe do Messias (v. 2). Alguns comentadores pensam que ela representa Maria, a mãe do Senhor; outros, Israel, o povo de onde surgiu o Messias. É verdade que Is 66:7 diz que Sião está com dores de parto, para dar à luz ao novo Israel redimido (veja Is 26:17; Mq 4:10); esta mulher celestial, porém, é mãe do Messias e da igreja na terra (sua “descendência”, v. 17). Por esta razão é mais fácil entender a mulher em um sentido mais amplo como Sião *ideal*, o representante no céu do povo de Deus (Is 54:1; 66:7-9).

Paulo nos fornece a chave para o significado da mulher celestial, quando fala da Jerusalém de cima, mãe do povo de Deus na terra (Gl 4:26). Ela foi a mãe do Israel verdadeiro no Antigo Testamento, e do povo do Messias no Novo. A mulher é a igreja ideal no céu; seus filhos são o povo de Deus histórico na terra.

Temos de levar adiante este simbolismo, aplicando-o ao que é falado do Messias. Não está bem claro se o nascimento do Messias (v. 2) representa o nascimento histórico de Jesus ou se está se referindo à sua ascensão. O quadro como um todo parece simbolizar uma grande luta no céu, que por sua vez tem conseqüências para a experiência terrena da igreja.

João, em sua visão, ainda parece estar na terra. No capítulo 10 ele viu um anjo descendo do céu à terra; no capítulo 11 ele participou do drama da medição do templo. No capítulo 13 ele vê uma besta surgindo

do mar. Aparentemente nesta visão ele está na terra, observando a luta no céu, acima dele.

A palavra traduzida “sinal” é normalmente usada para milagre, fenômeno extraordinário, prodígio. João o viu no céu, provavelmente o céu físico e não o espiritual, porque no v. 4 o dragão arrastou um terço das estrelas do céu e as jogou na terra.

É difícil imaginar uma personagem celestial “vestida com o sol”. Devemos entender que ela estava de pé no meio do sol, envolta com o seu brilho? Sem dúvida isto é uma tentativa de descrever a glória e a majestade da sua aparência. A descrição “com a lua debaixo dos pés” igualmente não representa outra coisa se não a glória celestial da mulher. “uma coroa de doze estrelas na cabeça” também pode ser somente um detalhe que ressalta a majestade da aparência dela. Que isto é altamente simbólico é óbvio, porque as estrelas são invisíveis ao olho humano quando ao lado do sol. É possível que as doze estrelas estejam simbolizando os doze patriarcas e as doze tribos de Israel (Gn 37:9).

2. *Achando-se grávida, ela grita com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz.* A figura de Israel como mulher com dores de parto aparece diversas vezes no Antigo Testamento (Is 26:17; 66:7-8; Mq 4:10; 5:3). Mas há dúvidas se esta passagem quer mesmo aludir ao nascimento histórico de Jesus. E com certeza não é uma referência ao nascimento virginal de Cristo.

3. *Viu-se também outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho.* No v. 9 este dragão é descrito ainda como “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás”. Sem dúvida isto é uma figura mitológica, representando um ser espiritual como se fosse um monstro marinho leroz. A idéia do dragão como personificação mitológica do mal encontramos nas referências que o Antigo Testamento faz ao leviatã, a Raabe, Beemote e a monstros ferozes (Sl 74:14; 89:10; Is 27:1; 51:9; Jó 40:15; 41:12; Ez 32:2), e também à serpente (Am 9:3; Is 27:1). Não parece haver algum significado especial na cor vermelha do dragão.

O dragão tem também *sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas*. Diadema era uma espécie de coroa; o Cristo conquistador será coroado com muitos diademas (19:12). As sete cabeças coroadas com sete diademas falam do grande poder que o dragão pode exercer. Os dez chifres remontam a Dn 7:7, 24, símbolos do grande poder de Satanás.

O simbolismo é interessante. Como devemos imaginar um dragão com sete cabeças e dez chifres? Será que uma cabeça tem quatro chifres, ou três das sete cabeças têm cada uma dois chifres? Este tipo de perguntas se anulam mutuamente; é tudo um retrato simbólico do grande poder de Satanás como “deus deste século” (2 Co 4:4). Este quadro serve também de pano de fundo para a besta do capítulo treze, que tem sete cabeças e dez chifres (13:1; 17:3).

4. *A sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra.* Não precisamos ver nestas palavras nada mais que a aparência terrível deste monstro. Neste simbolismo não há nenhuma indicação de alguma batalha primitiva no céu em que Satanás foi expulso do céu para a terra. Dn 8:10 relata uma visão semelhante em que o “pequeno chifre” alcançou o céu e jogou algumas estrelas para a terra, mas elas são chamadas de “exércitos do céu”. O dragão é uma criatura tão colossal que com um movimento da sua cauda ele pode tirar a terça parte das estrelas da sua posição natural.

O dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. Se o dragão tem a forma de uma serpente enorme, ficar de pé em frente da mulher seria uma posição estranha; mas um detalhe como este não é problema para visões apocalípticas. A cena ainda se desenrola no céu. Poderíamos fazer a pergunta por que o dragão não devorou a mulher, em vez de esperar pelo filho, mas uma pergunta como esta não tem importância. João está descrevendo realidades espirituais com palavras mitológicas vívidas. O propósito principal de Satanás é impedir a obra de Cristo.

5. *Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro.* Estas palavras identificam claramente a criança: ela é o ungido de Deus, que deverá reinar no Reino de Deus sobre toda a terra (Sl 2:9; 2:27; 19:15). Não devemos buscar algum acontecimento específico no nascimento da criança. Ele não se refere ao nascimento de Jesus em Belém, de Maria; não tem nada a nos ensinar sobre o estado de preexistência do Filho; tudo é simbolismo, retratando a hostilidade de Satanás diante do ungido de Deus. Muitos comentadores vêem aqui uma alusão aos esforços de Herodes para destruir o menino Jesus (Mt 2:16). Se a visão quisesse representar história, deveria retratar a crucificação de Jesus, porque foi a morte de Jesus que por um momento pareceu ser o triunfo dos poderes das trevas (Lc 22:53).

E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono. A cena ainda se passa no céu; não há nenhuma indicação de que a mulher desceu à terra para dar à luz a seu filho. Dificilmente isto é uma alusão à ascensão de Cristo, porque esta não teve por objetivo escapar da hostilidade de Satanás. Pelo contrário, ele, como Cristo crucificado e ressurreto, já tinha triunfado sobre o poder satânico (Hb 2:14, Cl 2:15). Esta é a maneira vívida de João constatar a vitória do ungido de Deus sobre todas as tentativas de Satanás para destruí-lo.

6. *A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar.* A cena ainda transcorre no céu, a terra não participa da visão antes do v. 9, quando Satanás é expulso do céu. Alguns comentadores aludem freqüentemente à fuga dos judeus cristãos de Jerusalém para Pela durante a Guerra Judaica, escapando da destruição cruel que

vítimou seus compatriotas; mas acontecimentos históricos como este não são a intenção do autor. Temos de supor que o dragão, impedido de destruir o Messias, se voltou contra sua mãe — a mulher celestial. Novamente seus esforços são em vão. Assim como tinha protegido o seu ungido Deus preservou também a mulher.

No deserto a mulher tinha um lugar, *para que a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias*. Deparamo-nos novamente com o número simbólico de três anos e meio que representa o período do domínio final de Satanás, tentando frustrar os propósitos de Deus, particularmente os últimos dias deste período (veja sobre 11:3). Este versículo afirma que Deus protegerá a mulher celestial mesmo durante o pior sofrimento, e isto, por sua vez, inclui a idéia da proteção da igreja na terra.

7-8. *Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles.* João emprega também aqui linguagem apocalíptica para descrever um evento espiritual. Se tentarmos localizar esta batalha em alguma data histórica, estaremos entendendo mal o caráter do pensamento de João. Alguns intérpretes acham que a batalha se refere àquela que precedeu a “queda de Satanás”; outros vêem nela um conflito escatológico que explica a razão por que o povo de Deus tem de sofrer tamanha perseguição. Teologicamente a chave para esta batalha está no v. 11: “Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro.” Na história da redenção Cristo obteve a vitória sobre Satanás derramando seu sangue na cruz. João, no entanto, não está preocupado com a maneira com que esta vitória foi conseguida, mas somente com o fato de que Satanás foi derrotado. Na Escritura não encontramos apoio para a idéia de que anjos completaram a redenção, o que inclui a derrota final do mal; tudo é obra de Cristo.

Miguel aparece poucas vezes na Escritura. Ele é o anjo que guarda Israel (Dn 10:13, 21; 12:1), e luta contra os anjos que guardam as nações gentias (Dn 10-12). Na literatura intertestamentária ele é o protetor e intercessor de Israel (*Enoque* 20:5). Judas 9 diz que ele lutou com o diabo pelo corpo de Moisés. Na nossa passagem ele é o defensor do povo de Deus como um todo contra o poder maligno de Satanás. A única intenção da passagem é dar àqueles que enfrentam maldade satânica na terra a certeza de que na realidade este poder está derrotado, apesar de para nós às vezes parecer o contrário.

9. *E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás.* A serpente parece ser uma alusão óbvia a Gn 3:1-5. “Satanás” é a transliteração de uma palavra hebraica que significa “adversário”, termo também usado para adversários humanos (veja 1 Rs 11:14, 23; 1 Sam 29:4). O anjo que se interpôs ao jumento de Balaão é chamado de seu adversário (Nm 22:22). A palavra veio a ser usada par-

gate da mulher. Esta é a maneira de João dar à igreja a certeza da salvação eterna, mesmo através do martírio. *Durante um tempo, tempos, e metade de um tempo* foi tirado de Dn 7:25 e é a mesma coisa que três anos e meio ou mil duzentos e sessenta dias (veja a nota sobre 11:2), o terrível período final de perseguição e martírio sem paralelo. Deus preservará seu povo mesmo na morte; todo esforço de Satanás para destruí-lo será em vão.

15-16. *Então a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca.* Isto é a continuação do quadro imaginário do esforço que Satanás faz para destruir o povo de Deus. Não temos paralelos conhecidos na literatura antiga, de onde João poderia ter tirado seus retratos vívidos. Nem devemos procurar equivalentes históricos. A mensagem é simples e clara: Satanás fará tudo que estiver em seu poder para destruir o povo de Deus, só que em vão.

17. *Irou-se o dragão contra a mulher.* Está claro que isto é linguagem figurada. O dragão esteve irado contra a mulher durante toda a visão, ardendo em cólera, tentando todos os estratagemas para destruí-la. E João consegue, mesmo assim, falar da ira do dragão contra a mulher como se fosse uma coisa nova na narrativa.

A chave deste versículo é a frase *os restantes da sua descendência*. A mulher já tinha dado à luz ao Messias, que Satanás não conseguiu destruir. Pelo contrário, por sua morte (v. 11) o Cordeiro possibilitou ao homem derrotar o dragão, garantindo o estabelecimento final do reinado do Messias na terra (v. 10). A mulher tem outros filhos, contra quem Satanás agora dirige sua ira. Eles são os cristãos que constituem a igreja ainda existente na terra. João muda do ideal para o real — da visão da derrota de Satanás no céu à realidade da perseguição que ele faz aos santos na terra. O conflito espiritual é pano de fundo para a luta real na terra entre a igreja e o Anticristo. Tendo em vista o tempo da grande tribulação João transmite à igreja a certeza de que Satanás já foi derrotado e que não pode mais vencer a igreja. Mesmo assim ele pode persegui-la implacavelmente; esta perseguição final é simbolizada na guerra contra os restantes da sua descendência.

A frase *os que ... têm o testemunho de Jesus* também poderia ser traduzida “dão testemunho de Jesus”,¹ (N.T. veja a versão do NTV). A construção é um genitivo, que pode ser subjetivo — o testemunho que Jesus deu (veja 1:2, 9, 6:9), ao qual eles são fiéis — ou objetivo — o testemunho que eles dão de Jesus (veja 19:10, 20:4). O significado básico é o mesmo, em qualquer caso.

1. Veja G.B. Caird, *The Revelation of St. John the Divine*. (Nova Iorque, Harper and Row, 1966) p. 158.

18. *E se pôs em pé sobre a areia do mar.* Há algumas diferenças de divisão de versículos entre as versões, baseadas em diferenças de manuscritos gregos. A versão ARC traduz a frase de modo que João está na beira da praia, observando a besta que sai do mar; a frase é assim colocada no início do capítulo 13. Mas a melhor tradução é “e se pôs em pé sobre a areia do mar”, referindo-se ao dragão. Não conseguindo destruir a mulher celestial e o Messias, o dragão agora se volta contra a igreja na terra; com este propósito ele fica de pé na praia, para chamar das profundezas do mar a besta que será o principal instrumento da perseguição final.

O capítulo treze continua o interlúdio entre a sétima trombeta e os sete flagelos. A sétima trombeta nos trouxe aos últimos dias desta era, quando o mistério de Deus, de salvação e julgamento, será cumprido (10:7). Agora estamos no tempo do fim, caracterizado por dois traços de destaque: os julgamentos de Deus (os sete flagelos) incidindo sobre a civilização rebelde (Babilônia), e a perseguição final da igreja. Em outras palavras, o tempo do fim é a última batalha, o clímax da luta, entre Deus e Satanás. Os capítulos subseqüentes relatarão os julgamentos divinos.

Os leitores de João já tinham sido preparados para este tempo de perseguição. O capítulo doze lhes assegurou que este tempo de martírio não será novidade, somente a expressão extrema, na história, de uma guerra espiritual que ocorreu no céu entre Satanás (o dragão) e os anjos de Deus. Apesar do martírio iminente os santos têm certeza do triunfo final, porque Satanás já é um adversário derrotado. Mesmo derrotado ele recebe permissão para encetar no fim dos tempos uma guerra terrível contra os santos, sob o comando da besta. Veja as observações a 11:7 para um relato breve sobre o conceito do Anticristo.

b. As duas bestas (13:1-18).

1. *Vi emergir do mar uma besta, que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas.* A besta já foi citada em 11:7, saindo do abismo para combater as duas testemunhas. Esta visão depende diretamente da que está registrada em Dn 7, em que Daniel viu quatro bestas saindo do mar, representando uma seqüência de impérios mundiais. Alguns comentadores vêem no mar um símbolo da humanidade não regenerada, em constante agitação (Is 57:20), semelhante a um caldeirão borbulhante de vida nacional e social confusa, de onde saem grandes movimentos históricos. Talvez a chave esteja em 17:15: “As águas que viste ... são povos, multidões, nações e línguas.” O parentesco entre a besta e o dragão (Satanás) fica evidente no fato de que ambos têm dez chifres e sete cabeças (cf. 12:3). A quarta besta de Daniel tinha dez chifres. O dragão, porém, tinha sete diademas ou coroas sobre suas

cabeças (12:3), enquanto que a besta tem dez diademas sobre seus chifres. As sete coroas do dragão representam seu poder total. Os dez chifres coroados da besta representam dez reis (17:12); mas estes não têm um papel importante na visão da besta.

A questão exegética crucial é o que significam as sete cabeças. À primeira vista, a solução mais fácil é que a besta representa o Império Romano histórico, do primeiro século, e as sete cabeças são sete imperadores subseqüentes. Há, porém, dificuldades exegéticas, no sentido de quais sete imperadores entrariam em questão. Pode ser que a besta represente o Império Romano, mas nós já constatamos que a escatologia cristã primitiva esperava o Anticristo para o fim dos tempos, e há traços nesta besta e em seu colega — a outra besta — que não têm nenhum paralelo no governo romano. A besta, por isso, deve ser o Anticristo escatológico, com algumas das suas características já evidentes em Roma, como também em outros países totalitários.

Sobre as cabeças havia nomes de blasfêmia. A besta exigirá para si prerrogativas divinas. O pequeno chifre de Dn 7:25 “proferirá palavras contra o Altíssimo”; o abominável da desolação no discurso do monte das Oliveiras (Mt 24:15) se colocará no santo lugar; o homem da iniquidade (2 Ts 2:4) “se opõe e se levanta contra tudo o que se chama deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”. No nosso versículo a besta traz um nome de divindade sobre a cabeça, exigindo que os homens a adorem (v. 4). Esta auto-deificação do Anticristo já foi vista na história. A deificação do imperador tinha destaque no Império Romano. Júlio César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito foram proclamados deuses pelo senado romano depois de sua morte. Diversos imperadores usaram o adjetivo *DIVUS* nas moedas enquanto ainda viviam. No Oriente freqüentemente moedas traziam o termo grego *theos*. Vimos, nas cartas às sete igrejas, que as cidades da Ásia competiam entre si pela honra de ter um templo dedicado a Roma e ao imperador, para promover o culto imperial. A reivindicação mais clara foi feita por Domiciano (81-96 d.C.), que exigia que as pessoas se dirigissem a ele com o título de *Dominus et Deus* — Senhor e Deus. A deificação do Estado e do seu governante não é um fenômeno limitado ao Anticristo e aos últimos dias; presenciamos manifestações do mesmo fenômeno, em essência, em países totalitários modernos.

2. A besta que João viu era *semelhante a leopardo, com pés como de urso, e boca como boca de leão*. A besta combina adjetivos das primeiras três bestas de Dn 7; a quarta besta é representada pelos dez chifres. Encontramos concentradas na besta todas as características manifestas nos sucessivos impérios mundiais.

E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. A besta não é simplesmente uma concentração de poder político e militar, como também o homem da iniquidade (2 Ts 2:9), de Paulo, não o é; ela

personifica a maldade satânica, obtendo seu poder e sua autoridade do dragão.

3. Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas esta ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta. A colocação das palavras no português não deixa bem claro o que João viu; ele não diz que parecia que uma das cabeças estava mortalmente ferida, na realidade não estando. As palavras são as mesmas usadas para o Cordeiro em 5:6, que tinha sido morto de fato. Uma das cabeças da besta estava ferida de morte, mas a ferida é curada.

Muitos intérpretes entendem que João estava se referindo a algum imperador romano que foi morto mas reviveu, personificando o mal satânico. O assim chamado mito do *Nero redivivus* dá apoio a este ponto de vista. O imperador Nero se suicidou em 68 d.C., mas depois surgiu a lenda de que ele não tinha morrido, mas escapado para o Oriente, e que voltaria em triunfo. Em 69 um falso Nero apareceu na Ásia, mas ninguém lhe deu atenção; e no 88 outro pretendente apareceu na Ásia dizendo ser Nero, e que estivera escondido.

Este mito de fato foi usado em alguns escritos apocalípticos cristãos, onde o Nero que volta triunfante às vezes é identificado com o Anticristo (*Ascensão de Isaías* 4:1-14, *Oráculos Sibilinos* 4:119; 5:363; 8:70). A objeção fatal a este ponto de vista é que não é só uma cabeça da besta que é ferida mortalmente, mas a própria besta (13:12, 14). Mais tarde outro anjo diz da besta: “A besta que... era e não é, está para emergir do abismo” (17:8). O assassinato ou suicídio de um imperador romano pode trazer um período de intranquilidade caótica, mas a continuidade do império não é interrompida. Uma de suas cabeças e a própria besta foram mortalmente feridas, e isto dá a impressão de que de algum modo a besta se identifica com suas sete cabeças. A besta corporifica tudo que está expresso nas quatro bestas de Daniel 7, e as sete cabeças são personificações concretas deste poder imperial. (Veja mais observações em 17:8-12). A besta, na pessoa de uma de suas cabeças, foi morta e reviveu mais tarde. Nesta visão João faz uma revisão radical do que foi dito em Daniel 7.

4. Adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem pode pelejar contra ela? Temos aqui a resposta para a questão do caráter e do objetivo da besta; ela não quer exercer meramente um poder político — sua meta é conquistar a lealdade das pessoas e desviá-las da adoração a Deus. Desviar-se de Deus e submeter-se à besta na realidade é adorar a Satanás. O tempo do Anticristo será de luta pelas almas da humanidade. A besta evidenciará um poder tão grande que o mundo será convencido da futilidade de lhe querer resistir (cf. 2 Ts 2:9-10).

5. Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias. Isto está baseado diretamente em Dn 7:8, 20, 25. O pequeno chifre tinha uma

boca que “falava com insolência” e proferia “palavras contra o Altíssimo”. Como ele recebeu esta boca de alguém, fica claro que o seu poder não provinha dele mesmo, mas de uma autoridade superior a ele. Ele recebeu seu poder do dragão. “Blasfêmias” não são palavras ofensivas diretamente a Deus, mas de auto-deificação.

Recebeu *autoridade para agir quarenta e dois meses*. Veja a nota sobre 11:2. Os quarenta e dois meses são um número que simboliza todo o período de perseguição da igreja, mas principalmente este período final — o tempo da grande tribulação.

6. *E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus*. Este versículo amplia e particulariza o que foi dito no v. 5. Blasfemar não quer dizer amaldiçoar, como no português, mas fazer ou dizer algo em relação a Deus que profana o nome divino ou viola sua glória e sua divindade. O sumo sacerdote acusou Jesus de blasfêmias (Mt 26:65), por ter reivindicado um lugar à direita de Deus. Blasfêmia no presente versículo é uma reivindicação humana que se exalta acima da exigência de Deus que as pessoas lhe sejam fiéis e o adorem. *Difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu* reflete Dn 8:10, onde o pequeno chifre cresceu “Até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou”. As estrelas aqui parece que representam os santos¹ que são difamados e pisados pelo Anticristo. Os que moram no céu são aqueles cuja cidadania é do céu. (Fp 3:20).

7. *Foi-lhe dado também que pelejasse contra os santos e os vencesse*. Isto não quer indicar nenhuma manobra militar, mas hostilidade e domínio total, não importa os meios (veja 2:16; 13:4; 19:11). Os principais objetivos da ira da besta são os santos — isto é, “os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (12:17). A meta primordial da besta é desviar as pessoas de Cristo, o que ela tenta com perseguição feroz. Ela os vence, mas neste contexto isto não significa que consegue desviar sua lealdade de Cristo para a besta — não consegue fazê-los apostatar — mas consegue perseguí-los terrivelmente. “Este chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles” (Dn 7:21). Na verdade aqueles que a besta aparentemente vencera tinham obtido a vitória, através do seu martírio. João viu mais tarde diante do trono de Deus “os vencedores da besta e da sua imagem” (15:2). “Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (12:11). Seu martírio foi sua vitória; eles permaneceram firmemente leais a Cristo e se recusaram a adorar a besta e o dragão.

1. Veja E. J. Young, *The Prophecy of Daniel*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1949), p. 171.

Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação. A besta *recebeu permissão*, pela soberania do propósito divino, de exercer autoridade no mundo todo. Não é possível encontrar o cumprimento destas palavras em nenhuma situação do Império Romano no primeiro século. A perseguição sob Nero (54-68 d.C.) estava limitada a Roma e implicou em, relativamente, poucos mártires; a perseguição sob Domiciano (81-96 d.C.) teve um alcance muito curto. Perseguições ocasionais aos cristãos ocorreram na Ásia, mas não uma perseguição geral. João olha muito além do seu horizonte, para um tempo em que um governante anticristão receberá permissão para exercer soberania universal.

8. *Adorá-lo-ão todos os que habitam sobre a terra.* João antevê novamente uma situação futura, sob o Anticristo, que vai além da adoração do imperador romano. No Império Romano os judeus estavam isentos da formalidade de adorar o imperador. Nos últimos dias não haverá exceção, além dos cristãos, que pagarão sua lealdade a Cristo com sua vida. *Livro da vida*, veja **3:5**. Nesta passagem e em **21:27** ele é chamado de o livro da vida do Cordeiro. É o registro dos que foram salvos pela fé no Cordeiro de Deus crucificado. Que seus nomes foram escritos desde a fundação do mundo implica na segurança de que a providência de Deus os guarda realmente, desde a fundação do mundo, apesar de parecerem indefesos diante dos ataques da besta. “Desde a fundação do mundo”, gramaticalmente, pode modificar “escritos”, como na presente versão, ou “morto”, como na versão ARC, mas o pensamento paralelo em **17:8** decide a favor da primeira possibilidade. Que o Cordeiro *foi morto* se refere ao fato que ele operou a salvação para os que o seguem, e também que sua morte mostrou o caminho para os que o seguiriam. Jesus insistiu que cada discípulo tem de estar disposto a tomar sobre si a sua cruz (Mc 8:34), ou seja, seguir a Jesus mesmo na morte.

9. João encerra sua descrição do Anticristo com uma advertência séria, que conclui também todas as sete cartas às igrejas: *Se alguém tem ouvidos, ouça.*

10. A isto segue uma afirmação solene, mas que pode ser traduzida de diversas maneiras. A presente versão toma ambas as partes do versículo com referência a perseguidores que no fim sofrerão o mesmo destino que estão infligindo a outros: *Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada.* Por outro lado, as duas partes podem se referir aos perseguidos: resistir ao cativo ou à espada é inútil: “Quem tem de ser preso, com toda a certeza será preso; quem tem de ser morto pela espada, com toda a certeza será morto pela espada” (BLH). Neste caso ficamos sabendo que a perseguição pela besta faz parte da providência de Deus e não cabe resistência violenta. Quem está destinado ao cativo, tem de estar disposto a ir, manso, como

cristão. Mas perseguição não é a última palavra, pois ambas as versões podem estar certas: Deus retribui, e o castigo dos que matam, no fim, será de acordo com o crime. A última palavra não está com o perseguidor.

Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos. O julgamento final está nas mãos de Deus, e virá com certeza. Os que erguem a espada contra o povo de Deus receberão a retribuição justa, mas para esperar aquele dia é preciso perseverança. Por enquanto a impressão é que a besta tem poder ilimitado para matar os santos. Isto exigirá deles uma fé inabalável de que Deus ainda é Deus, que ele ainda está governando, e que seu Reino está acima de tudo.

O capítulo treze fala de duas bestas — uma que emerge do mar e outra que emerge da terra. A segunda serve a primeira. Seu único objetivo é obrigar os homens a adorar a primeira besta. Os detalhes de sua descrição deixam claro que se trata da religião organizada, que no Império Romano eram os sacerdotes imperiais, principalmente na Ásia, que tinham o propósito de promover a adoração da cidade de Roma e de seu imperador. Os asiarcas de Atos 19:31 provavelmente eram sacerdotes locais que incentivavam a adoração ao imperador. Em sua forma escatológica a segunda besta dá a impressão de que a religião organizada foi obrigada a ajudar a promover os objetivos da primeira besta.

11. Vi ainda outra besta. Alguns intérpretes preteristas admitem que é impossível encontrar uma personagem da história antiga que pudesse ser identificada com a segunda besta. Quase com unanimidade eles vêem nela a estrutura sacerdotal que apoiava a adoração ao imperador. Hanns Lilje, no entanto, destaca que o quadro é altamente profético.² O simbolismo da adoração ao imperador forma somente o pano de fundo para a visão da segunda besta, que terá muito mais poder e influência que qualquer coisa conhecida do mundo antigo. A adoração ao imperador é somente um eco da realidade terrível que se cumprirá nos últimos dias. Não há nenhum significado especial no fato de a segunda besta emergir *da terra*. Em Dn 7:3 as quatro bestas surgem do mar; em 7:17 elas emergem da terra.

Esta besta possuía *dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão*. Ela é uma imitação de Cristo — religião prostituída com finalidade maligna. A segunda besta era semelhante a um cordeiro, mas sua voz traía a aparência: ela falava como dragão. Concluímos que a segunda besta representa a religião a serviço da adoração à besta porque desta passagem em diante ela é chamada de o falso profeta (16:13, 19:20, 20:10). A primeira besta incorpora o poder civil, inspirado por Satanás; a segunda representa o poder religioso, empregado para dar apoio ao poder civil.

2. Hanns Lilje, *The Last Book of the Bible*. (Filadélfia. Muhlenberg Press, 1955) p. 195.

12. *Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada.* A segunda besta não entra em competição com a primeira, mas está a seu serviço. Não tem poder próprio, mas recebe poder por sua união com a besta. Seu único objetivo é captar a lealdade religiosa da humanidade para a primeira besta.

É significativo que na linguagem deste versículo, como já foi indicado acima (13:2), a besta se identifica com suas cabeças. Não foi somente uma de suas cabeças que foi mortalmente ferida e depois curada; ela mesma teve sua vida restaurada.

13-14a. *Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta.* Paulo tinha dito que “o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem” (2 Ts 2:9-10). O principal é que o falso profeta, assim como a besta, não representa meramente a religião formal, mas o verdadeiro poder de Satanás. Na religião pagã primitiva a magia tinha um papel importante e era muito usada para enganar a crédulos (At 13:6ss., 16:16, 19:13ss.). O falso profeta não fará somente pseudo-milagres; ele terá poder para fazer descer fogo do céu. Parece que este fogo não é para destruir, mas somente para enganar os homens com supostos poderes divinos, fazendo-os crer no que na realidade é poder de Satanás. “Os que habitam sobre a terra” é uma expressão que no Apocalipse é usada com freqüência para os não convertidos; o falso profeta não enganará os santos (Mc 13:22).

14b-15. *Dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu, e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que a imagem falasse.* O poder de fazer imagens falar era bem conhecido no mundo antigo. Acerca da figura de Simão, o mago (At 8:9ss.), foi tecido um rosário de lendas, e escritos cristãos primitivos contam histórias de como ele fez estátuas viver. Novamente é dado ênfase em que o poder não emanava do falso profeta; *lhe foi dado* fazer isto, recebeu permissão. A vivificação aparente da imagem da besta é a maior reivindicação de poder divino: ser capaz de criar vida, como Deus.

Além disto, ele recebeu poder para *fazer morrer quantos não adorassem a imagem da besta*. A frase afirma que a imagem da besta ordena que os que não adoram a besta sejam mortos. Novamente o ponto crucial fica bem claro. O conflito não é entre religião e ateísmo ou entre religião e religião, mas entre Cristo e Anticristo — entre Deus e Satanás.

No v. 8 todos que não têm seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro adoram a besta; aqui todos que não adoram a besta são mortos.

16. *A todos, os pequenos e os grandes, os pobres e os ricos, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a fronte.* Em 7:3 o povo de Deus, às portas da grande tribulação, é selado em suas testas, separando-o da ira de Deus derramada sobre o mundo (9:4), e, podemos crer, fortalecendo-o em seu testemunho e sua lealdade a Cristo. A besta tem a sua marca, que é aplicada sobre a mão ou a testa daqueles que a adoram. De maneira que temos dois grupos de pessoas — os que são selados por Deus e os que levam a marca da besta. A marca consistia no nome da besta (v. 17). Não está bem claro se João tem em mente uma marca visível nos adoradores da besta. O selo que Deus colocou na testa dos 144.000 (7:3) certamente não é uma marca visível; é um símbolo que expressa a proteção divina (veja Is 44:5). A intenção pode ser que a marca da besta seja uma imitação da marca de Deus.

Não sabemos de nenhuma prática antiga que sirva de fundo para explicar a marca da besta em termos históricos. A palavra “marca” era usada para sinal de propriedade em animais. Era também um termo técnico para o selo imperial em documentos comerciais e para a cunhagem romana de moedas. Os escravos eram marcados na testa, mas isto era sinal de servidão, não de lealdade. Há alguns poucos exemplos de cativos que são marcados, na história greco-romana conhecida, e Ptolomeu Filopator exigia que certos judeus alexandrinos fossem marcados com a marca de Dionísio, que era uma folha de hera (3 *Macabeus* 2:29). Mas marcar não era uma prática muito difundida, e não sabemos de nenhuma relação com o culto ao imperador. A marca da besta é sinal de fidelidade por parte dos que a recebem, identificando-os como adoradores da besta.

17. *Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome.* A marca da besta tinha utilidade religiosa e econômica. Novamente não dispomos de nenhuma situação histórica relacionada com o culto ao imperador que possa ilustrar esta profecia. João prevê que a besta, com a ajuda do falso profeta, assumirá poderes totalitários, com controle completo de toda a política, religião e economia do mundo, com o objetivo de levar toda a humanidade a adorá-la.

18. *Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, este número é seiscentos e sessenta e seis.* João dá o nome da besta de maneira simbólica, usando um esquema conhecido no mundo antigo como gematria. Nem a língua grega nem a hebraica tinham um sistema numérico.³ Usavam as letras do alfabeto em lugar de números; por exemplo: A = 1, B = 2, C = 3, etc. Assim

3: Para numerologia grega veja W. W. Goodwin e C. D. Gulick, *A Greek Grammar* (Boston, Ginn & Co., 1930) p. 93; para a numerologia hebraica veja *Hebrew Grammar*, de Gesenius, editada por E. Kautzsch e A. E. Cowley (Oxford, University Press, 1946), p. 30.

um nome podia ser transliterado no número correspondente. Deissmann fala de uns rabiscos num muro de Pompéia que dizem: "Eu amo a que tem o número 545"⁴ (ou ΦME).

Nos *Oráculos Sibílinos* encontramos uma ilustração importante de gematria. Swete alude a uma passagem onde o valor numérico do nome Jesus é dado como sendo 888 (I=10, H=8, Σ=200, O=70, Y=400, Σ=200).⁵ João diz que é preciso sabedoria para calcular o nome da besta do seu número, e acrescenta que é um número humano, igual a 666.

A interpretação mais comum entre os estudiosos preteristas é que o número se refere ao imperador Nero (*Neron Kaisar*). Só que no grego o total numérico de *Neron Kaisar* não é 666, mas 1005. O problema se resolve transliterando *Neron Kaisar* para o hebraico, o que dá então 666. O resultado só é obtido, todavia, alterando um pouquinho a palavra hebraica para César. Além disto ninguém explicou por que João, escrevendo a um público que falava grego, teria elaborado um simbolismo de gematria com a forma hebraica do Nome, e não a grega. Também é significativo que nenhum dos intérpretes antigos do Apocalipse reconheceu esta solução. Nosso primeiro intérprete, Irineu, sugeriu que 666 poderia significar *euanthas, teitan* (Tito?), ou *lateinos* (o Império Latino).⁶ Muitos intérpretes sentiram que esta última sugestão de Irineu foi a melhor.

Com uma manipulação inteligente pode-se fazer quase tudo com estes números. Se A=100, B=101, C=102, etc., o número de Hitler é 666.

É possível que o número queira ser algo simbólico. Se o número do Messias, ΙΗΣΟΥΣ, totaliza 888, e sete é o número perfeito, pode ser que a intenção seja que 666 seja o símbolo para o que o homem é capaz de fazer de melhor, impossibilitado de alcançar a perfeição. Este pode ser o significado da frase "é número de homem". O máximo que podemos dizer é que se o número da besta é uma profecia de uma situação futura, ninguém ainda foi capaz de resolver o seu significado, mas quando vier a hora o significado será evidente.

O capítulo catorze continua o interlúdio entre as sete trombetas e os sete flagelos. Lembremo-nos mais uma vez que a sétima trombeta nos

4. Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East* (New York, Hodder and Stoughton, 1910) p. 276.

5. H. B. Swete, *The Apocalypse of St. John* (Londres, Macmillan, 1971) p. 176. Texto inglês em Edgar Hennecke, *New Testament Apocrypha* (editado por W. Schneemelcher, Filadélfia, Westminster, 1964), II, 710.

6. Irineu, *Contra Heresias* V. 30.

trouxe até o começo do fim (10:7), mas antes que este venha João tem visões que lhe mostram que o tempo do fim será a manifestação final da luta secular que é travada no reino espiritual, invisível aos homens (cap. 12); esta luta será visível na história na pessoa do Anticristo, que tentará perverter a lealdade dos santos com todos os estratagemas possíveis. Exatamente antes de a ira de Deus ser derramada e de vir o fim João é mais uma vez certificado que tudo está nas mãos de Deus; a civilização perversa e atesta da besta será submetida a julgamento divino, e os santos receberão a sua salvação eterna. O capítulo é composto de uma série de visões curtas, sem sequência, das quais o Cordeiro no monte Sião é só a primeira.

c. Visões de consolo (14:1-20).

i) O Cordeiro no monte Sião (14:1-5).

A primeira visão novamente é proléptica, antecipadora (veja 10:7; 11:15), e retrata o destino do povo de Deus que foi preservado durante a grande tribulação, mas que tinha sido vítima da cólera da besta. João os vê no Reino messiânico. Esta visão somente se concretiza nos capítulos 20-22, mas João gosta de relatar a seus leitores visões antecipadoras do que virá no fim, para fortalecê-los para as experiências duras que estão à sua frente.

1. *Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil tendo nas frentes escrito o seu nome e o nome de seu Pai.* João muda da profecia sobre a besta e os que levam a marca dela sobre a mão ou a testa para os redimidos, que trazem a marca de Deus. Apesar de terem sido vítimas da besta por se recusarem a adorá-la, sua salvação está assegurada. Em certo sentido isto é uma repetição da visão da grande multidão em 7:9-17, que passou pela grande tribulação e agora está diante do trono e do Cordeiro. A presente visão realinha a sua vitória final, apesar do martírio infligido pela besta.

A última vez que vimos o Cordeiro ele estava diante do trono, no céu (7:9); aqui ele está na cidade santa, Sião ou Jerusalém. É possível que devamos entender o monte Sião simbolicamente, como lugar de libertação e vitória. O Salmo 2 promete que o ungido de Deus será colocado no "meu santo monte Sião" (Sl 2:6), e continua a promessa de vitória com as palavras: "Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Sl 2:7). O Novo Testamento encara a ressurreição do Messias como o cumprimento desta promessa (At 13:33; Hb 1:5; 5:5). Por esta razão é possível que o monte Sião deva ser entendido espiritualmente, como a vitória dos santos.

Porém é mais provável que o monte Sião signifique a vitória escatológica que, de acordo com o Apocalipse, consiste na nova Jerusalém

que desce de Deus (21:2). A Sião ou Jerusalém antiga freqüentemente é definida no Antigo Testamento como a sede do governo de Deus na terra e o centro da sua vitória final. “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém estarão os que forem salvos” (Jl 2:32). No Novo Testamento, todavia, Sião se tornou “a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial” (Hb 12:22), não mais uma cidade terrestre, mas de cima (Gl 4:26). Jerusalém-Sião é a morada celestial do próprio Deus; não é mais uma cidade terrestre onde se pensa que ele mora. Na terra ele mora nos templos vivos dos corações do seu povo (Ef 2:21-22). Quando vier o fim, todavia, as pessoas não deixarão a terra para voar até a Jerusalém celestial; esta é que vem a eles, descendo do céu, e Deus vai morar no meio dos homens.

Os cento e quarenta e quatro mil são o mesmo grupo que foi selado em 7:9-17; como naquela passagem, eles representam aqui a totalidade dos redimidos. Muitos intérpretes insistem em que duas características deles — castidade e primeiro fruto (v. 4) — os destacam como grupo especial de crentes, mártires ou celibatários. Mas estas palavras, não exigem que sejam interpretadas assim; Os santos que sofreram martírio no capítulo anterior estão agora na Jerusalém celestial, definitivamente salvos.

2. João ouviu *uma voz do céu*, mas ele não diz de quem. Parece que ela vem da presença de Deus. A voz do Cristo glorificado era “como voz de muitas águas” (6:1). Os músicos são diferenciados dos quatro seres viventes no v. 3; parece que eles são exércitos de cantores celestiais. Sua voz se amplia em um poderoso crescendo.

3. *Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.* Em 5:9 são os vinte e quatro anciãos que cantam um cântico novo, louvando o Cordeiro que tinha resgatado a humanidade com seu sangue, para reinar em seu Reino. O cântico deste versículo também fala de redenção, porque só quem foi redimido da terra pode aprendê-lo. Como em 5:9 os anciãos entoam o novo cântico mesmo sendo um hino de redenção, assim também este cântico novo é entoado pelos anjos, mas foi composto principalmente para os redimidos.

4. *São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos.* A palavra grega traduzida “castos” é a mesma que significa “virgens” (*parthenoi*). Muitos intérpretes pensam que estas palavras identificam os cento e quarenta e quatro mil como uma classe especial de cristãos que levaram uma vida de auto-negação e pureza especial, abstendo-se do casamento e se tornando celibatários. O sentido básico de *parthenoi* parece apoiar este ponto de vista. Mas isto seria uma violação de toda a

teologia bíblica. A Bíblia nunca considera as relações sexuais pecaminosas ou profanas. Relações sexuais são sem excessão encaradas como um elemento importante do relacionamento humano; na verdade, são um dom de Deus. Ser casto ou evitar profanação sexual sempre está em contraste com relações sexuais ilícitas. O Novo Testamento recomenda o casamento, e as relações sexuais são parte essencial do casamento (1 Co 7:4ss.). É verdade que Paulo afirma que muitas vezes os ministros cristãos podem desincumbir-se com mais eficácia das suas responsabilidades ficando solteiros (1 Co 7:32-34), mas não por encarar o sexo como algo profano; somente porque o relacionamento familiar traz consigo outras responsabilidades.

A palavra “casto” (ou “virgem”) pode se referir à condição espiritual, não somente a relações físicas. Inácio saúda seus irmãos “suas esposas e filhos, e as solteiras (*parthenoi*) chamadas de viúvas” (*Inácio aos Esmirneanos*, 13:1). Quanto à sociedade, estas mulheres tinham estado casadas e eram agora viúvas; mas espiritualmente elas eram virgens. Paulo também usa esta palavra para os que são casados: “Tenho-vos preparado para vos apresentar como virgem pura (*parthenon*) a um só esposo, que é Cristo” (2 Co 11:2). Esta interpretação encontra apoio no fato de que João em diversas ocasiões fala da idolatria da besta como *porneia* — prostituição (14:8; 17:2, 4, 18:3, 9; 19:2). Esta idéia tem um pano de fundo extenso no Antigo Testamento, onde a apostasia do Deus de Israel, para adorar os deuses dos cananitas, constantemente é chamada de adultério. Por esta razão concluímos que os 144.000 são virgens e puros no sentido de terem se recusado a se manchar, participando da prostituição que é adorar a besta, mantendo-se puros em relação a Deus.

São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro. Este grupo é casto e puro, mas este é seu traço negativo; o lado positivo do seu caráter é que eles são leais ao Cordeiro; eles o seguem, mesmo que seja para a morte. Isto é discipulado perfeito e sem hesitação. Assim como o caminho de submissão perfeita à vontade do Pai levou o Cordeiro à sua morte sacrificial na cruz, ser discípulo dele pode bem levar a compartilhar da sua cruz (Mt 10:38; Mc 8:34). Eles seguem o Cordeiro porque não pertencem a si mesmos; eles foram redimidos — comprados para Deus, às custas do sangue do Cordeiro (5:9).

Como redimidos eles são “primícias para Deus”. Esta palavra não está totalmente livre de dificuldades, porque geralmente ela designa uma parte do todo. As primícias eram os primeiros frutos da colheita, aos quais seguiriam muito mais. A palavra grega é usada com este sentido falando da ressurreição de Cristo; ele é a primícia da ressurreição de todos os santos; ele é a primeira etapa do que os santos são o todo (1 Co 15:20, 23). Este significado sustentaria o ponto de vista de que os 144.000 são um grupo escolhido de cristãos, em contraposição aos crentes como um todo. Mas este significado de nenhuma maneira é obrigatório. “Pri-

mícias” pode significar todo um grupo, com vistas à sua consagração total a Deus. Neste sentido os cristãos são chamados de “como que primícias das suas criaturas” (Tg 1:18). Do mesmo modo diz Jeremias: “Israel era consagrado ao Senhor, as primícias da sua colheita” (Jr 2:3). A nossa passagem não contém nenhum pensamento no sentido de que estes redimidos são um primeiro grupo de pessoas, seguido da salvação dos demais. Na verdade Deus quer a salvação de toda a raça humana, mas só os redimidos são os que de fato se entregam a ele; assim, a ênfase do termo está na entrega e consagração dos redimidos.

5. *E não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.* O termo “sem mácula” é usado no Antigo Testamento para os sacrifícios limpos, em condições de serem oferecidos a Deus. Aqui os redimidos pertencem a Deus, numa dedicação sem falhas. A natureza particular desta dedicação impecável é que neles só há verdade: “Não se achou mentira na sua boca”. Em Israel os redimidos eram os que “não proferem mentira, e na sua boca não se acha língua enganosa” (Sf 3:13). Honestidade perfeita era uma das características do servo do Senhor (Is 53:9). Os redimidos são, como o seu Senhor, absolutamente sinceros e sem malícia (1 Pe 2:22).

ii) *Chamada ao arrependimento (14:6-7).*

6. *Vi outro anjo voando pelo meio do céu.* Já falamos que o capítulo catorze consiste de uma série de visões pouco relacionadas entre si, antecipando o fim. Depois de ver os redimidos finalmente salvos, João ouve um anjo exortando todos a que se arrependam enquanto há tempo, antes que venha o julgamento final e seja tarde demais. Não está claro por que o anjo é “outro”, a não ser que entendamos que o novo cântico no céu (vv. 2-3) foi entoado por exércitos de anjos. Ele voava no meio do céu, no zênite, onde todos poderiam vê-lo (veja 8:13). A mensagem do anjo era para *os que se assentam sobre a terra* — a expressão costumeira de João para pessoas não regeneradas (veja 3:10; 6:10; 8:13, etc.). Este anjo não fala a crentes, mas a incrédulos. Sua mensagem é um *evangelho eterno*. O artigo definido ausente representa uma dificuldade. Levou muitos comentadores a verem aqui uma mensagem especial que será pregada em relação à vinda do fim. Um estudioso contemporâneo nosso acredita que isto se refere a um ministério angélico especial, no tempo do fim, que resultará em um grande movimento de salvação entre os gentios.¹ Mas é possível entender o anúncio do fim como uma parte das boas novas — um evangelho anunciado aos profetas. Aos adoradores da besta e aos que não querem se arrepender, o anúncio do fim não é evangelho; representa castigo e julgamento. Mas o

1. Joachim Jeremias, *Jesus' Promise to the Nations*. (Londres, SCM, 1958), p. 22.

anúncio do fim é boa nova, porque representa a consumação do plano divino de redenção. Talvez não devamos fazer tanto caso da omissão do artigo definido. Paulo fala do evangelho de Deus (Rm 1:1) sem o artigo definido.

7. *Dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.* À luz da proclamação do anjo de que o fim está próximo, todos os homens são exortados a que se arrependam. Ainda não é tarde demais; o julgamento final ainda não veio; ainda há tempo para se arrepender e encontrar misericórdia diante de Deus. Para a frase “dai-lhe glória”, veja observações a 11:13; ela implica claramente em arrependimento.

Deus é descrito mais em termos de juiz e criador. Os habitantes da terra ficaram maravilhados com os poderes manifestos pela besta e seu falso profeta (13:12-14); o anjo os lembra de que se haverão com alguém que é mais poderoso que a besta — aquele que é a origem de todas as coisas no céu e na terra.

iii) *A queda de Babilônia (14:8).*

8. *Seguiu-se outro anjo, o segundo.* A chamada ao arrependimento, à vista do julgamento iminente, é seguida de um anúncio angélico que antecipa a queda de Babilônia. Isto é semelhante ao anúncio antecipado da vinda do Reino de Deus (11:15; 12:10). *Babilônia* era o grande inimigo de Israel nos tempos do Antigo Testamento (Is 21:9; Jr 50:2; 51:8), e aqui representa a capital da civilização apóstata dos últimos dias, o símbolo da sociedade humana organizada política, econômica e religiosamente em oposição e desafio a Deus. Babilônia foi personificada pela Roma do primeiro século (1 Pe 5:13); na literatura apocalíptica judaico-cristã Babilônia passou a ser um nome simbólico para Roma (*Oráculos Sibílicos* V. 143, 159, 434, *Apocalipse de Baruque* 11:1; 67:7). *O vinho da fúria da sua prostituição* (veja 18:3) combina duas idéias: o vinho usado para embriagar e seduzir a relações sexuais ilícitas, e “o vinho da cólera de Deus” (v. 10). Babilônia enganou e seduziu *todas as nações* pela atração e fascinação da sua riqueza e da sua luxúria; mas esta taça de prazer sensual transbordará, transformando-se na taça da cólera de Deus. A queda de Babilônia, anunciada aqui, está descrita em 17:1-18:24.

iv) *O castigo dos adoradores da besta (14:9-12).*

À chamada universal ao arrependimento segue-se uma promessa de castigo para aqueles que não quiserem se arrepender. Qual será o destino dos que persistirem adorando a besta? O que acontecerá àqueles que não

se comovem com a lealdade dos mártires, que selam seu testemunho fiel de Jesus com seu sangue? Esta visão responde a estas perguntas.

9-10. *Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também este beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira.* Temos de recordar mais uma vez que por trás das manifestações da ira de Deus contra a civilização rebelde, nas pragas das sete trombetas — e no futuro imediato dos sete flagelos — havia um plano de misericórdia: fazer com que as pessoas se arrependessem, enquanto havia tempo (veja notas a **9:20; 16:8**). Os que irreversivelmente se decidiram pela hostilidade a Deus têm de se tornar objetos da ira divina antes que o Reino de Deus seja estabelecido. É inimaginável que pessoas que odeiam o Messias de Deus e participam da perseguição ao povo de Deus entrem no Reino de Deus. O reinado perfeito de Deus e a instituição do seu governo no mundo inclui a necessidade de que aqueles que se recusam a se submeter a este governo sejam julgados.

Dois palavras são usadas para descrever o julgamento de Deus: cólera (*thumos*) e ira (*orge*). Não podemos fazer uma distinção muito grande entre as duas palavras, mas *orge* é o tipo de ira que parte de uma disposição já tomada, enquanto que *thumos* representa uma ira mais passional. Na maior parte do Novo Testamento é usada a palavra *orge* para a ira divina; fora do Apocalipse *thumos* aparece só uma vez (Rm 2:8). Na Bíblia grega as duas palavras freqüentemente aparecem juntas, para intensificar a realidade da ira de Deus.

Em qualquer caso, a ira de Deus não é uma emoção humana; é a reação preestabelecida da sua santidade à pecaminosidade e rebelião humanas. Enquanto Deus em sua ira não purificar o mundo de todo mal e rebelião seu Reino não pode vir. Por isso, no sentido mais amplo do plano de Deus para o homem, sua ira é necessária, correlata ao seu amor e à sua misericórdia. Dois dos principais temas do Apocalipse são a obstinação dos homens diante da salvação que Deus oferece, manifesta em sua submissão à besta, e o julgamento de Deus que tem de atingi-los. João enfatiza no Apocalipse a ira de Deus mais que qualquer outro livro do Novo Testamento (**14:8, 10, 19; 15:1, 19; 19:15**). Porém não é de maneira inconseqüente que seu evangelho, que expressa o amor de Deus mais que qualquer outro, também insiste: “Quem se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (João 3:36). Paulo inicia sua mais elaborada declaração sobre o evangelho da graça com as palavras: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens” (Rm 1:18; veja Rm 3:5; 12:19; Cl 3:6). Qualquer interpretação da mensagem do Novo Testamento que não inclua a ira de Deus está atenuada e mutilada.

O vinho da ira de Deus é “preparado, sem mistura, no cálice da sua ira”. Literalmente seria: “misturado sem mistura”. Era costume dos an-

tigos misturar temperos e ervas ao vinho para lhe dar mais sabor, e “misturar vinho” até se tornou sinônimo de “servir vinho” (Sl 75:8). Mas o vinho da ira de Deus também é sem mistura, forte; será sorvido sem atenuação. As duas palavras são usadas de maneira semelhante nos *Salmos de Salomão*, onde Deus “lhes *misturou* um espírito de loucura, e lhes deu de beber uma taça de vinho *não dissolvido*” (8:15).

E será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. Este é o significado da taça da ira de Deus. O lago de fogo e enxofre será o lugar definitivo de castigo da besta e do falso profeta, e de todos que não tiverem seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro (20:10, 15). Como a descrição da cidade celestial, também estas palavras têm de ser entendidas simbolicamente, como uma realidade temível e derradeira que ninguém pode descrever. A palavra comumente usada para o lugar dos perdidos, no Novo Testamento, é *geenna* ou *Gehenna*, enquanto o mundo dos mortos intermediário é *hades* (*sheol*, no Antigo Testamento). *Geenna* não aparece no Apocalipse; *hades* aparece quatro vezes, usado quase como sinônimo de túmulo (1:8; 6:8; 20:13, 14). Nossa versão traduz tanto *geenna* como *hades* por “inferno”, confundindo muito a situação; ambos têm significado bem diferente.

Geenna vem do hebraico *ge-hinnom*, que significa “Vale do Hinom” e se refere ao vale que passava ao sul de Jerusalém onde, nos dias da monarquia, judeus apóstatas adotaram as práticas cultuais da Palestina e queimaram crianças em honra a Baal e Moloque (2 Rs 23:10; 2 Cr 28:3; 33:6; Jr 32:35). Por isto o vale do Hinom se tornou tradicionalmente para os judeus um sinônimo de destruição pelo fogo. Jeremias vê o vale transformado em vale da Matança (Jr 7:31-32; 19:5-6), no dia da vingança. Nosso Senhor também usou esta figura para descrever o destino dos maus. Advertiu seus ouvintes que empregassem todos os meios necessários para remover os obstáculos e evitar este destino: “É melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno (*geenna*), para o fogo inextinguível” (Mc 9:43). Em outra ocasião Jesus descreveu o destino dos perdidos como sendo separação eterna de Deus e do seu Cristo (Mt 7:23; 25:12).

Não podemos compreender tudo que está implícito na afirmação de que os maus serão castigados “diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro”. Jesus disse que negaria diante de Deus e dos anjos aqueles que o negassem (Mc 8:38; Lc 12:9). A literatura apocalíptica judaica contém um detalhe que falta no Apocalipse, que os maus serão castigados na presença dos santos (*Enoque* 48:9). O ponto central parece ser,² como Beckwith sugeriu, que a presença do Cordeiro, agora triunfante e vi-

2. I. T. Beckwith, *The Apocalypse of John*. (Grand Rapids, Baker Book House, reprinted 1967), p. 659.

torioso, seria o fator mais doloroso do sofrimento dos perversos, porque como adoradores da besta eles tinham combatido o Cordeiro junto com esta.

11. *A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome.* Este versículo nos lembra de outro grupo, os vinte e quatro anciãos, que “não têm descanso nem de dia nem de noite, proclamando” louvores e adoração a Deus (4:8). A duração eterna do castigo dos maus não é novidade no Novo Testamento. Jesus tinha falado do castigo eterno dos perversos (Mt 25:46), e advertiu acerca do inferno de fogo, onde “não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (Mc 9:48).

12. *Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.* À vista do castigo certo da besta e dos que a adoram, João insere uma exortação à perseverança por parte dos que irão sofrer às mãos da besta. A “fé em Jesus” é um genitivo objetivo e não pode ser traduzida “fé de Jesus”.

v) *A bem-aventurança dos mártires (14:13).*

13. *Então ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.* Os santos são exortados à perseverança, mas são também assegurados da bênção que há em sua morte. Esta bem-aventurança — preferida dos cristãos diante da morte — vale primeiramente para os que sofrerão martírio, não para os santos em geral. Mas não precisamos entender que os outros cristãos não podem se alegrar com esta bênção. O mesmo descanso é prometido aos mártires em 6:11. A palavra “desde agora” não quer dizer que os outros santos não são bem-aventurados, mas que os que em breve cairão por mão da besta são os felizes de Deus, contrariando todas as aparências externas. *No Senhor* todos os crentes morrem, assim como também vivem em Cristo (1 Co 15:18; 1 Ts 4:16). Isto não identifica um grupo de cristãos especial. O Espírito Santo confirma e explica a bem-aventurança: os abençoados descansarão. A palavra grega traduzida “fadigas” significa trabalhar até à exaustão. A perseguição pela besta levou os santos ao fim das suas forças. Mesmo assim eles morrem *no Senhor*, e suas obras, seus feitos, os acompanham além-túmulo. Estas obras são sua *perseverança*, sua *obediência* aos mandamentos de Deus e sua *fé* em Jesus mencionadas na bem-aventurança anterior.

vi) *A colheita (14:14-16).*

João encerra seu interlúdio com duas visões: uma da colheita dos grãos e outra da vindima da ira de Deus. A primeira retrata o julgamento escatológico, com referência especial para o ajuntamento dos justos, na salvação; a segunda retrata a condenação dos perversos. Estas duas visões pressupõem que a luta final e espiritual entre Cristo e o Anticristo já terminou e que os homens tomaram sua decisão; lealdade a Cristo nem que seja até à morte, ou adoração da besta. As duas visões dão um retrato dramático antecipado de como será o destino destes dois grupos. O cumprimento das visões só ocorre nos capítulos 19-20.

14. A maneira natural de entender o *semelhante a filho de homem* que João vê é que ele é o Messias que volta, o próprio Cristo; e é difícil evitar esta conclusão. A idéia do “semelhante a filho de homem” remonta à visão da vinda do Reino de Deus em Dn 7:13, onde um semelhante a filho de homem foi apresentado ao Ancião de dias, recebendo um reino eterno, para que todos os povos e nações o servissem. Jesus também falou do papel do Filho do Homem no julgamento final, que ele comparou a uma colheita (Mt 13:37ss.); e comparou ainda a missão escatológica do Filho do Homem à separação dos justos dos perversos (Mt 25:31ss.). João tinha antes comparado o Jesus exaltado a um semelhante a filho de homem (1:13). Considerando que Filho do Homem é um termo usado com frequência para o papel escatológico de Cristo, e também que o termo Filho do Homem no Novo Testamento nunca é aplicado a anjos, temos de concluir que se trata aqui de uma visão de Cristo que retorna.

A objeção a isto é que esta figura celestial inicia a colheita à ordem de “outro anjo” (v. 15); e seria considerado impróprio se Cristo comesse a colheita somente depois de um anjo lhe ordenar isto. Esta objeção, no entanto, não é fatal, porque muitas vezes no pensamento apocalíptico anjos fazem o papel que poderíamos atribuir ao Messias. Na parábola do trigo e do joio o Filho do Homem semeia a boa semente, mas os anjos são os trabalhadores na colheita (Mt 13:37, 41); estão, porém, sob as ordens do Filho do Homem. Na parábola da rede os anjos são os pescadores que separam os maus dos justos (Mt 13:49). No capítulo que pode bem ser considerado chave no livro do Apocalipse, retratando a luta espiritual que se desenrola por trás da história, Miguel e seus anjos obtêm a vitória sobre o dragão (12:7ss.), apesar de em todo o Novo Testamento a vitória sempre ser conquistada por Cristo. O relacionamento entre Cristo e seus anjos é um mistério que não podemos resolver, mas é evidente que ele é íntimo. De maneira que não pode haver objeção grave ao fato de que um anjo está comandando a colheita.

O Filho do Homem está *sentado em uma nuvem branca*. No Apocalipse a cor branca tem um significado simbólico e está sempre relacionada com as coisas de Deus (veja nota a 6:2). A nuvem branca é re-

manescente da nuvem brilhante que foi vista no monte da Transfiguração (Mt 17:5). Geralmente são mencionadas nuvens com a volta de Cristo (Mt 24:30; 1:7). A *coroa de ouro* simboliza triunfo, a *foice afiada* serve para fazer a colheita.

15. Outro anjo saiu do santuário. Isto mostra que o anjo está saindo presença de Deus, trazendo uma mensagem do próprio Deus. O anjo é somente mensageiro. A expressão “outro anjo” é freqüente no Apocalipse e nem sempre pode ser bem definida (veja 7:2; 8:3; 14:6). A *seara da terra* é um símbolo bíblico freqüente para o julgamento final (Jr 51:33; Os 6:11, Mc 4:29, Mat 13:39). Geralmente a idéia engloba tanto os maus como os justos. No presente contexto, e já que a visão seguinte está relacionada à colheita (vindima) dos perversos, é difícil evitar a conclusão de que a colheita do cereal se refere em especial aos justos, apesar de este fato não estar em destaque. A figura da colheita para recolher os que devem entrar no Reino de Deus (Mt 9:37s., Lc 10:2, Jo 4:35-38) reforça esta idéia.

A seara da terra *já secou*, está madura. Estas palavras trazem a idéia de que a história se desenrola sob a soberania de Deus, contrário ao que parece aos homens. A história e os acontecimentos humanos não são determinados por um destino cego e sem sentido, que não leva a nada. Deus vela sobre a história, e em sua sabedoria divina virá a hora em que a humanidade estará madura para o julgamento. A história não está sem controle; na hora de Deus serão colocados os pingos nos is.

Algumas versões (RV, NEB) traduzem a palavra grega para “secou” por “mais que madura”, mas isto é desnecessário. A idéia simplesmente é que chegou a hora de colher, que não pode ser adiada.

16. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada. Cristo pode usar os anjos como instrumentos (veja acima), mas quem ceifa é ele. A colheita é descrita nos capítulos 19-20.

vii) *A vindima (14:17-20).*

Não há dúvidas sobre o significado da segunda visão da consuação; ela retrata em traços claros e vívidos o julgamento dos perversos, como se fosse uma colheita de uvas.

17. Então saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. Um anjo é quem faz a colheita das uvas, mas ele sai *do santuário*, ou seja, da presença de Deus, servindo como anjo de Deus. Em Mt 25:41 o Filho do Homem é quem envia os perversos para o seu castigo, acompanhado dos seus anjos; no Apocalipse o julgamento final é uma expressão da ira do Cordeiro (6:16), apesar de ser mais descrito em termos de ira de Deus (14:10; 16:19; 19:15).

18. *Saiu ainda do altar outro anjo*, provavelmente do altar do incenso, que foi antes mencionado em conexão com as orações dos santos (8:3s.). Somos lembrados mais uma vez da eficácia das orações do povo de Deus na terra, mesmo perseguido, orando que o fim venha logo. As orações dos santos estão para ser respondidas, por fim. Se, porém, a alusão é ao altar do sacrifício, então entra em questão o clamor das almas debaixo do altar por justiça (6:9ss.) — uma oração prestes a ser respondida. Em qualquer caso o pensamento básico é o mesmo. Não é dada nenhuma explicação para o fato de que o anjo tem *autoridade sobre o fogo*: talvez uma referência ao fogo do altar, possivelmente porque o fogo, com frequência, é associado a julgamento.

A figura da colheita de uvas aparece em outras passagens da Escritura como sinal de juízo. “O lagar eu o pisei sozinho. ... Pisei as uvas na minha ira; no meu furor as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo” (Is 63:3). “Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam; porquanto a sua malícia é grande” (Jl 3:13).

19. *Então o anjo passou a sua foice na terra e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus.* Este versículo deixa claro que a colheita das uvas significa julgamento e não salvação. Em **19:15** a mesma colheita é tarefa do Messias que “pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso”. Não há problema no fato de a tarefa judicial do Messias ser retratada aqui como tarefa de um anjo.

20. *E o lagar foi pisado fora da cidade*, que não é especificada e provavelmente não pretende ser. A cidade simboliza Deus morando no meio do seu povo — talvez seja a nova Jerusalém — e a idéia é que o julgamento cairá sobre os perversos no momento em que são expulsos da presença de Deus. É possível que haja aqui uma vaga alusão à batalha escatológica de Jl 3:2, 12. A figura muda de repente do pisar das uvas para um massacre militar. A quantidade de *sangue* que correu literalmente é inconcebível; *mil e seiscentos estádios* é uma distância de uns trezentos quilômetros — todo o comprimento da Palestina. A figura mostra toda a terra de Israel inundada de sangue de um metro e meio de altura. A idéia é clara: o julgamento é radical, destruindo qualquer vestígio de maldade e hostilidade contra o reinado de Deus.

Os três capítulos anteriores foram um interlúdio entre as sete trombetas e os sete flagelos. A sétima trombeta, ao soar, anunciou o período do fim (10:7); mas quando ela soou, ela que seria o terceiro ai, não veio nenhuma praga ou castigo; em vez disto temos uma visão que mostra antecipadamente a vinda do Reino de Deus. Já que a sétima trombeta não

traz nenhuma praga, apesar de ser o terceiro ai, e “com estes se consumou a cólera de Deus” (15:1).. Estas pragas somente são derramadas “sobre os homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem” (16:2) e têm, como as sete trombetas, o propósito indireto de colocar as pessoas de joelhos diante de Deus, na última oportunidade de arrependimento (16:8).

4. Os sete flagelos (15:1-16:21).

(1) O preparo (15:1-8).

1. *Vi no céu outro sinal grande e admirável, sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus.* A palavra traduzida “sinal” significa milagre ou aparição maravilhosa, como em 12:1, 3. Com o simbolismo das sete trombetas João retratou uma série de castigos divinos, na forma de pragas e tormentos, para acordar a humanidade para a verdadeira realidade de Deus. Esta série agora alcança seu clímax; com os flagelos das sete taças, Deus terá derramado totalmente sua cólera no contexto particular das pragas que antecipam o julgamento final. O significado destas palavras não é que a ira de Deus acabou; a besta, o falso profeta e todos os que persistirem na maldade ainda serão lançados no lago de fogo, na manifestação derradeira da cólera de Deus contra o pecado. Temos de tomar estas palavras em seu contexto escatológico particular: a cólera de Deus durante a grande tribulação é uma tentativa de fazer com que os adoradores da besta se inclinem diante da soberania de Deus.

2. *Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome.* Instantes antes das últimas pragas João tem uma visão proléptica dos que venceram a besta. Estes são os santos-mártires mortos pela besta por sua perseverança sob perseguição, sua obediência firme aos mandamentos de Deus e sua fé em Jesus (14:12). Eles venceram a besta por meio do seu martírio, pois nem na morte eles negaram o nome de Jesus. Recusaram adorar a besta, inclinar-se diante da sua imagem (13:15), e receber o número do seu nome. Apesar de a besta tê-los morto, foram eles que a venceram, permanecendo fiéis a Jesus; frustraram o propósito dela. Temos de presumir que a perseguição dos santos pela besta continua durante o período dos sete flagelos.

Não há razão suficientemente forte para não interpretarmos o mar de vidro como sendo aquele que estava diante do trono de Deus (4:6). O pensamento central deste simbolismo é que estes vencedores da besta estão diante do trono, na presença de Deus. A besta pensou que os venceria matando-os; mas sua morte somente os transportou da terra para o céu. A vitória final foi deles. O mar de vidro mesclado com fogo provavelmente

te é um símbolo de que este período é de julgamento dos que vivem na terra; pode também se referir à perseguição sangrenta pela qual os vencedores passaram. As *harpas de Deus* que eles *tinham* em suas mãos são outro símbolo da sua vitória. Harpas expressam louvor e adoração a Deus (5:8; 14:2); os vencedores expressam sua alegria pela vitória cantando hinos de louvor.

3. *E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro.* Os exegetas estão discutindo se isto quer dizer que eles estão cantando dois cânticos ou somente um. Gramaticalmente parece que eles estão cantando dois: um de Moisés e outro do Cordeiro. Pelo contexto a idéia é que os vencedores cantam um hino de triunfo, que tanto os santos do Antigo Testamento como os do Novo sabiam cantar, porque todos cantam da libertação pelo mesmo Deus. Talvez o cântico de Moisés seja o da libertação do Êxodo, quando os israelitas louvaram a Deus por tê-los tirado do Egito. O cântico do Cordeiro, no contexto, não é um hino de salvação pessoal; é um hino pela libertação do ódio e da hostilidade da besta. Da mesma maneira como Deus libertou Israel do Egito, mesmo derramando pragas sobre os egípcios, ele também libertou os santos de adorar a besta, derramando seus juízos sobre os que a adoram.

O hino não fala de redenção espiritual, mas exalta os poderosos feitos de Deus. Isto forçosamente inclui os meios que Deus usa para manifestar sua cólera contra os que perseguiram os santos. O hino está quase totalmente expresso em linguagem do Antigo Testamento, porque Deus é o Deus que liberta o seu povo. Suas obras são *grandes e admiráveis* (veja Sl 92:5; 111:2; 139:14). Ele é o *Senhor Deus, Todo-poderoso*, à luz de quem os poderes da besta têm limites. Seus caminhos, mesmo permitindo que os santos sofram, são *justos e verdadeiros*. Ele é realmente o *Rei das nações*. A versão “Rei dos santos” (ARC), é de um texto grego mais recente e não tem muito apoio. Outra versão possível é “Rei dos séculos” (IBB). Neste tempo de grande tribulação, quando parece que a besta tem poder ilimitado para executar seus propósitos demoníacos contra os homens e perseguir os santos — na hora mais escura da história da humanidade, quando parece mesmo que Satanás é o deus deste século (2 Co 4:4), os mártires cantam um hino de louvor a Deus, reconhecendo que ele é o Deus vivo e verdadeiro. Eles exaltam o nome de Deus porque, ao contrário de evidências externas, ele é de fato o Rei, de todas as nações e todas as épocas, inclusive durante o tempo de martírio. Este hino é uma das expressões de fé mais comoventes de toda a literatura bíblica.

4. *Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? pois só tu és santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.* Fora do contexto estas palavras podem ser interpretadas no sentido de salvação de todas as nações. Nas cartas de Paulo também há trechos correspondentes que soam a salvação

universal, tirados do contexto. É plano de Deus “fazer convergir nele todas as coisas” (Ef 1:10). “Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2:10-11). E “por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas que sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1:20). Afirmções como estas, porém, devem ser compreendidas dentro do plano bíblico. A Bíblia está sempre olhando no futuro para um dia em que Deus reinará na terra, cercado somente pelos que têm seu prazer em adorá-lo. “Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome” (Sl 86:9). “Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó. ... Ele julgará entre os povos” (Is 2:3-4; cf. 66:23). “Desde o nascente do sol até ao poente é grande entre as nações o meu nome” (Ml 1:11). É esta a meta do Apocalipse: estabelecer uma cidade onde todas as nações encontrarão cura (22:2). Isto não significa salvação universal: somente que o Reino de Deus será constituído de uma união de pessoas de todas as nações, que alegremente se entregam para adorar e cultuar a Deus.

É digno de nota que os mártires não cantam de si mesmos nem de como venceram a besta: eles estão ocupados totalmente com a soberania, além disto não há nenhum vestígio de vingança pessoal contra os inimigos que são atingidos pelo castigo divino.

Os atos de justiça que se fizeram manifestos são as sentenças judiciais de Deus em relação às nações, de misericórdia ou de condenação. Para Babilônia e seus habitantes que adoram a besta elas significam ira de Deus; mas as pessoas reconhecerão que “verdadeiros e justos são os teus juízos” (16:7).

5. Depois destas coisas olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do testemunho. As sete últimas pragas estão por começar, e são retratadas pelo esvaziar de sete taças que estão na mão de sete anjos que vêm da presença de Deus. O santuário de Deus já apareceu algumas vezes no Apocalipse. João viu, em uma visão proléptica, o santuário de Deus no céu aberto, com a arca da aliança (11:19). Isto foi para lembrá-lo da fidelidade de Deus às promessas de sua aliança. Aqui a fidelidade de Deus também exige o julgamento do mal.

Este versículo mistura duas referências históricas: a tenda do testemunho, no deserto, e o templo que mais tarde foi construído em Jerusalém. O tabernáculo no deserto era chamado de “tabernáculo do testemunho” (Êx 38:21; Nm 10:11, 17:7; At 7:44). Ele se tornou modelo para o templo, quando este foi construído em Jerusalém, e o templo, por sua vez, foi usado como modelo para a habitação de Deus no céu.

6. E os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandescende, e cingidos ao peito com cintas de ouro. Geralmente João não descreve a aparência dos muitos anjos que

aparecem em seu drama escatológico. A vestimenta destes anjos tem o objetivo de destacar o esplendor destes seres celestiais. Não há razão para pensar que as cintas de ouro indicam funções sacerdotais.

7. Então um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias de cólera de Deus. Os quatro seres viventes estavam perto do trono de Deus (4:6); isto é a maneira simbólica de dizer que os sete flagelos estavam integralmente autorizados por Deus. Taça era um prato raso usado para beber e derramar libações. A mesma palavra é usada para as taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, nas mãos dos vinte e quatro anciãos (5:8). Pode haver aqui uma alusão deliberada às taças que contêm o incenso da oração. As orações dos santos têm a função de trazer sobre o mundo a manifestação derradeira da justiça e da ira de Deus. A ênfase na eternidade de Deus — aquele que vive pelos séculos dos séculos — lembra que, apesar de parecer que o mal domina os acontecimentos da história humana, Deus é eterno e ninguém pode se interpôr aos seus planos, nem mesmo a maldade satânica e demoníaca.

8. O santuário se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos. No Antigo Testamento quando Deus se manifestava aos homens ele costumava aparecer em uma glória tal que ninguém podia ficar de pé diante dele. “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo” (Êx 40:35). Os sacerdotes não conseguiram entrar no templo de Salomão quando este foi dedicado, porque a glória da presença divina enchia a casa (1 Reis 8:10). Quando Isaías teve a visão de Deus no templo, cercado de serafins, os fundamentos da construção tremeram à voz divina e o Santuário se encheu de fumaça (Is 6:4). Ezequiel caiu sobre sua face quando teve a visão do templo cheio da glória do Senhor (Ez 44:4). A ênfase não é tanto sobre a impossibilidade de se aproximar de Deus, mas sobre sua majestade e sua glória, em comparação com tudo que é humano e mundano.

Há certas semelhanças entre as pragas trazidas pelas sete taças e as trazidas pelas sete trombetas, e ambas as séries têm semelhanças com as pragas do Egito. As pragas das sete taças, no entanto, são bem mais intensas e devastadoras. As pragas das primeiras quatro trombetas atingem primeiramente o ambiente do homem e não tanto a este próprio, mas o primeiro flagelo atinge os homens diretamente. Temos de ver estas pragas no contexto da luta titânica entre o Reino de Deus e o reino de Satanás, retratada com traços tão vívidos no capítulo 12. Estas pragas

não são a expressão da ira divina contra o pecado em geral, mas são o castigo por más ações individuais. A ira de Deus é derramada sobre aquele que quer frustrar o plano divino para o mundo — a besta — e sobre os que são leais a ela.

Entre os primeiros seis selos e o sétimo houve um interlúdio, e também entre as seis primeiras trombetas e a sétima. Nesta terceira série não há interrupção; o sétimo flagelo é a destruição de Babilônia — a capital do império do Anticristo. O que o sétimo flagelo anuncia é descrito em detalhes nos dois capítulos seguintes. Estes flagelos são a resposta de Deus ao último e maior esforço de Santanás para derrubar o governo divino.

(2) O primeiro flagelo (16:1-2).

1. *Ouvi, ainda, do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide, e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus.* A voz forte deve ser a do próprio Deus, porque todos estavam fora do templo até o fim do sétimo flagelo. Sobre a ira de Deus, veja observação a 14:10.

2. *Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas.* O primeiro flagelo atinge as pessoas diretamente, com a praga dos tumores no Egito (Êx 9:10-11). As pragas não atingem as pessoas em geral, mas só as que se deixaram enganar pela besta. Mas João vê que o império dela é mundial; somente os que são leais ao Cordeiro resistem a suas reivindicações satânicas (13:7-8). No tempo do fim a religião não será mais algo nominal; todo mundo terá de declarar lealdade ou a Cristo ou ao Anticristo.

(3) O segundo flagelo (16:3).

3. *Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar.* Na primeira praga do Egito a água do Nilo foi ferida e se transformou em sangue (Êx 7:17-21). Quando a segunda trombeta soou, algo parecido com uma montanha foi jogado no mar, e a terça parte dele se transformou em sangue, matando a terça parte das criaturas do mar (8:8-10). Para este flagelo não há limites: todas as criaturas do mar morrem.

(4) O terceiro flagelo (16:4-7).

4. *Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue.* A praga da terceira trombeta afetou os rios e as fontes das águas, tornando a terça parte delas amarga. Novamente neste flagelo não há limitação. A praga da trombeta fez muitos morrer; o efeito

15:5-9

do flagelo não está registrado, mas podemos presumir que trouxe grande sofrimento e morte.

5-6. *Então ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgastes estas coisas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos distos.* A expressão “anjo das águas” não se encontra em nenhuma outra passagem. Em **7:1** encontramos quatro anjos que controlam os quatro ventos, e em **14:18** o anjo que tem poder sobre o fogo. Em *Enoque* 66:2 lemos de anjos que estavam acima do poder das águas e que tinham autoridade para reter as águas. A voz deste anjo proclama a justiça dos juízos de Deus pronunciados sobre os que derramaram o sangue dos que foram leais a Deus. O julgamento dos que martirizaram os santos corresponde ao mal que fizeram. Recebem somente o que merecem.

7. *Ouvi do altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os seus juízos* Este é o único lugar no livro de Apocalipse onde se diz que o altar fala. Em uma passagem anterior uma voz veio dos chifres do altar de incenso (**9:13**), e houve também vozes debaixo do altar das ofertas queimadas (**6:9**). O contexto não especifica de que altar se trata; em qualquer caso, o significado é o mesmo. O julgamento de Deus atingiu um mundo rebelde, para justiça dos que foram martirizados (**6:9**), em resposta às orações dos santos perseguidos (**9:13**). Além disto, o anjo que tinha ordenado a colheita das uvas da terra veio do altar (**14:18**). A voz que vem do altar afirma que o julgamento de Deus não é arbitrário nem caprichoso, mas verdadeiro e justo. No fim, todos verão que o julgamento de Deus é de uma justiça completa.

(5) O quarto flagelo (16:8-9).

8-9. *O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor.* Este flagelo foi um calor excessivo, que afligia as pessoas com uma insolação terrível. A frase “foi-lhe dado queimar os homens com fogo” indica que esta praga não provém do calor do sol, mas do julgamento soberano de Deus, que está acima dos processos da natureza. É importante observar que o texto constata que as pessoas atingidas reconheceram tratar-se de uma ação divina; mas seus corações são tão endurecidos e teimosos por terem escolhido seguir a besta que, ao invés de caírem de joelhos para confessar humildemente sua dependência de Deus, eles *blasfemam* o seu nome e teimosos se recusam a *se arrependem e lhe darem glória*.

(6) O quinto flagelo (16:10-11).

10-11. *Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas.* Este flagelo atinge diretamente o centro do poder da besta. Novamente isto nos mostra que estes flagelos causados pela ira de Deus não representam sua ira contra os pecados das pessoas de um modo geral, apesar de isto ser um tema bíblico (Rm 1:18), mas representam sua ira derramada sobre a civilização demoníaca nos últimos dias. O flagelo traz escuridão sobrenatural, semelhante à praga das trevas no Egito (Êx 10:21-23). O flagelo veio acompanhado de *dor* aguda. O texto não dá nenhuma pista da ansiedade e sofrimento que levavam as pessoas a remorder suas línguas em agonia. Podemos supor que as trevas intensas serviram para majorar o sofrimento trazido pelo flagelo anterior, trazendo-lhes *angústias e úlceras*. Novamente as pessoas reconhecem a mão de Deus julgando-as, mas seus corações são inflexíveis; elas se recusam a mostrar qualquer traço de arrependimento, pelo contrário, *blasfemaram o Deus do céu*.

(7) O sexto flagelo (16:12-16).

12. *Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio Eufrates, cujas águas secaram para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol.* Este flagelo é diferente dos outros, porque não inflige uma praga sobre a humanidade, mas serve de preparo para a batalha final. Ele é semelhante à sexta trombeta, quando quatro anjos foram soltos de além do rio Eufrates, para liderar uma invasão de exércitos praticamente incontáveis de cavalaria demoníaca, que matou a terça parte da raça humana (**9:13-19**). Vimos que no Antigo Testamento o rio Eufrates é o limite da terra prometida, e atrás dele hordas de pagãos aguardavam por uma oportunidade de invadir o povo de Deus (veja observações a **9:14**). Os profetas às vezes viam o rio Eufrates secar como prelúdio para o momento em que Deus reunirá seu povo disperso em seu próprio país (Is 11:15-16, 4 *Esdra*s 13:14). No presente exemplo o rio seco representa simbolicamente a remoção da barreira que retinha as hordas pagãs.

“Os reis que vêm do lado do nascimento do sol” não são definidos com mais detalhes, nem sua função é identificada. Alguns comentadores vêem aqui um conflito civil entre os reis do oriente e os reis do mundo todo (v. 14), mas no texto não há nenhum indício disto. A conclusão mais natural é que os reis do oriente — as hordas pagãs — reúnem suas forças às dos reis do mundo (civilizado) todo, para combater o Messias, porque estamos claramente diante da “peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso” (v. 14). Mais adiante lemos que a besta é auxiliada por “dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora” (17:12). Junto com a besta eles combatem o Cordeiro (17:14). Estes dez reis podem ser os reis do oriente,

como também os reis do mundo todo. Em qualquer caso João prevê uma confederação de dois grupos de reis que auxiliam a besta no combate com o Cordeiro.

Muitos comentadores afirmam — como se isto fosse evidente no texto — que os reis do oriente são os partos, que agora invadem o mundo civilizado sob a liderança de *Nero redivivus*. Isto, porém, é pura especulação. Conforme a lenda, Nero reconquistaria Roma; nesta passagem os reis se aliam ao Anticristo para se oporem ao Todo-poderoso. Se a alusão fosse à lenda do *Nero redivivus*, a besta como líder deveria vir do oriente, enquanto que no texto ela já tem seu trono em Babilônia e aceita a juda destes reis estrangeiros.

13. Os “reis que vêm do leste” de repente desaparecem da narrativa, que continua falando do *dragão* e da *besta*. Pela primeira vez aparece o termo *falso profeta*; ele é a segunda besta que surgiu da terra para dar apoio à besta em suas exigências blasfemas. Os *três espíritos imundos semelhantes a rãs*, saindo da boca dele, são a maneira de João descrever a inspiração demoníaca dos inimigos de Deus na grande batalha final. Ao soar da sexta trombeta veio do oriente uma praga terrível afligir os homens, matando a terça parte da humanidade. Aqui o quadro é diferente; os espíritos maus não afligem as pessoas, mas as inspiram para que se aliem ao dragão, à besta e ao falso profeta. João quer dizer que este movimento não é meramente político ou militar, mas uma manifestação escatológica histórica da luta secular entre Deus e Satanás. A palavra traduzida “imundos” é a mesma usada tantas vezes nos evangelhos para se referir a demônios como espíritos imundos (Mc 1:23; 3:11; 5:2). Eles são semelhantes a rãs talvez para manter a analogia com a praga das rãs no Egito (Êx 8:6).

14. *Porque eles são espíritos de demônios* pode ser traduzido melhor por “porque eles são espíritos demoníacos”. Demônios são seres espirituais, por isso não podemos dizer que eles têm espíritos; eles *são* espíritos. Para os *reis do mundo inteiro* veja o comentário ao v.12. João antevê uma aliança de governadores humanos, inspirados por demônios, que combaterão o Messias.

A peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso não é uma frase comum na Bíblia. As expressões comuns são o dia do Senhor (veja 1 Ts 5:2), o dia de Cristo (Fp 1:10), ou o dia do Senhor Jesus Cristo (1 Co 1:8). Alguns intérpretes tentam encontrar alguma diferença de significado entre estes termos, como se representassem dias diferentes, mas isto é impossível. Na verdade são tão iguais e cambiáveis que somente a palavra “o dia”, ou “aquele dia”, sem adjetivos, pode ser usada para designar o último dia (1 Co 3:13; 2 Ts 1:10). O evangelho de João refere-se com frequência ao “último dia” (Jo 6:39; 11:24; 12:48). Pedro fala do “dia de Deus” (2 Pe 3:12). O dia do Senhor é o momento em que todo o plano redentor de

Deus estará consumado, de salvação e julgamento, tanto de indivíduos, como da igreja, e de toda a criação. João vê o ódio que se expressou durante os séculos da história humana em termos de hostilidade e perseguição ao povo de Deus chegando ao "grand finale", quando todos os que governam a terra se juntam para uma batalha derradeira. Os profetas do Antigo Testamento falaram muito de uma batalha como esta, entre o povo de Deus e seus vizinhos pagãos (Sl 2:2-3; Is 5:26-30; Jr 6:1-5; Ez 38; Jl 3:9-15).

15. À vista da crise iminente representada pela batalha entre Deus e as forças do mal o próprio Jesus diz uma palavra à igreja, para advertir seu povo e lhes falar da realidade que há por trás dos acontecimentos históricos imediatos. A guerra dos reis aliados, sob a liderança do Anticristo, não é a última realidade: é o fato da volta do Senhor. É neste evento que a esperança dos santos se concentra. Este versículo é uma interrupção da passagem, para proporcionar à igreja a perspectiva correta.

Ele virá *como vem o ladrão*. Outras passagens do Novo Testamento comparam a vinda de Jesus com a de um ladrão (veja com. de 3:3). A idéia não é de astúcia, nem da surpresa da volta do Senhor, mas de que ela não é esperada. Paulo diz que Cristo vem como ladrão (1 Ts 5:2), mas isto somente em relação aos que não estão preparados: "Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa" (1 Ts 5:4). Para os que estão despertos, atentos, sua vinda não será surpresa, inesperada, mas uma libertação feliz da situação trágica do mundo em que se encontram.. João presume que estas pessoas estarão *vigiando*. Esta tradução não deixa bem claro o significado do grego. Em português "vigiar" significa estar concentrado em um objeto, não deixando que nada desvie nossa atenção. Talvez este seja o argumento mais eficiente para a volta do Senhor "a qualquer momento", isto é, antes da tribulação. É impossível "vigiar" a não ser que o acontecimento esperado possa acontecer a qualquer hora, ou seja, antes da grande tribulação. O termo grego, no entanto, significa simplesmente "estar desperto". Jesus exorta seus discípulos a estarem acordados, porque não podem saber quando ele voltará (Mt 24:42). Ele ilustrou isto dizendo: "Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria (isto é, ficaria acordado) e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos; Porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá" (Mt 24:43-44). A ênfase é colocada integralmente sobre a volta imprevista do Senhor, e por causa desta época de incerteza os crentes nunca podem se acomodar e dormir, têm de estar sempre acordados. Dormir significa dizer: "Paz e segurança" (1 Ts 5:3), quer dizer, perder de vista as coisas verdadeiramente importantes da vida e pensar que a segurança pode ser encontrada a nível humano, em vez de em termos de nosso relacionamento com Cristo. Para estes "sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de

nenhum modo escaparão" (1 Ts 5:3).¹ No presente contexto João presume que a igreja não perdeu a perspectiva e não perdeu de vista os valores espirituais realmente importantes, apesar de a besta reinar em triunfo sobre as nações.

A advertência *guarda as suas vestes, para não andar nu, e não se veja a sua vergonha* não é terminologia muito usada, mas o significado é claro. A igreja de Laodicéia tinha sido advertida contra pobreza e nudez espiritual, e aconselhada a comprar "vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez" (3:18). Isto é uma exortação ao zelo espiritual.

16. *Então os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom.* Depois de exortar a igreja a ficar desperta, João conclui a narrativa dos espíritos imundos que reúnem os reis da terra para a batalha, acrescentando que eles os trazem a um lugar chamado Armagedon. Isto são preparativos da batalha que será descrita em 19:11ss., quando Cristo vem como guerreiro vitorioso para derrotar seus inimigos.

A palavra "Armagedon" é difícil de interpretar; o equivalente em hebraico seria *har megiddon* — a montanha de Megido. O problema é que Megido não é uma montanha, mas uma planície, localizada entre o lado da Galiléia e o mar Mediterrâneo, parte do vale do Jezreel (ou Esdraelon). É um campo de batalha famoso na história de Israel. Foi em Megido que Baraque e Débora derrotaram Jabim, o canaanita (Jz 5:19); ali morreu Acázias, rei de Judá, ferido por Jeú (2 Rs 9:27) e Josias, na batalha contra o faraó Neco (2 Rs 23:29; 2 Cr 35:22). Não está claro por que João fala da montanha de Megido; R. H. Charles diz que até agora ninguém deu uma interpretação convincente a esta passagem;² ela não aparece na literatura hebraica. Charles sugere que a referência à montanha como lugar da batalha final seja tirada de Ez 38:8,21; 39:2,4,17, onde o profeta vê uma batalha escatológica sobre as montanhas de Israel. Seja qual for a origem do termo, está claro que com Armagedon João quer dizer o lugar da batalha final entre os poderes do mal e o Reino de Deus.

(8) O sétimo flagelo (16:17-21).

O sétimo flagelo é um relato antecipado do julgamento de Deus sobre Babilônia, a sede do poder da besta. O relato detalhado do julgamento e a queda de Babilônia segue nos próximos dois capítulos (17-

1. Para mais informações sobre este assunto, tão debatido pela teologia evangélica, veja: George E. Ladd, *The Blessed Hope*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1956), cap. 6, "Vigiai".

2. R. H. Charles, *The Revelation of St. John*. (Nova Iorque, Scribners, 1920), II, 50.

18). Alguns comentadores encontram aqui dois eventos diferentes: uma derrota preliminar de Roma, que dá ao Anticristo poder universal, seguida do julgamento de Roma por Deus.³ Mas João já antecipou diversas vezes o fim, tanto em termos de salvação como de julgamento, para depois estender-se sobre os eventos do fim (veja notas em 6:12ss.; 11:15ss.; 14:8; 14:14ss., 15:2ss.). Na verdade João já tinha anunciado a queda de Babilônia (14:8), de maneira antecipada. Assim como o sexto selo trouxe o dia da ira de Deus (6:12-17), e assim como a sétima trombeta fez um anúncio do fim (11:15ss.), assim o sétimo flagelo traz o julgamento de Babilônia, acrescentando os detalhes deste julgamento mais adiante.

17. *Então derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está.* Esta voz aparentemente é a mesma do v. 1 — a voz de Deus — já que vem do templo e do trono de Deus. A voz anuncia prolepticamente, a consumação do julgamento de Deus sobre a capital da besta. A frase “Feito está” representa uma só palavra grega que indica ação completa. Novamente nos deparamos com a técnica literária de João, de anunciar um fato como realizado, para depois detalhar o conteúdo do fato.

18. Ao pronunciamento da sentença sobre a capital da besta seguem os fenômenos apocalípticos que são manifestações da glória e do poder de Deus: *relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra.* Fenômenos semelhantes tinham seguido a sétima trombeta (11:19), e estavam relacionados com a visão de Deus em 4:5 e com a preparação para o soar das sete trombetas (8:5). Estes fenômenos são manifestações comuns do poder e da glória divinos.

19. O resultado desta teofania é o colapso completo da civilização humana, ateuista. *A grande cidade, Babilônia, a capital da besta, se dividiu em três partes;* em outras palavras, foi transformada em ruínas. Em 11:8 as mesmas palavras, “a grande cidade”, foram usadas para Jerusalém; mas o contexto deixa bem claro que nesta passagem a cidade em questão é Babilônia. Jerusalém já tinha sido destruída em um grande terremoto (11:13). Nesta visão João vê a cidade sendo arruinada por um terremoto; tudo o que esta destruição significa está descrito de diversas maneiras nos dois capítulos seguintes.

Caíram as cidades das nações. Mais uma vez João vê antecipadamente a destruição das cidades que apoiaram a besta. Os detalhes estão em 17:12-14, onde diz que o Cordeiro guerreará contra os reis que

3. I. T. Beckwith, *The Apocalypse of John*. (Grand Rapids, Baker, reimpresso em 1967), pp. 408 e 686.

apoiaram a besta, vencendo-os. Veja também 18:9, onde os reis da terra lamentam a queda da grande cidade.

Lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Babilônia deu às nações da terra “do vinho do furor da sua prostituição” para beber, deixou “os reis da terra se prostituírem com ela” e possibilitou aos comerciantes da terra “enriquecerem à custa da sua luxúria” (18:3). Deus, por seu lado, dá a Babilônia e às nações que a seguiram um outro cálice para beber, o cálice da sua ira. Este tema já foi comentado em 14:8, 10.

“Lembrou-se Deus da grande Babilônia.” Estas palavras são dolorosas. Durante o curto período do reinado do Anticristo parecerá que Deus esqueceu o seu povo. O mal aparentemente estará vencendo; não há perspectivas de libertação. Meu Deus não esquece. Deus se lembra, e ele se lembrará do poderoso inimigo do seu povo, para lhe retribuir com justiça.

20. Mais uma vez João descreve o fim que ainda não veio, que compreenderá a renovação de todo o sistema criado e o início de um novo céu e nova terra. Isto só se realiza depois da volta de Cristo (19:11ss.), e será mesmo um sistema totalmente transformado (21:1ss.). João já pode dar uma idéia de como será isto falando, em linguagem apocalíptica, do fim do sistema antigo: *Toda ilha fugiu, e os montes não foram achados.* João já usou em uma passagem anterior expressões semelhantes para descrever a vinda do fim: quando o sexto selo foi aberto ele deixou transparecer a dissolução do sistema atual (6:12ss.).

21. *Também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.* Não sabemos com certeza que medida de peso foi usada, mas parece que as pedras pesavam mais de cinqüenta quilos.

A narrativa apocalíptica de João está agora se aproximando rapidamente do seu fim. Ele nos levou através do tempo de grande tribulação, com a terrível perseguição dos santos pelo Anticristo, e nos mostrou uma civilização rebelde e anticristã, que não se curva e não se arrepende sob a ira de Deus derramada sobre ela nas pragas das sete trombetas e das sete taças. O sétimo flagelo não foi uma praga, somente anunciou o fim, a destruição de Babilônia em particular, um acontecimento já anunciado (14:8). Agora só falta relatar a vinda do fim. João dá primeiro o lado negativo da vitória divina, ou seja, a destruição da civilização rebelde, anunciada pelo sétimo flagelo (capítulos 17 e 18), e depois fala da volta de Cristo em triunfo, seu reinado vitorioso, e por fim

o estabelecimento do novo sistema, com novo céu e nova terra (capítulos 19-22).

IV. A TERCEIRA VISÃO (17:1-21:8).

Do ponto de vista literário o Apocalipse está dividido em quatro visões, como já vimos. A primeira contém a visão do Cristo glorificado e suas cartas às sete igrejas; a segunda contém a abertura dos selos e do rolo, as sete trombetas e os sete flagelos. A terceira visão contém a revelação da consumação do plano de redenção divino.

1. O Mistério de Babilônia (17:1-18).

Já duas vezes João citou Babilônia em sua profecia sem maiores explicações (14:8; 16:19); agora ele retoma este ponto para desenvolvê-lo, destacando-o como um dos mais importantes do fim.

1. *Veio um dos sete anjos que têm as sete taças, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz.* João não explica por que esta missão foi confiada a um dos sete anjos que têm as taças. Outro destes anjos cumpre uma missão semelhante no início da última visão, quando João vê a nova Jerusalém (21:9). Uma voz não identificada tinha dito a João que olhasse, quando ele teve sua primeira visão (4:2; veja 1:10); provavelmente isto também foi um anjo. O chamado, “Vem”, que tinha colocado João em transe (4:1s.; veja também 21:19s.), identifica uma nova revelação que ele irá receber; o julgamento da grande meretriz.

O Antigo Testamento usa muito a figura do adultério para Israel, esposa infiel de Deus, que demonstrava sua infidelidade adorando deuses falsos. Povos pagãos nunca foram acusados pelos profetas deste tipo de pecado. Às vezes o pecado de Israel era também descrito como prostituição: “Como se fez prostituta a cidade fiel!” (Is 1:21; veja Jr 2:20; 3:1; Ez 16:15; Os 2:5; 3:3; 4:15). Ela não somente foi infiel a seu Deus; também se vendeu como prostituta a quem a quisesse. Esta figura, de prostituição, foi usada pelos profetas também para os povos pagãos. Tiro é uma cidade que “se prostituirá com todos os reinos da terra” (Is 23:17). A idéia não é de infidelidade espiritual, mas de deturpação de todos os valores para obter ganho comercial. Nínive também é chamada de meretriz (Na 3:4) por causa da maneira com que seduzia nações mais fracas, ostentando poder e esplendor, somente para subjugar-las e escravizá-las. No nosso texto a meretriz é Babilônia, símbolo da civilização com sua pompa e com tudo organizado para ser contra Deus — “a cidade que domina sobre os reis da terra” (v. 18).

A grande meretriz *se acha sentada sobre muitas águas*. Esta afirmação é muito importante, fornecendo-nos uma das chaves para identificar a meretriz. A descrição não cabe à Roma histórica, pois esta não

estava edificada sobre muitas águas, apesar de o rio Tibre atravessá-la. A frase descreve a Babilônia histórica, construída às margens de uma rede de canais. Jeremias disse de Babilônia: “Ó tu, que habitas sobre muitas águas” (Jr 51:13). João também interpreta a frase: “As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas” (v. 15). Babilônia veio a personificar a maldade, e João emprestou o simbolismo do Antigo Testamento, usando Babilônia para representar a manifestação final de toda a história das nações pagãs. A cidade se manifestou historicamente na Roma do primeiro século, mas o significado completo da cidade má é escatológico. Podemos dizer que Roma estava sentada sobre muitas águas no sentido de que sua força e soberania provinham dos muitos povos que conquistou; mas isto é mais verdade ainda da Babilônia escatológica, que seduzirá o mundo todo para adorar o que não é Deus.

2. *Os reis da terra se prostituíram* com a grande meretriz; isto é, estabeleceram estreitos laços comerciais com ela, para participar da sua riqueza e prosperidade. O simbolismo de Jr 51:7 está por trás disto: “Babilônia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações, por isso enlouqueceram.” A forma particular de prostituição no caso é a sedução dos povos para que adorem a besta. *O vinho da sua devassidão* é o que ela usa para seduzir — a maneira de ela enganar as nações, para que se identifiquem com seu caráter pagão. Estas se juntaram a ela para pecar contra Deus. A sedução é eficiente; primeiro os governantes dos povos são convencidos, depois *os que habitam na terra*. Esta expressão João usa com frequência para os ateus (3:10; 6:10; 8:13; 11:10; 13:8, 14).

3. *Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto*. O anjo é quem age. As palavras indicam um novo estado de êxtase, durante o qual João tem a visão da grande meretriz. “Em espírito”, no Apocalipse, significa em transe (1:10; 4:2). Parece não haver um significado especial no fato de João ter a visão no deserto. A mulher celestial fugiu do dragão para o deserto (12:6, 14), para que Deus a protegesse da cólera do dragão. Aqui o deserto simplesmente parecer ser um lugar solitário, onde João pudesse ter sua visão. A expressão “deserto”, na Bíblia, não implica necessariamente em um lugar seco e improdutivo; pode ser também uma região incultivada com poucos habitantes.

João viu *uma mulher montada numa besta escarlate*, claramente a mesma besta de 13:1, *com sete cabeças e dez chifres*, ou seja, o Anticristo. A cor da besta, não mencionada no capítulo 13, é muito semelhante à do dragão — Satanás — em 12:3. Os termos gregos são diferentes, mas basicamente a cor é a mesma, *escarlate*, para indicar o relacionamento íntimo que há entre a besta e seu mestre — Satanás. Para o significado das sete cabeças e dos dez chifres, veja observações a 13:1.

O fato de que no v. 1 a mulher estava sentada sobre muitas águas, enquanto que aqui ela está sentada sobre a besta escarlata, não constitui problema. A fluidez da linguagem apocalíptica permite representar fatos diferentes usando idéias que pela lógica parecem contraditórias. Que ela está sentada sobre muitas águas reflete seu relacionamento com as nações da terra; que ela está sentada sobre a besta escarlata reflete seu relacionamento com o Anticristo. Como sede da civilização pagã a grande meretriz obteve sua glória sendo engrandecida pela besta, e por isto é completamente dependente dela.

A besta estava repleta de *nomes de blasfêmia*. Uma das características principais da besta é a blasfêmia. Em 13:1 ela tinha nomes de blasfêmia sobre as cabeças, e proferia blasfêmias contra Deus (13:5-6). O presente versículo expressa isto com mais ênfase, dizendo que ela estava cheia de nomes blasfemos. A referência é sem dúvida à autodeificação do Anticristo e à sua exigência de que seus súditos o adorem. Suas blasfêmias não são maldições da soberania divina pronunciadas por homens atingidos pelo julgamento de Deus (16:9); elas consistem no rebaixamento da divindade, reivindicando ela mesma ser deus.

4. Agora João passa a descrever a aparência da grande meretriz. Ela estava *vestida de púrpura e de escarlata*. É duvidoso se ele tem algum significado especial em mente com estas cores; elas simplesmente mostram o esplendor e o luxo das suas roupas. No mundo antigo somente os ricos podiam usar roupas de púrpura e escarlata, por causa do seu custo. Os intérpretes da escola histórica, que acham que a besta representa o papa (veja cap. 1), gostam de ver nestas cores as roupas esplêndidas dos bispos e cardeais da igreja, mas dificilmente pode ter sido esta a intenção de João. Ela estava *adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas*. A palavra "adornada" significa literalmente "dourada". Suas roupas irradiavam esplendor e eram de um custo fabuloso.

Na mão ela segurava um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. Isto é uma alusão direta a Jr 51:7, citado acima. O cálice de ouro era bonito e prometia um vinho delicioso; ao invés disto, estava cheio de corrupção repulsiva. A palavra para abominações significa tudo que é repugnante e detestável; no Antigo Testamento está relacionada mais com idolatria. A frase com que nosso Senhor descreve o Anticristo em seu discurso no monte das Oliveiras é literalmente "o abominável da desolação", isto é, a abominação que traz desolação. A idéia central é que, prometendo riqueza e luxo, a mulher desvia as pessoas da adoração a Deus.

5. Na sua frente achava-se escrito um nome, mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA. Não é a primeira vez que nos deparamos com nomes escritos na testa. Os santos de Deus foram selados na testa com o nome divino (7:3; 9:4; 14:1). Os seguidores da besta também foram selados na testa e na mão

com o nome dela e o número do seu nome (13:17). Na nova terra os redimidos terão o nome de Deus escrito na testa (3:12; 22:4). Isto também pode ser um reflexo do costume romano de prender na cabeça das meretrizes uma fita com o nome do seu proprietário.

O nome é *misterioso*. A estrutura da passagem permite que a palavra "mistério" seja parte tanto do próprio título como da introdução. Muitos estudiosos preferem a primeira alternativa (ARC), mas é mais fácil interpretá-la como introduzindo o título, significando que o título não deve ser tomado literalmente, mas que ele tem um significado secreto, a saber, a capital do Anticristo.

Babilônia é a "mãe das meretrizes". Ela não se satisfaz com desviar os homens de Deus; insistiu que suas filhas a imitassem em seus propósitos nefastos e blasfemos. Em sua prostituição ela deu à luz toda sorte de abominações que enchem a terra.

6. *Então vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus*. A mulher é uma companheira compatível com a besta, que guerreou contra os santos e os venceu (13:7). Como capital da besta ela será a cidade que mais se destacará pela perseguição e martírio dos santos. A igreja nunca foi atingida por algo de tão longo alcance. Houve uma perseguição curta no tempo de Nero, que Tácito o historiador romano, descreve nos seguintes termos: "Uma grande multidão foi condenada por incêndio culposo e ódio à raça humana. Foram mortos, e mortos com insulto, ou vestidos de peles de animais selvagens para serem devorados por cachorros, ou crucificados ou queimados. Quando caía a noite eles eram usados para iluminá-la" (*Anais*, 15:44). Mas excetuando esta onda de ódio, os cristãos comparativamente não foram mais molestados em Roma. Além disto a curta perseguição por Nero não tinha nada a ver com o culto do imperador. Contrastando com isto a principal característica da mulher é sua prostituição e sua aliança com a besta. Foi somente durante o tempo de Domiciano que os cristãos foram perseguidos por motivos religiosos. Mas esta perseguição também foi pequena. João prevê um dia em que a capital da besta será famosa por perseguir os santos principalmente por razões religiosas; no primeiro século não há nada que possa ser comparado a isto. João está pensando na Babilônia escatológica.

Estar "embriagado com sangue" é uma expressão comum na antiguidade (veja Is 34:5, onde a espada está embriagada com sangue; e também Is 49:26).

Não podemos fazer distinção entre o sangue dos santos e o sangue dos mártires. Eles são santos porque pertencem a Deus; são mártires porque morreram por ele. Além disto eles são mártires *de Jesus*; foram martirizados por causa da sua fé inabalável nele e por sua recusa de negar seu nome (12:17; 14:12; 19:10; 20:4).

Quando a vi, admirei-me com grande espanto. A versão da IBB diz "com grande admiração". O grego, literalmente, diz: "Fiquei admirado

com grande admiração". É possível que o espanto de João é causado pela notícia de que ele veria o julgamento da grande meretriz (v. 1), para depois ver na primeira parte da sua visão uma mulher que se apresenta em grande esplendor. É fácil entender sua perplexidade.

7. Respondendo a isto, o anjo disse: *Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres, e que leva a mulher.* A resposta nos espanta. Esperaríamos que o anjo explicaria o mistério da grande meretriz, mas ele diz que explicará também o mistério da besta. Isto evidencia o relacionamento inseparável da mulher e da besta. O caráter do último centro da civilização será totalmente determinado por sua dependência da besta. Não há dois mistérios; o mistério inclui a mulher e a besta. O anjo promete revelar a João não somente o verdadeiro significado da besta e da meretriz, mas também das sete cabeças e dos dez chifres da besta.

8. *A besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo, e caminha para a destruição.* Isto é outra maneira de dizer o que João já disse da besta: "Uma de suas cabeças estava como golpeada de morte, mas esta ferida mortal foi curada" (13:3). Já vimos que isto não quer dizer que uma de suas cabeças foi ferida de morte, mas que foi de fato morta. Na presente passagem João deixa claro que a besta deve ser identificada com suas cabeças. Matar uma cabeça significa matar a besta. A besta tem de passar por três estágios: *era*, isto é, teve uma experiência no passado; *não é*, ou seja, haverá um tempo em que ela não existirá; e *está para emergir do abismo*, isto é, terá uma manifestação futura que será a corporificação do mal. O abismo é a figura apocalíptica para o reino demoníaco e satânico do mal, onde a besta mora antes de aparecer na terra (11:7; veja observações a 12:1). Os três estágios da existência da besta têm se ser identificados com as sete cabeças. Ela existiu antes, em uma ou mais de suas cabeças; deixou de existir quando uma das cabeças foi mortalmente ferida; mas voltará a existir, quando esta cabeça for curada. A cura desta cabeça envolverá uma corporificação demoníaca que excederá tudo que já aconteceu na terra. Esta manifestação final da besta, no entanto, será de curta duração; ela está destinada para a destruição. "Destruição" é uma palavra às vezes usada para o estado de castigo, final e eterno (Mt 7:13; Fp 1:28; 3:19; Hb 10:39; 2 Pe 3:7).

E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá. João identifica os que se admirarão com a besta com duas palavras: eles são os habitantes da terra (veja observação a v. 2) e, negativamente, eles são os não-salvos. Para o livro da vida, veja comentário a 3:5. A razão da admiração será o reaparecimento da besta, que desaparece por algum tempo para depois ressurgir em cena.

9. *Aqui está o sentido, que tem sabedoria*, ou, melhor, “isto exige entendimento e sabedoria”. João vai explicar agora o mistério da mulher e da besta, mas não será uma explicação evidente para todos; só os que estão espiritualmente iluminados a compreenderão.

As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. A maioria dos comentadores modernos vê aqui uma identificação positiva e inevitável da grande meretriz com a Roma do primeiro século, porque Roma era amplamente conhecida como a cidade que estava edificada sobre sete montes. Um escritor diz: “A alusão local é evidente demais para podermos duvidar dela”.¹ Mas João continua imediatamente dizendo que eles “são também sete reis”. É difícil ver qualquer conexão entre os sete montes de Roma e sete dos seus imperadores.

A Bíblia comumente simboliza poder ou governo com um monte ou montanha. Em Dn 2:35 a pedra que se solta sem a intervenção de mãos humanas esmigalha as nações do mundo e se transforma em uma grande montanha. Deus disse a Babilônia: “Eis que sou contra ti, ó monte que destróis ... toda a terra” (Jr 51:25). “Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros” (Is 2:2). O servo do Senhor “trilhará e moerá os montes, e reduzirá os outeiros a palha” (Is 41:15; veja também Sl 68:15-16, Hc 3:6). Por esta razão é mais fácil entender os sete montes como sendo sete impérios e os seus sete governantes.

Alguém pode objetar que João diz que os montes são também *sete reis*, não sete reinos; mas isto é linguagem bíblica. As quatro bestas de Dn 7 representavam sete reis (Dn 7:17) quando Daniel, mais precisamente, se referia aos reinos que eles lideravam. A grande meretriz está sentada sobre uma sucessão de impérios. Ela é corporificada pela antiga Babilônia, no primeiro século por Roma, e no fim dos tempos pela Babilônia escatológica. É bem possível que seja isto que João tinha em mente quando fala do “mistério da mulher” (v. 7). Não é possível fazer qualquer identificação com alguma cidade histórica. A mulher formou ligações adúlteras em qualquer época com o poder existente no mundo.

10. *Dos sete reis caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco.* Este é um dos versículos mais discutidos do Apocalipse. Intérpretes preteristas geralmente aplicam este versículo a uma seqüência de imperadores romanos. Cinco já reinaram e saíram de cena; João está escrevendo o Apocalipse durante o governo do sexto. João prevê que este sexto também sairá de cena, para ser seguido pelo sétimo e último, que será o Anticristo na pessoa do *Nero redivivus*.

1. I. T. Beckwith, *The Apocalypse of John*. (Grand Rapids, Baker, reimpresso em 1967), p. 698.

O problema com esta solução aparentemente simples é que as datas simplesmente não se encaixam. Os imperadores romanos foram os seguintes:

Agusto	27.a.C.-14 d.C.
Tibério	14-37 d.C.
Calígula	37-41
Cláudio	41-54
Nero	54-68
Galba	68
Oto	69
Vitélcio	
Vespasiano	69-79
Tito	79-81
Domiciano	81-96

De acordo com o raciocínio, os cinco reis que caíram teriam de ser os de Augusto até Nero, Galba o reinante no tempo de João e Oto o último. Esta interpretação não faz sentido, porque Galba, Oto e Vitélcio só reinaram muito pouco e foram relativamente sem importância para a história política e religiosa. Por esta razão muitos estudiosos sugerem que devemos deixá-los fora do cálculo, encarando Vespasiano como o sexto rei Tito como o sétimo. Este procedimento é arbitrário, porque Galba, Oto e Vitélcio, por mais sem importância que tenham sido, foram imperadores de fato, reconhecidos como tal pelos historiadores antigos.

Esta maneira um pouco violenta de abordar a história, no entanto, não resolve o problema, porque durante o reinado de Vespasiano não aconteceu nada que perturbasse a igreja cristã, fazendo-a temer um tempo de perseguição cruel, que fizesse surgir idéias escatológicas como o Apocalipse. Além disto Vespasiano não promoveu o culto ao imperador.

Já houve sugestões de todos os tipos possíveis para resolver o problema. Alguns sugerem que esta passagem foi uma profecia do tempo de Vespasiano que João incorporou em seu livro sem modificações; outros, que João se projeta deliberadamente para o passado, até o tempo de Vespasiano; outros ainda, que João iniciou a contagem com Calígula, o primeiro imperador que se mostrou abertamente inimigo de Deus. Nenhum método satisfatório leva a Domiciano como o imperador reinante, e alguns eruditos desistiram de todo de relacionar as sete cabeças com reis específicos, vendo no número sete o número ideal, que representa o poder imperial em sua totalidade.

Evitamos todo este problema se João não está querendo indicar uma sequência de reis ou imperadores individuais, mas uma sequência de reinos. Isto encontra apoio na afirmação "Caíram cinco". Diversos intérpretes destacaram o fato de que a palavra "caídos" se aplica melhor à queda de um reino do que à morte de um imperador (H.Alford, Th.Zahn). A grande meretriz que seduz as nações e persegue os santos

recebe apoio da besta que aparece na história em uma seqüência de reinos seculares, anticristãos; cinco pertencem à história passada; o sexto — Roma — governava o mundo no tempo em que João escreveu o livro. Roma, todavia, não é o Anticristo; virá ainda um sétimo reino, que só durará pouco. Esta interpretação da besta e das suas sete cabeças encontra apoio no versículo que segue.

11. *E a besta que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição.* Nos vv. 8-11 João já disse três vezes que a besta não existe no presente, e duas vezes que ela aparecerá no futuro. A besta já existiu uma vez (ela *era*); no momento ela não existe (ela *não é*), mas sairá novamente do abismo, no futuro (11:7; 17:8, 11). João disse também que a besta tem sete cabeças, uma das quais ferida de morte e depois curada (13:3). Ele também disse que a própria besta foi mortalmente ferida e curada (13:12, 14). Agora ele acrescenta algo novo: a besta é uma oitava cabeça, mas pertencendo às outras sete. O simbolismo é dificultado pelo fato de que às vezes a besta é identificada com suas cabeças e outras vezes distinguida destas. A solução para este simbolismo entrelaçado está no fato de que a besta é o Anticristo, e não é. Ela é o Anticristo somente em duas de suas cabeças. Como Anticristo ela já apareceu na história (ela *era*); no momento não existe, mas há de surgir corporificando o poder satânico. É por isto que João pode dizer que uma das cabeças foi ferida de morte, e curada; e que a besta foi morta e voltará à vida. Em outras palavras, a besta está mais identificada com duas de suas cabeças que com as outras cinco. Em uma das cabeças a própria besta apareceu na história: esta cabeça — a própria besta — foi morta (isto é, desapareceu da história), mas reviverá em uma aparência final, que será uma manifestação mais completa da besta que a primeira (sairá do abismo). Mas as outras cinco cabeças também são parte da besta, mesmo se esta não está tão identificada com elas como com as outras duas. As cabeças são manifestações sucessivas dos reinos do mundo em inimizade com Deus, através das mudanças da história.² A besta, então, tem um significado duplo: em sentido amplo ela é o poder mundano contrário a Deus; em sentido mais restrito ela é o reino peculiar que se manifesta duas vezes. Cinco cabeças são manifestações de reinos do mundo como tais; duas são personificações da própria besta. A chave para compreender isto é a profecia de Daniel, de onde João tira seu simbolismo para a besta (veja comentário a 13:2). Em Daniel o grande inimigo do povo de Deus é o Anticristo, que se manifestou na história na pessoa de Antíoco Epifânio (Dn 8:9, 21). De uma maneira tipicamente profética as duas figuras às vezes são mescladas, parecendo praticamente uma só (veja p. 13). “A besta que viste” (v. 8) era, isto é, estava corporificada por An-

2. Veja a nota sobre 11:15, onde o “reino do mundo” é visto como uma só entidade hostil, por mais diversamente que se manifeste em formas e nações históricas.

tíoco Epifânio; não é, ou seja, não existe atualmente da mesma maneira malévola; sairá do abismo (v. 8), na pessoa do Anticristo.³

João acrescenta mais um detalhe de aparência da besta — do Anticristo: “A besta ... é o oitavo rei, e procede dos sete”. Isto é uma expressão difícil de interpretar. A segunda e derradeira manifestação da besta é um oitavo rei; não é o oitavo rei, porque há somente sete; é um oitavo rei que é um dos sete. Isto sugere que um dos sete experimentará dois estágios em sua existência. Aparentemente é por isto que João diz que o sétimo rei “tem de durar pouco” (v. 10). Logo depois dele virá um oitavo, que é o sétimo em toda sua manifestação anticristã. João quer dizer com isto que o oitavo é como os sete deles, mas também é diferentes deles. Pertence aos sete no sentido de que os sucede na dominação do mundo; diferencia-se deles no sentido de que surge do abismo, corporificando integralmente e satanicamente a besta.

12. Agora João explica os dez chifres. Eles são dez reis *que recebem autoridade como reis* por um período muito curto — *uma hora* — e são colegas e auxiliares da besta. Comentadores modernos que aceitam a teoria do *Nero redivivus* como Anticristo geralmente identificam estes dez reis como os sátrapas persas que virão na comitiva do Nero ressuscitado, para ajudá-lo a reconquistar o seu império. João, todavia, diz expressamente que eles *ainda não receberam reino*. Ainda não são reis; somente receberão poder quando aparecer a besta. Isto lança o pensamento de João claramente para o futuro. É inútil especular sobre a identidade destes reis, ou tentar entendê-los como dez países europeus que formam um novo império romano, como fazem alguns. A idéia dos dez reis está baseada em Dn 7:7, 24, onde a quarta besta tem dez chifres que são dez reis, dos quais surge um, no fim, que faz o papel do Anticristo. É bem possível que o número dez queira simbolizar a totalidade do poder do Anticristo, e não deva ser entendido literalmente. Os dez reis são figuras puramente escatológicas que representam a totalidade dos poderes de todas as nações da terra, que se submeterão ao Anticristo.

13. *Têm estes um só pensamento, e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem.* Estes reis não têm importância em si mesmos ou de si mesmos: somente quando estão aliados à besta. Eles não vão atrás de seus próprios objetivos; são completamente dedicados à besta.

14. *Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá.* Isto ilustra o apoio unânime que dão à besta; juntam-se a ela em sua hostilidade contra o Cordeiro, mas em vão. Este conflito final entre o Anticristo e

3. Esta interpretação da besta em essência é a de Th. Zahn; veja sua *Introduction to the New Testament* (Edinburgh, T & T. Clark, 1909), III, 436ss.; *Die Offenbarung des Johannes*. (Leipzig, Deichert, 1926), II, 553ss.

o Messias não acontece nesta passagem; ele está relatado em **19:17-21**, quando da volta de Cristo.

Pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele. O senhorio supremo do Cordeiro lhe assegura a vitória. Este é o título inscrito no manto e na coxa do Cristo vitorioso (**19:16**). Ele não vence sozinho; do seu cortejo fazem parte os que foram chamados e escolhidos por Deus e que permaneceram fiéis ao Cordeiro na perseguição final.

15. Nos últimos versículos deste capítulo João nos fornece mais informações específicas sobre a grande meretriz, e depois relata a sua destruição. A passagem é difícil de interpretar, porque deixa sem resposta diversas questões importantes. No início do capítulo João tinha sido chamado para presenciar o julgamento da grande meretriz (v. 1); até o momento, porém, ele viu mais da besta que da mulher. Nestes versículos finais João volta sua atenção para a mulher e relata os meios que Deus usa para destruí-la. Em primeiro lugar o anjo explicou a João o simbolismo das *águas que viste, onde a meretriz está assentada*. Estas águas representam muitos povos, *multidões, nações e línguas*, que apoiaram a mulher. Ela é a capital de uma civilização complexa, composta de muitas nações (veja notas sobre v. 1).

16. João agora afirma algo que ele não explica, mas que é o método decretado por Deus para destruir a mulher. Ela foi a capital da besta que teve todo o apoio dos dez reis em sua hostilidade contra o Cordeiro (v. 13). No começo da visão a mulher estava sentada sobre a besta escarlate (v. 3) e, como a cidade, Babilônia, ela foi o cenário da perseguição promovida pela besta e do martírio dos santos (v. 6). Agora, no entanto, o quadro muda, e por uma razão não explicada se forma uma espécie de guerra civil na sede da besta. Esta, secundada pelos dez reis, se volta contra a meretriz cheia de ódio: *e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo*. Os profetas previram algumas vezes uma situação de caos entre os inimigos de Deus, quando a espada de cada uma será contra seu irmão (Ez 38:21; Ag 2:22; Zc 14:13). Na visão que Daniel teve da besta com os dez chifres o chifre pequeno, com pretensões anticristãs, chegou a sua posição de poder destruindo três de seus colegas (Dn 7:24). João não explica por que a besta e os dez reis *odiarão a meretriz*. Conquista não entra em questão, porque a cidade já é capital da besta.

A linguagem de João indica que a antes orgulhosa cidade fica totalmente destruída, em ruínas. Eles a deixarão “devastada e despojada”, isto é, a despirão dos seus adornos bonitos. “Lhe comerão as carnes”, figura tirada da ferocidade de animais selvagens, simbolizando na linguagem dos profetas a destruição dos homens entre si (Sl 27:2; Jr 10:25; Mq 3:3; Sf 3:3).

Muitos comentadores vêem aqui mais uma referência à lenda do *Nero redivivus*, de acordo com a qual Nero deveria voltar a Roma vindo do Oriente, onde estivera se escondendo entre os partos, para se vingar da sua antiga capital. Nos *Oráculos Sibilinos* há uma passagem que pode apoiar este ponto de vista: “Haverá nos últimos tempos, quando a lua diminuir, uma guerra extremamente má que convulsionará o mundo todo. E do limite do mundo virá um matricida (Nero) fugindo e com planos maus muito astutos. Ele arruinará toda a terra, obterá todo o poder, e ultrapassará todos em astúcia. Ele se apoderará num instante daquilo por que morreu. E destruirá muitas pessoas e grandes tiranos, e queimará muitas pessoas, mais que qualquer um antes dele” (5:361-368). Se João tem esta lenda em mente, isto ainda não explica por que a besta odeia a cidade, destruindo-a completamente. De acordo com a lenda Nero reconquista Roma e, presume-se novamente faz dela sua capital. Além disto a lenda de Nero, tal como se reflete nos *Oráculos Sibilinos*, mostra Nero voltando como conquistador militar, não como Anticristo. Nero não promovia o culto ao imperador, e seu papel nos *Oráculos Sibilinos* perdeu o tom religioso que é a característica mais importante da besta no Apocalipse.

17. João também está consciente de que o ódio da besta pela mulher muda surpreendentemente os fatos e acrescenta uma explicação: esta é a maneira de Deus sentenciar a mulher. *Em seus corações incutiu Deus que realizem o seu pensamento*. A soberania divina motivou os dez reis a uma ação que cumprirá o plano divino. Eles executam o plano *à uma*, unânimes, e dão *à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus*. Quando a besta se volta em ódio contra a mulher os dez reis não resistem a esta mudança surpreendente dos acontecimentos, para defender a grande cidade que foi objeto da sua admiração. Eles são completamente unânimes em seu apoio à besta; e isto porque o plano de Deus neste mundo tem de ser cumprido.

18. *A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra*. No primeiro século isto correspondia à Roma; no fim dos tempos corresponderá à Babilônia escatológica.

Depois de predizer a destruição de Babilônia pela besta e seus dez reis vassalos em termos vívidos, apesar de breves, João dedica toda uma seção a este tema, descrevendo com mais detalhes a desolação da cidade antes orgulhosa e rica. Este capítulo contém uma série de proclamações, lamentos e expressões de gratidão, tudo ao redor do mesmo tema: o julgamento da grande cidade. O pano de fundo para esta seção encon-

tramos nos lamentos dos profetas sobre a queda de Tiro (Ez 26-28) e de Babilônia (Is 13-14, 21; Jr 50-51).

2. O Julgamento de Babilônia (18:1-19:5).

(1) O anúncio da queda de Babilônia (18:1-3).

1. *Depois destas coisas vi descendo do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória.* O anjo que tinha mostrado a João o mistério de Babilônia e predito a destruição da cidade pela besta era um dos sete que tinham as trombetas; quem é este outro não sabemos. Parece que João agora está na terra, porque vê o anjo descendo do céu; nos capítulos 15 e 16 ele estava no céu. O texto não explica por que este anjo tem *grande autoridade*. A palavra para “autoridade” é usada no Apocalipse como sinônimo de poder (9:3, 10, 19). João viu um anjo com grande esplendor, irradiando seu brilho para toda a terra (veja Ez 43:2). Para Babilônia a mensagem do anjo significa castigo, mas para Deus o julgamento da cidade perversa significa triunfo.

2. *Então exclamou com potente voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia.* A queda de Babilônia já tinha sido anunciada por um anjo nos mesmos termos (14:8). Nas duas vezes a queda da cidade é encarada como fato consumado, mesmo ainda fazendo parte do futuro. Para dizer a verdade, nenhuma passagem descreve mesmo a destruição da cidade, fora da curta profecia de 17:16. Os dois anúncios repetem palavras de Is 21:9. Quando a cidade estiver assolada, ela não será mais a prostituta da civilização, e não será mais habitada por príncipes e comerciantes; ficará tão desolada que ninguém quererá pôr os pés em suas ruas. Ela se tornará *morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo*. Isto é um eco às profecias da destruição de Babilônia, Edom e Nínive (Is 19:19-22; 34:11-5, Jr 50:39; 51:37; Sf 2:15).

3. A razão de Babilônia ser julgada é que ela corrompeu toda a terra. *Pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição.* Isto repete o pecado de Babilônia mencionado em 14:8 (veja comentário). A linguagem indica não somente sua luxúria e imoralidade, mas a sedução com que enganou os homens para que sigam a besta. (Veja comentários em 17:1-2 sobre a grande meretriz). Esta sedução maligna afetou principalmente os líderes políticos e econômicos.

Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria. Isto nos mostra com que meios Babilônia seduziu os líderes mundiais para adorarem a besta. “Prostituição” é uma palavra que a Bíblia usa para idolatria. No Apocalipse isto significa adorar a besta e não o Cordeiro. A grande meretriz prometeu poder e atraiu com riqueza e luxúria os que a seguem. Poder e

riqueza foram empregados em nome da religião demoníaca. A palavra traduzida delícias (IBB) significa na realidade “luxúria, devassidão”. A BLH traduz este versículo: “e os homens de negócio se enriqueceram à custa da sua corrupção”. A palavra “luxúria” dá idéia de auto-indulgência e devassidão, usando do poder de maneira arrogante e mal-intencionada.

(2) Aviso ao povo de Deus (18:4-5).

4-5. Depois do anúncio da queda inevitável de Babilônia João ouve *outra voz do céu* dizendo ao povo de Deus para que fuja da cidade para não ser considerado cúmplice dos seus pecados e ser incluído na sentença. O profeta Jeremias fez uma advertência semelhante aos judeus que moravam em Babilônia (Jr 51:6, 45). Isto deixa transparecer que o martírio da igreja pela besta não será total. Jesus tinha dito que esta época seria a maior tribulação que o mundo já conheceu (Mt 24:21) — tão cruel que “não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados” (Mt 24:22). João mostrou a determinação da besta de destruir todos que não deixassem de crer em Jesus, voltando-se para ela (**13:7-8**). Este será um período de martírio sem precedentes, mas este versículo mostra que ele não atingirá a muitos. Deus terá um povo na cidade sob constante ameaça de morte por sua lealdade a Jesus. E assim como os judeus cristãos fugiram de Jerusalém para Pela pouco tempo antes de a cidade ser destruída pelos exércitos romanos, o povo de Deus aqui é avisado para deixar a cidade para não participar do seu castigo. Sob a ameaça constante de martírio a pressão será imensa para sucumbir o ser *cúmplice dos seus pecados*, e em consequência *participar dos seus flagelos*. O castigo de Babilônia vem com certeza. Seus pecados são comparados a uma pilha muito alta, alcançando até o céu (veja Jr 51:9); mas Deus se lembrará dos seus *atos iníquos*.

(3) Clamor por vingança (18:6-8).

Muda o tema da voz celestial. Depois de avisar o povo de Deus que saia da cidade condenada, ela diz aos anjos da retribuição que inflijam uma vingança justa à cidade. Do contexto podemos concluir que a mesma voz está falando, mas já que o assunto é diferente, pode ser também uma outra voz.

6. *Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras, e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela.* Isto pode soar como um pedido de vingança (veja comentários em 6:10), mas está ecoando um tema que passa de um fio por toda a Bíblia. Aqui na terra quando seguidores do Cordeiro tes-

temunham da sua fé no crucificado e são perseguidos por causa desta fé, sua atitude diante dos seus inimigos sempre deve ser de perdão. Um espírito humilde e cheio de amor pelos inimigos é uma das maiores características de um discípulo de Jesus (Mat 5:43ss.). O cristão deve abençoar os que o perseguem e nunca retribuir o mal com mal (Rom 12:14, 17).

Isto, no entanto, não elimina a justiça de Deus, no fim. “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira (de Deus); porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12:19). Somente Deus conhece as motivações do coração e pode julgar com justiça; ele continua sendo o Deus da justiça, e no dia da ira ele retribuirá. Este tema atravessa a Bíblia de ponta a ponta (Dt 32:35; Jr 50:15, 29; 51:24, 26; Rm 12:19; 1 Ts 5:15; 2 Ts 4:14; 1 Pe 3:9). A grande meretriz se aliou à besta para tentar destruir a igreja, e seu castigo justo será destruição.

A idéia de pagar em dobro as obras de alguém é uma expressão do Antigo Testamento que indica castigo completo (Jr 16:18; 17:18).

7-8. O pecado da Babilônia é descrito como auto-exaltação e vida licenciosa, isto é, orgulho ímpio de querer subir ao céu. Ela disse consigo mesma: *Estou sentada como rainha. Viúva não sou. Pranto, nunca hei de ver!* Isto lembra a auto-exaltação da Babilônia histórica, que se exaltou acima de Deus, dizendo: “Eu serei senhora para sempre! ... Eu só, e além de mim não há outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos” (Is 47:7-9), veja também Ez 28:2; Sf 2:15). Babilônia levou as nações a pensar que elas não precisam de Deus; que segurança, bem-estar e prosperidade sempre acompanharão a luxúria dela, sua corrupção e riqueza. Mas isto é enganar a si mesmo. A última palavra será o decreto de Deus, *porque poderoso é o Senhor Deus que a julgou*. Ele retribuirá sua futilidade e arrogância com destruição súbita, que atingirá *em um só dia*; ela *sofrerá flagelos, morte, pranto e fome, e será consumida no fogo*. Não há dúvidas da destruição completa da cidade.

(4) O lamento dos reis e mercadores (18:9-19).

Depois de proclamar a retribuição divina que sobrevirá à grande meretriz João transmite o lamento dos políticos (v. 9) e das autoridades econômicas — “os mercadores da terra” (v. 11) e os “marinheiros” (v. 17) — sobre a ruína da grande cidade. Suas lamúrias não refletem nenhuma tristeza pela cidade em si, mas somente por sua perda pessoal, causada pela destruição da cidade.

9-10. Os *reis da terra* não são os mesmos dez reis que se aliaram à besta para combater o Cordeiro (17:12-14). Estes estavam intimamente comprometidos com a besta, dispostos a ceder-lhe o seu poder real para seus propósitos demoníacos (17:17). Estes dez reis vassalos Deus usou,

junto com a besta, para destruir a grande cidade (17:16). Além dos dez ativos e agressivos em seu apoio à besta há um grupo mais amplo — os reis da terra — que a mulher seduziu e que *com ela se prostituíram e viveram em luxúria* (cf. 16:14; 17:2; 18:3). Estes não estavam tão abertamente dedicados aos propósitos satânicos da besta, mas a grande meretriz os seduziu e enganou com o brilho e a pompa da sua riqueza e do seu luxo, para se prostituírem com ela. Agora eles *chorarão e se lamentarão ... quando virem a fumaceira do seu incêndio*, aceso pela besta e seus vassalos (17:16). Reconhecem agora como foram enganados grosseiramente pelas promessas falsas de segurança e tranqüilidade. *Conservando-se de longe pelo medo* (de participar) *do seu tormento, dizem: Ai! ai! tu, grande cidade, Babilônia, tu poderosa cidade! pois em uma só hora chegou o teu juízo*. As aparências se demonstraram enganosas; Babilônia parecera ser uma cidade grande e poderosa, a igreja como nada diante do seu poder e força. Em sua vaidade ela parecia capaz de desafiar a Deus e destruir os seus santos (17:6) com impunidade. Mas Deus diz a última palavra. Em uma só hora (veja “em um dia”, v. 8), a sentença divina e a destruição a atingiram.

11. Junto com os reis da terra se lamentam *os mercadores da terra*; eles *choram e pranteiam*, não como se tivessem perdido uma amada, mas *porque já ninguém compra a sua mercadoria*. Sua tristeza é totalmente egoísta e comercial; a destruição da cidade é para eles ruína econômica.

12-13. João faz uma lista das mercadorias para as quais não há mais comprador. A maioria desses itens encontramos no lamento sobre Tiro em Ez 27:5-24 (veja também Ez 16:9-13). O catálogo de João está dividido em diversos grupos: 1) jóias: *ouro, prata, pedras preciosas, pérolas*; 2) roupas finas, que era uma das coisas que distinguiam alguém rico, no mundo antigo: *linho finíssimo, púrpura, seda e escarlata*; 3) artigos caros de decoração: *madeira odorífera, marfim, madeira preciosíssima, bronze, ferro e mármore*; 4) perfumes: *canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo*; 5) alimentos: *vinho, azeite, flor de farinha e trigo*; 6) animais: *gado, ovelhas, cavalos, carros*; e 7) *escravos*. Púrpura e escarlata eram tecidos caríssimos muito apreciados pelos ricos. Roma importava seda da China em grande quantidade. A palavra traduzida “madeira odorífera” era uma madeira escura e dura usada para fazer móveis caros e artigos de luxo. Bronze ou latão de ferro eram usados para fazer vasos ornamentais. Roma importava do Oriente, especiarias e perfumes, e trigo era importado principalmente do Egito.

A palavra traduzida “escravos” literalmente é “corpos” e reflete o pouco valor que os escravos tinham no mundo antigo. Não está claro por que João acrescenta ao comércio de escravos as palavras *e até almas humanas*. A palavra para alma no contexto hebraico, *nephesh*, não

traduz um elemento imortal mais elevado no homem em contraste com seu corpo, como *psyche* geralmente no pensamento grego e “alma” no português. *Nephesh* simplesmente identifica a vida ou vitalidade do homem (veja Mc 10:45), e às vezes é usada para escravos (Ez 27:13, 1 Cr 5:21). Provavelmente João usou a palavra aqui para dar a idéia de que pessoas, mesmo sendo escravos, têm um nível de vida que animais não têm. Em todo caso não devemos querer tirar muito desta palavra.

Neste catálogo comercial João mostra com exatidão o luxo e a opulência que cidadãos ricos procuravam ter em uma cidade como Roma.

14. Este versículo continua a lista dos artigos de luxo, mas muda a forma literária, pois o versículo se dirige à própria cidade. *O fruto* com que ela se deliciava se foi, e o luxo e esplendor aprazíveis desapareceram para sempre.

15. Estes *mercadores* que comerciavam este luxo e se enriqueceram *conservar-se-ão de longe*, como os reis da terra (v. 10) para não serem envolvidos no terrível conflito.

16-18. Eles lamentarão a grande cidade que estivera tão faustosamente ornamentada com *linho finíssimo, púrpura e escarlata*, adornada de *ouro, pedras preciosas e pérolas*. *Em uma só hora* toda a grandeza e esplendor desapareceram.

Aos mercadores se juntam os *pilotos, os que navegam livremente, os marinheiros* e todos que usufruíram da riqueza da cidade pelo comércio marítimo; eles também ficam de longe vendo a cidade em chamas e lamentando a sua destruição.

19. Sua tristeza é muito grande. Eles *lançaram pó sobre as suas cabeças* em sinal de luto (Ez 27:30), choravam, pranteavam e gritavam. Mas sua tristeza era egoísta; não provinha de um sentimento de afeição. Os que tinham navios no mar choravam porque *enriqueceram ... às custas da sua opulência*. *Em uma só hora* a cidade *foi devastada*, e junto com a cidade desapareceu toda a sua riqueza.

(5) Irrupção de louvor (18:20).

20. Contrastando com o lamento dos reis e mercadores da terra, o julgamento da cidade provoca grande alegria no céu. Este versículo são palavras do profeta que querem o povo de Deus a rejubilar no triunfo da justiça de Deus. Primeiro ele se dirige ao céu, ou seja, aos anjos, e depois ao povo de Deus na terra — *santos, apóstolos e profetas* — para que juntos se alegrem.

O motivo da alegria é que a destruição de Babilônia significa que *Deus contra ela julgou a vossa causa*. Isto não é um cântico alegre de vingança pessoal, mas o anúncio da justiça de Deus. Temos de nos lembrar sempre que o pano de fundo para este cântico de vingança é a questão se a direção de Deus ou o poder enganador de Satanás devem triunfar nos acontecimento humanos. O tempo da grande tribulação será um período em que (7:15; Mt 24:21) Satanás receberá licença para fazer o pior que puder. Ele será encarnado pela besta, que por sua vez poderá executar sua vontade como ninguém em toda a história humana, tendo como objetivo principal do seu veneno os seguidores fiéis de Jesus. Sua capital, Babilônia, se embebedará com o sangue dos mártires (17:6). Terrível como é, este período será de curta duração, e a destruição de Babilônia significará que Deus, o eterno juiz, finalmente deu ganho de causa ao seu povo, contra Babilônia. Este julgamento é necessário para satisfazer a justiça de Deus, extirpar o mal da terra e salvar seu povo. Por isto um cântico de vitória como este, longe de representar vingança pessoal, é um grito de alegria que no fim Deus se mostrará como Deus diante de todos os inimigos satânicos.

(6) A destruição de Babilônia (18:21-24).

A queda da cidade já foi anunciada no início do capítulo. Agora mais uma vez a derrota de Babilônia é proclamada em um ato simbólico.

21. *Então um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho, e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada.* Não há problema no fato de que a queda de Babilônia já foi anunciada duas vezes como fato consumado (14:8; 18:2), profetizada como iminente (17:16), e agora anunciada mais uma vez. A linguagem apocalíptica não é prosa, mas uma série de quadros não tão preocupados com cronologia e seqüência, e mais com realidades importantes.

A pedra jogada no mar simboliza a derrota de Babilônia. Os profetas estão envolvidos mais de uma vez em atos simbólicos proféticos. Jeremias escreveu um livro que descreve a destruição da Babilônia histórica, ordenando depois que lhe fosse amarrada uma pedra e fosse lançado no Eufrates: "Assim será afundada Babilônia, e não se levantará, por causa do mal que eu hei de trazer sobre ela" (Jr 51:64).

22-23a. A destruição completa de Babilônia é ilustrada em traços vívidos, quando as atividades características da cidade cessam. Babilônia promovia as artes, mas agora toda a música cessa: *Voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá.* Os negócios cessarão; não haverá mais mão-de-obra especializada na cidade.

18:23b-19:1

As coisas da vida diária, como moer farinha para fazer pão, também vão parar. As noites e os dias serão sem vida; *jámais em ti brilhará luz de candeia*. As casas à noite serão escuras como breu. As atividades e festividades normais, tais como casamentos, não mais alegrarão as ruas e as casas. Babilônia será uma cidade morta.

23b-24. Novamente João dá a razão da desolação de Babilônia. *Pois os teus mercadores foram os grandes da terra*. A expressão implica em uma atitude de arrogância por parte dos comerciantes da cidade. Seu pecado nem sempre consistia na riqueza, mas no seu orgulho extremo e sua auto-exaltação provocada pela riqueza. Além disto Babilônia tinha enganado todas as nações com sua *feitiçaria*. Não estava satisfeita com seu caminho; insistira em que todas as nações da terra “bebessem do vinho do furor da sua prostituição” (18:3). Ela tinha levado outras nações a sentir que riqueza e luxo podem proporcionar segurança. Por último, ela tinha sido um aliado da besta para derramar o *sangue de profetas e de santos* (cf. 17:6). Seu pecado não era só o seu luxo com antecedentes obscuros, mas um materialismo grosseiro, que a levou a se exaltar acima de Deus e a perseguir o povo de Deus. Babilônia era mais que somente cena de martírios; ela era o exemplo para outras cidades, de modo que podemos dizer que ela foi cenário do martírio *de todos os que foram mortos sobre a terra*. É óbvio que João não está pensando em assassinato em geral, mas ainda se preocupa com o sangue dos santos e profetas. A influência de Babilônia se estendera por todo o mundo, e inspirara outras cidades a seguir o seu exemplo e perseguir os santos. Não temos nenhum equivalente histórico para algo assim no primeiro século; João está pensando na Babilônia escatológica.

(7) Ação de graças pelo julgamento de Babilônia (19:1-5).

O primeiro parágrafo do capítulo dezenove continua celebrando a queda de Babilônia, e consiste em um hino de ação de graças no céu, por Deus ter julgado a grande meretriz. Depois deste louvor João especifica os acontecimentos do fim: as bodas do Cordeiro, a vinda de Cristo, seu reino messiânico, a destruição de Satanás e da morte, e a instituição da nova criação.

1. *Depois destas coisas, ouvi do céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória e o poder são do nosso Deus*. João não diz quem são os cantores, mas deve ser um exército de anjos que está ao redor do trono de Deus (cf. 5:11). “Aleluia” é a palavra da liturgia hebraica que significa “Louvem a Javé”, e é muito frequente nos Salmos (cf. Sl 111:1; 112:1; 113:1; 146:1, etc.). A palavra

aparece quatro vezes nesta passagem (vv. 1, 3, 4 e 6), mas em nenhuma outra do Novo Testamento. O julgamento de Babilônia é um aspecto de salvação que Deus planejou. *Salvação*, neste contexto, significa mais que libertação dos santos do ódio da besta e de Babilônia; significa segurança, o triunfo integral da causa do Reino de Deus, com suas bênçãos. Para que o Reino de Deus possa triunfar, tudo que está no caminho, tentando impedir o governo divino, tem de ser removido.

2. Porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Enquanto Babilônia existir, o Reino de Deus não pode ser estabelecido, porque sua influência corrompe toda a terra (14:8; 17:2; 18:3); sua destruição abre o caminho para que o Reino de Deus possa vir. Sua queda também é resposta às orações dos mártires, que clamam dia e noite a Deus por justiça por seu sangue (veja 6:10).

3. Segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos. A besta e seus dez reis vassalos destruíram Babilônia pelo fogo (17:16; 18:8, 9, 18). Isto é uma figura poética emprestada dos profetas (Is 34:10) para indicar destruição total da cidade.

4. Ao estribilho do hino dos anjos se juntam os vinte e quatro anciãos (4:4) e os quatro seres vivos (4:6ss.), respondendo: Amém, Aleluia!

5. A voz do trono poderia ser a voz de Deus, mas já que ela diz aos homens: *Dai louvores ao nosso Deus*, deve ser a voz de um dos quatro seres vivos que estão mais perto do trono. Esta voz conclama *todos os servos* de Deus na terra para se juntarem ao coro no céu no louvor a Deus. “Dai louvores ao nosso Deus” equivale a “Aleluia!”

3. Triunfo e Consumação Final (19:6-21:8).

(1) As bodas do Cordeiro (19:6-10).

Depois de relatar a celebração do julgamento de Babilônia, João passa a proclamar o triunfo final do Reino de Deus e a consumação do plano divino de redenção. A consumação já foi anunciada em 11:15, quando as vozes celestiais anunciaram: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”. Na verdade isto só acontece quando Cristo volta — acontecimento descrito em 19:11ss. Da mesma maneira o acontecimento anunciado em vv. 6-11 — as bodas do Cordeiro — é uma narração antecipada de um evento que só ocorre quando Cristo voltar e se unir à sua igreja na terra. João tem o costume de anunciar acontecimentos relacionados com a redenção que ele de fato nem descreve. Foi assim com o julgamento de Babilônia — ele dedicou todo um capítulo a este tema

mas não o descreve em nenhum lugar, e não ser em 17:16. Na presente passagem João fala da festa de casamento do Cordeiro, mas ele não descreve o acontecimento, só o anuncia.

6. *Então ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas, e como de fortes trovões.* A voz é a mesma que João ouviu expressar louvor pela queda de Babilônia (19:1) — o som de um exército de anjos. A voz do Cristo glorificado fora como de muitas águas (1:15); O primeiro “Vem” que João ouviu era como voz de trovão (6:2; veja também 14:2).

O exército de anjos proclamou que Deus se tornou Rei. Nenhuma das nossas traduções consegue captar a idéia, traduzindo o verbo no tempo presente: *Reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso.* No grego o verbo está no passado e é o que os gramáticos chama de aoristo incoativo, que põe ênfase no início de uma ação. Uma tradução clara seria: “O Senhor nosso Deus passou a reinar!” A esta altura do Apocalipse o reino de Deus não foi ainda completamente estabelecido; Cristo tem de voltar primeiro, o diabo ser acorrentado, o reino messiânico de Cristo iniciado — acontecimentos estes ainda por vir. João está narrando antecipadamente um acontecimento, como a queda de Babilônia em 14:8 e o estabelecimento do reinado de Deus em 11:15ss. O julgamento de Babilônia foi anunciado como o primeiro grande ato do estabelecimento do Reino de Deus. Antes que o governo divino obtenha a supremacia, os adversários humanos e demoníacos têm de ser afastados; a vitória sobre estes é o início do governo triunfal de Deus.

7. *Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou.* A voz anuncia o casamento do Cordeiro; não o descreve. Ela proclama que o casamento do Cordeiro é iminente. A palavra “esposa” é a tradução certa (*gune*), e não “noiva” (*numphe*). Alguns intérpretes devotos tentaram fazer uma distinção teológica entre a esposa e a noiva do Cordeiro. Mas uma noiva pode ser chamada de esposa no sentido que ela está comprometida, mesmo se o casamento ainda não aconteceu (veja Gn 29:21; Dt 22:24). Neste sentido o anjo falou a José que não tivesse receios de casar com Maria, “sua esposa” (Mt 1:20). Que a figura da esposa se aplica à igreja vemos em Ef 5:25ss., 32 onde Paulo exorta os homens a amarem sua esposa como Cristo amou a igreja. Israel foi chamado diversas vezes de esposa de Javé, ou Javé de marido de Israel (Is 54:5-6; Jr 31:32; Ez 16:8ss.), e toda a profecia de Oséias está estruturada ao redor do tema de que Israel é a esposa de Deus, que se tornou adúltera. Mas a profecia promete a Israel um novo dia, quando Deus diz: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor” (Os 2:19-20).

Jesus usou a figura do casamento para representar seu relacionamento com seus discípulos, no aspecto presente e futuro. Ele afirmou que era o noivo que veio para seu povo. “Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?” (Mc 2:19). Se os discípulos são no caso citado convidados e não a noiva, isto se deve ao caráter flexível da linguagem parabólica. Se formos a literalidade destas palavras, então não há noiva, somente noivo e convidados. João Batista também disse que Jesus era o noivo, e ele mesmo somente um amigo (Jo 3:29).

Jesus usou também a figura da festa de casamento para descrever a vinda escatológica do Reino (Mt 22:1-14). Nesta passagem igualmente a noiva não aparece; a atenção está integralmente focalizada nos convidados, porque alguns aceitaram o convite e outros não. Estes que rejeitaram o convite eram como os escribas e fariseus, que rejeitaram a Jesus e sua mensagem. Jesus relacionou mais uma vez a hora desconhecida em que o noivo vem com a da vinda do Reino de Deus (Mt 25:1-13). Nesta parábola a noiva não é identificada; a atenção está toda concentrada nas dez virgens. As cinco prudentes, que puderam entrar na festa de casamento, representam os seguidores de Jesus que estão prontos e acordados para sua vinda, enquanto que as cinco imprudentes representam os que querem entrar mas não estão preparados. A noiva não é citada.

No pensamento de Paulo a expressão do Antigo Testamento que chama Israel de a esposa de Javé se aplica ao grupo de crentes — a igreja. Antes da vinda de Cristo os homens estavam presos à lei como uma esposa está presa ao seu marido; em Cristo, esta prisão foi quebrada, e os homens agora estão livres para se unirem a Cristo como uma esposa está livre para tomar outro marido, quando o primeiro morre (Rm 7:1-4). Por estarem assim unidos a Cristo, em casamento espiritual, os crentes devem se abster de toda imoralidade (1 Co 6:17). Nestas passagens a igreja é encarada como a esposa que está casada com Cristo. Mesmo assim Paulo diz que prometeu os coríntios a Cristo “como virgem pura (noiva) a seu esposo” (2 Co 11:2). Nesta passagem a igreja ainda não é esposa; o casamento é escatológico. Esta flexibilidade deixa claro que toda a idéia de esposa-noiva é uma figura que descreve o relacionamento da igreja com Cristo, nos aspectos presente e futuro.

Não podemos fazer distinção entre Israel como esposa de Javé e a igreja como noiva de Cristo; a igreja também é esposa. Mas este relacionamento somente se consumará na vinda de Cristo. Paulo compara o relacionamento entre Cristo e sua igreja com o relacionamento entre marido e esposa (Ef 5:25ss.), mas o casamento em si está no futuro, quando ele “apresentar a igreja a si mesmo gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5:27).

Este acontecimento do futuro — a união perfeita de Cristo com sua igreja — é o que João está anunciando com a figura das bodas do Cordeiro. Temos de enfatizar mais uma vez que João não está descrevendo a festa de casamento; ele somente proclama que chegou a hora. O evento em si não é relatado em nenhuma passagem; ele é só uma maneira figurada de expressar a redenção final, quando “o tabernáculo de Deus” estará “com os homens”. Deus habitará com eles. Eles serão povo de Deus e Deus mesmo estará com eles” (21:3). Esta é a razão por que João pode aplicar a mesma figura da noiva enfeitada para seu marido à nova Jerusalém que desce do céu para ficar entre os homens (21:2), e por que o anjo pode se referir à nova Jerusalém como “a noiva, a esposa do Cordeiro” (21:9). Da mesma maneira como Jerusalém é usada com frequência na Escritura para representar o povo de Deus (Mt 23:37), assim na visão do novo mundo o povo de Deus e sua capital — a igreja e a nova Jerusalém — são tão intimamente relacionadas que a mesma figura pode ser aplicada às duas — a noiva.

“Sua esposa a si mesma já se ataviou”. Em Ef 5:25 Cristo é quem prepara a noiva para a cerimônia de casamento, dando sua vida por ela; aqui exige-se que os crentes o façam. A redenção é obra de Deus em Cristo, integralmente, mas o homem tem de corresponder. “Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:2-3). “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1).

8. A noiva tem de enfeitar-se a si mesma para o casamento; mas seu adorno glorioso não é algo que possa conseguir por si. Tem de *lhe ser dado*, como um presente de Deus. O *linho finíssimo, resplandecente e puro*, está em forte contraste com a roupa brilhante da meretriz. A roupa de casamento é um vestido branco simples, que foi lavado e “alvejado no sangue do Cordeiro” (7:14).

Não é garantido que *atos de justiça* seja a tradução correta de *dikaionata*. O significado básico da palavra é “estatuto” ou “ordenança”. Em 15:4 a palavra é usada para os decretos de Deus no julgamento e as sentença de condenação das nações. Paulo usa a palavra para a sentença de Deus em geral (Rm 1:32) e o decreto de justificação em particular (Rm 5:16), é possível que João tenha este significado em mente. O linho finíssimo dos santos consiste no decreto divino de justificação dos crentes.¹ O plural, no entanto, é difícil de traduzir desta maneira, e em Rm 5:18 a

1. Veja Leon Morris, *The Revelation of St. John*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1970), *in loc.*

palavra é contrastada com *paraptoma* — um ato de transgressão — e se refere ao ato de justiça perpetrado por Cristo em sua morte. Por isto parece mais fácil manter a tradução “atos de justiça”. A roupa de casamento é um presente de Deus, mas isto não é um assunto arbitrário ou formal, mas dinâmico. Os santos convidados para a festa do Cordeiro são os que perseveraram, guardaram os mandamentos de Deus e ficaram firmes em sua fé em Jesus (14:12).

9. O *anjo* que fala com João não está identificado; é possível que seja o mesmo de 17:1, que lhe mostrou o julgamento de Babilônia. O casamento do Cordeiro foi anunciado por um grande grupo de anjos (v. 6). Agora um só anjo pronuncia uma bem-aventurança sobre os que participarão da festa de casamento.

Superficialmente parece haver um pouco de confusão na mente do Vidente, porque sua atenção se desvia da noiva para os convidados. Será que são duas coisas diferentes? Um comentador recente vê aqui uma distinção entre a igreja (a noiva) e os convidados (os santos do Antigo Testamento e do milênio).² Esta opinião ignora a fluidez da linguagem figurada; o conceito da igreja como noiva e da consumação final como casamento são figuras, metáforas. Assim como nas parábolas do nosso Senhor (veja acima) a atenção às vezes está concentrada nos hóspedes enquanto esquece totalmente a noiva, assim a atenção pode se desviar da noiva para os convidados sem perder seu significado. Cristo é ao mesmo tempo o Cordeiro e o pastor das ovelhas (7:17), bem como um guerreiro conquistador (19:11ss.). Da mesma maneira a igreja é ao mesmo tempo a noiva e os convidados.

A ceia das bodas. A consumação messiânica, além de ser representada como uma ceia de casamento, também é um banquete alegre. Jesus disse que virão muitas pessoas do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa junto com os patriarcas, no Reino do Céu (Mt 8:11). Na última ceia ele falou aos discípulos que não beberia do fruto da videira antes do dia em que o beberia junto com eles no Reino de Deus (Mt 26:29).

Aqueles que são chamados (hoi keklemenoi). Ninguém terá acesso à festa de casamento por méritos próprios; todos têm de receber um convite de Deus (veja Mt 22:3; Lc 14:17; 17:14). A iniciativa da salvação é sempre a chamada de Deus.

O anjo diz a João: *São estas as verdadeiras palavras de Deus.* Em face do mal que a igreja passa na terra, o anjo acrescenta uma declaração solene de que esta promessa de bênção e da festa messiânica é palavra de Deus, infalível.

2. John Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ*. (Chicago, Moody, 1966), p. 273.

10. João foi tomado de pavor com o que ouviu e com a presença do anjo declarando que as palavras de bem-aventurança sobre os convidados à ceia eram de fato palavras de Deus. Na igreja primitiva houve a tendência de adorar anjos (Cl 2:18), mas os apóstolos criticaram esta atitude, e é possível que João tenha confundido a voz do anjo com a de Cristo. O anjo repreendeu gentilmente a João, dizendo que era somente um conservo de João e dos *seus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus*.

Podemos interpretar esta última frase de duas maneiras. Ela aparece pela primeira vez em 1:2, onde o anjo "atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo". Aquilo era um genitivo subjetivo, ou seja, o testemunho que Jesus deu às suas igrejas. Veja também 1:9; 6:9 e 12:17, onde "o testemunho que eles sustentavam" quer dizer o testemunho que Cristo deu a seu povo, que este por sua vez aceitou e passou adiante. Esta tradução é muito possível: o testemunho da verdade e do plano de redenção divino. O tema de todo o livro do Apocalipse é a libertação final e o Reino de Deus escatológico para aqueles que ficam firmes na revelação que Cristo lhes fez. Mas a frase como está repetida no versículo seguinte pode mais facilmente ser entendida como um genitivo objetivo: o testemunho que a igreja dá de Jesus. É provável que este seja o significado desta mesma frase em 20:4. Veja também 22:16.

Adora a Deus, o anjo diz a João. Somente Deus, anjos nunca, pode ser adorado pelos homens.

Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia. Isto também pode ser um genitivo ou subjetivo ou objetivo. Pode significar que o testemunho do plano de redenção divino, que Jesus dá aos homens, somente pode alcançar seu objetivo através do espírito da profecia. As cartas às sete igrejas são a voz do Espírito Santo (2:7); este refrão é repetido no fim de cada carta. Por outro lado pode significar que todo verdadeiro testemunho da pessoa e da obra redentora de Jesus tem de ter sua fonte no espírito da profecia. Em qualquer caso, as duas idéias estão corretas; no presente contexto o genitivo objetivo é a solução mais fácil.

Separando esta última frase da anterior com um ponto, como no caso da presente versão, ela pode não fazer parte das palavras do anjo a João, mas ser a explicação de João às palavras do anjo, por que este não é considerado digno de adoração. O anjo não é o objeto da palavra, profética; pelo contrário, os anjos, juntamente com os irmãos de João que são inspirados pelo espírito da profecia, dão testemunho de Jesus, e neste sentido o anjo não é mais que um conservo com os santos, em seu relacionamento com Cristo.

(2) A vinda de Cristo (19:11-16).

O parágrafo anterior anunciou as bodas do Cordeiro como iminentes, o que presume a volta de Cristo para a união perfeita com seu povo.

Esta união — o casamento e a festa — não é descrita em nenhuma passagem. A visão que João tem de Cristo retornando enfatiza somente um aspecto desta vinda: sua vitória sobre os poderes malignos. Os profetas do Antigo Testamento costumavam falar deste assunto; mas para eles geralmente é o próprio Javé que conduz uma guerra vitoriosa para estabelecer seu reino sobre seus inimigos (Is 13:4; 31:4; Ez 38-39; Jl 3; Zc 14:3). O quadro profético mais vívido é o do conquistador sem nome que avança em roupas de cores vivas para fazer justiça, que pisou as uvas da ira de Deus e salpicou suas vestes com o sangue dos seus inimigos, que pisou os povos hostis em sua ira e estabeleceu o dia da vingança (Is 63:1-6). João vê Cristo vindo como guerreiro valente com roupas manchadas de sangue, destruindo todos os poderes hostis e opostos a ele com sua espada poderosa.

Alguns comentadores afirmam que este retrato de Cristo contradiz o conceito do Cristo bondoso e amoroso que encontramos no restante do Novo Testamento. Isto simplesmente não é verdade; em qualquer lugar do Novo Testamento o elemento de vitória através do julgamento é um aspecto inconfundível da obra total de Cristo (Veja Mt 13:41-42; 25:41; Rm 2:5; 2 Ts 1:7; 2:8).

O Apocalipse usa símbolos para descrever eventos da redenção, e este parágrafo também está repleto de simbolismo, mas é violação da natureza da linguagem apocalíptica espiritualizar esta passagem a ponto de usá-la para escrever os atos de justiça de Deus nos acontecimentos históricos corriqueiros. Simbolismo apocalíptico em uma passagem com esta, e como 6:12-17, representa o que o escritor sentiu que seriam acontecimentos reais e objetivos na história — atos de Deus que vão além de todas as experiências históricas normais. A segunda vinda de Cristo é um tema absolutamente essencial na teologia do Novo Testamento. Por meio da cruz e da ressurreição Jesus obteve uma vitória incontestável sobre os poderes do mal; em sua segunda vinda ele tornará concreta esta vitória. Sem seu retorno para purificar a criação de todo mal a redenção é incompleta. Hanns Lilje escreveu: "Os que crêem na realidade da ressurreição de Cristo também têm de esperar sua volta".³

11. Vi o céu aberto. No início da sua profecia João viu uma porta aberta no céu, quando ele foi chamado para vir ao reino celestial e ver segredos divinos. No decorrer das suas visões ele viu um templo no céu, aberto, revelando a arca da aliança para os homens (11:19). O que estas visões indicam agora se tornou realidade, com o céu aberto para abrir caminho para o Messias que vem em triunfo.

3. Hanns Lilje, *The Last Book of the Bible* (Filadélfia, Muhlenberg Press, 1955), p. 244.

Eis um cavalo branco. O cavalo que apareceu quando o primeiro selo foi quebrado (6:2) era branco, e alguns intérpretes identificam um com o outro. Mas isto é pouco provável. Não pode haver erro na identificação do cavaleiro deste cavalo: ele é o “o Verbo de Deus” (v. 13). Branco é símbolo de vitória, e em todo o Apocalipse o branco está relacionado às coisas de Deus e à vitória divina. O cavalo branco representa aqui Cristo em sua vitória final sobre os poderes malignos que oprimiram o povo de Deus no decorrer dos séculos.

O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Estes adjetivos foram atribuídos a Cristo em 3:14. As duas palavras são praticamente sinônimas, porque a idéia hebraica de verdade não correspondia basicamente a realidade como no pensamento grego, mas a confiabilidade. O “Deus da verdade” (Jr 10:10) não é o Deus que revela verdades eternas, mas o Deus em quem se pode confiar, quanto a manter a sua aliança. Quando João escreveu em seu evangelho que “a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”, ele queria dizer (Jo 1:17) que na vida, na morte e na ressurreição de Cristo a fidelidade de Deus se revelou no cumprimento de sua aliança. A volta de Cristo será o reaparecimento daquele que já apareceu entre os homens para cumprir final e totalmente as promessas da aliança de Deus.

Ele julga e peleja com justiça. O tempo presente dos verbos mostra o caráter de permanência do Messias em tudo o que ele faz. A grande profecia sobre o rei davídico o descrevia como alguém que julga os pobres com justiça e decide com equidade pelos humildes da terra (Is 11:4). A volta de Cristo, vencendo os inimigos, não será um ato de vingança pessoal nem de manifestação arbitrária do poder de Deus; será um ato de justiça, refletindo a fidelidade de Deus, porque o extermínio do mal é o lado negativo da salvação divina.

12. *Os seus olhos são chama de fogo* (veja 1:14). Isto representa o olhar de Cristo que perscruta tudo. A vida humana está cheia de mistérios e enigmas sem solução; mas os olhos de Cristo passam por tudo; nada lhe é oculto.

Na sua cabeça há muitos diademas. Ele usa uma coroa porque é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (17:14). A vinda de Cristo será uma manifestação pública e uma concretização universal da soberania que já é sua, por sua morte e ressurreição. Em sua ressurreição e ascensão ele começou a reinar como rei davídico (Messias) e Senhor (At 2:36). Mesmo agora ele é o Senhor exaltado (Fp 2:9), e ele tem de reinar como rei até que tenha todos os inimigos sob seus pés (1 Co 15:25). Seu reino messiânico será incompleto enquanto não tiver destruído “todo principado, bem como toda potestade e poder” (2 Co 15:24). Enquanto ele é no momento Senhor e Rei, grande autoridade e poder ainda permanece em mãos malignas. O triunfo de Cristo sobre todos os poderes hostis é o sig-

nificado da sua segunda vinda, que já foi anunciada: “Aleluia! pois passou a reinar o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso” (veja notas a 19:6).

Tem um nome escrito que ninguém conhece senão ele mesmo. Cristo já foi chamado de Fiel e Verdadeiro (v. 11), e Verbo de Deus (v. 13). Que ele ainda tem um nome secreto significa que nenhuma mente humana pode compreender a profundidade do seu ser.

13. O quadro do Cristo vencedor emprestou alguns aspectos da visão de Is 63, do conquistador que pisa o lagar da ira de Deus, e que tem suas roupas manchadas com o sangue dos seus inimigos. Temos de concordar com a maioria dos comentadores modernos que o *manto tinto de sangue* se refere a roupas sujas de conflitos e batalhas, não do seu próprio sangue na cruz. O Cristo aqui representado é o guerreiro e dominador do mal, não o redentor. Pode-se objetar que não é sangue de batalha, porque esta ainda não foi travada; Cristo vem para guerrear. Esta objeção não leva em consideração a natureza simbólica e fluida da linguagem apocalíptica. Cristo pode ser apresentado como guerreiro mesmo antes de a batalha iniciar.

O adjetivo *Verbo de Deus* dado a Cristo é um aspecto distinto que liga o Apocalipse a outros escritos joaninos (Jo 1:1, 1 Jo 1:1). Na opinião dos cristãos modernos “o Verbo de Deus” é em primeiro lugar a Bíblia. No Novo Testamento “a Palavra de Deus” é principalmente a boa nova do evangelho, proclamada ou por Jesus (Lc 5:1; 8:11; 11:28) ou pelos apóstolos (1 Co 14:36; 2 Co 2:17; 4:2; 1 Ts 2:13). Cristo em pessoa é a Palavra de Deus *par excellence* — a personificação de todo o plano de redenção de Deus.

14. *Seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro.* É possível que estes exércitos representem os santos, mas é mais provável que estes são os exércitos celestiais de anjos. A presença de anjos no dia apocalíptico é uma idéia comum na Bíblia. “Virá o Senhor meu Deus, e todos os santos com ele” (Zc 14:5). Anjos acompanharão o Filho do Homem quando ele vier (Mc 8:38; Lc 9:26; 1 Ts 3:13, 2 Ts 1:7). As roupas brancas e puras dos exércitos celestiais indicam que eles participam da vitória do Messias. Nada, porém, é mencionado sobre a sua parte no conflito; este pertence somente ao Messias. Eles não usam armadura nem têm armas. Como o Cordeiro, Cristo é seguido pelos Santos (17:14); como Guerreiro celestial, os anjos o seguem.

15. *Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro.* A única arma usada na batalha é a palavra de Cristo. Esta maneira de se expressar remonta a Is 11:4: “ele ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o perverso.” Temos aqui uma representação simbólica da vitória.

ria pelo poder de uma palavra impossível de ser imaginada. A idéia nos leva de volta à criação. Deus criou o mundo por meio da sua palavra. Ele falou, e tudo foi feito. O intermediário foi a palavra viva, Cristo (Jo 1:3; Hb 1:2). O julgamento do velho sistema também será executado por intermédio da palavra de Cristo. Como João viu esta vitória é impossível dizer. Mas é certo que ele esperava que acontecessem coisas objetivas, que transformassem a estrutura da sociedade humana e a purificassem do mal. É óbvio que não podemos pensar em uma batalha literal, com armas militares. A figura da espada como palavra de Deus não é desconhecida (Hb 4:12). A espiritualização radical deste conceito, vindo nele um conflito ideológico na história humana com o triunfo do cristianismo, não faz jus ao pensamento apocalíptico.

Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. Isto é mais uma alusão a Is 63:3, que já vimos na visão da colheita das uvas (14:19).

16. *Tem no seu manto, e na sua coxa, um nome escrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.* Este é o quarto nome que é dado a Cristo, quando da sua volta. Ele mesmo se conhece por seu nome oculto; as igrejas o conhecem por Fiel e Verdadeiro, o Verbo de Deus; o mundo o conhece como Rei dos reis e Senhor dos senhores. É possível que o primeiro e seja epixegético, definindo melhor a frase antecedente: no seu manto, isto é, onde ele cobre sua coxa. Não é mencionada nenhuma razão por que o nome estaria escrito na coxa. O nome indica a soberania total de Cristo. Para o crente isto é óbvio (1 Co 8:5-6); quando Cristo voltar isto será uma realidade reconhecida por todos.

(3) A batalha entre Cristo e o Anticristo (19:17-21).

Um dos temas de mais destaques no Apocalipse é o conflito entre Deus e Satanás, que se manifesta na história no conflito entre Cristo e Anticristo. Nos parágrafos finais que descrevem o triunfo de Cristo, João relata primeiro o triunfo sobre o Anticristo e seus aliados, em termos de uma grande batalha, e depois o triunfo de Cristo sobre o próprio Satanás, que se realiza em dois estágios: Satanás é preso no abismo, e destruído no lago de fogo. A batalha contra o Anticristo não é descrita; João somente afirma a vitória. Esta inclui necessariamente uma vitória sobre os reis e as nações da terra que se aliaram ao Anticristo e colaboraram com ele. Esta é a batalha do Armagedom, que já foi anunciada quando a sexta trombeta soou (16:12-16), quando demônios reuniram os reis da terra em aliança com o Anticristo “no grande dia do Senhor Todo-poderoso”. Os termos com que João descreve a grande batalha são tirados de Ez 39:17-20, que descreve a vitória final de Deus sobre as nações pagãs, em particular sobre Gogue, Meseque e Tubal, em termos de um sacrifício que Deus está preparando para as aves do céu e as feras do campo, que co-

merão carne e beberão sangue: “à minha mesa vós vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Deus” (Ez 39:20). Obviamente isto é uma maneira pitoresca de descrever uma destruição total e decisiva dos inimigos de Deus, que não pode ser interpretada de modo literal.

17. João vê *um anjo posto em pé no sol*, onde todas as aves do céu o podem ver. O anjo gritou com *grande voz*, chamando *todas as aves que voam pelo meio do céu*, para que se reúnam *para a grande ceia de Deus*. Esta ceia contrasta com a ceia das bodas do Cordeiro, onde os santos estão convidados. Esta é a ceia de Deus porque, como em Ez 39, ela é dada por Deus, providenciada por Ele.

18. A figura da grande batalha e da grande festa vai mais além. Como em Ez 39, serve-se *carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, assim pequenos como grandes*. É óbvio que neste contexto “todos” aponta para aqueles que aceitaram a marca da besta e decidiram aliar-se ao Anticristo em vez de humilhar seu coração diante dos juízos de Deus que eles sofreram, reconhecendo a soberania de Cristo. Os detalhes da descrição indicam a totalidade da destruição do mal e dos homens maus.

19. João agora vê as forças do inimigo alinhadas, parece que no Armagedom, *para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército*. À testa desta forças está a besta — o próprio Anticristo. Em seu apoio vêm *os reis da terra* (16:14; 17:2, 18; 18:3).

20. Nós esperaríamos alguma descrição da batalha com os reis da terra, mas ao invés disto João volta para seu tema principal, a derrota do Anticristo. A derrota dos reis é coisa totalmente secundária. João afirma meramente que *a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta, e eles foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre*. O lago de fogo é a Gehenna, apesar desta palavra não ser usada no Apocalipse. O Novo Testamento faz uma distinção clara entre Hades e Gehenna, mesmo se nossas traduções não evidenciam isto. Hades é o estado intermediário entre a morte e a ressurreição, é o além ou o mundo dos mortos (Mt 16:18; Lc 16:23; At 2:27), e às vezes é sinônimo de túmulo (1:18; 6:8; 20:13). Equivale ao Seol do Antigo Testamento. Para o pano de fundo veterotestamentário para a idéia de Gehenna veja as observações a 14:9-10. Ge Hinnom ou Vale de Hinom era um lugar de sacrifícios humanos, e se tornou sinônimo de inferno, lugar de punição eterna, na literatura apocalíptica (*Enoque* 27:1ss.; 54:1ss.; 56:3ss.; 90:26; 4 *Esdras* 7:36, *Apocalipse de Baruque* 59:10; 85:13). Já que nos

evangelhos o inferno é retratado não só como lugar de fogo mas também como lugar de escuridão (Mt 8:12; 22:13; 25:30), a impressão é que a descrição usa linguagem figurada, tirada do judaísmo contemporâneo, para descrever o julgamento final e irreversível. Também é significativo que na passagem importante de Paulo sobre o homem da iniquidade ele — o Anticristo — não será lançado no lago de fogo, mas morto pelo sopro da boca do Messias (2 Ts 2:8). Sem dúvida isto é linguagem figurada para descrever a destruição completa. O lago de fogo aparece novamente em 20:10, 14, 15; 21:8.

21. João fala agora de modo muito resumido da destruição dos exércitos do Anticristo, formado dos reis da terra e dos que foram seduzidos pelo falso profeta para receber a marca da besta e adorar sua imagem (v. 20). Tudo o que ele diz é que *eles foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo*. Não sabemos como João imagina esta matança. É certo que ele com isto quer dizer que os exércitos do mal foram totalmente destruídos. Ele conclui resumindo o tema da grande ceia: *E todas as aves se fartaram das suas carnes*. Alguns comentaristas encontram no Novo Testamento elementos de universalismo; mas isto só é possível tirando certos versículos do seu contexto bíblico. O Novo Testamento prevê que grandes massas de pessoas permanecerão sem se arrepender e com o coração endurecido, para os quais não há nada a esperar senão o julgamento e a ira do Cordeiro.

O Triunfo do Messias

Depois de relatar a destruição do Anticristo, João passa à derrota e destruição do mestre da besta — o próprio Satanás. Isto se dá em duas etapas. Primeiro, Satanás é amarrado e preso no abismo; vem a primeira ressurreição, e os santos ressurretos se encontram com Cristo no seu reino messiânico de mil anos. No fim deste período Satanás é solto da sua prisão, e verifica que o coração dos homens ainda está aberto à sua sedução, mesmo com Cristo reinando sobre eles. Satanás então os engana de novo, e os reúne para uma segunda batalha contra Cristo. Depois da sua derrota Satanás é jogado na Gehenna, onde já estão a besta e o falso profeta; (presumivelmente) segue a segunda ressurreição, porque encontramos os mortos diante do trono de Deus para o julgamento final. Os perversos se reúnem ao Anticristo e a Satanás na Gehenna, e os justos entram na bem-aventurança final, no novo céu e na nova terra.

A interpretação deste capítulo já deu motivo a muito debate, e até conflitos, na igreja. Sistemas escatológicos são identificados pelo modo como eles abordam a questão do milênio — o reino milenar de Cristo. Um ponto de vista pós-milenista foi muito popular entre intérpretes da

escola histórica, que via no Apocalipse uma profecia do curso da história, até o fim. *Pós-milenismo* significa que Cristo voltará somente depois de a igreja estabelecer o Reino de Deus na história. Deste ponto de vista o capítulo 19 não descreve a vinda de Cristo, mas é uma maneira muito simbólica de descrever o triunfo dos princípios cristãos no relacionamento humano, e o triunfo de Cristo por meio da igreja. Depois desta “era de ouro” Cristo voltará para ressuscitar os mortos, julgar o mundo e iniciar o novo sistema, eterno.

Amilenismo é o termo usado para descrever o ponto de vista dos que não esperam o reino milenar de Cristo, nem antes nem depois da sua segunda vinda. Esta maneira de interpretar Ap 20 implica no princípio da recapitulação, isto é, que a estrutura do Apocalipse não narra acontecimentos consecutivos, mas aborda o mesmo assunto de diferentes perspectivas.

Intérpretes deste ponto de vista identificam com frequência a prisão de Satanás no abismo com a vitória que nosso Senhor conquistou sobre ele durante seu ministério terreno. Fica claro que os evangelhos dizem que Jesus amarrou a Satanás (Mt 12:29), derrubando-o da sua posição de poder (Lc 10:18); esta vitória sobre Satanás está refletida no Apocalipse (veja comentário a 12:9); a pergunta fica sem resposta se a prisão de Satanás em Ap 20 é um acontecimento escatológico, ou se coincide com Mt 12.

Os amilenistas interpretam a “primeira ressurreição” de duas maneiras. Alguns vêem nela a ressurreição para a vida eterna, que é uma realidade espiritual para todo o crente, quando ele se converte (Jo 5:25; Ef 2:5-6). O reinado de Cristo com seus santos é ou o senhorio de Cristo na história manifesto através de sua igreja, ou o reinado espiritual dos crentes com Cristo nos “lugares celestiais” (Ef 2:6). O período de mil anos não é literal, na história; é um número simbólico que coincide com a história da igreja na terra, entre a ressurreição e a volta de Cristo.

Outros interpretam a ressurreição e o reinado dos santos com Cristo como o destino dos mártires. Apesar de assassinados, eles na realidade não estão mortos. Eles vivem e reinam com Cristo no céu. O “milênio” é a época da igreja, durante a qual os santos martirizados reinam com Cristo no céu, aguardando a ressurreição.

Pré-milenismo é o ponto de vista de que Ap. 20 é totalmente escatológico. Quando Cristo voltar Satanás será amarrado, os santos ressurgirão e juntos com Cristo reinarão aqui na terra, num reino temporal. Este reino milenar terminará com uma rebelião, vindo depois o julgamento final.

Uma variante do pré-milenismo é o dispensacionalismo, que encara o reino milenar principalmente do ponto de vista das promessas teocráticas de Deus a Israel. Todo o livro do Apocalipse é interpretado em termos destas pressuposições dispensacionalistas, preocupando-se com o

destino de Israel restaurado nos últimos dias, e não com a igreja. Em muitos grupos a única forma de pré-milenismo conhecida é o dispensacionalismo. A forma de pré-milenismo que encara o Apocalipse como uma profecia do destino da igreja não conta com muitos adeptos hoje em dia, mas é a teologia exposta por este comentário.

A questão chave para entendermos o milênio é se o capítulo 20 envolve recapitulação, olhando do fim para trás, para toda a história da igreja. No capítulo 12 não há dúvida de que a passagem indica para o passado, para o nascimento do Messias. Nesta passagem, no entanto, não há uma indicação desta natureza. Pelo contrário, os capítulos 18-20 parecem representar uma série de visões relacionadas entre si. O capítulo 18 fala da destruição de Babilônia; o capítulo 19 narra a destruição da besta e do falso profeta; e o 20 passa a descrever a destruição do próprio Satanás — que se processa em duas etapas. O Anticristo, o falso profeta e Satanás formam um triunvirato maligno, e no capítulo 13 eles estão intimamente relacionados (veja também 16:13, onde os três são mencionados juntos ao mesmo versículo).¹

(4) A prisão de Satanás, a ressurreição e o reino milenar (20:1-6).

1. *Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente.* O abismo é o mesmo de onde saíram os gafanhotos demoníacos que torturaram os homens (9:1-6). Naquela visão um anjo tinha a chave do abismo, que ele usou para abri-lo e soltar os gafanhotos. O abismo é também o lugar onde mora a besta; ela “surge do abismo” (11:7; veja também observação em 9:1ss.). Na presente passagem Satanás é amarrado e preso no abismo. Certamente isto é linguagem simbólica, descrevendo uma redução radical no poder e na atividade de Satanás.

2. *Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás.* Satanás é denominado aqui da mesma maneira como em 12:9, o que sugere uma derrota sua anterior. É muito difícil entender os *mil anos* da sua prisão como sendo estritamente literais, por causa do óbvio uso simbólico dos números no Apocalipse. Mil equivale a dez elevado à terceira potência — um número ideal. Não precisamos tomá-lo o número literalmente, mas todas as aparências indicam que ele representa um período de tempo real, não importa se curto ou longo.

1. Para uma discussão mais detalhada destes assuntos veja G.E. Ladd, *Crucial Questions About the Kingdom of God*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1952), pp. 135-183; e para um esboço mais detalhado das diferentes escolas escatológicas veja John F. Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ*. (Chicago, Moody Press, 1966), pp. 282-290. O comentário de Walvoord é do tipo dispensacionista.

3. Satanás foi amarrado e encarcerado *para que não mais enganasse as nações*, durante o período milenar. Percebemos o que significa este engano quando Satanás é solto novamente (20:8); ele reúne as nações mais uma vez para uma revolta contra o Messias, semelhante àquela que já houve sob o Anticristo (13:14; 16:14). Isto dá a impressão que Satanás foi amarrado desta vez de maneira diferente daquela quando o nosso Senhor esteve aqui na terra. Esta se referia principalmente ao exorcismo de demônios, libertando indivíduos da opressão satânica (Mt 12:28-29). Temos de lembrar que prender Satanás é uma maneira simbólica de dizer que seu poder e sua atividade foram reduzidos drasticamente; não significa imobilidade total. O fato de que ele está preso no abismo não quer dizer que seus poderes estão anulados, mas somente que ele não pode mais enganar as nações como o fez durante a história da humanidade e levá-las a uma agressão ativa aos santos durante os mil anos.

A menção das nações cria um problema. Dos capítulos anteriores do Apocalipse poderíamos concluir que toda a humanidade esteve envolvida na luta entre Cristo e o Anticristo. Nos dias do Anticristo, Satanás, o grande enganador (12:9), seduziu "os reis da terra" com o esplendor e o charme de Babilônia, para serem leais ao representante do diabo (16:12, 14; 17:2; 18:3, 9). Poderíamos supor que este engano satânico englobou todas as nações da terra, incluindo reis e cidadãos. Agora, porém, fica claro que "os reis da terra" são um grupo selecionado de apoio ao Anticristo. Parece que há nações que se mantêm à parte da luta, que agora são libertadas do engano satânico.

Satanás não é preso para ser punido, mas por precaução; *depois disto é necessário que ele seja solto por pouco tempo*. Depois que o plano de Deus se cumpre no reino milenar de Cristo, Satanás tem de ser solto para enganar as nações. É difícil entender o sentido destas palavras, se as aplicarmos a nosso Senhor, prendendo Satanás enquanto está na terra. A vitória que Cristo obteve sobre Satanás foi uma só e definitiva. Satanás nunca será libertado da sujeição a Cristo, que este conquistou por sua morte e ressurreição.

4. *Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada a autoridade para julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão.* É difícil interpretar este versículo. A pergunta que se apresenta é a seguinte: quantos grupos de pessoas João está vendo? Muitos intérpretes reconhecem somente um grupo e limitam esta "primeira ressurreição" aos mártires, dizendo que Deus tinha reservado uma bênção especial para os que morreram por causa do seu testemunho fiel de Jesus. Se, todavia, atentarmos com cuidado para o texto: "Vi também tronos ... vi ainda as almas", reconheceremos dois grupos diferentes: um que vai julgar, e outro menor, que são os mártires

da grande tribulação. No grego a frase está bastante irregular, gramaticalmente, o que leva Charles a concluir que a primeira frase é uma glosa.² Mas pode bem ser que João está vendo de fato dois grupos: um grupo maior, de todos os santos, e um menor — os mártires — aos quais ele dedica atenção especial.

Isto estaria de acordo com a teologia bíblica como um todo, que diz que os santos participarão do reino escatológico de Cristo. O próprio Cristo prometera através do profeta João que todos os que vencessem participariam do seu trono (3:21); não encontramos nenhuma razão para limitar esta promessa somente aos mártires. A promessa vale para todos os crentes vitoriosos. Em 2:26-28 foi dada a promessa: "Ao vencedor, e ao que guardar até o fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá, e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi (poder) de meu Pai." Esta passagem é outra promessa clara de que os santos governarão com Cristo. A promessa é repetida em 5:9-10, e é dirigida a todos os santos: "Compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra." Os santos são reino, não por serem o povo que tem Jesus por rei, mas por participarem do seu governo. A visão que Daniel tem do Filho do Homem não tem só um trono, mas muitos (Dn 7:9). E o significado disto é que "O reino e o domínio ... serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão" (Dn 7:27). Jesus prometeu a seus discípulos: "Vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19:28). Paulo diz, sem dar mais explicações: "Não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?" (1 Co 6:2). O verbo "julgar" (*krino*) pode ter o sentido mais amplo de "governar",³ e é provável que tenha este sentido em 1 Co 6:2.⁴ No Apocalipse, o significado do julgamento destes que estão sentados em tronos é definido na última frase do v. 4: *E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.*

Muitos comentadores enfatizam a afirmação "vi as almas dos decapitados", insistindo que a passagem se refere ao destino dos mártires no estado intermediário, e não na ressurreição. As almas dos mártires já apareceram no Apocalipse. Quando o quinto selo foi aberto João viu as almas dos mártires sob o altar (6:9ss.), fazendo a pergunta melancólica:

2. R. H. Charles, *The Revelation of St. John*. (Nova Iorque, Scribners, 1920), II, 182.

3. Veja F. Büchsel no *Theological Dictionary of the New Testament*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1965), de Kittel, III, 923.

4. Veja A. Robertson e H. Plummer, *First Epistle of Paul to the Corinthians*. (Nova Iorque Scribners, 1911), p. 111. "Os santos participarão do governo de Cristo sobre o universo criado, no Reino Messiânico".

“Até quando ... não julgas nem vingas o nosso sangue?” Foi-lhes dito que descansassem um pouco mais, até que o número dos seus conservos se completasse. Agora João está vendo novamente as almas dos mártires; mas ele acrescenta imediatamente: “viveram”, ou, melhor, “tornaram a viver”. Esta é a palavra mais importante de toda a passagem. O exegeta tem de decidir se ela significa ou não ressurreição; esta decisão determinará como ele interpretará a passagem toda. O presente comentador está convicto de que ela significa ressurreição (veja comentário abaixo) e, por esta razão, não podemos dar ênfase sobre a afirmação de que João viu as almas dos mártires.

Alguns comentadores distinguem nesta passagem três grupos de pessoas: os santos em geral (os que estão nos tronos), os mártires (os decapitados), e os santos vivos (os que não adoraram a besta nem receberam a sua marca). De fato, a gramática do texto grego é irregular, e poderia permitir uma interpretação assim. “Almas” está no caso acusativo, e a frase seguinte — “tantos quantos não adoraram a besta” — está no nominativo. Mas faz parte do estilo de João dar pouca atenção a estes casos, e de colocar nominativos depois de casos oblíquos. Além disso, a afirmação seguinte — “viveram” — rege os dois grupos e não pode ser aplicada a santos vivos.

A frase “por causa do testemunho de Jesus” é difícil de interpretar. Veja observação a 19:10 e referências. João usa esta expressão com frequência como genitivo subjetivo, referindo-se ao testemunho que Jesus deu da salvação divina, que seus seguidores aceitaram (veja 1:2, 9). Na presente passagem, como em 19:10, o genitivo objetivo cabe melhor no contexto. Os santos fiéis foram decapitados por causa do testemunho que eles deram de Jesus.

A palavra grega para “viveram” é *ezesan*. O ponto crucial de todo o problema exegetico é o significado desta palavra. É verdade que a palavra pode significar entrar na vida espiritual (Jo 5:25), mas não é usada nem uma vez para uma “ressurreição espiritual” das almas dos justos. Diversas passagens, no entanto, usam a palavra para ressurreição do corpo: Jo 11:25; Rm 14:9; 11:18, 2:8; 13:14; muitos comentadores admitem que é este o seu significado no v. 5: “Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos”. Se *ezesan* no v. 4 significa a vida espiritual na conversão, ou a vida depois da morte no estado intermediário, então enfrentamos um problema: a mesma passagem usaria a mesma palavra com dois significados completamente diferentes, sem indicar uma mudança de significado.

Não podemos levantar objeção partindo da afirmação de que é impossível falar de realidades espirituais e literais no mesmo contexto. Jesus faz isto falando dos mortos e da ressurreição (Jo 5: 25-29). Esta passagem, todavia, não é uma analogia da passagem do Apocalipse. Há uma diferença decisiva. No evangelho o contexto dá a chave para uma inter-

pretação espiritual de um lado e a literal de outro. Para os que “viverão”, a hora já chegou. Isto deixa claro que a passagem se dirige aos que estão espiritualmente mortos e que recebem vida ouvindo a voz do Filho de Deus. O segundo grupo, porém, “nos túmulos”, não está espiritualmente morto, mas fisicamente. Estes voltarão a viver. Uma parte “ressuscitará para a vida”, terão novamente vida física que os levará à experiência plena da vida espiritual que já têm. O restante “ressuscitará para o juízo”, para a execução da sentença do julgamento divino, que já pesa sobre eles porque rejeitaram o Filho de Deus e a vida que ele veio trazer (Jo 3:18, 36). Estas palavras deixam bem claro que Jesus quer que seus ouvintes saibam que ele está falando de dois tipos de “vida”: uma ressurreição espiritual agora, e uma ressurreição corporal no futuro.

Em 20:4-6 não temos no contexto uma chave para uma variação ou interpretação semelhante. A passagem é muito clara e sem ambigüidade. Não há necessidade de interpretar a palavra espiritualmente para dar significado à passagem. No início do período milenar uma parte dos mortos ressuscitará; no seu fim, a outra parte. Não há nenhuma evidência de um jogo de palavras. A passagem faz sentido perfeitamente, quando interpretada de maneira literal. Uma exegese natural e indutiva mostra que *ezesan* se refere a uma ressurreição física. Não podemos fazer melhor do que repetir as tão citadas palavras de Henry Alford:

Se em uma passagem que menciona *duas ressurreições*, onde certos *psychai ezesan* no princípio de um período específico, e o restante dos *nekroi ezesan* somente no fim, depois destes primeiros, — se em uma passagem como esta a primeira ressurreição pode ser entendida como um reviver *espiritual* com Cristo, e a segunda um reviver *físico* do túmulo; — então a linguagem não tem mais nenhum significado e a Escritura está eliminada como testemunha, definitiva, de qualquer coisa.⁵

Existe um paralelismo óbvio entre esta passagem e Dn 7.

Dn. 7	Ap 20:4
9. Continuei olhando, até que foram postos uns tronos	Vi também tronos
10. Assentou-se o tribunal	Neste sentaram-se aqueles aos
22. Justiça foi feita aos santos do Altíssimo	quais foi dada autoridade para julgar.
Veio o tempo em que os santos possuíram o reino.	Viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. ⁶

Reinaram com Cristo durante mil anos. Observamos já quando tratamos da primeira parte deste versículo que a idéia de os santos rei-

5. Henry Alford. *The Greek Testament*. (Boston, Lee and Shepard, 1872), IV, 732.

6. Veja Hans Bietenhard, *Das tausendjährige Reich*. (Zurique, Zwingli Verlag, 1955), pp. 21-22.

narem com Cristo no seu reino messiânico é muito comum no Novo Testamento. Esta, porém, é a única passagem de toda a Bíblia que ensina que haverá um reino temporal *de mil anos*, e há somente mais uma passagem no Novo Testamento que poderia estar considerando um governo temporal de Cristo entre sua parousia e o *telos*: 1 Co 15:23-24.⁷

5. *Os restantes dos mortos não reviveram (ezesan) até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição.* A “primeira ressurreição” se refere ao v. 4, às almas dos santos e dos mártires que reviveram. Os comentadores reconhecem geralmente que a ressurreição “dos restantes dos mortos” é a ressurreição escatológica. Com frequência alguém enfatiza que João não fala de uma *segunda* ressurreição; mas ela está implícita na afirmação: “Os restantes não reviveram (como os que participaram da primeira ressurreição) até que se completassem os mil anos”. Se é fato que a primeira ressurreição é diferente da do v. 5, “os restantes dos mortos” nunca reviverão como os outros. O uso duplo do verbo *ezesan* implica em duas ressurreições; e o v. 12 descreve uma “segunda ressurreição”, mesmo não a rotulando como tal. O Novo Testamento não fala em duas ressurreições a não ser nesta passagem, apesar de passagens como Jo 5:29 e 1 Co 15:24-25 o deixarem implícito. Paulo não fala da ressurreição de incrédulos em nenhum lugar das suas epístolas; ele se ocupa integralmente do destino dos que estão em Cristo. Se a primeira ressurreição inclui todos os santos e mártires, “os restantes dos mortos” são todos os que não conheceram nem creram em Cristo. Estes ressurgem somente depois do milênio; isto é descrito no v. 12, quando os restantes dos mortos são ressuscitados para enfrentarem julgamento diante do trono de Deus.

6. *Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade.* A “primeira morte” é a morte física, pela qual todas as pessoas passam, exceto as que estiverem vivas quando Cristo vier. A segunda morte é eterna, no lago de fogo (v. 14; veja Mt 10:28, que faz um contraste entre a morte do corpo e a da alma). Estes bem-aventurados são chamados de *sacerdotes de Deus e de Cristo*, porque têm acesso direto à presença de Deus, e também porque governam com ele no reino messiânico (1:6; 5:10). Não sabemos como havemos de governar com Cristo. Os santos terão seus corpos transformados, enquanto os que compõem “as nações” (v. 8) vivem em sua existência natural. Muitos se escandalizaram com o pensamento de uma mistura entre os sistemas de redimidos e não redimidos. A única coisa

7. Para uma discussão desta passagem veja G. E. Ladd, *Crucial Questions About the Kingdom of God*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1952), pp. 177ss.; para milênio na literatura apocalíptica judaica, veja *ibid.*, pp. 159ss.

que podemos dizer é que depois daquela primeira manhã de páscoa Jesus viveu quarenta dias com seus discípulos (At 1:3). Deus ainda tem preparado muitos milagres em seu plano de redenção.

(5) A destruição final de Satanás e da morte (20:7-15).

7-8. *Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra.* É possível que este versículo dê a razão para o reino temporal de Cristo durante o milênio. Uma questão teológica muito controversa é a justiça de Deus em julgamento e condenação. Paulo quer “que se cale toda a boca, e todo o mundo seja culpado perante Deus” (Rm 3:19). Deus não precisa provar sua justiça, mas Paulo quer deixar claro como cristal que Deus fez o homem de um modo que os que negam a verdade não têm desculpa (Rm 1:20). No presente exemplo, mesmo depois de o próprio Cristo reinar durante o milênio, quando o enganador é libertado da sua prisão ele encontra o coração dos homens ainda abertos à sua sedução. Isto deixa evidente que a razão verdadeira do pecado não é pobreza ou condições sociais inadequadas, ou uma vida desgraçada; a verdadeira origem do pecado é o caráter rebelde do coração humano. O milênio e a rebelião posterior provarão que os homens não podem desculpar sua pecaminosidade com um ambiente ou circunstâncias desafortunadas; no julgamento final todos verão que a sentença de Deus será justa e imparcial.

Gogue e Magogue são nomes bíblicos para as nações que se rebelam contra Deus e são hostis a seu povo. Em Ez 38:1 Gogue é o príncipe da terra de Magogue, vindo do norte nos últimos dias para lutar com o povo de Deus. No Apocalipse as duas palavras representam as nações hostis.

O Novo Testamento diz muito pouco sobre o reino messiânico aqui na terra, mas a profecia de Ezequiel tem a mesma estrutura básica que Ap 20. Os capítulos 36 e 37 retratam a salvação de Israel, restaurado em seu país e abençoado com a salvação messiânica (veja 36:24-29). A meta da predição profética, “vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus”, agora se realiza (Ez 36:28). Davi, o servo de Deus, reinará sobre seu povo, e Deus habitará no meio deles (37:25, 28). Porém a bênção do reino messiânico não é o fim. O reino é conturbado por uma guerra escatológica liderada por Gogue de Magogue (capítulos 38 e 39); e somente depois da vitória divina Ezequiel retrata o novo sistema eterno, descrevendo-o em termos de um novo templo na nova Jerusalém (capítulos 40-48).⁸ Esta estrutura de um reino messiânico temporal seguido de um reino eterno na nova era é idêntica à do Apocalipse.

8. Veja G. Ernest Wright, “The Faith of Israel” em *The Interpreter's Bible*, I, 372.

9. Os exércitos do mal marcham contra o *acampamento dos santos e a cidade querida*, como que para lutar com eles, mas a batalha não acontece. *Desceu fogo do céu e os consumiu*. A palavra traduzida “acampamento” define uma instalação militar, mas aqui ela significa a residência dos santos. Claramente estes têm como capital a cidade querida, Jerusalém. A batalha não chega a iniciar; Deus intervém e destrói os que queriam destruir seu povo. Considerando a revelação progressiva é impossível crer com os dispensacionalistas que o templo judaico será restaurado e o sistema de sacrifícios de sangue será reinstituído. Isto faz parte da aliança antiga, que já passou (Hb 8:13). Os santos, no milênio, têm de ter algum centro, e não encontramos nenhuma dificuldade em supor que a capital do governo milenar de Cristo aqui na terra será a cidade santa, na terra santa.⁹

10. Como na batalha do Armagedom, a ênfase não está na derrota dos exércitos que lutaram contra o Messias e seu povo, mas na destruição dos poderes que estavam por trás deles. *O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta*. Temos aqui a destruição final da verdadeira raiz do mal. Jesus já tinha falado do “fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25:41); o inferno não foi feito para os homens, mas para o diabo; quem o segue tem de compartilhar do seu destino.

Serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos. É impossível visualizar o que este versículo diz. O diabo e seus anjos são espíritos, não têm um corpo físico; e fogo é algo material, físico. Como pode um lago de fogo material torturar para sempre seres espirituais? É impossível imaginar. É óbvio que isto é linguagem pitoresca para descrever uma realidade do mundo espiritual: a destruição final e eterna das forças do mal, que torturaram os homens desde o jardim do Éden.

11. Depois da destruição de Satanás João testemunha o julgamento final, a destruição do sistema antigo e a implantação da eternidade. *Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta*. Isto são preliminares do julgamento. Alguns intérpretes têm um interesse muito grande na época e no lugar do julgamento, fazendo teorias sobre supostos diversos julgamentos de que fala o Novo Testamento: o julgamento das nações, para decidir que nações entrarão no milênio (Mt 25:31-40); o julgamento dos crentes diante do trono de Cristo no céu, para receber sua recompensa pelo que fizeram no corpo (2 Co 5:10); e o julgamento do grande trono branco, nesta passagem, em que somente incrédulos são julgados. Não é possível provar um esquema escatológico como este; ele

9. W. H. Simcox, *The Revelation of St. John the Divine*. Cambridge, University Press, 1893), p. 185.

se apóia sobre inferências sem fundamento. Por exemplo: o objetivo do julgamento das nações não é o milênio, mas vida eterna ou castigo eterno (Mt 25:46). Isto claramente é o julgamento final, que decide o destino eterno dos homens. O trono de Cristo é também o trono de Deus, diante do qual todos os crentes estarão um dia (Rm 14:10). O interesse principal da Bíblia não é, como de muitos estudiosos da Bíblia, montar um esquema ou uma cronologia dos acontecimentos proféticos, e estes esforços para diferenciar entre diversos julgamentos não têm apoio bíblico razoável. O fato do julgamento está solidamente ancorado no ensino bíblico. Paulo afirma isto inequivocamente (Rm 2:6-10).

O trono é *branco*, indicando a glória e a majestade de Deus. João não identifica "aquele que nele se assenta", mas no Apocalipse geralmente é Deus quem está sentado no trono (5:1, 7, 13).

De cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Esta afirmação envolve sem dúvida imaginação poética; o universo natural foge da glória e da grandeza da presença de Deus. Mas é também mais que poesia; é a expressão de uma verdade teológica importante. Esta afirmação nos leva de volta à primeira antecipação do fim, quando o sexto selo foi aberto (6:12ss.). Ela descreve uma grande revolução cósmica, quando o sol se tornou negro, a lua como sangue, as estrelas caíram, o céu desapareceu, e as montanhas foram abaladas (veja o comentário a esta passagem). Este anúncio do fim agora está cumprido na afirmação desta passagem.

Por trás de uma afirmação como esta está uma teologia profunda. A terra foi criada para ser a moradia do homem, e o homem como criatura de Deus é solidário com o restante da criação. Por esta razão a Bíblia mostra que o mundo criado participa do resultado do pecado do homem, entrando em decadência, gemendo e sofrendo até hoje (Rm 8:19-22). O sistema antigo é um sistema caído, sob a maldição da rebelião do homem. Por isto Deus tem de julgar primeiro o sistema antigo, antes de poder iniciar o novo; só que este julgamento não traz destruição, mas é o princípio da recriação. Esta idéia do julgamento da natureza e da nova criação está presente em todos os profetas do Antigo Testamento, retratada como grande variedade de detalhes, sem deixar de ser a mesma idéia básica. Às vezes o quadro somente mostra uma regeneração do velho sistema como ele está, retirando a maldição (Is 11:6-9); outras vezes ele mostra uma transformação completa em um novo céu e uma nova terra (Is 65:17).¹⁰ Há uma variedade considerável na ênfase dos elementos de continuidade e descontinuidade entre o sistema antigo e o novo, por parte dos profetas; no Novo Testamento o elemento de descon-

10. Este Tema é estudado em detalhes pelo presente autor, em seu livro *Jesus and The Kingdom* (Waco: Word Books, 1964), cp. 2.

tinuidade é mais enfatizado que no Antigo, exceto Is 65:6. Assim, Pedro prevê uma dissolução no céu e dos elementos por meio do fogo. Porém o fim deste julgamento do sistema antigo não é sua destruição, mas o surgimento de um sistema novo. “Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2 Pe 3:13). O mesmo vale para a visão de João. O sistema antigo passa, para dar lugar ao novo.

12. João viu os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Mesmo sem afirmá-lo explicitamente esta sentença implica na ressurreição “dos restantes dos mortos” (v. 5), que não passaram pela primeira ressurreição.

Então se abriram livros. ... E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. João não dá mais detalhes destes livros, mas fica claro que nestes livros são registradas todas as ações das pessoas, boas e más. Dn 7:10 se refere a livros de julgamento. O Novo Testamento insiste na justiça do julgamento final divino, no qual não haverá arbitrariedade nem caprichos, mas somente provas colhidas das ações das pessoas (Rm 2:6ss.). Livros apocalípticos judaicos tomaram esta idéia e mencionam com frequência o livro onde Deus registra as ações dos homens (*Enoque* 90:20; *4 Esdras* 6:20; *Apo-calipse de Baruque* 24:1).

É significativo que o texto não diz que alguém foi salvo com base nas suas boas obras. Nisto ele difere da literatura apocalíptica judaica. No *Testamento de Abraão* (13) dois anjos anotam os atos dos homens; do lado direito as boas ações, do lado esquerdo as más; outro anjo tem uma balança, onde ele pesa as ações dos homens. Outro testa as ações com fogo; se suas obras se queimam, as pessoas são levadas para um lugar de castigo; se elas não se queimam, elas são declaradas justas.

Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. Ninguém é salvo por suas obras, mas há outra possibilidade: o livro da vida. Neste estão os nomes de todos que creram em Cristo. A idéia de um livro com os nomes dos justos remonta ao Antigo Testamento (Êx 32:32-33; Dn 12:1), e aparece diversas vezes no Novo Testamento (Lc 10:20; Fp 4:3; 3:5, 13:8, 21:27).

13. *Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.* O além, “Hades” (impropriamente traduzido “inferno” pela ARC), é o lugar das almas no estado intermediário, sendo aqui sinônimo de túmulo (cf. 6:8). João não está querendo dizer que os que morreram em terra firme e os que morreram no mar tiveram um destino diferente depois da morte; ele simplesmente quer dizer que *todos* os mortos, não importa onde morreram, foram incluídos neste julgamento final (veja comentário em 19:20). Quando João diz que viu o mar, a morte e o além *entregar os mortos que havia neles*, ele está, sem margem de

dúvida, pensando em ressurreição, mesmo se não afirma isto explicitamente. Não devemos pensar que as almas daqueles que se afogaram permanecerão no mar até o dia do julgamento. João está dizendo que os que se afogaram, bem como os que sofreram qualquer outro tipo de morte, serão revividos para estar diante de Deus para o julgamento.

14. Então a morte e o inferno (Hades!) foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta afirmação deixa claro que a idéia do lago de fogo é simbólica. A morte e o além são personificados e retratados como se fossem lançados no lago de fogo, junto com a besta, o falso profeta e Satanás. É impossível construir isto literalmente. João tem em mente a destruição final e completa da morte e do túmulo. É verdade que Cristo “aboluiu”, quebrou o poder da morte, com sua própria morte e ressurreição (2 Tm 1:10); mas os santos ainda morrem. O que a vida eterna realmente significa não pode ser experimentado antes que a morte seja banida do universo.

Esta é a segunda morte, o lago do fogo. Esta afirmação aponta para o próximo versículo. A idéia da segunda morte em lugar da morte não faz sentido. A mente de João passa da destruição da morte para o julgamento dos perdidos.

15. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo. Parece que ninguém foi salvo por suas obras — isto é, com base em coisas boas que tenha feito, que estão anotadas nos livros (v. 12). Salvação somente há no Cordeiro de Deus. Isto está de acordo com o ensino de Paulo, “Não há justo, nem sequer um” (Rm 3:10), e que justificação não se obtém por obras de justiça, mas somente pela fé em Cristo.

A divisão da Bíblia em capítulos às vezes não coincide com as unidades de pensamento. A primeira unidade de pensamento do capítulo 21 é uma continuação direta do capítulo 20 dando um relato breve do início da nova era com a nova Jerusalém (21:1-8). Depois segue outra visão que descreve a nova Jerusalém em detalhe (21:9-22:5) cuja descida já foi mencionada. A esta última visão é acrescentado um epílogo (22:6-21), que é a conclusão do livro todo.

(6) A nova criação (21:1-8).

1. Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram. Esta dissolução do sistema antigo — o desaparecimento do céu e da terra — já foi anunciada (20:11). João vê no lugar deles um céu e uma terra novos. Por toda a Bíblia o destino final do povo de Deus é terreno. O pen-

samento dualista, tipicamente grego, dividia o universo em dois domínios: o terreno, ou transitório, e o mundo espiritual eterno. A salvação consistia em a alma voar da esfera transitória e efêmera para o domínio da realidade eterna.¹ O pensamento bíblico, no entanto, sempre coloca o homem em uma terra redimida, não num domínio celestial longe da existência terrena.

A afirmação de que *o mar já não existe* indica a diferença radical entre o sistema novo, redimido, e o antigo, caído. A mesma idéia aparece na literatura apocalíptica judaica (*Oráculos Sibílicos* 5:447, *Assunção de Moisés* 10:6). Novos milagres científicos modernos praticamente conquistaram os oceanos; mas no mundo antigo, com seus navios frágeis, o mar era o domínio das trevas, do mistério, do traiçoeiro. “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. ... Não há paz” (Is 57:20-21; veja Sl 107:25-28; Ez 28:8). A extinção do mar dá a idéia de que na prática não há continuidade substancial entre o antigo sistema caído e o novo redimido, que o sistema antigo desapareceu completamente e foi substituído por algo totalmente novo e diferente. Porém a afirmação do v. 5, “Eis que faço novas todas as coisas”, sugere que tudo o que já existe será renovado. Mas é improvável que o autor tenha estado preocupado com detalhes como este; sua atenção está focalizada no novo sistema que se aproxima.

2. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Neste versículo João simplesmente menciona a descida da cidade santa; na visão final que inicia em 21:9, ele descreve a cidade com muitos detalhes.

O Novo Testamento encara a nova Jerusalém como a morada de Deus, a verdadeira pátria dos santos, e o lugar dos “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12:23; veja Gl 4:26; Fp 3:20). Esta Jerusalém celestial representa a morada dos santos que já morreram, mas não é o seu destino final, somente um lugar temporário onde eles ficam entre a morte e a ressurreição (6:9-11; 2 Co 5:8; Fp 1:23). Depois da ressurreição (20:4), quando tudo estiver consumado, Jerusalém celestial descerá do céu para ficar definitivamente na terra.

João disse em 19:7 que a igreja redimida é semelhante a uma noiva que se reúne com seu Senhor na ceia das bodas do Cordeiro. Jerusalém celestial, o lugar dos redimidos no novo sistema, também se parece com uma noiva. Surge a pergunta se João quer dizer que o povo redimido de Deus e a Jerusalém celestial são a mesma coisa, assim como a igreja e o templo de Deus no Novo Testamento (1 Co 3:16; Ef 2:21). Se for este o

1. Para este ponto de vista como ele aparece em Platão, Plutarco e Filo veja G. E. Ladd, *The Pattern of the New Testament Truth*. (Grand Rapids, Eerdmans, 1968), pp. 13-31.

caso, então todos os detalhes da descrição da cidade santa são termos simbólicos que retratam a igreja redimida. Em qualquer caso é esta a ocasião em que a ceia das bodas do Cordeiro se realiza, como mostra o próximo versículo.

3. João agora diz o que significa a descida da nova Jerusalém: *Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles.* Nos tempos do Antigo Testamento a primeira morada de Deus (*skene*) foi o tabernáculo no deserto, a segunda o templo. Sua presença era manifestada pela glória *shekiná*. Quando Cristo veio, Deus passou a morar temporariamente entre os homens (Jo 1:14 “O Verbo ... *habitou* entre nós”. A raiz grega é a mesma: *eskenosen*). Durante a época da igreja Deus mora nela, que é seu santuário (Ef 2:22); mas isto ocorre “no Espírito”, o que pode ser constatado somente pela fé, não pela vista (2 Co 5:17). No fim, tudo isto muda: fé será mudada em visão: “Contemplarão a sua face” (22:4).

Não podemos visualizar esta realidade; mas a meta de toda a redenção é a união íntima e sem barreiras entre Deus e seu povo. A frase “eles serão povos de Deus” deixa isto claro. Ela é um eco da expressão do Antigo Testamento. “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”, que expressa o objetivo tantas vezes repetido da revelação divina e do seu relacionamento com seu povo.² Todas as promessas da aliança de Deus com os homens, feitas primeiro a Abraão, renovadas através de Moisés, e concretizadas em Cristo, foram finalmente realizadas plenamente.

4. A bênção essencial é união íntima, direta e desanuviada com Deus. Porém a esta seguem outras grandes bênçãos, necessariamente. *Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima.* As lágrimas representam aqui toda a tristeza humana, todas as tragédias, todo o mal. Uma existência transformada acompanhará a visão gloriosa de Deus, onde as tristezas e males da existência no velho sistema ficam longe atrás.

A causa mais terrível de lágrimas é a realidade da morte; mas na presença de Deus *a morte já não existirá*. A abolição da morte já foi descrita quando a morte e o além foram jogados no lago do fogo (20:14). Este triunfo sobre a morte, todavia, não é um fim em si mesmo; é uma bênção que flui da união com Deus. Não só a morte é destruída; não haverá mais luto, nem pranto, nem dor, *porque as primeiras coisas passaram*. No novo sistema todos os males que amaldiçoaram e pesaram sobre a existência humana fugirão da presença de Deus.

2. Veja Gn 17:7; Êx 6:7; 29:45; Lv 26:12; Nm 15:41; Dt 29:13; 2 Sm 7:24; Jer 7:23; 11:4; 24:7; 30:22; Ez 11:20; 34:24; 36:28; 37:23, 27; Zc 8:8.

5. *E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas.* Esta é a razão da grande transformação. Ao contrário do que indicam todas as aparências, a existência não é estática. Atrás da criação está o Criador, aquele que faz todas as coisas novas. Em princípio esta renovação foi feita em Cristo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5:17). Para tudo isto se consumir o Senhor precisa voltar. Este processo da renovação no fim incluirá o mundo físico também. “A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8:21). Salvação, no sentido bíblico, não é somente a salvação das almas das pessoas; ela inclui a redenção do corpo, e até do mundo material.

João recebe a instrução de escrever o que ouviu, porque as palavras eram *fiéis e verdadeiras*; pode-se confiar nelas, que acontecerão.

6. A voz que João ouvira vinha do trono; é a voz do próprio Deus. Poucas vezes no Apocalipse parece que Deus fala (1:8, cf. 16:1, 17). A voz assegura a João: *Tudo está feito*. O verbo grego está no plural: “*Elas* estão feitas”, as coisas prometidas a João. Em contraste com o quadro confuso e caótico das experiências humanas, os propósitos de Deus na redenção são tão certos como se já tivessem acontecido. O futuro não é incerto para aqueles que confiam em Deus.

O futuro é certo porque Deus é eterno. Novamente ele afirma que é o *Alfa e o Ômega* (primeira e última letras do alfabeto grego; veja 1:8), que abraça toda a realidade. Ele é o *princípio e o fim*. O eterno, que fez que todas as coisas viessem a ser, fará tudo novo, no sistema eterno.

A renovação de todas as coisas inclui a satisfação da mais profunda necessidade do homem; por isso Deus convida os homens: *A quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida*. A idéia de sede representa o sentido da necessidade espiritual — fome e sede de Deus. O decreto final de redenção não será arbitrário; o caminho está aberto para todos que sentirem sua necessidade e se voltarem para Deus, para serem satisfeitos. Talvez João esteja querendo fazer um contraste com os que bebem do cálice de ouro, cheio do vinho da prostituição (17:4; 18:3), que a grande meretriz oferece aos homens.

7. A água da vida não é dada aos homens arbitrariamente, mas pertence ao *vencedor*. Lembramo-nos das promessas feitas ao vencedor nas sete cartas. O único pré-requisito é a lealdade total a Cristo, mesmo sofrendo perseguição e sofrimentos. A estes Deus diz: *Eu lhe serei Deus e ele me será filho*.

8. João alista agora diversos tipos de pessoas que não terão acesso à água da vida, que Deus não quer chamar de filhos. Os *covardes* são os que não tiveram coragem de sofrer, inclusive a morte, pelo nome de Cristo (Mt

13:21). Novamente João dá ênfase na coragem diante do Anticristo, que será uma característica do verdadeiro discípulo (1:9). Os *incrédulos* podem ser os que não ficaram firmes na fé em Jesus (14:12), os traidores (BLH), ou os em quem Deus não pode confiar para dar testemunho de Jesus (1:2, 9, 12:17), os sem fé. Os *abomináveis* provavelmente são os que se mancharam adorando a besta (17:4), ou pode ter um sentido mais amplo, designando todos os que são moralmente impuros (v. 27). *Assassinos, impuros e feiticeiros* nos lembram de pecados já citados (9:21). A idéia não está enfocando estes pecados em geral, mas os que os praticaram seduzidos pela grande meretriz. *Idólatras* são os que adoram falsos deuses, mas particularmente os que adoraram a besta. *Mentirosos*: o Apocalipse condena a falsidade com frequência (2:2; 3:9; 14:5; 21:27; 22:15). Para todos estes o destino é *o lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte* (20:6, 14).

V. A QUARTA VISÃO: A JERUSALÉM CELESTIAL (21:9-22:5)

João já mencionou rapidamente que a cidade celestial, a nova Jerusalém, desce do céu para fixar-se permanentemente na terra, entre os homens. Agora João retoma esta narrativa e descreve a cidade em detalhe. A descrição traz consigo algumas dificuldades de interpretação, no sentido de que não parece representar uma situação em que todas as coisas foram feitas novas, o sistema novo de Deus, purificado de todo o mal. Pelo contrário, a terra é descrita como estando habitada por nações que vivem à luz da cidade, que aparentemente não moram nela, e por reis que trazem sua glória a ela (v. 24). As folhas da árvore da vida são para curar as nações (22:2) — uma afirmação estranha se se referir a redimidos e glorificados. Além disto um versículo do epílogo, falando ainda da cidade santa, cita cachorros, feiticeiros e impuros ao redor da cidade, que não podem entrar nela; na nova Jerusalém e na nova terra todo o mal estará completamente extirpado da nova criação. Considerações deste tipo levaram alguns eruditos à conclusão de que esta descrição trata da Jerusalém do reino milenar com sua situação dupla nos assuntos terrenos, e não da cidade eterna.³ Esta solução cria mais problemas do que resolve. João em nenhuma outra passagem fala de uma Jerusalém de milênio, e não há uma dificuldade especial em concluir que João está usando linguagem terrestre para descrever a Jerusalém eterna.

3. Th. Zahn, *Die Offenbarung des Johannes*. (Leipzig, Deichert, 1926), II, 608ss.; R. H. Charles, *The Revelation of St. John*. (Nova Iorque, Scribners, 1920), II, 177ss.; G. R. Beasley-Murray em *O Novo Comentário da Bíblia*. (F. Davidson, Edições Vida Nova, 1979), p. 1485.

9. Esta seção é uma nova visão, e João foi chamado por *um dos sete anjos que têm as sete taças*, como já tinha acontecido antes (4:1; 17:1), para receber esta última revelação. O conteúdo desta visão final é *a noiva, a esposa do Cordeiro*. Considerando esta identificação é difícil resistir à conclusão de que esta Jerusalém é a mesma do v. 2 — a residência principal dos redimidos na nova terra redimida. A linguagem é quase idêntica à de 17:1 para chamar João, naquele caso para ver o julgamento da grande meretriz, Babilônia. Dificilmente isto é por acaso. João quer fazer um contraste direto entre a cidade prostituta da besta e a cidade celestial, onde Deus mora.

10. Novamente João estava *em espírito* (1:10; 4:1; 17:3), um estado de êxtase espiritual. João foi levado *a uma grande e elevada montanha*, aparentemente para que tenha uma visão de grande alcance, para ver o que lhe será revelado agora. Dali ele viu o que já foi mencionado: *a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus*.

11. A característica mais impressionante da cidade é que ela trazia *a glória de Deus*. Glória ou esplendor é um termo bíblico muito comum para identificar a presença de Deus. Entre a descrição que João faz da nova Jerusalém e a visão que Ezequiel tem do templo há muitas semelhanças. “Eis que a glória do Senhor enchia o templo” (Ez 43:5). Quando João tentou descrever a glória da cidade, a única coisa que pôde fazer foi falar em termos de pedras preciosas, como quando tentou descrever a presença de Deus (4:3). O brilho da nova Jerusalém era *como pedra de jaspe cristalina*. A palavra para “jaspe” não se limitava na antigüidade à pedra deste nome, mas englobava todas as pedras preciosas transparentes. Este jaspe talvez fosse como um diamante.

12. *A cidade tinha grande e alta muralha com doze portas*. De acordo com o v. 13 havia três portas em cada lado do muro. O quadro é emprestado diretamente de Ez 48:31ss.

E junto às portas havia doze anjos, montando guarda nas torres. Veja Is 62:6, onde havia guardas sobre os muros para interceder por Israel e orar pela vinda do reino messiânico. Sobre as portas estavam inscritos *os nomes das doze tribos dos filhos de Israel* (veja Ez 48:31).

14. *A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro*. Isto é uma alusão óbvia à teologia da igreja, edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (Ef 2:20). Com este simbolismo das doze portas com os nomes das doze tribos de Israel e dos doze fundamentos com os nomes dos doze apóstolos João indica que a cidade engloba as duas dispensações, mostrando que o Israel do Antigo Testamento e a igreja do Novo Testamento têm seu lugar na morada derradeira de Deus.

15. O anjo que falava com João tinha na mão *uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha*. Em 11:1 João recebeu uma vara para medir o santuário, seus pátios e os que adoravam nele, separando-os dos pátios externos e do restante da cidade. A medição na presente passagem não se refere a preservação ou julgamento, como no cap. 11, mas quer enfatizar a magnificência da cidade, baseando-se em Ez 40:3ss.

16. As medidas da cidade fazem-na diferente de qualquer cidade terrestre; ela tem uma base exatamente quadrangular, com *doze mil estádios* (2.200 quilômetros) de cada lado. De acordo com historiadores antigos, Babilônia era construída de forma quadrangular. Mas a nova Jerusalém não tem somente 2.200 quilômetros de lado; ela tem a forma de um cubo, com também 2.200 quilômetros de altura, algo inimaginável, especialmente se compararmos esta distância com a do Lago da Galiléia ao Mar Morto, que não passa de míseros 100 quilômetros. É óbvio que estes números representam a simetria, a perfeição, a vastidão e a totalidade ideais da nova Jerusalém. Talvez esta estrutura de cubo, desta cidade que agora se tornou a habitação de Deus, queira indicar a forma do Santo dos Santos (1 Rs 6:20).

17. A medida dos muros da cidade é *cento e quarenta e quatro côvados*, 64 metros, mas o texto não diz se é de altura ou de largura. Para uma cidade de 2.200 km de altura, um muro de somente 64 m seria totalmente desproporcional. É provável que este número se refira à largura. Se refletirmos sobre a estrutura da nova Jerusalém, invariavelmente perguntaremos por que ela precisava de muros. As cidades modernas não têm muros, mas as cidades antigas precisavam de muros para se proteger dos ataques dos seus inimigos. Mas na terra da nova Jerusalém não haverá inimigos; somente o povo de Deus habitará ali. Não há dúvida de que João está tentando usar termos humanos para descrever o indescritível e o inimaginável. Um anjo mediu a cidade, mas suas dimensões são dadas em *medida de homem*, isto é, cálculos humanos normais, que neste caso é igual à *de anjo*.

18. O material usado para a construção da cidade não encontra parâmetro em nenhuma cidade humana. A *muralha* era feita de *jaspe*, uma pedra já mencionada que descreve a glória transparente de toda a cidade (v. 11; cf. Is 54:11ss.). A cidade em si era construída de *ouro puro, semelhante a vidro límpido*. Isto também indica a transparência da cidade. Ouro sempre foi um metal precioso, mas ouro transparente não é um elemento deste universo. A nova cidade refletirá a glória de Deus, que a linguagem humana é incapaz de descrever.

19-20. Os doze fundamentos que sustentam o muro da cidade, onde estão escritos os nomes dos doze apóstolos, não estavam debaixo do solo, onde fundamentos geralmente estão; eles eram visíveis a todos. Estavam adornados de maneira muito bela, com todo tipo de pedras preciosas. João enumera doze destas, que nem conhecemos a todas. Cada fundamento estava embelezado com um tipo de pedras preciosas. Não está claro se há algum significado simbólico na descrição destes fundamentos, além da beleza e da majestade do todo.

21. João acrescenta outro traço que também é inconcebível em uma cidade do atual sistema. As doze portas eram *doze pérolas*, inteiriças. Nas cidades antigas a porta geralmente fazia parte de uma torre no muro; assim, cada pérola era maior que o muro, constituindo porta e torre. Não podemos imaginar uma pérola deste tamanho.

A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente. Não fica claro se a forma singular do substantivo — rua, no grego — inclui coletivamente todas as ruas da cidade, ou se a cidade, como muitas cidades antigas, tinha uma estrada principal muito larga passando no meio dela. Em qualquer caso, ouro transparente não é um material usado pelos homens para revestir ruas.

22. *Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-poderoso e o Cordeiro.* Nos primeiros dias do povo de Israel, pensava-se que Deus morava no Santo dos Santos do tabernáculo, e, mais tarde, depois de Salomão, no templo. O templo era o centro do culto judaico, antes e depois do exílio. O grupo sectário de Qumran, nos tempos do Novo Testamento, rejeitava o templo, mesmo contando com muitos sacerdotes em suas fileiras, e desenvolveu a idéia de que a comunidade é o novo templo.⁴

A igreja cristã primitiva desenvolveu a teologia da igreja como verdadeiro templo de Deus (1 Co 3:16; Ef 2:21). Na era vindoura não haverá necessidade de templo, porque o próprio Deus habitará no meio do seu povo e haverá comunhão direta com Ele, sem mediadores.

23. *A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade.* Refletindo sobre a glória da nova Jerusalém, João ficou tomado pela visão da presença de Deus, e repetiu a profecia de Isaías: “Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória” (Is 60:19). É de duvidar se João queria dar informações astronômicas do novo mundo;

4. Veja Bertil Gaertner, *The Temple and the Community in Qumran and the New Testament*. (Cambridge, University Press, 1965).

seu propósito é falar do esplendor inigualável que emana da presença de Deus e do Cordeiro. *A glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.* Isto está de acordo com o fato, afirmado com freqüência pelo Novo Testamento, de que Deus e Cristo têm o mesmo relacionamento com os homens.

24. *As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.* Literalmente este versículo diz que no novo mundo haverá dois tipos de pessoas: os redimidos que moram na nova Jerusalém, e nações não regeneradas que vivem na terra, fora da cidade, mas que são influenciadas por sua presença, andam na sua luz e trazem sua glória a ela. Isto levou muitos estudiosos a concluir que João está descrevendo nesta passagem a Jerusalém do milênio, não a Jerusalém do sistema eterno, quando todos os perversos terão sido lançados no lago do fogo. Porém é igualmente possível que João esteja usando termos humanos convencionais para descrever a universalidade do conhecimento de Deus no novo sistema: todos o conhecerão. Na consumação, os redimidos virão de todas as nações, tribos, povos e línguas (7:9), sem perder sua identidade nacional. João não quer dizer mais do que os profetas: “Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó” (Is 2:3); “As nações se encaminham para a tua luz, e os reis para o resplendor que te nasceu” (Is 60:3). Estes textos afirmam que todo o mundo conhecerá Deus.

25. *Com as suas portas nunca jamais se fecharão de dia* João quer dizer que a nova Jerusalém está absolutamente aberta e segura. Isaías tinha dito: “Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; ... as tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão, para que te sejam trazidas riquezas das nações” (Is 60:10-11). Não haverá necessidade de fechar as portas para inimigos e exércitos hostis; as portas estarão abertas para que todos tenham acesso imediato à presença de Deus.

Nela não haverá noite. João já afirmou que a nova cidade não precisará de sol (v. 23), porque Deus providenciará a luz. A presença de Deus expulsará todas as trevas e a noite. Na Bíblia as trevas são uma figura-padrão para a existência longe da presença de Deus (Mat 6:23; 8:12; 22:13; 25:30); a presença radiante de Deus e do Cordeiro acabará com toda a escuridão.

26. Este versículo repete e reafirma o que foi dito no v. 24.

27. Se tirarmos este versículo do contexto, ele diz que ainda há na terra *alguma coisa contaminada* e quem pratique *abominação e mentira*. Muito embora eles não possam entrar na cidade mesmo as portas estando abertas dia e noite. A flexibilidade da linguagem apocalíptica, no entanto,

permite que João use expressões terrestres do seu tempo para descrever uma situação escatológica. Os que agora são impuros, abomináveis e mentirosos não terão acesso à cidade celestial.

Somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro podem entrar na cidade. Isto já foi dito. No julgamento diante do grande trono branco somente os que tinham seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro foram justificados por Deus (20:15). Na passagem anterior João afirma isto com uma negativa; aqui, com uma afirmação positiva.

A divisão da Bíblia em capítulos e versículos é uma invenção relativamente moderna, e nem sempre representa unidades de pensamento. No presente caso a visão registrada no último capítulo do Apocalipse é continuação direta do precedente.

1. *Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.* Isto é uma maneira simbólica de descrever o reinado da vida eterna na época futura. O rio é comumente símbolo de vida no pensamento bíblico. O salmista escreveu de um “rio cujas correntes alegam a cidade de Deus” (Sl 46:4). Jesus falou da água viva (Jo 4:10, 14), que ele ofereceu aos homens. Ezequiel, em sua visão da nova Jerusalém, vê um rio fluindo de debaixo do templo (que não se encontrava em Jerusalém), que trazia cura e vida às águas do Mar Morto (Ez 47:1-12). Zacarias teve uma visão do Reino de Deus, com rios fluindo de Jerusalém para o Oriente e para o Ocidente (Zc 14:8). O rio da vida na nova Jerusalém é uma maneira pitoresca de dizer que a morte foi abolida com todo o mal que proporcionava, e a vida reina soberana.

O rio sai do trono de Deus e do Cordeiro simplesmente porque Deus é a origem de toda vida. Como em 3:21, há somente um trono, no qual estão sentados Pai e Filho. Isto dificulta a distinção entre tronos e julgamentos diferentes, como alguns intérpretes tentam fazer. O trono do julgamento de Cristo, diante do qual os crentes têm de aparecer (2 Co 5:10), é também o trono do julgamento de Deus (Rm 14:10).

2. O rio corre *no meio da praça* (rua) da cidade. O sentido não é literal, como se o rio corresse no meio da rua principal de Jerusalém, à semelhança dos canais que atravessam a cidade de Amsterdã. Isto expressa meramente que a vida eterna é central na nova Jerusalém.

O versículo 2b é um pouco difícil de traduzir, mas a maioria dos comentadores concorda que o sentido é este: *De uma e outra margem do rio está a árvore da vida.* Este é outro traço característico da literatura apocalíptica judaica, que remonta à narrativa do Gênesis. Deus plantou a árvore da vida no Éden (Gn 2:9); depois que o homem pecou Deus o excluiu do acesso à árvore da vida, para que não comesse do seu fruto em seu estado pecaminoso e vivesse para sempre (Gn 3:22). O pensamento judaico previa que o homem teria novamente acesso à árvore da vida,

cujo fruto dava vida eterna (*Enoque* 25:2ss., 4 *Esdras* 7:53; 8:52; 2 *Enoque* 8:3). Jesus trouxe esta vida eterna aos homens com sua encarnação, morte e ressurreição (Jo 3:36; 6:54; 20:31); e a referência da nossa passagem à árvore da vida significa a consumação do que Cristo conquistou em sua missão terrena. Em seu aspecto escatológico, isto inclui a transformação completa de tudo que é mortal para o que é imortal (2 Co 5:4). Porém a condição para receber vida eterna é ter relacionamento com Deus, através de Cristo (Jo 17:3), e a transformação escatológica para imortalidade é uma bênção que resulta da união direta, imediata, com Deus e com seu Cristo. “Seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3:2).

A árvore tinha *doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos*. A descrição da árvore da vida é muito semelhante à de Ez 47:12: “Junto ao rio, às ribanceiras, de uma e de outra banda, nascerá toda sorte de árvore, que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento e a sua folha de remédio.”

A árvore dá todo mês um fruto diferente. É claro que isto não tem nenhum paralelo no que nós conhecemos nesta era. O significado é que a árvore não passará pelo ciclo normal de fertilização, floração, crescimento do fruto e colheita, uma ou duas vezes por ano, mas que dará fruto em qualquer mês do ano. Isto expressa o triunfo absoluto da vida sobre a morte.

Em Ezequiel a função principal da árvore era dar fruto para alimento. João dá ênfase aos poderes curativos das folhas da árvore. Quando ele fala de “cura dos povos”, não devemos pensar em povos vivendo na nova terra que precisarão ser curados de dor, doença e morte. O contraste é com esta época, cheia de pessoas que sofrem e morrem, e a época vindoura. Todos os que puderem entrar naquela época terão acesso à árvore da vida e acharão completo alívio de tudo que os afligia.

3. João continua contrastando a vida desta era com a da era vindoura. Esta é caracterizada por mal, pecado e muitas coisas amaldiçoadas por Deus. Na nova era as condições estarão totalmente transformadas, e *nunca mais haverá qualquer maldição* (Zc 14:11). A razão desta transformação é nada menos que a presença do próprio Deus: *Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão*. Esta frase repete o ponto central da nova época (21:3). A principal alegria dos redimidos — os servos de Deus — será o culto que poderão lhe prestar.

4. *Contemplarão a sua face*. Esta é a esperança e a meta da salvação individual em toda a Escritura: a visão de Deus. Em toda a história da

redenção a presença de Deus se manifesta aos homens de diversas maneiras. No Antigo Testamento, era através da palavra profética, de teofanias, sonhos, anjos e o culto. Ver o Senhor face a face significava morte (Êx 33:20). Jesus, encarnando-se, trouxe a presença de Deus aos homens em sua pessoa (Mt 1:23); ver e conhecer a Cristo era ver e conhecer o Pai (Jo 14:7, 9; 17:3). Esta visão de Deus ainda era por intermédio de alguém, realizada somente pela fé. Na era vindoura a fé dará lugar à vista (Sl 17:15; Mt 5:8, 1; Jo 3:2).

Nas suas fronteiras estará o nome dele. Veja o comentário a 13:16, e também 13:12 e 14:1. Deus possuirá os redimidos de maneira perfeita.

5. João repete uma promessa feita antes, de que na nova era não haverá noite, porque a presença de Deus fará com que qualquer outra luz seja desnecessária, abolindo a escuridão.

Reinarão pelos séculos dos séculos. O texto não diz sobre quem eles reinarão, mas isto não é importante. Eles terão parte no cargo real de Cristo.

VI. EPÍLOGO (22:6-21).

Com a visão da nova Jerusalém, a profecia de João está completa. Ele ainda acrescenta um epílogo, com o principal propósito de afirmar a autoridade do seu livro. O epílogo consiste em um grupo de exortações e afirmações, tenuemente relacionadas, que autenticam a profecia, asseguram a certeza da vinda do Senhor e pedem aos leitores para que guardem as palavras da sua profecia.

6. Não está claro quem está falando. Como não há nenhuma indicação de mudança de sujeito, podemos concluir que a voz é a do anjo que mostrou a nova Jerusalém a João (21:9, 15; 22:1). Se for assim, então o v. 7 está isolado como uma afirmação de Cristo, e não faz parte das palavras do anjo. O NTV, no entanto, junta os dois versículos como se fossem palavras do anjo; é mais provável que, se for o caso de juntar, as palavras sejam somente de Jesus (cp RSV).

Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O anjo dá a João a certeza de que o que ele viu e ouviu em toda a revelação do futuro é verdadeiro e confiável (cf. 3:14; 19:11).

O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer. Aqui, João afirma de novo (cf. 1:3) que o livro que escreveu é uma profecia. João já tinha dito em 19:10 que "o testemunho de Jesus é o espírito da profecia". Isto é o Espírito Santo, enviado por Deus ao mundo para ins-

pirar os profetas para proclamarem a verdade divina. “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas” (1 Co 14:32), mas a inspiração deles vem de Deus e pronuncia verdade divina. O objetivo desta afirmação é confirmar o fato de que João considera seu livro uma profecia genuína. A profecia foi trazida por um anjo (1:1); Deus, que é o autor de todos os pronunciamentos proféticos, falou através do seu anjo para comunicar aos homens “as coisas que em breve devem acontecer”. A última frase reitera o que João já disse em sua introdução (1:1).

7. *Eis que venho sem demora.* Isto é ou uma citação que o anjo faz das palavras do Senhor, ou uma nova afirmação do próprio Senhor, que ele mesmo fala. Ela repete o que Cristo disse anteriormente no Apocalipse (2:16; 3:11). A palavra “sem demora”, “cedo” (IBB) ou “logo” (BLH) mostra como a comunidade cristã deve viver sempre na expectativa da vida iminente do Senhor. Ninguém sabe o dia ou a hora (Mt 24:36), e ninguém pode estipular datas ou calcular a época da sua vinda; cada geração tem de estar desperta, como se a vinda de Cristo estivesse às portas (Mt 24:42-44). As advertências bíblicas contêm uma tensão espiritual e moral de expectativa e perspectiva.

Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. É possível que esta afirmação seja uma continuação das palavras de Jesus, que estava falando antes; se não, ela é uma bênção pronunciada pelo autor. Considerando a mesma expressão em 1:3, a segunda alternativa é mais provável. As profecias do Apocalipse não foram escritas para satisfazerem a curiosidade intelectual quanto ao futuro; foram escritas para que a igreja seja capaz de viver dentro da vontade de Deus, guardando as palavras da profecia. A igreja do primeiro século, a igreja da última geração, a igreja de qualquer época se encontra no meio da luta entre Cristo e o Anticristo. João escreveu a sua profecia não somente para informar a igreja sobre os acontecimentos do fim, mas para exortá-la à lealdade firme e constante a Jesus Cristo, diante de pressões e perseguições demoníacas. Por isso ele pronuncia uma bênção sobre os que guardam, ficam firmes e perseveram até o fim.

8. Concluindo, João se identifica mais uma vez: *Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas.* Novamente (veja 1:1, 4) João se identifica como alguém conhecido às igrejas da Ásia, e não necessita de mais adjetivos ao seu nome, João.

A sentença seguinte é um pouco difícil de localizar na seqüência de pensamento do autor. *E, quando as ouvi e vi* (estas coisas — todo o conteúdo do livro), *prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou estas coisas, para adorá-lo.* Já antes João tinha uma vez caído sobre seu rosto para adorar o anjo que interpretava (19:10). Estas palavras representam a atitude de João como recebedor da revelação. Por intermédio de um anjo lhe foi concedida a compreensão do plano redentor de Deus, e ele foi

tão dominado por admiração e temor que sua reação natural foi cair de joelhos e adorar o anjo.

9. O anjo repete o que disse da outra vez (19:10). João não deve adorar um anjo, porque um anjo não é deus, somente um mediador da revelação divina e por isso um *conservo* de João e dos *irmãos* dele, os *profetas*, e também dos *que guardam as palavras deste livro*, ou seja, de todos os santos. Somente Deus é digno de adoração.

10. *Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.* Quem fala ainda deve ser o anjo de 19:9 e 21:9. Na primeira visão da sala do trono celestial João viu um rolo de papiro, selado na borda com sete selos, indicando que o conteúdo do livro era inacessível aos homens. Quando os profetas recebiam revelações que não diziam respeito ao seu tempo, mas a alguma época no futuro, eles recebiam a ordem de selar o livro da sua profecia (Is 8:16; Dn 8:26; 12:4, 9). A profecia de João não se destinava a alguma geração remota, mas a toda a igreja cristã, incluindo a geração de João. Por esta razão ele não deve selar o livro (observe que novamente o livro é chamado de profecia), mas deixá-lo aberto, para que todos o possam ler.

Este comentário seguiu o ponto de vista de que o conteúdo da profecia de João tem duas perspectivas. Por um lado, ele enfoca a luta entre Cristo e o Anticristo, que terá seu clímax terrível no fim dos tempos. Esta luta, no entanto, se expressa também no relacionamento entre o Estado e a Igreja no primeiro século, particularmente na questão da divindade dos imperadores e na exigência do Estado de que os seus cidadãos a reconheçam, adorando-o formalmente. Poderíamos acrescentar que esta mesma luta demoníaca se manifesta em qualquer estado que faça exigências totalitárias. A profecia de João esboça a luta espiritual entre Deus e Satanás (cap. 12), que se expressa onde quer que o Estado exceda seu papel ordenado por Deus como mantenedor da lei e da ordem (Rm 13:1-7). O livro fala em primeiro plano do clímax da luta, com o surgimento do Anticristo, mas ele é também importante para o cristão sempre e onde quer que o princípio anticristão de totalitarismo se manifeste.

Sem dúvida a igreja primitiva vivia na expectativa da iminente volta do Senhor; mas esta é a obrigação de cada geração de crentes. O Novo Testamento expressa uma tensão que há entre iminência e perspectiva; o tempo está próximo, mas o fim ainda não vem (Mt 24:42-44; Lc 19:11ss.).

11. Este versículo soa duro, sem dar margem ao arrependimento. Quem pratica o mal, que o continue fazendo, que o sujo continue sujo, enquanto o justo e o santo se ocupam da prática do bem. Mas à medida que João se aproxima do fim do seu livro, ele vai preparando o convite ao arrependimento: "Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de

graça a água da vida" (v. 17). Haverá uma hora em que será tarde demais para o arrependimento. "Não somente é verdade que as dificuldades dos últimos dias tenderão a fixar o caráter de cada indivíduo de acordo com os hábitos que formou, mas também é que virá a hora em que será impossível mudar — em que não haverá mais oportunidade para arrependimento de um lado ou para apostasia de outro."¹ Considerando a sua idéia de iminência do fim, João se transporta na sua imaginação até o fim, quando o arrependimento será de fato impossível — quando a posição que a pessoa tomou a favor de Cristo ou do Anticristo será determinante, final e irrevogável.

12. *Eis que venho sem demora.* Sem aviso João insere palavras de Jesus, como fez no v. 7. Veja a observação naquele versículo.

Comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Cristo vem, no que concerne aos homens, para fazer o papel de juiz. O Novo Testamento não cansa de enfatizar o julgamento com base nas obras (Rm 2:26; Ap 2:23). Da perspectiva do Apocalipse as boas obras dos cristãos são paciência na tribulação, perseverança na perseguição, fidelidade a Cristo (13:10; 14:12).

13. A autoridade de Cristo para julgar se baseia no fato de que ele é o *Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim*. Em 1:8 e 21:6 estas coisas são atribuídas ao próprio Deus. Cristo pode ser o juiz da humanidade porque ele transcende toda a experiência humana, compartilhando da natureza eterna de Deus.

14. Depois de dizer que Cristo vem para julgar os homens, de acordo com as suas obras, João contrasta o destino dos santos com o dos perversos. Os santos não são os justos do ponto de vista humano, por boas obras, mas os *que lavaram as suas vestiduras*. Este conceito já apareceu no Apocalipse; a igreja martirizada, redimida, é descrita como os que "lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (7:14; veja também 3:4). O tempo do verbo "lavar" não é um aoristo, como se o ato de lavar tivesse acontecido uma só vez no passado, mas é presente, indicando ação contínua e duradoura. E toda purificação de pecado, seja do tempo de incrédulo ou de depois de discípulo de Cristo (1 Jo 1:8-9), só é obtida pelo sangue de Cristo. A estes *assiste o direito à árvore da vida e de entrar na cidade pelas portas*. João está afirmando um princípio básico; ele já concluiu sua profecia, já descreveu a descida da cidade celestial à terra, com a árvore da vida crescendo nela. Poderíamos supor que comer da árvore da vida dá acesso à cidade; mas seqüências lógicas

1. H. B. Swete, *The Apocalypse of St. John*. (Londres, Macmillan, 1917), p. 305.

como esta não perturbam a maneira apocalíptica de pensar. Somente os que foram lavados no sangue do Cordeiro têm acesso à árvore e à cidade. Isto é simplesmente a maneira vivida de João dizer que achamos a vida eterna e um destino abençoado somente através da obra expiatória de Cristo.

15. Agora João acrescenta uma frase que parece não combinar com o contexto: *Fora (da cidade) ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras, e todo aquele que ama e pratica mentira*. Literalmente isto dá a idéia de que na cidade moram os redimidos, enquanto que os perversos estão excluídos dela, têm seu destino em algum lugar no sistema externo, como cachorros que vadiam ao redor das portas das cidades. João já afirmou que o destino deles não é somente ficar fora da cidade, mas o lago do fogo (**21:8**). Este versículo é uma maneira pitoresca de contrastar o destino dos perversos com o dos justos. Aqueles são de fato excluídos da cidade. “Cães” é um termo às vezes usado para pessoas perversas, más (Fp 3:2; Sl 22:16, 20).

16. Novamente João insere palavras de Jesus, atestando e autorizando o livro. *Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas*. Isto reafirma a introdução do livro. Deus deu a revelação a Jesus Cristo que, por sua vez, deu-a a um anjo, para que a passasse para João (**1:1**). A afirmação clara de que Jesus deu seu testemunho às igrejas através de anjos nos ajuda a interpretar a difícil frase “o testemunho de Jesus”, que em diversas vezes nós decidimos ser o testemunho que Jesus dá, que é recebido e mantido pelas igrejas (genetivo subjetivo; veja **1:2, 9; 6:9; 12:11, 17; em 19:10 e 20:4** pode ser genetivo objetivo). O presente versículo apóia esta decisão.

O simples nome Jesus identifica aquele revelador celestial com o Jesus que os discípulos conheceram pessoalmente. Mas Jesus não é somente um homem que viveu e morreu na Palestina; ele é o Messias davídico, *a raiz e a geração de Davi*. Ele é o renovo que sai do tronco de Jesusé (Is 11:1; veja Is 53:2), o grande Filho de Davi (Mt 1:1; 9:27; 15:22; 21:9; Rm 1:3; 2 Tm 2:8, 5:5). Ele é também *a brilhante estrela da manhã*. Isto nos lembra a antiga profecia: “Uma estrela procederá de Jacó” (Nm 24:17).

17. A narrativa muda outra vez, sem aviso, e João passa a falar. *O Espírito e a noiva dizem: Aquele que ouve diga. Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida*. É possível interpretar este convite de duas maneiras completamente diferentes. O “Espírito” é o Espírito Santo que fala através dos profetas (**19:10**); a noiva é a igreja, esposa do Cordeiro (**19:7**). Pode ser que a primeira parte do versículo esteja chamando Jesus, para que venha e recompense o seu povo. Isto faz sentido e cabe no contexto (**22:12, 20**). Mas neste caso a segunda parte é uma

mudança abrupta e ilógica, porque o segundo convite é dirigido ao mundo — a todos que estão com sede, que venham e matem sua sede espiritual bebendo da água da vida. Por isto é melhor interpretar a primeira parte pela segunda, entendendo que todo o convite é feito ao mundo. Quando o Senhor vier será tarde demais; virá a hora em que é tarde demais para o arrependimento. Mas esta hora ainda não veio; e enquanto aquele dia não vem o Espírito convida, através dos profetas, para que todos venham. A igreja repete o convite: *Vem*. Os que ouvem e aceitam o convite entram no estribilho: *Vem*; para concluir João acrescenta as suas próprias palavras, convidando todos que lerem sua profecia que venham e bebam da água da vida.

18. João agora acrescenta uma advertência solene para alguém que por acaso tropece em sua mensagem e tente distorcer ou interpretar mal o ensino da sua profecia. Alguns acham que esta advertência está dirigida aos que forem copiar o livro futuramente, para que a transmissão do texto seja feita com toda fidelidade. É verdade que no escrito judaico conhecido como a carta de *Aristeas*, que conta a história da tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego, encontramos uma afirmação semelhante a esta (*Aristeas* 311). Só que a advertência de João se dirige a *todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro*. O Apocalipse foi enviado a sete igrejas da Ásia e João esperava que o livro fosse lido em voz alta, no culto (veja sobre 1:3). João está advertindo a estes ouvintes que aceitem a autoridade divina da sua profecia, e que não distorçam a sua mensagem.

A forma da advertência é derivada de Dt 4:2, onde Deus adverte Israel: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus.” Às vezes estas palavras foram interpretadas de maneira estritamente literal, aplicadas à Bíblia toda, e usadas para autenticar um ponto de vista de hermenêutica literal, que rejeita qualquer tipo de estudo crítico da Bíblia. João no entanto, está dando ênfase somente na autenticidade da mensagem da sua profecia. Ele não está preocupado com possíveis erros mecânicos na transmissão da sua mensagem, ou enganos de julgamento ou interpretação, mas com distorções e perversões deliberadas.

19. A segunda parte da advertência, tomada literalmente, parece advertir os crentes que têm acesso à árvore da vida e à cidade santa que eles perderão sua salvação se eles adulterarem as palavras da profecia de João. Esta advertência, todavia, não quer ensinar teologia, mas enfatizar a seriedade de falsificar a verdade da Palavra de Deus. A Palavra de Deus não é uma descoberta humana nem uma invenção humana; ela é verdade revelada por Deus. Determinar o que uma passagem ou livro quer dizer exige toda a capacidade intelectual e mental que o estudioso da Bíblia possa reunir, porque a Palavra de Deus nos foi dada nas palavras de homens,

em línguas que não são a nossa, e em situações históricas muito antigas. Depois que a mensagem da Escritura tiver sido entendida, o crente não precisa mais julgar a sua verdade, mas deve deixar esta verdade julgar e controlar sua vida e maneira de pensar. João presume que todos os que têm acesso à árvore da vida e à cidade santa tratarão sua profecia desta maneira.

20. A última afirmação do Apocalipse é uma palavra do Senhor que deu testemunho do fim às igrejas (veja **1:2; 22:16**), fortalecendo a certeza do profeta quanto ao fato central da consumação: *Certamente venho sem demora* (veja observações a **1:1; 3:11; 22:7, 12**). João responde com a familiar confirmação hebraica, *Amém*, querendo dizer: “Que assim seja”. Depois acrescenta sua própria oração: *Vem, Senhor Jesus*. Esta oração pela volta do Senhor está profundamente enraizada na liturgia cristã mais antiga. A mesma oração aparece como frase litúrgica fixa, em aramaico, em 1 Co 16:22: *marana tha!* Que esta frase aparece em aramaico em uma carta a uma igreja que fala grego prova que ela vem da primeira comunidade judaico-cristã. Desejar a volta do Senhor é o centro da fé cristã; se Cristo não voltar, sua obra de redenção permanece para sempre incompleta. Seu retorno é a única esperança segura para o futuro do mundo.

21. João conclui com a saudação cristã típica: *A graça do Senhor Jesus seja com todos*.

BIBLIOGRAFIA

- Alford, Henry. *The Revelation in The Greek Testament*. Nova Iorque, 1872.
Uma interpretação clássica e ainda valiosa, do ponto de vista histórico.
- Barclay, William. *El Nuevo Testamento Comentado, El Libro de la Revelación*. Buenos Aires, 1969.
Uma exposição fácil de ler, mas fruto de extensa pesquisa.
- Beasley-Murray, G. R. *O Apocalipse*, Novo Comentário da Bíblia, São Paulo, 1979.
Um erudito conservador que combina os pontos de vista preterista e futurista.
- Beckwith, Isbon. *The Apocalypse of John*. Nova Iorque, Mac-Millan, 1919, reimpresso, Grand Rapids, Baker, 1967.
Um dos melhores comentários em inglês. Contém estudos introdutórios de destaque sobre a história da literatura apocalíptica.
- Bietenhard, Hans. *Das tausendjährige Reich*. Zurique. Zwingli Verlag, 1955.
O Reino Milenar. Uma interpretação cuidadosa de Ap. 19:11 — 20:10
- Bloomfield, Arthur E. *O Futuro Glorioso do Planeta Terra: as profecias do Apocalipse*. Belo Horizonte, Betânia, 1975.
Uma descrição com cronologia dos acontecimentos do “fim”, relatados no livro do Apocalipse e suas relações com as demais profecias do Novo e Antigo Testamentos.
- Boyer, Orlando S. *A Visão de Patmos; comentários sobre o livro do Apocalipse*. Rio de Janeiro, Empreendimentos Evangélicos, 1968.
- Caird, G. B. *The Revelation of St. John The Divine (Harper's New Testament Commentaries)*. Nova Iorque, Harper, 1966.
Caird entende que muito do simbolismo do Apocalipse representa acontecimentos principalmente históricos, e não escatológicos. Um comentário que vale a pena ler.

BIBLIOGRAFIA

- Carrol, B. H. *El Libro de la Revelación*, Casa Bautista de Publicaciones, Texas.
Um valioso comentário por um erudito em literatura e história bíblicas.
- Charles, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on The Revelation of St. John (International Critical Commentary)*. Nova Iorque. Scribner's. 1920:
Uma mina de informações gramaticais e históricas, pelo grande mestre da literatura apocalíptica judaica.
———. *Studies in The Apocalypse*. Edimburgo. Clark, 1913
Importante para a história da interpretação.
- Cohen, Armando Chaves. *Estudo sobre o Apocalipse*. Rio de Janeiro. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2 vols. 1972.
- Elliot, E. B. *Horae Apocalypticæ*. Londres, 1826, 4 vols.
Comentário clássico, do ponto de vista histórico. Junto com o comentário este livro contém rico material em termos de história da interpretação.
- Erdmann, Charles R. *Apocalipse de João — Exposição*. Casa Editora Presbiteriana, 1960.
Um comentário pelo erudito conservador presbiteriano.
- Féret, H. M. *O Apocalipse de São João — Visão cristã da história*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1968.
Uma tentativa de abstrair uma filosofia da história a partir dos dados do Apocalipse.
- Hendriksen, W. *More Than Conquerors*. Grands Rapids, Baker, 1940.
Hendriksen faz uso radical do método de recapitulação, no interesse da interpretação simbólica.
- Jamieson, Fausset y Brown. *El libro del Apocalipsis (Comentario Exegetico y Explicativo de la Biblia)* Casa Bautista de Publicaciones, Texas.
Um comentário não excessivamente técnico, com mais atenção ao estudo de palavras e frases, do ponto de vista gramatical.
- Lilje, Hanns. *The Last Book of the Bible. The Meaning of the Revelation of St. John*. Filadélfia. Muhlenberg, 1955.
Uma interpretação que encara o Apocalipse essencialmente como uma profecia da consumação escatológica.
- McDowell, Edward A., Jr. *A Soberania de Deus na História: a mensagem e o significado do Apocalipse*. JUERP, Rio de Janeiro, 1976.
Segunda edição do livro "O Apocalipse — sua mensagem e significação".
- Miligan, Willian. *The Book of Revelation. (The Expositor's Bible)*. Londres. Hodder and Stoughton, 1909.
Uma interpretação clássica do ponto de vista simbólico.

BIBLIOGRAFIA

- Minear, Paul S. *I Saw a New Earth. An Introduction to the Visions of the Apocalypse*. Washington. Corpus Books, 1969.
Minear interpreta o Apocalipse em termos de julgamento divino sobre a igreja infiel.
Bibliografia abrangente.
- Moffat, James. *"Revelation of St. John The Divine (Expositor's Greek Testament)"* vol. V. Grand Rapids. Eerdmans, s. d.
O texto grego comentado, com interesse especial dedicado ao problema das religiões comparadas.
- Morris, Leon, *Apocalipsis*. Buenos Aires. Ediciones Certeza. 1975
Um erudito conservador de destaque que combina os pontos de vista preterista e futurista.
- Pieters, Albertus. *Studies in the Revelation of St. John*. Grand Rapids. Eerdmans. 1954.
Um erudito conservador que interpreta o Apocalipse do ponto de vista preterista.
- Ramsay, William M. *The Letters to the Seven Churches of Asia*. Nova Iorque. Armstrong, 1905.
Estudo histórico-arqueológico das sete igrejas da Ásia. Um clássico.
- Rissi, Mathias. *Time and History*. Richmond. John Knox, 1966.
Ensaio sobre o significado do tempo e da história no Apocalipse.
- Simcox, William Henry. *The Revelation of St. John the Divine (Cambridge Greek Testament)*. Cambridge, University Press, 1893.
Exposição do texto grego, breve, mas de boa ajuda.
- Stauffer, Ethelbert. *Christ and the Caesars*. Filadélfia. Westminster, 1955.
Esquemas históricos sobre os Imperadores Romanos, incluindo sua atitude quanto à igreja.
- Summers, Ray. *A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1972.
Um erudito conservador que interpreta Ap. 1:1 — 20:10 do ponto de vista preterista e somente 20:10 — 22:5 como escatologia.
- Swete, Henry Barclay. *The Apocalypse of St. John*. Londres: MacMillan, 1917.
Um dos comentários clássicos do texto grego. Ponto de vista eclético.
- Walvoord, John F. *The Revelation of Jesus Christ*. Chicago: Moody, 1966.
Uma interpretação dispensacionalista, pelo professor de Teologia do Seminário Teológico de Dallas.
- Zahn, Theodor. *Die Offenbarung des Johannes*. Leipzig: Deichert, 1924, 2 vol.
Um dos comentários clássicos, do grande erudito conservador alemão.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS

DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos de modo a dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A Introdução de cada livro dá às questões de autoria e data, um tratamento conciso mas completo.

Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.

Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêem combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os Comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.

O objetivo principal é de alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA
EDITORA MUNDO CRISTÃO